

O livro que
deu origem ao
filme ganhador
do Oscar



O
SEGREDO
DOS
SEUS **OLHOS**

Eduardo Sacheri

SUMA
de letras

O livro que
deu origem ao
filme ganhador
do Oscar

Eduardo Sacheri

O SEGREDO DOS SEUS OLHOS

SUMA
de livros

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Eduardo Sacheri

O
SÉGREDO
DOS SEUS OLHOS

Tradução

Joana Angélica d'Ávila Melo



À minha avozinha Nelly ,
por me ensinar
como é valioso
conservar e compartilhar
a memória

Despedida

Benjamín Miguel Chaparro se detém de repente e decide que não vai. Não vai e pronto. Que se danem todos. Embora tenha prometido o contrário, embora eles venham preparando a despedida há três semanas e tenham reservado mesa para 22 pessoas em El Candil, e embora Benítez e Machado tenham confirmado que vêm lá do fim do mundo para comemorar a aposentadoria do dinossauro.

Seu gesto é tão repentino que o homem que vem caminhando atrás dele pela Talcahuano, na direção da Corrientes, quase o derruba e a duras penas consegue se esquivar, descendo um pé da calçada para o asfalto a fim de continuar andando. Chaparro odeia estas calçadas estreitas, barulhentas e sombrias. Passou quarenta anos percorrendo-as, mas sabe que não sentirá falta delas a partir da segunda-feira. Nem das calçadas nem de tantas outras coisas desta cidade que ele nunca sentiu como sua.

Não pode decepcioná-los. Tem que ir. Nem que seja porque Machado está vindo expressamente de Lomas de Zamora, com todos os seus achaques nas costas. E Benítez, a mesma coisa. Ainda que, de Palermo a Tribunales,[1] a viagem não seja tão longa, o coitado está bastante alquebrado, sinceramente. Mas Chaparro não quer ir. Tem certeza de muito poucas coisas, mas essa é uma delas.

Observa sua imagem na vitrine de uma livraria comercial. Sessenta anos. Alto. Grisalho.

Nariz recurvado, rosto magro. “Merda”, vê-se obrigado a concluir. Examina o reflexo de seus próprios olhos no vidro. Uma namorada dos tempos da juventude costumava zombar de sua mania de se olhar nas vitrines. Nem a ela, nem a nenhuma das outras mulheres que passaram por sua vida, Chaparro chegou a confessar a verdade: seu hábito de se fitar nos espelhos não tem nada a ver com se amar nem com gostar de si. Sempre foi nada mais nada menos que outra tentativa de descobrir quem, caralho, é ele mesmo.

Pensar nisso o deixa ainda mais triste. Recomeça a caminhar, como se o movimento pudesse livrá-lo dos estilhaços dessa nova tristeza adicional, acrescida. De vez em quando se espreita nas vitrines, à medida que avança sem pressa por esta calçada que não conhece o sol da tarde. Já avista o leiteiro de El Candil, atravessando a rua, trinta metros adiante, à esquerda.

Consulta a hora: quinze para as duas. Devem estar quase todos. Ele mesmo liberou os de sua Secretaria a uma e vinte, para não terem que correr. Não estão de plantão até o mês que vem, e já tomaram pé nos processos do turno anterior. Chaparro está satisfeito. São bons garotos.

Trabalham bem. Aprendem rápido. O pensamento seguinte é “vou sentir saudade deles”, e, como Chaparro não quer chapinhar vergonhosamente na nostalgia, detém-se de novo. Desta vez não há ninguém atrás dele para atropelá-lo: os que vêm na sua direção têm tempo de se desviar deste homem alto, de blazer azul e calça cinza, que agora se olha no vidro de uma casa lotérica.

Faz um giro completo. Não vai. Definitivamente, não vai. Talvez, se andar depressa, consiga alcançar a doutora antes que ela chegue à despedida, porque se atrasou terminando uma prisão preventiva. Não é a primeira vez que a ideia lhe

ocorre, mas é, sim, a primeira que ele consegue reunir a escassa valentia de que precisa para tentar concretizá-la. Ou simplesmente talvez seja porque a alternativa, a de comparecer à sua própria despedida, é um inferno no qual ele não está disposto a se maltratar. Sentar-se à cabeceira da mesa? Com Benitez de um lado e Machado do outro, formando o trio de múmias veneráveis? A clássica pergunta daquele miserável do Álvarez, aquela de “Vamos dividir a conta, o que acham?”, para poder rachar o vinho de boa qualidade com o qual pretende encher a cara? Laura perguntando a meio mundo quem está disposto a dividir uma porção de canelones, para não sair demais da dieta que acabou de iniciar na segunda-feira passada? Varela tomando meticulosamente um daqueles porres melancólicos que o levam a se abraçar, todo melequento, com amigos, conhecidos e garçons?

Essas imagens de pesadelo o fazem acelerar o passo. Sobe a escadaria que dá para a Talcahuano. Ainda não fecharam a porta principal. Entra no primeiro elevador que chega. Não precisa esclarecer ao ascensorista que vai para o quinto andar, porque no Palácio até as pedras o conhecem.

Avança, em passo firme, fazendo ruído com os mocassins sobre os ladrilhos brancos e pretos do corredor que segue paralelo à rua Tucumán, até topor com a porta estreita e alta de sua Secretaria. Detém-se mentalmente no possessivo “minha”. Sim, e como. É dele, e muito mais dele que do secretário García, ou de qualquer dos outros secretários que precederam García, ou de qualquer dos que o sucederão.

Enquanto abre a porta, ouve a enorme penca de chaves tilintar no silêncio do corredor vazio. Fecha com certa força, para a juíza perceber que alguém entrou no gabinete. Um momento: por que isso de “juíza”? Porque ela o é, claro, mas por que não Irene? Porque não, justamente por isso. Já basta ir pedir o que está prestes a pedir, para ainda acrescentar a isso a desgraça de saber que deve pedir a Irene, e não simplesmente à doutora Hornos.

Dá duas batidinhas suaves e a escuta dizer “entre”. Quando transpõe a porta, ela se surpreende e pergunta o que ele ainda está fazendo ali, por que já não está no restaurante. Na realidade, pergunta “o que você está fazendo por aqui?” e “por que você já não está no restaurante?”, o que não é a mesma coisa. Mas Chaparro quer evitar se emaranhar na questão do tratamento por você ou por senhor, porque essa também pode ser uma fonte de perturbação que mergulha no fracasso seu propósito manifesto de requerer aquilo que, na rua Talcahuano quase já na Corrientes, decidiu solicitar. E é desanimador que diante dessa mulher apareça uma tal quantidade de perturbações, mas Chaparro se disciplina ao extremo para concluir que de qualquer jeito, definitiva, total e absolutamente, tem que parar com essa punheta, deixar de se sacanear e pedir de uma vez por todas aquilo que foi pedir. “A máquina”, solta assim, sem preâmbulos. Bruto, infeliz, animal. Nada de sutilezas preparatórias. Nada de sabe o que acontece, Irene, é que eu estive pensando, é que talvez, numa dessas, poderia ser, o que é que você acha, ou qualquer uma dessas formas coloquiais que abundam no idioma castelhano e que servem precisamente para evitar isto que Chaparro vê no rosto de Irene, ou da doutora, ou da juíza, esta perplexidade, esta ausência de resposta pela surpresa com aquele rompante.

Chaparro entende que, para variar, meteu os pés pelas mãos. De modo que volta ao princípio e trata de responder àquilo que a dama lhe perguntou sobre o almoço de despedida no qual se supõe que, a esta hora, ele está sendo homenageado. Fala de seu temor de ficar nostálgico, de acabar enveredando pelos mesmos assuntos de sempre com os mesmos coroas de sempre, de afundar numa melancolia patética, e, como diz tudo isso fitando-a nos olhos, chega um momento em que começa a sentir que seu estômago está despencando até os intestinos, que um suor frio lhe irriga a pele e que seu coração se transforma em um bumbo. É uma emoção tão profunda, tão antiga e tão inútil que Chaparro sai disparado na intenção de fechar a janela do gabinete para se desgrudar, seja como for, desses olhos castanhos. Mas, como a janela já está fechada, decide abri-la, só que lá fora está fazendo um frio dos diabos e, portanto, ele resolve fechá-la de novo. Por fim, não tem alternativa exceto voltar ao seu lugar, mas toma o cuidado de se manter de pé para não a ver tão diretamente acima da escritivaninha e da pasta que ela tem diante de si. Irene segue os movimentos dele, seus olhares e as inflexões de sua voz com a atenção cuidadosa de sempre. Chaparro fica calado, pois sabe que, se continuar por esse caminho, acabará dizendo a ela coisas irreparáveis, e bem a tempo volta ao assunto da máquina de escrever.

Diz que, embora não tenha a menor ideia do que vai fazer de agora em diante, anda com vontade de tentar o antigo projeto de escrever um livro. Enquanto diz, sente-se um imbecil.

Velho, duas vezes divorciado, aposentado, com veleidades de escritor. O Hemingway da terceira idade. O García Márquez do oeste da Grande Buenos Aires. E ainda por cima esta chispa de súbito interesse nos olhos de Irene, ou melhor, da doutora, ou, preferencialmente, da juíza. Mas já está perdido, de modo que acrescenta alguma referência à sua vontade de tentar, ao fato de esse ser um projeto antigo, agora que terá mais tempo, talvez, por que não. E aí entra em cena a máquina. Chaparro se sente mais à vontade porque, por esse caminho, pisa um terreno mais firme. “Imagine, Irene, na minha idade não vou me meter a aprender computação. E essa Remington se incorporou à ponta dos meus dedos como uma quarta falange” (quarta falange? mas de onde tirou semelhante besteira?). “Sei que ela parece um tanque de guerra, com aquele aço de cinco milímetros e aquela cor verde-oliva e aquele ruído de artilharia a cada golpe nas teclas, mas aposto que não vai me complicar, e naturalmente seria um empréstimo, claro, uns dois meses, três no máximo, porque também não me animo a escrever um livro muito extenso, imagine” (já está de novo, como sempre, zombando de si mesmo). “E por outro lado todos os garotos novos usam computadores, e na prateleira lá de cima tem outras três máquinas encostadas, e no pior dos casos vocês me avisam e eu devolvo”, diz Chaparro, mas não pode continuar porque ela ergue a mão e diz “fique tranquilo, Benjamín, leve a máquina sem problemas, é o mínimo que eu posso fazer por você”, e Chaparro engole em seco porque há formas e formas de falar e de dizer, não só pelas palavras, como esse “você” no final que soa muito, mas muito “você”, mas também há tons e tons, e esse tom é o de certas ocasiões, ocasiões que Chaparro mantém gravadas uma por uma com pontadas de febre no monótono horizonte

de sua solidão, por mais que tenha dedicado quase tantas noites a tentar esquecer as quanto as que investiu em recordá-las, e por isso finalmente se levanta, agradece, estende a mão, aceita a face perfumada que ela lhe oferece, fecha os olhos enquanto roça a pele dela com os lábios, como faz sempre que tem oportunidade de lhe dar um beijo, para se concentrar melhor nesse contato inocente e culpado, e sai quase correndo para a sala contígua, levanta a máquina com dois gestos rápidos e escapole pela estreita porta alta sem olhar para trás.

De novo percorre o corredor, que agora está mais deserto do que há vinte minutos, desce no elevador oito, avança por outro corredor rumo à Talcahuano e sai pela porta menor, cumprimentando os guardas com uma inclinação de cabeça, caminha até atravessar a Tucumán, espera cinco minutos e sobe como pode no 115.

Quando o ônibus dobra na esquina da Lavalle, Chaparro vira a cabeça para a esquerda, mas naturalmente, a essa distância, não consegue ver a tabuleta de El Candil. Naquela direção deve estar caminhando agora Irene, ou melhor dizendo a doutora, ou preferencialmente a juíza, para explicar aos outros que o homenageado deu no pé. Não será tão grave. Estão todos reunidos e com fome.

Apalpa o bolso traseiro da calça, puxa o porta-notas e o coloca no interior do paletó. Nunca lhe bateram a carteira nos quarenta anos em que exerceu seu trabalho, e ele não tem a intenção de sofrer o primeiro furto em seu último dia nos Tribunales. Chega à estação de Once e caminha tão depressa quanto pode. O primeiro trem a partir é o da plataforma três, o parador rumo a Moreno. Nos últimos vagões, os mais próximos do acesso, todos os assentos estão ocupados, mas, a partir do quarto, sobram lugares. Ele se pergunta, como sempre, se os que ficam de pé nos vagões de trás fazem isso porque vão descer logo, porque querem esticar as pernas ou porque são burros. De todo modo, sente-se grato por fazerem. Chaparro quer se sentar junto da janela, do lado esquerdo, para não ser incomodado pelo sol da tarde e poder pensar em que merda vai fazer com sua vida daí em diante.

Não tenho muito claros os motivos que me levam a escrever a história de Ricardo Morales depois de tantos anos. Eu poderia dizer que o que aconteceu a esse homem sempre exerceu sobre mim uma obscura fascinação, como se me desse a oportunidade de ver refletidos, naquela vida destruída pela dor e pela tragédia, os fantasmas dos meus próprios medos. Muitas vezes me surpreendi ao notar em meu espírito certa alegria culpada ante os horrores alheios, como se a circunstância de acontecerem coisas assustadoras a outros fosse um modo de afastar de minha própria vida essas tragédias. Uma espécie de salvo-conduto nascido de uma estúpida lei de probabilidades: se tal coisa ocorreu a Fulano, dificilmente ocorrerá aos conhecidos de Fulano, entre os quais me incluo. Não que eu possa me ufanar de uma vida cheia de sucessos. Mas, na comparação das minhas desgraças com as de Morales, saio ganhando. De todo modo, não se trata de contar minha história, mas a de Morales, ou a de Isidoro Gómez, que é a mesma, mas vista do outro lado, vista pelo avesso, ou algo assim. Não é só isso que me leva a escrever estas páginas. Embora essa espécie de assombro doentio tenha seu peso e sua parte. Acho que as escrevo porque tenho tempo. Muito, demasiado tempo. Tanto tempo que as minúcias cotidianas que compõem minha vida se dissolvem velozmente no vazio monótono que me rodeia. Estar aposentado é pior do que imaginei. Eu deveria ter aprendido isso. Não quanto a estar aposentado, mas o fato de que as coisas que temos costumam ser piores quando ocorrem do que quando as imaginamos. Durante anos, vi meus colegas do Juizado se despedirem do trabalho com o cândido otimismo de que agora sim, finalmente iam desfrutar de seu tempo e de seu ócio. Vi-os partir convencidos de que ganhavam pouco menos que o paraíso. E os vi retornar aniquilados, velozmente derrotados pelo desengano.

Em duas semanas, no máximo três, consumiam todos os supostos prazeres que acreditavam haver adiado durante seus anos de rotina e de trabalho. E para quê? Para despencar no Juizado numa tarde qualquer, como quem não quer nada, e puxar conversa, tomar um café ou até oferecer uma mãozinha em algum processo meio complicado.

Por isso, por tantas e tantas vezes em que tive à minha frente esses tipos estragados por uma velhice vazia, por tantas e tantas ocasiões em que vi os olhos deles implorando um resgate impossível, foi que me prometi não cair nessas baixezas quando chegasse minha vez. Nada de tempo à toa. Nada de excursões nostálgicas para ver como andam os rapazes. Nada de espetáculos deploráveis para comover durante cinco segundos os que têm a sorte de continuar funcionando. Pois bem, estou aposentado há duas semanas e já me sobra tempo. Não que não me ocorram coisas para fazer. Me ocorre um monte de coisas, mas todas me parecem inúteis. Talvez a menos inútil seja esta. Brincar por uns dois meses de ser escritor, como me dizia Silvia, quando ainda me amava. Na realidade, estou misturando duas épocas distintas e dois modos de me chamar. Quando ainda me amava, ela me prometia um futuro no qual eu seria escritor, um escritor provavelmente famoso. Depois, quando seu amor já se derreteria no tédio de nossa união, falava disso de eu bancar o escritor instalada no alto da torre

de ironia e desprezo mordaz que havia escolhido para se entrincheirar e me lançar suas balas. Não posso me queixar, porque eu também devo tê-la brindado com vilezas semelhantes. Uma lástima que tudo o que reste de dez anos de união seja sobretudo o inventário vergonhoso do mal que nos fizemos. Mas com Silvia pelo menos cheguei a conversar. Em meu primeiro casamento, com Marcela, nem sequer pudemos falar dessas coisas. Bem, nem dessas nem de outras. Parece mentira. Compartilhei boa parte de minha vida com duas mulheres, e de ambas conservo com esforço um punhado de lembranças imprecisas. A própria distância em que ambas se situam em minha memória é mais uma prova (como se fosse preciso) do quanto eu estou velho. Sobrevivi a duas uniões com tempo suficiente para perdurar neste planalto de solterice desértica. A vida é longa, afinal de contas. De qualquer modo, nunca levei muito a sério a ideia de ser escritor. Nem quando Silvia me falava com admiração nem depois, quando ela me cuspiu, sarcástica, seus comentários. Mas cheguei, sim, a sonhar (porque certos sonhos se impõem mesmo aos corações mais céticos) com a cena idílica do escritor em seu gabinete, de preferência com um janelão, de preferência com vista para o mar, de preferência do alto de um penhasco castigado pelas intempéries.

Vê-se que o hábito não faz o monge. Porque não foi suficiente adaptar meu living ao estereótipo de “santuário de escritor escrevendo” (é um horror, esse gerúndio de escritores escrevendo soa como um chute no fígado, me sai mal). E olha que ficou bonitinho, verdade.

Claro, me faltam o mar e a borrasca. Mas tenho a escrivainha organizada. De um lado, uma resma de papel ofício quase nova. De outro, um caderno de anotações, sem nenhuma anotação.

No meio, a máquina de escrever, uma imponente Remington de cor verde-oliva, só um pouco menor do que um tanque de guerra mas de aço igualmente grosso, como costumavam gracejar no Juizado, anos atrás.

Me aproximo da janela, a qual, como foi dito, não se debruça em um penhasco sobre a tempestade oceânica, mas sobre um esmerado jardimzinho de cinco por quatro, e olho para a rua.

Não passa ninguém, como sempre. Trinta anos atrás, estas ruas eram povoadas de crianças e de gente. Mas agora são um deserto. As crianças foram embora, e os velhos se meteram dentro de casa. Como eu mesmo. Soa promissor: talvez sejamos um certo número, os que temos a escrivainha preparada para o capricho de escrever um romance.

Na realidade, e muito no fundo, desconfio de que esta página que teimo em encher de palavras vai terminar também, como as 13 que a precederam, embolada no canto oposto do aposento. Porque, à medida que descarto rascunhos, não posso evitar a tentação esportiva de lançá-los, com um garboso movimento de pulso e sorte desigual, ao porta-guarda-chuvas de vime que herdei já não recordo de quem. E me entusiasma tanto o momento em que encesto, e me desafia tanto a minúscula frustração dos meus tiros errados, que estou quase mais interessado na próxima tentativa do que na remota possibilidade de que este seja, finalmente, o início da história que supostamente me proponho a contar. É evidente que estou tão longo de ser um escritor como de me tornar jogador de

basquete aos sessenta anos.

Durante vários dias tentei encontrar respostas para certas questões cruciais da obra antes de pretender escrevê-la, temendo precisamente isto que me acontece agora: que meus últimos restos de ousadia se evaporem neste girar em círculos diante da máquina de escrever. A primeira coisa que pensei foi que não tenho imaginação suficiente para escrever um romance. A solução que encontrei foi escrever sem inventar nada, isto é, narrar uma história verdadeira, algo de que eu tivesse sido testemunha, mesmo indiretamente. Por isso decidi escrever a história de Ricardo Morales. Pelo que afirmei no princípio e por ser uma história à qual não preciso acrescentar nada, e porque, sabendo-a por inteiro, talvez eu me atreva a contá-la até o final, sem me amedrontar com a vergonha de começar a mentir para tapar buracos, alongar a trama ou convencer quem a ler a não jogá-la no lixo depois de dez páginas.

Decidido o tema, a primeira dificuldade concreta: em que pessoa gramatical vou redigir este troço? Quando falar de mim mesmo, direi “eu” ou direi “Chaparro”? É tético que esse obstáculo seja suficiente para deter toda a minha energia literária. Suponhamos que eu escolha a terceira pessoa para a narrativa. Talvez seja melhor, para não me ver tentado a despejar impressões e vivências excessivamente pessoais. Isso está claro. Não pretendo me purificar com este livro, ou, falando mais exatamente, com este embrião de livro. Mas a primeira pessoa me é mais cômoda. Por inexperiência, imagino, mas me é mais cômoda. E o que faço com as partes da história das quais não fui testemunha direta, aquelas partes que intuo mas não conheço em detalhes? Conto-as do mesmo jeito? Invento-as de cabo a rabo? Ignoro-as?

Vamos por partes. Facilitemos as coisas. Começarei em primeira pessoa. Já tenho dificuldades suficientes para ainda ir procurar outras. E será melhor contar o que sei e também o que suponho, porque do contrário ninguém vai entender um caralho. Nem eu mesmo. E outra coisa complicada, o vocabulário: na linha anterior, destaca-se a palavra “caralho” como uma placa de neon em meio às trevas. Uso esses termos chulos e vulgares, ou elimino-os de minha linguagem escrita? Quantas dúvidas, caralho. Aí está, de novo, o palavrão. No final, terei de concluir que sou um língua-suja.

E outra coisa, pior ainda: mesmo estando claro para mim que vou escrever a história de Morales, esta tem que começar pelo início. Mas qual é esse início? Embora minhas técnicas narrativas sejam rasteiras, sou capaz de notar que o velho recurso do “era uma vez” não é adequado para o caso. E então? Qual é o início? Não que esta história não tenha um início. O problema é que ela tem uns quatro ou cinco inícios possíveis e distintos. Um jovem que se despede de sua mulher com um beijo, um corredor que dá para a rua, antes de ir trabalhar. Ou dois caras que cochilam sobre uma escrivania e dão um salto quando soa a campainha estridente do telefone. Ou uma jovem professora recém-formada posando para uma foto de grupo. Ou um funcionário judicial, que sou eu, e que quase trinta anos depois de todos esses possíveis inícios recebe uma carta manuscrita enviada por um remetente inverossímil.

Com qual de todos eles vou ficar? É provável que mantenha todos, escolha um qualquer para começar e depois situe os outros na ordem que me parecer

menos arriscada, ou à medida que for escrevendo-os. Se fracassar, talvez não importe muito. Já venho dedicando a isso algumas tardes. E, no pior dos casos, se eu destruir um número suficiente de rascunhos, sem dúvida vou acabar aperfeiçoando meu lançamento de longa distância.

O dia 30 de maio de 1968 foi o último em que Ricardo Agustín Morales tomou o café da manhã com Liliana Colotto, e durante o resto de sua vida ele recordou não só o que falaram, mas também o que beberam, o que comeram, qual era a cor da camisola dela e o bonito efeito produzido por um raio de sol que lhe batia de lado, na face esquerda, ali sentada na cozinha. A primeira vez que Morales me contou isso, pensei que ele estivesse exagerando. Que não podia se lembrar de semelhante quantidade de detalhes. Mas meu erro de apreciação se devia ao fato de que eu ainda não o conhecia bastante e ignorava que Morales, com aquela cara de perfeito idiota que exibia, era um sujeito de uma inteligência, uma memória e uma capacidade de observação como eu jamais tinha visto na vida, nem voltaria a ver. Havia um motivo para que Morales tivesse tal fidelidade na lembrança. Esse homem recordava assim cada coisa que tivesse a ver com sua esposa.

Mais adiante, quando Morales viesse a se permitir me falar de si mesmo, me caberia ouvi-lo se descrever como um tipo insignificante, apagado, com um destino próprio dessa platitude.

Ele se catalogava sem compaixão como aquele homem que transita pela família, pelas escolas e pelos empregos sem deixar nenhuma marca nos outros. Nunca tivera nada de bom, nem nada de especial, e isso sempre lhe parecera justo. Foi assim até Liliana aparecer. Porque ela havia sido as duas coisas. Enormemente. Por isso ele preservou aquela manhã em sua lembrança, e não porque fosse a última. Guardou-a como tinha guardado todas as anteriores do ano e pouco em que foram casados. Quando depois me contou com riqueza de detalhes tudo o que havia acontecido naquele café da manhã, ele não fez como o comum dos mortais, que procuram reconstituir, a partir de vestígios quase ilusórios, ou a partir do que recordam fragmentariamente de outras ocasiões semelhantes, situações ou sensações perdidas para sempre. Morales, não.

Porque sentia que ter Liliana era uma felicidade abusiva, que nada tinha a ver com o que havia sido o resto de sua vida. E que, como o cosmo tende ao equilíbrio, cedo ou tarde ele teria de perdê-la para que as coisas voltassem à devida ordem. Cada uma de suas recordações com ela era impregnada dessa sensação de naufrágio iminente, de catástrofe na virada da esquina.

Jamais se destacara em nada. Nem na escola, nem nos esportes, nem sequer na família havia merecido mais que algum elogio ocasional por qualidades, no fundo, triviais. Mas em 16 de novembro de 1966 tinha conhecido Liliana, e isso bastara para mudar sua vida. Com ela, por ela, graças a ela, havia sido diferente. Desde quando a viu atravessar a porta giratória do banco, e perguntar a um guarda qual era a fila para depósitos, e se aproximar do guichê quatro com passos curtos e firmes, sentiu que aquela mulher ia lhe mudar a vida. Agarrado à certeza desesperada de que nela estava em jogo seu destino, Morales havia ousado dominar sua timidez, puxar conversa enquanto contava o dinheiro, sorrir-lhe com a cara toda, fitá-la nos olhos e manter o olhar, desejar em voz alta que ela voltasse logo, consultar o arquivo para verificar a que empresa pertencia a conta corrente na qual ela fizera o depósito, inventar um pretexto para telefonar a

esse local e solicitar algum dado sobre aquela moça.

Tempos depois, quando já podiam se considerar oficialmente namorados, Liliana havia lhe confessado que gostara a tal ponto dessa temeridade, dessa metódica audácia de persegui-la sem se resignar a negativas, que decidira aceitar finalmente os convites dele. E que ao conhecê-lo melhor, e conhecer sua timidez, sua insegurança, sua eterna vergonha, havia entendido mais profundamente aquela valentia incomum como a melhor prova de um amor verdadeiro. Liliana dizia que um homem que é capaz de mudar seu modo de ser, por amor a uma mulher, é um homem que merece ser correspondido. Ricardo Morales também não esqueceu essa conversa e decidiu continuar sendo assim para sempre e para ela. Nunca se sentira digno de nada, muito menos de semelhante mulher. Mas soube que ia aproveitar enquanto pudesse. Até que a magia se quebrasse e a carruagem voltasse a ser abóbora.

Por tudo isso, Morales recordaria para sempre que em 30 de maio de 1968 Liliana estava usando a camisola verde-água e havia recolhido o cabelo num coque simples do qual escapavam alguns fios castanhos, e o sol que entrava oblíquo pela janela da cozinha lhe batia na face esquerda e a acendia e a tornava ainda mais bonita, e que haviam tomado café com leite e comido torradas com manteiga, e que haviam conversado sobre quais móveis ficariam melhor na sala, e que ele se levantara da mesa para ir buscar uns desenhinhos que andara fazendo para distribuir os móveis da maneira mais harmoniosa possível, e que ela havia rido de sua mania de planejar tudo, e o fitara profundamente e lhe sorriera e lhe dissera que não tivesse tanto trabalho com aqueles móveis velhos, coitadinho, porque mais cedo ou mais tarde teriam de transformar a sala em dormitório, e ele, lento e distraído, ou melhor, ofuscado pela adoração por aquela mulher de outra galáxia, não tinha percebido a indireta, mas atinara com segurá-la pela cintura para caminharem juntos até a porta da rua, para beijá-la lentamente na soleira, para lhe dizer adeusinho com a mão ao sair, sem saber que era para sempre.

Cinema

Benjamín Chaparro aciona várias vezes o espaçador da máquina de escrever para liberar a folha. Segura-a pelas bordas, só com as pontas dos dedos, e a pouca como se fosse uma granada sem pino sobre as outras 16 ou 17 que também se salvaram de voar amassadas para o cesto.

Sente-se ligeiramente enternecido ao notar que as folhas escritas já formam uma espessura mínima, um certo corpo.

Levanta-se, satisfeito. Dois dias atrás, afogado na névoa do início, estava desesperado pela certeza de que jamais poderia escrever seu livro. Agora, esse início está escrito. Bem ou mal, mas escrito. Isso o deixa contente, embora ele continue ansioso. Mas ansioso por continuar, por contar o acontecido com essas pessoas. Pergunta-se se será essa a sensação que os escritores têm quando narram. Essa moderada onipotência de jogar com a vida de seus personagens. Não tem certeza, mas, se assim for, a sensação o agrada.

Consulta o relógio e vê que são sete da noite. Suas costas doem. Esteve sentado ali quase o dia inteiro. Decide se premiar e festejar o empurrão inicial. Procura a carteira sobre uma prateleira, confere se tem algum dinheiro e vai ao cinema. O que ele mais curte no programa não é tanto ver este ou aquele filme, mas saber que depois vai contá-lo a Irene, quando a encontrar. Fará um comentário de passagem, de relance, como quem não quer nada. E ela lhe perguntará pelo filme. Ambos apreciam falar de cinema. Têm gostos parecidos. E algo diz a Chaparro que para Irene seria agradável se pudessem ir juntos. Não podem, claro. Não seria cabível. E talvez isso seja ideia dele, afinal. De onde tirou isso de que ela gostaria de acompanhá-lo?

De seu próprio desejo de que assim fosse. Por acaso tem alguma certeza? Nenhuma. Nunca.

Jamais.

Quando soou o telefone do gabinete do juiz, às oito e cinco da manhã de 30 de maio de 1968, eu estava tão cansado que incorporei o ruído da campanha àquilo que estava sonhando, e só depois de quatro ou cinco toques consegui abrir os olhos. Não levantei o fone em seguida, como se meu despertar tivesse sido traumático demais para que eu de imediato mantivesse uma conversa telefônica.

Fosse como fosse, logo me distraíram os saltos e os gritos que Pedro Romano começou a dar a meu redor. Ele comemorava essa chamada, e eu, com uma certa lógica perversa, aceitava minha parte em sua comemoração fazendo cara de aborrecimento, enquanto esfregava os olhos antes de atender. Acabávamos de passar a noite ali, no gabinete do juiz, ora reclinados nas amplas poltronas de couro escuro, ora cochilando com a cabeça e os braços apoiados sobre a escrivaninha. Ao começar a saltar, Romano tinha chutado a bandeja com os pratos do jantar, e uma das xícaras que havíamos usado como copos saíra rodando até o pé da estante. Demorei mais um segundo a atender e o dediquei a insultar mentalmente o imbecil do juiz, que teimava em nos fazer pernoitar ali durante a quinzena em que estávamos de plantão. Uma semana cabia à Secretaria de Romano, a outra à minha, mas como resolver o problema do décimo quinto dia?

O idiota do Fortuna Lacalle havia decidido, salomonicamente, foder com a vida de nós dois. Os inquéritos eram distribuídos segundo o comissariado de origem, exceto os de delitos graves, digamos, os homicídios. Estes deviam ser repartidos, no décimo quinto dia do plantão, entre as duas Secretarias do Juizado segundo a hora da notificação que a polícia nos fizesse. Romano festejava com os braços no alto, aos gritos de “oito e cinco, Chaparrito, oito e cinco”, porque se o telefone do gabinete do juiz tocava a essa hora era precisamente para avisar sobre um homicídio, e o que Romano festejava era nem mais nem menos o fato de já serem mais de oito, porque as horas ímpares eram dele e as pares, minhas, e, por cinco minutos escassos, ele acabava de se livrar de um processo denso e complicado.

Agora que penso nisso, agora que escrevo a respeito, posso perceber o profundo cinismo em que nos movíamos. Quase como se aquilo fosse um desafio esportivo. Em nenhum momento parávamos para pensar que se aquele telefone tocava, cinco minutos antes ou cinco minutos depois das oito, era porque acabavam de matar alguém. Para nós, era uma simples competição de escritório: trabalha você ou trabalho eu. Vejamos quem é o mais esperto, vejamos qual é o mais sortudo dos dois. Tinha sido Romano. E, embora nessa época eu ainda não o detestasse, porque faltava um tempo, não muito longo, para que ele começasse a me demonstrar que era um ser desprezível, senti um desejo ardente de quebrar o telefone em sua cabeça. Em vez disso, fiz cara de superior, pigarreei para limpar a garganta, levantei o fone e disse, com gravidade:

“Juizado de Instrução, bom dia.”

Desci a escadaria da calle Talcahuano amaldiçoando meu destino. Nessa época, ainda me questionava — ou melhor, me criticava — por não ter concluído meus estudos de Direito. E, em ocasiões como essa, minhas críticas soavam bastante convincentes. Se tivesse concluído meus estudos — me dizia —, eu já poderia ser, com 28 anos de idade e dez de experiência no foro, secretário de um Juizado, e não continuaria estagnado, atolado, pregado com tachinhas naquele maldito Juizado de Instrução como vice-secretário. E, mais adiante, promotor, por que não? Ou defensor público, quem sabe? Eu não estava cansado de ver transitar pelas fileiras judiciais um exército de ignorantes que faziam carreira, que subiam, que voavam, que podiam decolar de lugares como o meu? Estava. Claro que estava.

“Complexo de oficial primeiro.” Minha doença deveria ter nome científico. “Diz-se do funcionário judicial que, por não ter diploma de advogado, fica limitado no escalão a ser o chefe administrativo de uma Secretaria e exerce um importante poder sobre escreventes, auxiliares e estagiários, mas nunca, na porra da vida, superará essa posição hierárquica, e portanto se encherá meticulosamente de frustrações ao ver como outros, às vezes mais capazes e, muitas outras, infinitamente mais babacas, terminam por ultrapassá-lo como meteoros rumo ao estrelato tribunalício.” Linda definição, para as publicações especializadas em matéria forense. Talvez fosse recusada por causa das expressões “porra da vida” e “mais babacas”. Ou, mais provavelmente, porque quem dirige tais publicações, esses sim, são advogados.

Adalberto Rivadero, o primeiro oficial primeiro que tive como chefe quando entrei como estagiário, me disse uma verdade suprema: “Escute bem, Chaparrito: os Juizados são como ilhas; você pode cair no Taiti ou em Sing-Sing.” A cara desse antigo mestre, que me olhava do alto da apagada veteranice que eu mesmo padeço agora, me indicava claramente que ele se sentia mais um habitante desta última. “E outra coisa, garoto” — acrescentava, me olhando com a tristeza de quem sabe estar dizendo a verdade, mas sabe também que essa verdade é inútil —, “a ilha depende do juiz que lhe couber. Se lhe couber um cara safo, você está salvo. Se lhe couber um filho da puta, a coisa se complica. Mas o pior são os babacas, Chaparro. Olho vivo nos babacas, rapaz. Se lhe couber um babaca, você está frito”.

Essa máxima de Adalberto Rivadero, que mereceria lugar privilegiado, em letras de bronze, junto à estátua de olhos vendados que preside ao Palácio de Justiça, martelava minha cabeça enquanto eu descia a escadaria tentando me orientar sobre qual ônibus me convinha tomar. Porque naquele 30 de maio de 1968 eu sabia que estava perdido. Trabalhava num Juizado que havia sabido funcionar bem, mas que agora estava nas mãos de um babaca. E um babaca da pior espécie: um babaca com ânsias de rápida ascensão. Porque o babaca que se sente no cume de suas possibilidades tende a reduzir suas ações ao mínimo. Intuí, ao menos obscuramente, que é um babaca. E, caso se considere no topo, sente-se satisfeito. E portanto teme. Teme que os outros notem logo de cara que ele é um babaca. Teme soltar uma besteira que demonstre aos outros, se estes não tiverem

percebido, que ele é um babaca. E fica quieto. Diminui ao máximo seus movimentos e deixa que a vida lhe passe ao lado. E seus funcionários, portanto, podem trabalhar sossegados, fazer o que sabem e até combinar seus conhecimentos com a inação de seu líder e fazê-lo parecer inteligente ou, no mínimo, um pouco menos babaca.

Mas o babaca que deseja subir na vida traz duas dificuldades: para começar, sente-se pleno de energias, cheio de entusiasmo, transbordante de iniciativas. Energias, entusiasmo e iniciativas que lhe brotam como um manancial, e que ele deseja exibir escancaradamente aos seus superiores, para que estes notem finalmente que têm nas mãos um diamante desperdiçado num cargo inferior aos seus merecimentos morais e intelectuais. E aqui se encaixa a outra dificuldade: à ousadia, essa categoria particular de babaca acrescenta a inconsciência. Porque, se acalenta o sonho de ascender, é por acreditar ter méritos para isso, e pode até chegar a se sentir injustamente tratado pela vida e pelo próximo por lhe negarem essa aspiração que ele considera intrinsecamente legítima. A inconsciência e a audácia, então, tornam o babaca perigoso.

Promovem-no ao status de ameaça, não tanto para si quanto para terceiros. Os terceiros que precisamente estão sob suas ordens. Um dos quais, por exemplo, tem que abandonar a morna hospitalidade da Secretaria nada menos que para comparecer à cena de um crime. E por isso, justamente, desce os degraus da entrada da Talcahuano com um rosário de insultos nos lábios.

Esse era eu, o lesado que no mais íntimo de seus foros suspeita que o juiz desejoso de aparecer como um menino aplicado diante de seus superiores da Câmara de Apelações não é o único babaca da história, pois a esse babaca deve-se acrescentar este outro babaca que, por ser um covarde, um acomodado, um distraído, não concluiu seus estudos de Direito e consequentemente nunca na vida vai passar de vice-secretário, e que portanto é como um trem que chegou ao terminal e se defronta com uma daquelas cancelas de madeira e ferro, sinal inequívoco de que daqui você não passa, meu camarada. Via morta, fim da linha, acabou-se. E daí em diante verá desfilar um sem-número de secretários que lhe darão ordens que ele deverá acatar porque são seus superiores e são advogados, e um sem-número de juízes que darão ordens aos secretários, os quais irão transmiti-las a alguém, como esta que eu estava cumprindo, especificamente. A ordem segundo a qual, em cada inquérito de homicídio que surgeisse enquanto estivéssemos de plantão, o oficial primeiro da Secretaria encarregada devia comparecer à cena do crime a fim de supervisionar a tarefa policial.

Só uma vez, a primeira, me atrevi a consultar meu notável magistrado, tentando não parecer arrogante, sobre qual era a utilidade de semelhante diligência, sendo a Polícia Federal a encarregada de instruir a primeira etapa do inquérito. E Sua Senhoria me respondeu que não importava, pois ele queria que assim se fizesse. E essa foi toda a resposta, e eu me senti, no silêncio subsequente, um merdinha insignificante, que deve calar o que todos os presentes sabem.

Que o novo juiz que coube a você é um imbecil e os secretários não vão falar nada. Que o secretário da nº 18 não pretende se opor porque detectou, com fartura de detalhes, que seu novo chefe é um babaca de raça e em consequência se dispõe a acionar todas as influências possíveis para zarpar rumo a outra ilha

onde soprem melhores ventos. E que Julio Carlos Pérez, o da nº 19, ou seja, o seu, seu chefe imediato, dificilmente notará que o juiz é um babaca porque ele também o é, e em grau superlativo, e portanto você está perdido. O que lhe resta então? Nada.

Não lhe resta nada. Ou lhe resta, quando muito, rezar uma novena a São Calisto para que o babaca-mor consiga o que pretende e seja logo promovido a juiz de Câmara, e talvez ali se acalme, se sinta realizado, e passe àquela outra categoria de babaca consumado, realizado, pacífico e contemplativo que povoa alguns dos gabinetes mais ilustres da Justiça.

Mas isso não tinha acontecido, e eu estava ali. Perguntando a um jornalista qual ônibus podia me deixar bem na Niceto Vega com Bonpland, começando a ficar preventivamente tonto ante a cena que me caberia presenciar, tentando criar coragem, quando mais não fosse por pudor, e me dizendo que não podia fraquejar diante do monte de tiras que estariam aglomerados

naquela casa, embora a visão de um cadáver me desse uma impressão horrível, um cadáver recente, um cadáver novo, um cadáver nascido não da lei natural da vida e da morte, mas da decisão categórica e selvagem de um assassino que andava solto por aí, enquanto eu comprava a passagem, guardava-a para comprovar a despesa na volta, me sentava mais para o fundo porque a ida até Palermo seria demorada e continuava xingando entre dentes por não ter tido a módica disciplina, a minúscula integridade, a modesta força de vontade de que teria precisado para me formar advogado.

Assim que dobrei a esquina, meu estômago começou a se embrulhar com o estardalhaço estéril que a polícia arma nesses casos. Três radiopatrolhas, a ambulância, uma dúzia de policiais indo e vindo sem nada para fazer, mas sem a menor intenção de se retirar. Como eu não estava disposto a dar a eles a satisfação de notar meu cagaço, encarei aquilo com passo rápido, enquanto apalpava o bolso traseiro da calça. Quando o primeiro tira me barrou, exibiu suas fuças a credencial e, sem condescender em olhá-lo, disse que era o vice-secretário Chaparro, do Juizado de Instrução nº 41, e solicitei que me levasse ao oficial encarregado da operação. O uniformizado agiu segundo a lógica férrea que lhe permitia deslizar sem dor pelo caminho policial: tudo o que tiver uma listra mais do que ele na manga deve ser obedecido, tudo o que tiver uma listra a menos deve ser varrido. Meu tom decidido me colocava — mesmo desprovido de dragonas — na primeira categoria, de modo que, meio desajeitado, ele me pediu que o seguisse “ao interior”.

Era uma casa velha, transformada em vários apartamentos aos quais se chegava por um corredor lateral feio mas bem-cuidado, que alguns vasos de gerânios tentavam inutilmente decorar aqui e ali. Em duas ou três ocasiões, tivemos que nos esgueirar de lado para não trombar com outros policiais que saíam do penúltimo apartamento. Calculei que, ao todo, os policiais deviam passar de vinte, e voltou a me desagradar o prazer mórbido que muitos encontram na contemplação da tragédia. Como nos acidentes ferroviários, aqueles aos quais fui obrigado a me acostumar por viajar todos os dias no Sarmiento. Nunca entendi direito os que se amontoam ao redor do trem parado a fim de espiar entre as rodas e os trilhos o corpo destroçado da vítima e o trabalho sangrento dos bombeiros. Algumas vezes suspeitei que na realidade o que me incomodava era o meu próprio cagaço. E me obriguei a me aproximar. Mas me horrorizei irremediavelmente, não tanto com o espetáculo atroz da morte quanto com as expressões entusiasmadas, festivas, de alguns dos curiosos. Como se se tratasse de um espetáculo montado gratuitamente para seu deleite, ou como se devessem captar até o último detalhe para relatar o assunto aos seus colegas de trabalho, olhavam sem pestanejar, e com os lábios um pouco separados num meio sorriso absorto e extasiado. Então, bem, agora eu estava certo de encontrar, quando cruzasse a soleira, alguns desses olhares sob os quepes azuis.

Entreí numa sala arrumadinha, cheia de enfeites na estante modular e nas paredes. O conjunto de jantar, cuja mesa e suas seis cadeiras se apertavam como podiam entre aquelas paredes muito próximas, tinha pouco a ver com as poltroninhas da sala, e nenhum parentesco com o estilo dos enfeites. “Recém-casados”, intuí. Avancei uns dois metros em direção à porta que dava para o resto da casa, mas logo topei com uma muralha azul de uniformes dispostos em círculo. Não era preciso ser muito inteligente para saber que ali jazia o cadáver. Alguns em silêncio, outros soltando comentários em voz alta para demonstrar sua macheza ante a morte, mas todos com os olhos cravados no piso.

“O oficial encarregado, por favor.” Falei sem perguntar, buscando o registro exato, um pouco duro, um pouco cansado, que servisse para demonstrar àquele

bando de zangões que eles me deviam uma comedida reverência porque eu representava uma instância superior. Algo como levar ao plano grupal a experiência de comando-obediência que eu tinha posto em prática com o brutamontes que me interceptara na calçada. Eles se voltaram para me olhar e a voz do oficial-inspetor Báez me respondeu quase do fundo do aposento. Estava sentado na cama de casal, como pude entrever quando alguns policiais se colocaram de lado para me deixar passar. De qualquer modo, não havia como chegar até ele, porque a cama ocupava quase todo o recinto, e junto dela jazia o cadáver, e quando abriram caminho imaginei que, se não quisesse passar por frouxo, teria que me deter para olhar a morta.

Eu sabia que a vítima era uma mulher porque o policial que telefonara ao Juizado às oito e cinco havia me comunicado, naquele estranho jargão que os policiais empregam, aparentemente com certo deleite, que se tratava de “um NN[2] feminino jovem”. Essa suposta neutralidade da linguagem, essa suposição de que estavam falando em termos forenses, às vezes me parecia engraçada, mas em geral me causava irritação. Por que não dizer diretamente que a morta era uma moça cujo nome eles ainda ignoravam e que parecia ter pouco mais de vinte anos?

Suspeitei que ela havia sido bonita, porque, por trás da feia cor arroxeadada que sua pele havia assumido enquanto a estrangulavam, e da deformação esperável em um rosto congelado na crisperação do horror e da falta de oxigênio, existia naquela garota uma majestade que nem sequer uma morte horrível pudera apagar. Tive a certeza envergonhada de que o grande número de policiais que pululavam por ali resultava precisamente disso, de ela ser bonita e estar nua, atirada desconjuntamente de boca para cima aos pés da cama, sobre o parquete claro do quarto, e de que vários dos que se encontravam ali estavam adorando olhá-la impunemente.

Báez tinha se levantado e caminhava em minha direção ladeando a cama de casal. Apertou minha mão sem sorrir. Eu o conhecia o suficiente para saber que ele gostava de seu trabalho, embora não desfrutasse da dor da qual esse trabalho costumava nascer. Se não tinha expulsado os curiosos de azul, era simplesmente porque não havia reparado muito neles, ou porque os sabia parte do folclore policial, ou um pouco pelas duas coisas. Perguntei se os caras da perícia haviam chegado. O tempo iria me demonstrar que nunca na vida eu teria a oportunidade de conhecer outro policial que fosse ao menos a metade tão honesto e lúcido quanto Alfredo Báez, mas naquela manhã, entre todas as coisas que eu ignorava, também ignorava essa, de modo que tomei a liberdade de me indignar pelo escasso cuidado que ele parecia dedicar à preservação dos vestígios da cena do crime. Se o conhecesse um pouco mais, teria entendido que aquilo que em Báez parecia indolência era, na verdade, a resignada integridade de quem já está voltando em meio a uma manada de panacas em eterna viagem de ida. Báez virou umas folhas de sua caderneta e me informou sobre o que havia averiguado até o momento.

— Chama-se Liliana Colotto. Vinte e três anos. Professora primária. Casada desde o início do ano passado com Ricardo Agustín Morales, caixa do Banco Provincia. A vizinha dos fundos nos disse que ouviu gritos às quinze para as oito.

Olhou pelo postigo. Sua porta, por ser a última, não fica de lado, mas de frente, e abarca todo o comprimento do corredor. Viu sair um rapaz baixinho. Acha que mulato, ou moreno escuro. Nesse ponto se demorou tentando distinguir os mulatos dos morenos escuros. Vê-se que não tem muito com quem conversar, a velha. Isso chamou sua atenção, porque o marido da falecida sai muito cedo, pela manhã. Sete e dez, sete e quinze. É só depois ela escutou os ruídos. O sujeito que saiu não fechou a porta do apartamento.

Por isso, a velha esperou um segundo até ele fechar a da rua e saiu para o corredor. Chamou a moça, mas ninguém respondeu. — Báez virou a última folha. — Bom, é isso. Bem, digamos que ela chegou até a porta e dali viu a moça, caída aqui onde o senhor a vê, muito quieta, e então nos chamou.

— O cara que saiu podia ser o marido?

— Segundo a velha, não. Perguntei concretamente, e ela negou que pudesse ser. Disse que o marido é louro e alto, e este era baixo e de cabelo muito escuro. Também estava doida para falar mal da garota, por receber um visitante vinte minutos depois que o marido saiu. Seja como for, ainda não fui notificá-lo. Se o senhor quiser, vamos juntos. Ele trabalha na filial... deixe ver...

Aqui na capital.

Ouviram-se passos na entrada e alguns cumprimentos murmurados.

— Ah, aí está você — disse Báez a um homem obeso que trazia uma maleta na mão. — Entre quando quiser, estamos coçando o saco.

Pareceu que o outro não ia responder, porque passou um tempinho. Olhou longamente o cadáver. Ficou de cócoras. Parou um pouco. Pousou a maleta sobre a cama e tirou alguns instrumentos, além de um par de luvas de borracha.

— Por que não vai cagar, Báez? — retrucou finalmente, embora sem ênfase. — Porque estou aqui como um babaca à sua espera, Falcone.

O médico-legista não achou necessário continuar conversando. Começou a trabalhar, examinando o cadáver. Separou-lhe as pernas levemente, com gestos delicados, como se a mulher ainda pudesse sentir e sofrer com essas ações. Tateou sobre a cama e puxou a maleta para aproximá-la. Tirou uma espécie de cânula e um tubo de ensaio. Levantei a vista para não me impressionar. Sobre a cômoda havia uma jarra com flores artificiais e o retrato de um casal mais velho. Os pais dele ou os dela? Acima da cama, um crucifixo. Sobre cada mesinha de cabeceira, um pequeno porta-retratos em forma de coração e a foto de um noivo e de uma noiva com expressão tensa, contida.

Imaginei-os no dia do casamento, no estúdio do fotógrafo. Via-se claramente que o dinheiro não lhes sobrava, mas sem dúvida ela havia insistido em cumprir esses ritos iniciáticos. Me senti sórdido por ficar explorando a decoração e o passado daquela mulher, quase como se tivesse me demorado olhando para ela, nua e fria, sobre o piso do quarto. Finalmente Falcone se levantou, ofegando.

— E então? — perguntou Báez.

— Foi estuprada e estrangulada. Depois eu confirmo, mas pode apostar.

Enquanto respondia, Falcone abria o guarda-roupa de segunda mão. Tirou uma manta leve, via-se que os recém-casados deviam usá-la no verão, e por isso estava meticulosamente dobrada na prateleira. Estendeu-a sobre o corpo da moça com movimentos velozes e certos. Imaginei que o médico morava

sozinho, ou então que sua mulher o obrigava a fazer a cama. Fosse como fosse, me senti grato a ele por aquele gesto de respeito.

— O pessoal das impressões digitais está a caminho. Será que resta alguma, ou a cambada de punheteiros com quem cruzei na porta mexeu em tudo?

— Pare com isso, Falcone, não sou tão babaca assim. — Báez se defendeu, embora parecesse mais entediado do que aborrecido. Virou-se para mim: — Vou ver o marido no emprego. O senhor vem?

— Vou — aceitei, tentando evitar que minha voz revelasse meu desespero por cair fora de uma vez por todas. Qualquer coisa, contanto que eu saísse daquele lugar.

A porta estava bloqueada por três ou quatro policiais conversando em voz alta.

— Vamos com isso, caralho! — trovejou Báez, que, como todos os oficiais, aproveitava cada oportunidade que se apresentava para gritar com seus subordinados, como se esse fosse um modo extraordinariamente eficaz e econômico de convencê-los a ser humildes e submissos. — Saiam daqui e vão fazer algo útil, cacete! Quem ficar coçando o saco eu deixo preso no fim de semana!

Os outros se dispersaram, obedientes.

Quando entramos no banco, tive uma sensação estranha. Era um grande salão quadrado, com amplos e frios painéis de mármore nas paredes. Do teto, altíssimo, desciam a intervalos regulares uns condutos pretos e esqueléticos sustentando umas tulipas antiquadas que iluminavam insuficientemente o aposento. Uma fileira contínua de altos balcões de fôrmica cinza, rematados por painéis de vidro, separava a área dos empregados do espaço destinado ao público. Um servente, entediado, limpava os vidros à altura dos orifícios circulares através dos quais os clientes se faziam ouvir. Eu odiava ambientes enormes e achei que devia ser assustador trabalhar todos os dias num lugar como aquele. Até me senti reconfortado ao evocar a Secretaria do Juizado, com suas prateleiras lotadas de pastas do piso até o teto, seus corredores mínimos, seu esvaído aroma de madeira envelhecida.

Mas a sensação estranha tinha a ver com outra coisa. Assim que transpus a porta, seguindo Báez, abarquei com uma olhada rápida os cerca de vinte funcionários que, embora àquela hora ainda não tivessem começado o atendimento ao público, já se postavam concentrados sobre as escrivatinhas. Era como se a horrenda notícia que trazíamos ainda não tivesse um destinatário fixo. Pelo menos, não enquanto o guarda que nos abria a porta não avançasse até o fundo, levantasse a tampa de um dos balcões, passasse para o lado do pessoal do banco e se dirigisse até o homem indicado. Eu me perguntava quem seria Morales, enquanto relanceava de um para outro. Tentei recordar a foto nupcial da mesa de cabeceira do quarto dele, mas não consegui, talvez pela pressa ou pela apreensão com que a olhara.

Sentia como se a tragédia ainda estivesse sobrevoando aquelas vinte vidas, sem se decidir a pousar em nenhuma. Era ridículo, claro, porque somente um daqueles homens podia ser Ricardo

Agustín Morales. Os outros, não. Os outros estavam a salvo do horror que vínhamos comunicar.

Mas, enquanto o guarda não detivesse sua marcha junto a um dos homens que trabalhavam ali, todos (os jovens, pelo menos) me pareciam alvos móveis, vítimas sujeitas ao acaso pavoroso de receber (contra todas as possibilidades, para além de todos os prognósticos, acima de todas as certezas com que nós seres humanos suportamos a cada dia a angústia medonha de saber que tudo o que amamos pode se extinguir de um momento para outro) a notícia que desmantelaria sua vida.

O guarda avançou entre várias escrivatinhas e se inclinou ao ouvido de um rapaz que somava cheques numa grande máquina de calcular. Eu já ia me compadecendo dele a distância quando, como se os acontecimentos se acomodassem repentinamente à minha teoria de que o drama hesitava antes de pousar nos ombros de seu destinatário, o jovem ergueu a mão em direção a uma porta que se abria nos fundos do amplíssimo local, e foi como se esse gesto de estender o braço tivesse salvado o rapaz que somava cheques do calvário iminente de ter perdido sua mulher de um modo assustador.

Báez e eu seguimos o gesto do braço e, quase como num movimento teatral

sincronizado, a porta do fundo se abriu para deixar ver um homem jovem e alto, com o cabelo gomalinado muito puxado para trás, um bigodinho sério, paletó azul e gravata de nó apertado, que avançou com os últimos latejos de sua inocência para a escrivaninha de onde o contemplavam, curiosos, o guarda e o funcionário dos cheques.

O vigilante foi avisar a ele que o procurávamos. “Agora”, pensei. “Neste exato momento, esse rapaz acaba de penetrar num túnel sem fim, do qual provavelmente não sairá pelo resto da vida.” Ele ergueu a vista para nós. Primeiro nos olhou surpreso, mas em seguida desconfiado. O guarda certamente nos apresentara como policiais. Sempre fazem isso.

Simplificam até a imagem mais simples. Um policial é algo conhecido por todo mundo. Um vice-secretário de um Juizado de Instrução no Criminal é uma espécie mais exótica. De modo que ali estávamos, com as facas prontas para ser enfiadas na garganta do garoto que nos olhava, ainda sem decidir se angustiar.

Me aproximei do balcão rebatível pelo qual o rapaz estava saindo apressado ao nosso encontro. Tinha decidido me apresentar por meu nome, mas deixar que fosse Báez a falar.

Depois haveria tempo para explicar quem era o policial e quem era o funcionário da Justiça.

Além disso, Báez parecia acostumado a comunicar notícias pavorosas. E eu, ao fim e ao cabo, não tinha por que caralho estar ali, testemunhando como se pulverizava a vida de um jovem bancário. Se estava, devia isso exclusivamente ao idiota do doutor Fortuna Lacalle e à sua decidida ansiedade por ser promovido o quanto antes a juiz de Câmara.

Enquanto Báez, eu e o recém-viúvo nos apertávamos na minicozinha do banco, me ocorreu que a vida era uma coisa estranha. Me sentia triste, mas o que, exatamente, me deixava tão triste?

Dificilmente seriam o aturdimento, a palidez, os olhos esgazeados daquele rapaz a quem Báez acabava de dizer que viéramos comunicar que sua esposa havia sido assassinada em casa. E tampouco a dor do coitado. A gente não vê a dor. Não pode vê-la, simplesmente porque a dor não é visível, em nenhuma circunstância. No máximo, podem-se ver alguns de seus mínimos sinais exteriores. Mas esses sinais sempre me pareceram máscaras, mais do que sintomas. Como pode o homem expressar a angústia atroz de sua alma? Chorando em bicas e dando berros?

Baluciendo palavras desconexas? Gemendo? Derramando umas poucas lágrimas? Eu sentia que todas essas possíveis demonstrações de dor só eram capazes de insultar essa dor, de menosprezá-la, de profaná-la, de colocá-la ao nível de amostras grátis.

Enquanto contemplava a expressão paralisada do rapaz e escutava o que Báez lhe dizia sobre reconhecimento no necrotério, acreditei entender que o que às vezes nos comove na dor alheia é o temor atávico de que essa dor se transfira para nós. Em 1968 eu tinha três anos de casado e acreditava ou preferia acreditar, ou desejava ardorosamente acreditar, ou tentava desesperadamente acreditar, que estava apaixonado pela minha esposa. E, enquanto contemplava aquele corpo desabado num banquinho estropiado, aqueles olhos pequenos e fixados na chama azul do bico de gás, aquela gravata de nó apertado que caía como um fio de prumo entre as pernas abertas, aquelas mãos crispadas nas têmporas, me colocava no lugar daquele homem mutilado que havia ficado sem vida e me horrorizava com isso.

Morales tinha deixado os olhos abandonados no fogo que ele mesmo acendera cinco minutos antes na intenção de preparar um mate, quando ainda não havíamos irrompido selvagememente em sua existência. E eu acreditava entender o que passava pela sua mente, enquanto ele respondia com monossílabos de autômato às perguntas metódicas que Báez lhe fazia. O rapaz não estava atento à hora em que havia saído pela manhã, nem lembrava com precisão quantas pessoas podiam ter a chave de sua casa, nem a hipótese de ter visto algum rosto suspeito nas imediações de sua residência. Me parecia mais provável que, no meio de semelhante naufrágio, ele estivesse fazendo o inventário de tudo o que acabava de perder.

Sua mulher já não o acompanharia às compras naquela tarde nem em nenhuma outra, nem voltaria a lhe oferecer seu corpo de marfim, nem engravidaria de seus filhos, nem envelheceria ao seu lado, nem caminharia com ele pela praia de Punta Mogotes, nem riria soltando umas lágrimas com algum episódio especialmente engraçado de Os três patetas no Canal 13. Eu não conhecia esses detalhes (que, com o tempo, Morales cederia em me contar), mas podia constatar no rosto arrasado do rapaz como seu futuro se desfazia em escombros.

Quando Báez lhe perguntou se ele tinha algum inimigo declarado, não pude evitar sentir, bem no fundo, o impulso de rir com sarcasmo. A não ser que fosse alguém a quem o rapaz tivesse dado um troco errado ou devolvido a conta de luz sem o carimbo de “pago”... quem poderia ter algo contra aquele coitado que, depois de negar sem ênfase com a cabeça, voltava a fixar a expressão impávida na chama azul do gás?

À medida que os minutos transcorriam, e que o interrogatório de Báez enveredava por detalhes aos quais nem Morales nem eu dávamos importância, vi a expressão do viúvo se esvaziar aos poucos, seus traços se distenderem paulatinamente em uma expressão neutra, e as lágrimas e o suor que num primeiro momento haviam assomado à sua pele secarem definitivamente. Como se, uma vez frio, uma vez esvaziado de emoções e sentimentos, uma vez assentada a nuvem de poeira de sua vida feita em ruínas, Morales pudesse vislumbrar, mais além, em que consistiria seu futuro e comprovasse sem equívocos que sim, que não havia dúvida alguma, que seu futuro era nada.

— Está resolvido, Benjamín. Assunto encerrado.

Pedro Romano me soltou a frase com uma expressão de triunfo, os cotovelos apoiados sobre minha escrivadinha, enquanto me deslizava diante do nariz um papel com dois nomes manuscritos. Acabava de desligar o telefone. Eu o vira mantendo uma demorada conversa na qual havia alternado algumas exclamações berradas (para que ninguém duvidasse de que ele tinha nas mãos algo muito importante) com longas frases pronunciadas num sussurro conspiratório. Em minha distração inicial, eu tinha me perguntado por que diabos ele vinha falar ao telefone na minha Secretaria, em vez de permanecer na sua. Quando vi que o juiz Fortuna estava no gabinete do secretário Pérez, entendi que Romano pretendia se exibir. Como eu me considerava um sujeito compassivo, e como estava naturalmente na mais absoluta ignorância de todas as derivações que os acontecimentos daquele dia iriam ter nos anos seguintes, achava mais engraçado do que irritante o empenho de Romano em deslumbrar nossos superiores. Não tanto pela tentativa de exibição quanto pela qualidade moral e intelectual do superior ante o qual Romano pretendia se destacar. Bancar o funcionário-modelo diante de um juiz podia me parecer ligeiramente patético, mas fazer isso sem perceber que o juiz em questão era um idiota de marca maior, que não ia notar esse brilho, me deixava sem palavras. Afora isso, o fato de, terminada sua conversa telefônica, Pedro Romano me dizer que o caso estava resolvido, estendendo-me um papel com dois nomes escritos e me olhando com cara de “fiz um favor a você, embora não me caiba, porque o inquérito é de sua Secretaria”, me surpreendeu profundamente.

— Pedreiros. Estão trabalhando no apartamento três. Trocando o piso.

Aparentemente, Romano considerava que o estilo telegráfico, salpicado de silêncios teatrais, aumentava a dramaticidade da notícia. Me perguntei como um indivíduo tão limitado havia chegado a ser vice-secretário. E me respondi que um bom casamento faz milagres. Sua mulher não era particularmente bonita, nem particularmente simpática, nem particularmente inteligente. Mas era particularmente filha de um coronel da infantaria, e isso, na Argentina de Onganía, era um mérito destacável. Evoquei a cerimônia do casamento, lotada de quepes verdes, e minha irritação cresceu.

— Eles a viram passar. Gostaram da gatinha. Tiveram a ideia. — Romano havia passado da identificação dos indiscutíveis autores à própria reconstituição do crime. — Percebe-se que na terça-feira viram o marido sair cedo. Criaram coragem. Foram em frente.

Se ele continuasse falando como um telegrama, eu ia lhe sugerir que fosse para o inferno.

Me iludi falsamente quando ele parou de se inclinar sobre mim com as mãos apoiadas na escrivadinha. Mas não se levantou para se afastar, e sim para despencar na cadeira mais próxima. Ajeitou-a com vários balanços de quadril e voltou a manter os olhos na altura dos meus.

— Forçaram a mão e acabaram fazendo merda.

Não falou mais. Talvez estivesse esperando uma intensa ovação cerrada ou

os flashes dos repórteres fotográficos.

— Quem lhe passou essa informação? — perguntei, e de imediato arrisquei a resposta que intuía: — Sicora?

— Precisamente. — Pela primeira vez, o tom de voz de Romano incluía um levíssimo matiz de dúvida. — Por quê?

Esculhambá-lo ou deixar para lá? Optei pela variante pacífica. O oficial auxiliar Sicora, da Homicídios, era um especialista em tirar o cu da reta. Odiava entrar em contato com as pessoas, abominava caminhar pela rua, detestava o trabalho próprio de um investigador. Ou seja, sua única semelhança com Báez estava, creio, no branco do olho. Sicora armava suas hipóteses plantado na sala de sua casa, tachando de homicida o primeiro coitado ao seu alcance. O que mais me enfurecia não era a questão de Sicora, mas que o boçal do Romano lhe desse ouvidos.

Que Sicora era um panaca e um folgado, até as freiras de clausura sabiam. Como podia ignorá-lo esse rapaz, o qual, ainda que fosse de ouvido, tinha a obrigação de saber como eram as coisas na instrução de um inquérito penal?

Apesar de tudo, eu não queria me emputecer. Afinal, Romano era um colega, e eu tinha suficiente experiência na Justiça para saber que as feridas verbais são difíceis de sanar.

Desviei parcialmente o destino de minhas perguntas.

— Aliás... não era Báez que estava tocando esse caso?

Minha delicadeza não teve prêmio. Romano me respondeu com irônica frieza.

— Báez também não é nenhum Spencer Tracy. E não pode fazer tudo, você não acha?

Eu estava ficando saturado, e os restos da minha paciência me escorriam como areia entre os dedos.

— Não, não acho. Principalmente se a alternativa for que o inquérito seja conduzido por um babaca preguiçoso como Sicora.

Romano não recolheu a luva pela ofensa que eu acabava de lançar à sua fonte. Em vez disso, e como se fizesse o favor de me esclarecer, foi pegando os dedos da mão esquerda e começou a enumerar.

— São dois. Pedreiros. Trabalhavam no apartamento em frente, ou quase. Não são do bairro, e ninguém os conhece. Percebe?

Romano se deteve, como se confiasse em me cativar com seus argumentos. Por fim acrescentou, sacudindo a cabeça e adiantando o queixo, como quem decide expor o argumento definitivo:

— E além disso são dois crioulos com cara de malandros, não sei se você me entende.

Nessa época, por ser jovem ou por ser amistoso, ou por ambas as razões, me custava qualificar meus conhecidos de filhos da puta. Mas Romano parecia cada vez mais disposto a me deixar sem margem para a clemência. Mais de uma vez, eu o tinha visto sacanear um detido mulatinho e com cara de pobre. Também o tinha visto se desdobrar em gentilezas com os advogados mais ou menos famosos no ambiente. Respondi o que me saiu da alma:

— Ah, bom. Se você quiser processá-los por serem negros, me avise.

Pensei em acrescentar “espere aí que vou ver qual artigo do Código podemos aplicar a eles”, mas decidi que a ironia era ingênua demais e iria prejudicar o efeito. De todo modo, vi que meu interlocutor fazia um esforço atroz para não me insultar, e quando falou não restava em sua voz nem o último vestígio da frouxa simpatia com que havia começado.

— Vou à seção. Sicora me disse que já os tem prontos para ser interrogados.

— Prontos? — O aborrecimento me deixava à beira da explosão. — Então, certamente já os encheram de porradas. Vou eu. Não esqueça que o inquerito é meu.

Em geral, me desagradavam os zelos forenses que levavam alguns conhecidos a usar possessivos com os processos, mas aquele sujeito havia esgotado minha paciência. Em casa, tinham me ensinado a não xingar as pessoas na cara. Por isso me controlei, vesti o paletó e me despedi com um seco “até logo”. Apenas me permiti fechar a porta com muito mais força do que a necessária.

Entrei no comissariado com o ar de fanfarrão que costumava adotar diante do pessoal uniformizado e que usualmente me dava bons resultados. Esperei dois minutos depois de me anunciar, até que Sicora veio ao meu encontro exibindo um sorriso satisfeito. Evidentemente, seu amigo Romano não havia considerado necessário informá-lo da minha cólera.

— Estão prontos para depor — disse ele, erguendo duas pastas de cartolina das quais surgiam alguns autos. — Sebastián Zamora. Paraguaio, 38 anos. Pedreiro. Mora em Los Polvorines. O outro é José Carlos Almandós, 26 anos. Também pedreiro. Este pelo menos é argentino, mas mora em Ciudad Oculta.

Tentei soar natural ao perguntar:

— Fez reconhecimento dos suspeitos?

Sicora me encarou com a boca entreaberta.

— Cruzou esta pista com as testemunhas? Estou falando das que Báez levantou.

Sicora dominou um gaguejo incipiente e respondeu:

— Ainda não. Liguei para o Juizado, e o oficial primeiro Romano me disse que fosse tocando, que ele se ocuparia de avisar ao marido e que...

— Não digo com o marido — rebati, sem deixá-lo terminar —, mas com a vizinha do apartamento dos fundos, que viu o homicida sair e chamou a polícia. Ou com os donos dos outros apartamentos, inclusive o três, onde esses rapazes trabalhavam.

Quando vi a expressão de desconcerto de Sicora, compreendi que a idiotice daquele sujeito era tão abismal que eu nunca seria capaz de considerá-la em toda a sua magnitude. Continuei:

— Não vai me dizer que não checkou este assunto com o que Báez já tinha apurado, certo?

— Novo silêncio. — Traga os papéis de Báez e me leve aos detidos.

Sicora era estúpido demais para protestar ou se queixar de que um civil lhe desse ordens.

Foi buscar os depoimentos, mas não me levou até os presos. Mau sinal. Me instalei como pude numa escrivaninha abarrotada de caixas transbordantes de papéis, quase atravessada no corredor que conduzia às celas. Assim que comecei a examinar os autos, me detive no depoimento de uma tal de Estela Bermúdez; li-o com atenção, tirei-o da pasta e o deixei separado. Ergui para Sicora um olhar que, calculo, soltava faíscas.

— O senhor examinou este depoimento de Estela Bermúdez?

Sicora desviou o olhar por um segundo, como se tentasse se lembrar, ou ganhar tempo para decidir o que lhe convinha responder, e em seguida voltou a me fitar, franzindo o cenho.

— Quem é essa Bermúdez?

Eu esperava a pergunta.

— A dona do apartamento três, Sicora.

O policial percebeu completamente à deriva.

— Quando Báez a ouviu — expliquei, procurando que minha voz soasse

pacífica, porque me parecia o melhor modo de humilhá-lo —, essa mulher informou que havia dois pedreiros trabalhando em sua casa, mas que eles não tinham ido nem na segunda nem na terça. Na segunda porque choveu o dia inteiro. E na terça porque, como estavam trabalhando no terraço, precisavam que secasse bem para poder manipular o alcatrão, de modo que telefonaram para ela e combinaram ir na quinta-feira.

Estendi a folha para que ele a lesse por seus próprios meios, mas Sicora, lançando mão dos últimos vestígios de sua dignidade, contra-atacou me perguntando:

— E o que tem a ver? Eles não podem ter dito isso precisamente para se acobertar, mas ter ido do mesmo jeito, assassinado a moça e dado no pé?

— E me diga, Sicora, o senhor não leu, tanto neste depoimento como nos dos outros moradores, que a porta de entrada, a da rua para o corredor, é sempre trancada a chave, e que eles precisam ir abrir e fechar para as visitas? Está em todos os depoimentos. Isso para não irmos direto ao depoimento da vizinha que fez a denúncia e que diz o tempo todo que o agressor foi um só.

Levantei a pilha que havia formado com todos os testemunhos e os empurrei sobre a escrivaninha, mas Sicora não atinou com recebê-los. Ficou me olhando, cada vez mais desmorteado. Senti um calafrio quando compreendi o motivo. Dei uma ordem taxativa:

— Me leve até os presos.

Sicora se levantou como se estivesse sentado sobre uma mola.

— Eles, hã... estão no horário de almoço. A comida está sendo servida.

Insisti.

— Não posso esperar nem vir mais tarde. Quero vê-los. E quero que o senhor me ponha rapidamente em contato com Báez.

Sicora ainda hesitou mais um momento. Depois gritou um sobrenome, e um agente emergiu do fundo do corredor das celas.

— Acompanhe o senhor até o xadrez dos... desses dois.

Caminei por um corredor para o qual davam as grades de quatro pares de celas. Paramos em frente à última da esquerda. Não havia cheiro de comida. O agente manobrou com a porta, que se abriu com um rangido. A luz estava acesa. Dois homens jaziam nos catres encostados às paredes laterais. Um dormia e nem se mexeu quando entramos. O outro, que permanecia deitado de costas e cobria o rosto com os braços dobrados, girou o corpo para nos ver.

Cumprimentei, e ele gaguejou uma resposta. Nos fitamos por um instante.

— Vá chamar Sicora — ordenei ao agente que me acompanhava. Ele hesitou.

— Não posso deixar o senhor sozinho na cela.

Eu já estava de saco cheio. Insisti, levantando a voz:

— Chame, ou também vai encarar um processo.

O policial saiu. Decidi tentar que a raiva e o horror não impregnassem minha voz:

— Como se sente?

O outro pareceu sorrir, por baixo da crosta de sangue seco que lhe cobria o rosto abaixo do nariz. Faltavam-lhe dois dentes dianteiros, e tive certeza de que a

perda era recente. O homem se virou como pôde para me dizer que agora doía um pouco menos, mas que seu companheiro tinha levado muitos chutes nas costelas e estivera chorando até conseguir adormecer, pouco antes.

O agente voltou. Disse que Sicora havia saído.

— Então me traga o comissário.

— Está almoçando.

— Caguei para o almoço dele! — berrei. Estava indignado. Normalmente, eu não me permitia usar esses modos de caserna.

Quando, três horas depois, voltei a Tribunales, em vez de entrar na minha Secretaria, fui direto à 18. Atravessei os estreitos desfiladeiros que separavam as escrivatinhas e avancei entre os altos e corpulentos arquivos sem cumprimentar ninguém. Quando cheguei à mesa de Romano, que lia o jornal com ar ausente, foi minha vez de esfregar um papel na cara dele.

— Escute bem. Estou vindo da Câmara, onde apresentei denúncia contra você e aquele tremendo babaca do seu amigo Sicora por coação ilegal. Quanto aos seus dois suspeitos, estão sendo examinados pelos médicos-legistas.

Eu procurava não me descontrolar. Romano havia baixado o jornal e tentava pensar.

Continuei:

— Aposto meus ovos como a ideia de enchê-los de porrada foi sua, e não do idiota do Sicora. Ele os espancou para bancar o herói e ficar bem com o Juizado. Pedação de panaca.

Portanto, vou lhe recomendar duas coisas. Se quiser bater em alguém, bata você mesmo. E segundo: se for espancar algum infeliz, trate de ver se ele tem qualquer coisa a ver com algo, porque aqueles dois são uns pobres trabalhadores.

Virei as costas. Deixei a cópia da denúncia na escrivatinha mais próxima. Os outros funcionários, naturalmente, me olhavam no auge da surpresa.

— Quando terminar de ler, devolva à minha Secretaria.

Talvez tivesse sido mais conveniente me calar, mas, assim como demorava a engrenar, eu também demorava a esfriar depois que perdia as estribeiras.

— Sempre achei você meio boçal, Romano. Mas não. Bem, sim, boçal você é. Mas com toda a certeza é também um sujeito muito, mas muito, mas muito filho da puta.

Eu desconhecia então todas as dificuldades que havia semeado naquele dia em meu próprio destino e que mais cedo ou mais tarde seria obrigado a colher. Ninguém é capaz de ler, na borra do presente, os sinais de suas futuras tragédias.

Tomei a decisão de ajudar Ricardo Morales em tudo o que fosse possível naquela mesma tarde, durante a primeira conversa que tivemos sozinhos, num bar da calle Tucumán nº 1.400, sentados junto à janela de guilhotina que nos separava da calçada, enquanto lá fora estia, depois de choverem cargas d'água.

Desde o momento em que cobrira Romano de palavrões, e depois quando me sentara ofegando e tentando me acalmar, eu tinha tomado consciência de que o pobre viúvo iria às pressas para o Juizado, convencido de que estava prestes a saber a verdade. De fato, ele chegou vinte minutos depois. Escutei as duas tímidas batidas que deu na alta porta da Secretaria, e o impessoal “entre” de algum dos auxiliares.

— Vieram procurar o senhor, chefe — me anunciou o garoto que o havia recebido.

Levantei a cabeça e me demorei um instante refletindo que, se o novo estagiário não me tratava por você, eu seguramente acabava de transpor a porta de entrada para a maturidade.

— Me ligaram para o banco — disse Morales quando me viu aparecer junto à mesa de protocolo. Talvez me reconhecesse como um dos que tinham ido lhe dar a notícia da morte de Liliana.—

Sim, eu sei — respondi, incapaz de dizer algo mais preciso.

Imaginei que ele ia me perguntar se era certo que “havia novidades importantes na investigação” ou se era verdade que “os assassinos acabavam de ser presos”, dependendo de o idiota do Romano, ao comunicar o suposto furo, ter escolhido para botar banca um tom La Nación ou um estilo Crónica. Mas, para minha surpresa, Morales se limitou a ficar muito rígido, com as mãos suavemente apoiadas no balcão e os olhos muito fixos nos meus.

Foi pior, porque senti que aquele silêncio era o de um homem desamparado, convencido de que nada sairá como ele se atreveu secretamente a sonhar. Talvez por isso, decidi convidá-lo para tomar um café. Eu tinha consciência de que estava desobedecendo às normas mais elementares da aspepsia judicial. Me consolei dizendo-me que fazia isso por compaixão, ou para consertar de algum modo a estúpida precipitação de Romano.

Saimos pela porta da Tucumán e topamos com um aguaceiro feroz que caía oblíquo em meio às rajadas de vento. Atravessamos, aos saltos, a rua que começava a se alagar. Morales me seguiu docilmente pelo desfiladeiro que tracei, grudado às vitrines, sob os toldos, tentando me proteger. Com a mesma mansidão, ou apatia, deixou-se conduzir até a outra quadra, atravessando a Uruguay, até um bar e até uma mesa colada à janela, e aceitou o café que pedi ao garçom com um gesto apressado. Depois, não tivemos nada a fazer.

— Que porcaria de tempo, não? — comentei, na tentativa de evitar o mutismo incômodo no qual havíamos mergulhado.

Por longo tempo Morales deixou os olhos esquecidos na calçada encharcada pelo dilúvio.

— Mandamos chamá-lo — prossegui, me sentindo na obrigação corporativa

de usar a primeira pessoa do plural, embora esse “nós” me ligasse ao filho da puta do Romano —, mas tenho que lhe dizer uma coisa.

E me calei de novo. Como começar? Talvez com um “iludimos o senhor à toa, queira desculpar”?

— Não se preocupe — respondeu Morales, finalmente olhando para mim. Em seu rosto se esboçou um leve sorriso. — Acabou de dizer.

Encarei-o, confuso.

— O “mas” — tentou esclarecer Morales. Abri a boca para responder, embora não entendesse o que o viúvo queria dizer. Ao ver minhas braçadas de naufrago, ele continuou: — O “mas”. O senhor acaba de dizer “mandamos chamá-lo, mas...”. É o suficiente. Já entendi. Se tivesse dito “mandamos chamá-lo e...” ou “mandamos chamá-lo porque...”, o sentido seria outro.

Só que o senhor não fez isso. Disse “mas”.

Morales voltou a olhar a chuva e imaginei erradamente que ele havia terminado.

— É a palavra mais canalha que eu conheço — recomeçou, mas aquilo não me pareceu uma conversa, e sim um monólogo íntimo ao qual ele dava voz por pura distração. — “Amo você, mas...”; “poderia ser, mas...”; “não é grave, mas...”; “eu tentei, mas...”. Percebe? Uma palavra de merda que serve para dinamitar aquilo que era, ou aquilo que poderia ter sido, mas não é.

Olhei o perfil daquele homem que via a chuva cair. Eu o tinha imaginado um simples rapazola de horizontes reduzidos, cujo mundo acabava de desmoronar. Mas suas palavras, e o tom em que ele as dizia, eram de um homem acostumado a caminhar pela dor. Parecia alguém preparado desde sempre para ser golpeado pela pior das derrotas.

— Isso facilita um pouco as coisas. — Embora estivesse um pouco envergonhado, eu encontrava naquela sábia melancolia a escotilha para me safar de uma estranha sensação de culpa que estava me cercando.

— Vamos, estou ouvindo. — Morales girou a cadeira para o meu lado, como se quisesse focalizar mais facilmente a atenção em mim, ou evitar que a chuva voltasse a hipnotizá-lo.

Então contei. Dessa vez não me senti obrigado a usar plurais que disfarçassem as responsabilidades de Romano e de Sicora. Que fosse para os infernos. Terminei relatando que acabara de ir à Câmara para apresentar denúncia contra os dois e que estava à espera do laudo dos legistas sobre os golpes que os pedreiros tinham sofrido.

— Coitados — disse Morales. — A confusão em que os meteram.

Falou isso num tom tão neutro, tão desprovido de emoção, que parecia estar comentando algo que lhe era totalmente alheio. Eu havia temido que Morales desaprovasse minhas ações, que se empenhasse fanaticamente em se agarrar àquela pista que Romano e o outro idiota haviam construído com a fumaça de sua própria estupidez. Agora, estava começando a entender que o rapaz era inteligente demais para encontrar consolo em qualquer história que não fosse a verdade.

— Se o pegarem, o que acontece com ele? — Morales falou sem deixar de olhar a chuva, que se transformara numa garoa tênue.

Não pude evitar que as palavras do Código me viessem à mente, com aquilo da prisão perpétua, mais a eventual pena acessória de reclusão por tempo indeterminado, aplicável a quem “matar para preparar, facilitar, consumir ou ocultar outro delito”. Acreditei entender que nenhuma verdade podia machucar aquele homem, simplesmente porque não lhe restava na alma nenhum fragmento ileso que pudesse ser ferido.

— É homicídio qualificado. Artigo 80, inciso 7 do Código Penal. Cabe perpétua.

— Prisão perpétua... — repetiu Morales, como num esforço para captar o fundo da ideia.

Notei que ele não dizia “cadeia perpétua”, como quase todo mundo que desconhece o Direito e que usa o vocabulário aprendido nos filmes. Aquele rapaz continuava me surpreendendo.

— Ficou decepcionado? — me atrevi a perguntar.

Tem haver soado insolente com uma pergunta tão pessoal. Afinal de contas, éramos dois desconhecidos. Morales voltou a me fitar com uma repentina perplexidade que me pareceu sincera.

— Não — respondeu por fim. — Acho justo.

Eu me calei. Talvez fosse minha obrigação esclarecer a ele que, mesmo que aplicassem a acessória de reclusão por tempo indeterminado prevista pelo artigo 52 do Código Penal, o assassino, se não fosse reincidente, poderia sair em liberdade condicional depois de cumprir vinte ou vinte e cinco anos. Mas tive a impressão de que isso, sim, poderia aumentar sua dor. Como mantinha a vista cravada em Morales, que por sua vez olhava a calçada, notei que de repente o rosto do meu interlocutor se ensombrecia numa expressão de contrariedade. Também olhei lá para fora. Havia parado de chover, e o sol iluminava as ruas encharcadas e refulgia nas poças, como se brilhasse pela primeira vez.

— Odeio quando isso acontece — disse Morales de repente, como se eu devesse saber o que significava “isso”. — Nunca suportei ver o sol sair depois de uma tempestade. Minha ideia de um dia de chuva é que deve chover até a noite. Que o sol nasça na manhã seguinte, tudo bem, mas assim?... Que o sol venha irromper onde ninguém o chama... Nos dias de chuva, o sol é um intruso imperdoável. — Morales se deteve um segundo e deixou entrever um sorriso ausente. — Não se preocupe. O senhor deve estar pensando que a tragédia me fundiu as ideias. Não é isso.

Eu não sabia o que responder, mas Morales, de novo, não parecia esperar uma resposta.

— Adoro os dias de chuva. Desde criança. Sempre me pareceu uma imbecilidade as pessoas falarem de “mau tempo” quando chove. Mau tempo por quê? O senhor mesmo disse alguma coisa sobre isso quando saímos de Tribunales, certo? Mas acho que só falou por falar, porque não estava nada à vontade e não sabia como preencher o silêncio. Seja como for, não importa.

Continuei calado.

— Sério. É natural. Suponho que o esquisito sou eu. Mas sinto que a chuva tem má fama imerecida. O sol... não sei. Com o sol, tudo parece fácil demais. Como nos filmes daquele cara... como se chama? Palito Ortega. Essa suposta

ingenuidade sempre me tira dos eixos. O sol tem propaganda demais, acho. E por isso me irrita que ele se intrometa nos dias de chuva. Como se o maldito simplesmente não tolerasse que, de vez em quando, quem não o venera como idólatra possa desfrutar de um dia completo.

A essa altura, eu o contempilava absorto. Era o discurso mais longo que havia escutado dele.

— Um dia perfeito, para mim, é assim — e Morales se permitiu uma mínima gesticulação com as mãos, como se esboçasse a ação de um filme que pretendesse dirigir: — Uma manhã carregada de nimbo, alguns trovões e uma boa chuva o dia todo. Não digo um aguaceiro, porque os imbecis solares se queixam duplamente se a cidade se encher de água. Não, basta uma chuvinha constante que dure até a noite. Até tarde da noite, isso sim. Para a gente poder dormir com o ruído das gotas. E, se pudermos acrescentar mais uns trovões, melhor.

Ficou um minuto em silêncio, como se recordasse alguma noite como aquela.

— Mas isto... — e torceu a boca numa careta de enfado —, isto é uma tapeação.

Por longo tempo deixei a vista cravada no rosto de Morales, que continuava voltado para a rua com expressão desapontada. Eu tendia a considerar que meu trabalho me tornara imune às emoções. Mas aquele rapaz que se esparramava na cadeira com o abandono de um espantalho, e que olhava abatido para a rua, acabava de colocar em palavras algo que eu sentia desde menino.

Foi naquele momento que tomei consciência, penso, de que Morales me recordava muito, ou demais, a mim mesmo, ou ao “mim mesmo” que eu seria se, exausto, tivesse me cansado de aparentar a segurança e a fortaleza que afivelava todas as manhãs, no instante seguinte ao despertar, como se fosse uma roupa ou, pior ainda, um disfarce. Presumo que por isso decidi ajudá-lo em tudo o que me fosse possível.

Embora soubesse que o momento de arquivar esse inquérito ia chegar, tentei adiá-lo por meio do mecanismo mais antigo e mais inútil que conhecia: apagá-lo da mente sempre que sua lembrança me assaltava. E por isso, pela futilidade de minhas resistências e pela inevitabilidade das circunstâncias, o momento chegou com uma pontualidade rigorosa, que desmontou minhas jogadinhas de negação e adiamento.

Eu estava sentado no meu canto da Secretaria, num dia de final de agosto, despachando um processo de libertação. Notei que o secretário Pérez se aproximava trazendo uma pasta. Quando a deixou cair sobre o vidro da minha escrivaninha, a papelada fez um ruído flácido.

— Deixo com você o homicídio de Palermo para suspender — disse ele, antes de voltar ao seu gabinete.

No jargão que empregávamos ali, “deixar o homicídio comigo” era pedir que eu despachasse uma resolução, o “de Palermo” aludia à zona da ocorrência porque não tínhamos detidos com cujo sobrenome pudéssemos identificá-la, e o “para suspender” tinha a ver precisamente com a resolução que Pérez me pedia que despachasse: três meses de trâmites sem achados positivos, nenhum dado para prosseguir o inquérito em qualquer direção. Assim, curto e grosso. Adeus ao caso. Mil vezes eu tinha redigido medidas como essa, ou as ordenara aos meus subordinados nos processos mais simples. Mas, ali, resistia, porque para mim não se tratava simplesmente do “homicídio de Palermo”, mas da investigação sobre a morte da mulher de Ricardo Agustín Morales, a quem eu me propusera ajudar no que pudesse. E, até aquele momento, a verdade era que havia podido muito pouco.

Afastei o processo no qual estava trabalhando e puxei para perto a pasta de capa azul.

“Liliana Emma Colotto s/homicídio.” Virei as folhas. Topei com o resultado previsível. O boletim de ocorrência da polícia, com a declaração do oficial que havia chegado em primeiro lugar à cena do crime, alertado pela vizinha dos fundos. A descrição do achado do corpo. A solicitação de perícia. A nota fazendo constar que haviam avisado ao Juizado de Instrução, ou seja, a mim.

A mim, que recebera a notícia meio adormecido sobre a ampla escrivaninha do gabinete do juiz, com o corno do Romano comemorando aos pulos ao meu lado. Os depoimentos que Báez havia colhido entre as testemunhas. As fotos da cena do crime. Passei-as rapidamente, embora acreditasse reconhecer a ponta do meu sapato muito perto da mão da vítima num dos planos oblíquos que focalizavam o cadáver a partir da direita. Virei depressa as folhas da autópsia — essas descrições me enojavam —, mas me detive em suas conclusões.

Estupro... morte por estrangulamento... e esta terceira conclusão? Semanas antes, ao receber a perícia, eu a deixara passar. Embora não parecesse possível, aquela história era capaz de multiplicar a dor para além da morte. Continuei lendo o resto do inquérito repentinamente angustiado, mas não topei com mais nenhum dado inesperado. Seguiu-se a paródia bestial de Romano e Sicora com os pedreiros: as duas folhas esquadreadas das “manifestações espontâneas” nas quais o

pulha do Sicora forjava, a porradas, a confissão dos coitados. Depois, a cópia de minha denúncia à Câmara pela coação ilegal e as perícias das lesões dos detidos.

Me lembrei de Romano, como me acontecia sempre que via sua escrivanhinha vazia. Ele tinha sido indiciado e suspenso preventivamente, logo após minha denúncia. No início eu havia temido que seus funcionários me guardassem rancor: afinal, éramos todos colegas do mesmo

Juizado. Mas minhas relações com eles prosseguiram tão cordiais que até me perguntei se, secretamente, não me agradeciam por tê-los livrado daquele ordinário. Continuei avançando, embora restassem muito poucas folhas. A remessa do inquérito do comissariado para o Juizado, os depoimentos das mesmas testemunhas em nossa Secretaria, limitando-se a ratificar o que já haviam dito. Por último, um ou outro informe pericial complementar (algo sobre o estudo das vísceras que não acrescentava nada e que, de todo modo, pulei, apreensivo).

Quando virei a última folha, li, escrita a lápis na margem, a data desse dia. Tinha sido anotada por Pérez, seguindo a orientação expressa do juiz: “Todo inquérito que chegar do comissariado sem suspeitos nem autores conhecidos deve ser suspenso em dois meses. No máximo três.” Quem dera que Fortuna tivesse sustentado esse princípio por método. Mas não, ele fazia isso simplesmente por mediocridade. Seu verdadeiro lema era “quanto menos inquéritos, melhor”. Daí a mania de arquivar o quanto antes os inquéritos sem processados, não importando se fossem furtos ou homicídios.

Imaginei o passo seguinte. Eu deveria colocar uma folha timbrada na máquina, escrever o cabeçalho de rigor e redigir uma resolução de dez linhas, determinando a suspensão do inquérito, sem processados, e recomendando à polícia que continuasse a investigação para encontrar os culpados. Isso, para manter as aparências. Na prática, era um discreto atestado de óbito para a pasta: mande-se o inquérito para o arquivo, e até nunca.

Examinei de novo toda a papelada. Verdadeiramente, não havia nada, por nenhum lado.

Embora Fortuna fosse um embromador e Pérez um intrigante, ambos estavam certos, merda.

Cheguei à autópsia e mais uma vez me detive nas conclusões. Me perguntei se Morales saberia aquilo de que eu acabava de tomar conhecimento. Imaginei que não. Pensei naquela mulher jovem e bonita. Jovem, bonita, estuprada, morta e abandonada sobre o assoalho de madeira.

Eu tinha que contar a Morales. Estava certo de que na alma daquele homem existia um imenso lugar para guardar a dor, mas não para armazenar o engano. Ainda assim, comunicarlhe aquilo e ao mesmo tempo lhe dizer que o inquérito estava morto no arquivo era cruel demais para que ele pudesse aguentar.

Da primeira gaveta da escrivanhinha, tirei uma borracha. Apaguei meticulosamente a data escrita à margem da última folha e a troquei por outra para a qual ainda faltavam três meses, com a delicadeza algo vacilante de quem imita a letra de outra pessoa. Me levantei e abandonei a pasta numa daquelas prateleiras nas quais sabia, por experiência, que ninguém iria colocar um dedo durante décadas, exceto por expressa ordem minha em contrário. Nem o juiz

nem o secretário iriam perguntar por aquele inquérito. Voltei à escrivaninha e passei um tempão mordiscando a tampa da esferográfica e pensando em qual seria a melhor maneira de explicar a Morales que, no momento em que havia sido estuprada e assassinada, sua mulher estava com quase dois meses de gravidez.

Telefone

Chaparro sabe que se arrependerá por ligar, mas, como tudo o que tem a ver com ela, a possibilidade de escutar sua voz também o atrai com força irresistível. Por isso foi avançando passo a passo, e arrependendo-se a cada momento, desde o instante em que teve a ideia até que a ouviu levantar o fone.

Começa dizendo a si mesmo que precisa esclarecer um dado específico do inquérito. Está certo dessa necessidade? Primeiro se responde que sim, porque, depois de trinta anos, muitos dados menores (datas, lugares, o encadeamento exato de certos detalhes) só conservam um registro apagado em sua memória. Mas em seguida objeta que semelhante cuidado é obsessivo, exagerado. Saber se a causa esteve inativa durante cinco meses ou durante seis é tão importante assim? Ele não está documentando uma prisão preventiva, mas narrando uma tragédia da qual teve a duvidosa honra de ser uma mistura de testemunha e protagonista. Então, tamanho rigor é desnecessário. Mas o raciocínio tão equilibrado não o subtrai à minúscula obstinação de reler a papelada. Demora dois dias, durante os quais mal consegue esboçar umas duas páginas imprestáveis, até ser capaz de confessar a si mesmo que a ideia da releitura só o cativa porque lhe dá uma desculpa cristalina e asséptica para visitar Irene.

Ela sabe — ele lhe contou — que ele está “escrevendo seu livro”. Bom. É natural que um escritor precise checar dados tão antigos. Genial. O processo está no Arquivo Geral, no subsolo do Palácio. Qual o melhor atalho para lhe facilitar o acesso à velha pasta, senão um telefonema

informal da titular do Juizado de Instrução no qual aquele velho processo tramitou? Perfeito. Ele terá a oportunidade de tomar um café com Irene e de bancar o escritor em ação. Ela gosta desse projeto no qual o vê embarcado. E fica ainda mais bonita quando fala de algo que a entusiasma.

Portanto, desculpa perfeita. Por que, então, ele fica tão nervoso e recua bem na hora de decidir ligar? Precisamente porque tudo é um pretexto. No fundo, é simples assim. Afinal, é tudo um álibi para estar perto de Irene. E Chaparro se sente morrer ante a mínima possibilidade de ficar exposto diante da mulher a quem ama.

Ele conhece o pessoal do Arquivo. A maioria entrou para o Poder Judiciário depois dele.

Caso se apresente à mesa de protocolo e peça para ver uma pasta, dificilmente irão lhe apresentar objeções. E, mesmo nesse caso, há sempre a possibilidade de pedir ao jovem García, o secretário, que telefone do Juizado para que lhe aplanem o caminho. Então, qual é o sentido de recorrer a Irene?

Nenhum, exceto ter cinco minutos a sós com ela mediante um álibi sólido atrás do qual possa se resguardar. Sem um anteparo assim, não pode. Embora queira, não consegue. Morre de terror de se incendiar das entranhas para fora, de atropelar as palavras, de começar a tiritar e a suar frio.

Sua vergonha é ridícula. Sobretudo, tratando-se de duas pessoas crescidas. Por que não dizer a ela simplesmente a verdade? Visitá-la em seu gabinete, sem pretextos, e dar a entender o que sente. São adultos. Deveriam bastar umas meias palavras, algum gesto mundano que insinue seu interesse, e Irene imaginaria o

resto.

Por que não pode fazer isso? Porque não. Por isso. Porque Chaparro vem se calando há tantos anos que prefere ser enterrado arcando sozinho com a verdade a soltar de mau jeito uma versão edulcorada, dietética, digerível do que sente por ela.

Não pode se apresentar e dizer com naturalidade: “Irene, queria que você soubesse que eu a amo com loucura há umas três décadas, com certos períodos menos violentos durante os muitos anos em que não trabalhamos juntos.”

Chaparro vagueia como um autômato pela cozinha e pela sala de jantar. Abre e fecha a geladeira cinquenta vezes. Está tão enroscado em seu dilema que, embora em quase todas as suas perambulações acabe se detendo diante da escrivãzinha, é incapaz de perceber que essas folhas esparramadas constituem, apesar de todos os seus prognósticos fatalistas, o embrião de seu bendito livro.

Olha o telefone pela centésima vez, como se o aparelho pudesse ajudá-lo a se decidir.

Subitamente dá uns passos em direção a ele e suas pulsações se aceleram. Antes mesmo de teclar os três primeiros números, já está arrependido do que vai fazer, mas segue em frente, porque está decidido a materializar seu desejo ao mesmo tempo que se arrepende de sua decisão, numa mistura de cinismo e esperança que é a marca de sua vida.

Liga para o número direto do gabinete dela. Não tem o menor interesse em que seus antigos funcionários fiquem sabendo do telefonema. Atendem no terceiro toque.

“Alô?” É a voz de Irene. Chaparro volta a se surpreender com esse quase imperceptível sinal de independência de critério na mulher a quem adora: todo mundo, assim que entra para Tribunaes, copia dos colegas a burocrática fórmula para atender ao telefone, identificando-se com um monócórdio “Juizado” ou “Secretaria”, ou, no máximo da amabilidade, acrescenta um “bom dia”. Irene não.

Desde seu primeiro dia no Poder Judiciário, ela decidiu iniciar as conversas com esse “Alô?” cálido e familiar, como se estivesse atendendo a um chamado de sua avozinha. Chaparro sabe disso porque foi seu primeiro chefe. Acabavam de promovê-lo a oficial primeiro quando

Irene entrou para a Secretaria como estagiária. Numa decisão da qual mais tarde se arrependeria um pouco, não a tratou por você quando foram apresentados. Tinha sido educado num respeito severo pelas mulheres, mesmo pelas juvenzinhas recém-saídas do secundário que se aproximassem lhe estendendo a mão e cumprimentando-o com um lacônico “muito prazer”.

Por isso, lançou a ela um “Como vai a senhorita? É um prazer tê-la conosco”. Chaparro tinha então 28 anos, dez a mais que sua nova funcionária, e estava convencido de que um chefe deve manter sempre claras as hierarquias com os subordinados. Hesitou ligeiramente ao fitá-la, porque aquela garota mirava no fundo dos olhos da pessoa, e era como se, com suas íris muito negras, encaçapasse uma pedrada certa bem nas órbitas do interlocutor. Livrou-se do apuro soltando em seguida a mão que ela lhe estendera e transferindo de imediato ao escrevente a tarefa de instruí-la em suas tarefas básicas. Como

estavam de plantão e cheios de trabalho, colocaram-na para atender ao telefone. Ao quarto ou quinto “Alô?” da nova estagiária, Chaparro achava conveniente explicar a ela, dentro do mais estrito virtuosismo tribunalício, que era infinitamente mais útil que sua expressão ao levantar o fone fosse “Secretaria 19”, em vez daquele outro cumprimento tão coloquial e doméstico, porque poupava ao interlocutor o tempo de que ele precisaria dispor para dominar a surpresa por essa excentricidade e confirmar que de fato havia ligado para um juizado. Antes mesmo de terminar sua exposição, Chaparro se sentira um idiota, embora não soubesse se era pela estupidez intrínseca de sua recomendação ou pela expressão pudicamente divertida no olhar de Irene, a qual, apesar de tudo, concordou com a cabeça umas duas vezes, como que aceitando a observação. Ainda assim, quando, três minutos depois, o telefone tocou de novo, ela atendeu com um “Alô?” tão familiar e tão escassamente jurídico quanto todos os anteriores. Não havia ousadia em sua voz. Não a animava nem o mais minúsculo desafio. Talvez por isso, Chaparro não conseguiu se aborrecer e deu o assunto por encerrado.

Irene continuou atendendo assim durante toda a vida, como neste dia de agosto, trinta anos depois do primeiro encontro dos dois, quando ele para de girar pela casa, de rondar o telefone, de pegá-lo e colocá-lo de volta no gancho vinte vezes, até que finalmente decide — ou não consegue evitar, o que em Chaparro é o principal modo como germinam as decisões profundas — ligar para o gabinete dela, e recebe esse “Alô?” que faz seu coração saltar no peito. bonita. Jovem, bonita, estuprada, morta e abandonada sobre o assoalho de madeira.

Eu tinha que contar a Morales. Estava certo de que na alma daquele homem existia um imenso lugar para guardar a dor, mas não para armazenar o engano. Ainda assim, comunicarlhe aquilo e ao mesmo tempo lhe dizer que o inquérito estava morto no arquivo era cruel demais para que ele pudesse aguentar.

Da primeira gaveta da escrivaninha, tirei uma borracha. Apaguei meticulosamente a data escrita à margem da última folha e a troquei por outra para a qual ainda faltavam três meses, com a delicadeza algo vacilante de quem imita a letra de outra pessoa. Me levantei e abandonei a pasta numa daquelas prateleiras nas quais sabia, por experiência, que ninguém iria colocar um dedo durante décadas, exceto por expressa ordem minha em contrário. Nem o juiz nem o secretário iriam perguntar por aquele inquérito. Voltei à escrivaninha e passei um tempão mordiscando a tampa da esferográfica e pensando em qual seria a melhor maneira de explicar a Morales que, no momento em que havia sido estuprada e assassinada, sua mulher estava com quase dois meses de gravidez.

Álibis e partidas

Benjamín Chaparro vai diretamente ao gabinete da juíza. Não passa pela sua Secretaria, nem pela nº 18. Está tão perturbado pela iminência de ver Irene que tem a suspeita de que, se cruzar com algum conhecido, todo mundo perceberá que o amor lhe transborda pelas orelhas. Bate duas vezes. A voz de Irene o convida a entrar. Ele principia a mostrar a cabeça com um gesto involuntário e tímido que secretamente o aborrece. Ela ilumina o rosto com um sorriso quando o vê.

— Entre, Benjamín. Venha cá.

Chaparro avança, sentindo que começa a se incendiar. Terá ficado vermelho? Olha para ela, tentando não deixar transparecer que está tão maravilhado quanto na primeira vez. Irene é alta e tem o rosto estreito. Quando jovem, era um pouco ossuda. Os anos, ou os filhos, arredondaram-na leve e proveitosamente. Cumprimentam-se com um beijo na face. Assim que se sentam, um de cada lado da ampla escrivaninha de carvalho, Chaparro solta o ar que vinha contendo desde o instante anterior ao beijo. Agora pode respirar tranquilo: como não aspirou, é possível que o perfume dela não o mantenha em suspenso nas próximas duas ou três noites.

Sorriem sem falar, meio encabulados, como se flagrassem um ao outro num ato divertido mas censurável. Chaparro retarda o momento de pronunciar suas primeiras palavras, porque a vê corar e isso o faz se sentir estranhamente feliz. Mas, quando ela o fita no fundo dos olhos, e parece interrogá-lo por trás de todos os seus álibis, ele sente que perdeu a iniciativa e que é preferível voltar ao roteiro mental que já trouxe redigido.

Conta o que necessita e, para justificar o pedido, resume um pouco a quantas anda o assunto de “seu livro”. Relata (e se entusiasma enquanto o faz) uma síntese daquela história que ela conhece apenas superficialmente, por comentários do próprio Chaparro e dos outros dinossauros do Juizado. Quando ele termina, Irene o encara, divertida.

— Quer que eu ligue para o pessoal do Arquivo?

— Se você puder... eu gostaria — diz Chaparro, engolindo em seco.

— Sem problema, Benjamín. — Ela franze ligeiramente a testa. — Mas na verdade eles o conhecem mais do que a mim.

“Merda”, pensa Chaparro. Seu álibi é tão ingênuo assim?

— O que acontece é que se trata de um processo do tempo das cavernas, sabe? — diz, sem saber mais o que falar.

— Sim, sei. Alguma vez você me contou sobre esse assunto. O inquérito chegou depois que você me mandou promovida ao Juizado 11, certo?

Haverá uma segunda intenção por trás desse “me mandou promovida”? Se houver, Irene é mais perspicaz do que Chaparro quer supor. Em 1967, mais precisamente em outubro, duas semanas depois que Irene lhe foi apresentada como estagiária, e quando Chaparro já abandonara definitivamente sua pretensão de fazê-la atender ao telefone como o Deus manda, sonhou com ela.

Acordou trêmulo. Era um homem casado, e por essa época ainda lutava para se convencer de que mantinha uma boa união com Marcela. Tentou

esquecer o assunto, mas voltou a sonhar com Irene nas cinco noites seguintes. Na última vez, a imagem dela era tão vívida, e o fulgor de sua pele nua tão convincente que Chaparro teve ímpetos de chorar quando acordou e descobriu que aquilo não havia acontecido de verdade. Nessa manhã, chegou ao Juizado e decidiu proteger sua alma do amor que começava a consumi-lo. Telefonou a todos os colegas com quem tinha certa proximidade. Disse maravilhas de uma estagiária que estava dando seus primeiros passos na Justiça, que estudava Direito e que merecia um cargo remunerado. Chaparro já era então um jovem respeitado no ambiente, provavelmente querido. Meses depois, um deles telefonou para lhe oferecer uma vaga de auxiliar “para a garota”. Chaparro interrompeu o silêncio absoluto no qual havia submergido durante todo esse tempo para lhe comunicar a boa notícia. Irene se mostrou contentíssima, e essa alegria doeu nele em algum ponto. Que ela não lamentasse sair da Secretaria significava que não deixava nada ali. Nada de que fosse ter saudade. Ele disse a si mesmo que era lógico. Irene estava noiva de um rapaz que estudava engenharia, amigo de um de seus irmãos mais velhos. Chaparro já se sentira mal perante Marcela por esse amor arrebatado que começava a consumi-lo. Saber-se não correspondido, além de infiel, fazia-o se sentir só. Convenceu-se de que era melhor assim. Arrancar pela raiz uma planta que, de todo modo, não tinha brotos nem futuro.

Isso foi em março de 1968, pouco antes de que chegasse a causa de Morales. Desde então, perdeu-a de vista. Tribunales tinha uma lógica estranha. Alguém que trabalha dois andares abaixo passa a viver em outra dimensão, ou quase. Até 1976 não teve notícias dela, mas em fevereiro desse ano Irene lhe caiu em cima como secretária: havia se formado advogada e tinha sido nomeada. Aquele também não era um bom momento para que Chaparro se atrevesse a algo. Ele era um homem livre, porque se separara de Marcela vários anos antes, mas, no dia em que voltou a ver Irene, ela transpôs a porta da Secretaria precedida por uma considerável barriga de seis meses de gravidez. Chaparro tomou conhecimento então (porque não tinha querido saber nada dela, porque sentia que assim se preservava, que se poupava da alfinetada de aceitar que ela tinha uma vida que ele estava perdendo) de que ela se casara dois anos antes com o antigo estudante, agora engenheiro, e estava esperando o primeiro filho.

Quando Irene retornou da licença-maternidade, era Chaparro quem havia partido. A ela, pareceu surpreendente que seu vice-secretário tivesse aceitado uma vaga no Juizado Federal de San Salvador de Jujuy, mas lhe explicaram a meia-voz que a sugestão partira do juiz Aguirregaray em pessoa. Embora não fosse muito informada em questões políticas, Irene identificou com facilidade a entonação atemorizada e conspiratória do comentário: evidentemente, Chaparro corria algum tipo de perigo se permanecesse em Buenos Aires no frio inverno de 1976.

Nos anos seguintes, ambos receberam notícias fragmentárias da sorte um do outro.

Chaparro soube que Irene continuara subindo os degraus do escalão: promotora em 1981, secretária de Câmara alguns anos depois. Por sua vez, ela ficou sabendo que ele voltara para Buenos Aires em 1983, quando o Processo[3]

agonizava. Chegava casado com uma juíenha de quem viria a se separar tempos depois. Esses anos, os da década de 1980, marcaram a época em que eles estiveram mais desconectados: tiveram apenas duas ou três conversas fugazes em algum encontro na rua. Irene soube que a juíenha de Chaparro se chamava Sílvia e que o casal não tinha filhos. E ele, que Irene continuava casada com o engenheiro e que suas três meninas cresciam sem sobressaltos.

Voltaram a se encontrar alguns anos mais tarde, em 1992. Chaparro já atravessara sua segunda separação havia tempo e se convencera de que o melhor modo de terminar seus dias seria numa austera solidão. Evidentemente, não havia sido feito para o casamento. Tinha mais de cinquenta anos. Talvez fosse um bom momento para renunciar às mulheres. Estava preparado para não precisar delas. Mas não para outra coisa: que no início daquele ano o juiz Alberti se aposentasse e Irene lhe surgisse nomeada como nova juíza.

Ao se encontrarem frente a frente, no mesmo gabinete onde agora estão sentados, os dois sorriram, como veteranos de uma guerra na qual todos os outros eram recrutas bisonhos. “Já nos conhecemos”, dissera Irene, sorrindo, e Chaparro sentira que os vinte e cinco anos que o separavam da sequência de sonhos que haviam sacudido sua alma até os alicerces viravam pó sem deixar vestígios. Aquela mulher não tinha direito de exibir aquele sorriso. Mas ainda era “de Arcuri”, portanto o engenheiro continuava casado com ela, e esse era o tipo de obstáculo que Chaparro não estava disposto a tentar contornar. Não àquela altura de sua vida, pelo menos. De modo que a cumprimentou com um aperto de mãos e um horrível “O que me diz, doutora?” que estabeleceu entre os dois uma distância prudente. Ela aceitou o limite e, durante os dois anos seguintes, trataram-se com reservada cortesia, embora se vissem oito ou nove horas por dia, cinco dias por semana.

Numa manhã qualquer, Irene passou, sem qualquer demora, a tratá-lo por você. Com sua naturalidade de sempre, simplesmente numa segunda-feira disse “Então, Benjamín. Preciso de sua ajuda para a libertação dos Zapata, você pode?”. Chaparro podia. E assim continuaram as coisas nos anos seguintes, até que ele lhe anunciou que ia se aposentar. A notícia a surpreendera?

O otimista incurável que habitava em Chaparro quis insinuar que o rosto dela se transformara numa careta de tristeza contida e surpresa mal dissimulada. Mas não havia motivo para isso.

Supunha-se que todo mundo no Juizado já sabia. Por que, então, o fato de ele ir embora a perturbava?

Fosse como fosse, Chaparro cortou esses devaneios pela raiz. Perguntou-se — não pôde evitar — se valia a pena confessar a verdade àquela mulher a quem amava e respondeu a si mesmo que não, que de modo algum. Declarar seu amor àquela mulher não era reconhecer que a tinha amado durante quase trinta anos? Não era confessar que havia passado a vida querendo-a de longe? Não! Podia responder sem hesitações. De fato, mal haviam compartilhado alguns períodos, naquele monte de tempo. Porém, no mais recôndito de sua alma, Chaparro sabia que nunca deixara de amá-la, e que uma mistura de acaso, bom senso e covardia sempre a tinham mantido alheia. Ele era dono de seu silêncio. Se falasse, acabaria se afundando no pântano da paixão que ela deixara perceber.

Estava decidido a evitar a Irene e a si mesmo qualquer frase no estilo de “pobre Benjamín, eu não sabia...”. Só de pensar, Chaparro sentia sua vista se nublarem de raiva e de vergonha. Que seu amor morresse com ele, mas que não se sujasse.

— Benjamín... não foi esse o processo?

Chaparro se sobressalta. Irene o encara, sorridente, interrogativa, e ele se pergunta quanto tempo terá ficado com cara de bobo. Na realidade, não pode ter sido muito. Está tão acostumado a relembrar essa história, de que ele a ama e que isso lhe dói, que pelo menos a relembra rápido.

— Sim, sim. Foi esse.

— Bom, vou ligar para lá.

Irene demora um segundo, sustentando o olhar dele, antes de procurar em sua agenda o número do Arquivo. Por fim, Chaparro sente o estômago revirar quando ela baixa os olhos para a caderneta e o telefone. Irene se comunica e cumprimenta com a familiaridade habitual, enquanto pede para falar com o diretor. Tem os olhos bem abertos, e sorri com a expressão meio absorta de quem fala com alguém sem vê-lo. Na posição em que ela está, de perfil, voltada quase inteiramente para a janela, Chaparro pode observá-la à vontade. Seja como for, se contém. Sabe por experiência que, depois de olhá-la por um instante, será dominado pela angústia de não poder arrebatá-la em seus braços e beijá-la minuciosamente e infatigavelmente.

Acaba sendo preferível olhar para outro lado.

— Pronto, Benjamín — diz ela ao desligar. — Nenhum problema. No Arquivo, até os ladrilhos o conhecem.

— É um elogio ou uma gozação pela minha velhice, doutora?

Ela fica séria. Somente seus olhos continuam sorrindo, muito de leve.

— Devo supor que, até precisar novamente de nós, você não vai dar as caras por aqui?

“Se for por precisar de você, eu não poderia sair desta sala pelo resto da minha vida.” Essa é a resposta que Chaparro daria, se tivesse coragem.

— Qualquer dia desses eu apareço, Irene — responde em voz alta, porque não tem a coragem.

Ela não responde. Levanta-se do assento, aproxima o rosto do dele e lhe dá um beijo cheio e sonoro na face esquerda. Chaparro sente a espessura dos lábios dela, o roçar levíssimo de seu cabelo, seu corpo morno tão próximo e uma maldita fragrância silvestre que lhe vai diretamente ao cérebro, à memória, ao desejo de possuí-la e a uma insônia de três noites com seus dias.

Entrar no Arquivo Geral sempre lhe causa a mesma sensação. No princípio, um efeito opressivo, como se ele estivesse penetrando num sepulcro. Mas depois, uma vez dentro dessa espécie de masmorra muda e escura, caminhar pelos corredores estreitos, ladeados por estantes gigantescas e abarrotadas de maços de papel, gera nele uma sensação incomum de segurança, de abrigo.

Alguns metros adiante vai o funcionário que lhe serve de guia. Chaparro pensa em como nos é fácil detectar a passagem do tempo na decadência física daqueles que temos ao nosso redor. Conhece este homem há... quanto? Trinta anos? Certamente ele já passou da idade de se aposentar. Manca levemente da perna esquerda. A cada passo, a sola de seu mocassim deixa sobre os ladrilhos um levíssimo eco, como de lixa. Por que ele continua trabalhando? Chaparro imagina que, depois de tantos anos vigiando essa silenciosa catacumba, na qual todos os sons morrem nas prateleiras abarrotadas, o mundo exterior deve ter se transformado, para esse homem, numa espécie de explosão trovejante, turbulenta e desagradável. Tranquiliza-o pensar que o homem talvez não esteja num cárcere, mas num refúgio.

Depois que andam um pouco, e quando Chaparro já está completamente desorientado nesse labirinto em penumbra, o velho se detém diante de uma estante exatamente igual às outras mil que ficaram para trás e levanta a vista pela primeira vez. Até então, avançou sem olhar nem uma só vez para os lados, dobrando de vez em quando à direita ou à esquerda com a séria determinação de um rato acostumado às trevas. Ergue os braços para uma prateleira que parece estar fora do seu alcance. Solta um mínimo queixume ao estirar suas juntas desgastadas. Puxa um pacote de pastas identificado por um número de cinco algarismos. Quando o captura, retoma a marcha. Chaparro o segue até o final do corredor e dobra à direita atrás dele. Se todos os corredores estão escassamente iluminados, este se encontra quase às escuras. Tanto que Chaparro se detém numa tentativa de que seus olhos se habituem à escuridão, porque teme tropeçar nas estantes, perdido neste poço de limites negros. Os passos do arquivista continuam se afastando até que param de se fazer ouvir, como se ele acabasse de penetrar num mar de névoa.

Depois de alguns segundos em que está prestes a ser tomado pela angústia súbita da solidão, Chaparro ouve um estalido distante: o velho acaba de acender um abajur pousado sobre uma mesa nua. Uma cadeira escangalhada completa o mobiliário do “cantinho de leitura” que o outro parece estar ajeitando para ele. Caminha até ali quase contente por escapar do buraco insondável do corredor.

O velho abre o pacote de processos com dois movimentos de especialista. Deixa a cordinha de sisal de lado, para poder refazer o pacote quando o visitante acabar. Separa o processo que foram buscar. Os três volumes vêm unidos por um barbante branco. Ele os empilha meticulosamente sobre o tampo e acomoda a cadeira nesse lugar.

— Aqui está. — A voz é quebrada, mais para aguda; a voz de um homem que entra decididamente na velhice. — Quando terminar, deixe as coisas como estão. Eu venho e arrumo.

— Começa a caminhar, até que se detém e se volta, como se recordasse algo: — Para sair, o senhor tem que avançar na diagonal. Em cada encruzilhada, dobre uma vez à esquerda e uma à direita, e assim por diante — explica, acompanhando suas palavras com um gesto vago dos braços. — Se ouvir ruídos, não se preocupe: são esses ratos de merda, que andam por todo canto.

Já não sabemos o que usar: veneno, armadilhas... experimentamos tudo. Todo dia, eu tiro um monte de ratos mortos. Mas a cada dia eles aumentam, não diminuem. De qualquer modo, não vão incomodá-lo. Não gostam de luz.

— Obrigado — responde Chaparro. Mas o velho já lhe deu as costas e desaparece ao dobrar no fundo do corredor.

Alfaiate

Na meticulosa costura das lombadas, Chaparro identifica a mão experiente de Pablo Sandoval; e, como a cada vez que qualquer insignificância o traz à sua memória, volta a sentir falta dele. O melhor funcionário com quem trabalhou. Rápido para aprender, redação maravilhosa, memória prodigiosa. Um momento. Como sempre que o recorda, Chaparro percebe que acaba de cometer a mesma injustiça de todas as outras vezes. Iniciou sua lembrança de Pablo Sandoval como uma evocação elogiosa ao seu melhor funcionário. E está errado. Não porque a lembrança seja enganosa. Claro que Sandoval foi o melhor colaborador com que Chaparro contou. Mas, para fazer justiça a Pablo Sandoval, convém dizer antes que ele foi um bom amigo que, além disso, era um funcionário excepcional.

Na época em que trabalhavam juntos, a única precaução que Chaparro devia tomar ao entardecer, quando Sandoval juntava suas coisas e se despedia com um “até amanhã”, era esperar uns minutos e depois se debruçar à janela da Secretaria. Se o visse atravessando a Tucumán em direção à Córdoba, tudo estava em ordem: seu funcionário se dirigia para casa, como um bom homem e marido melhor ainda. Se, ao contrário, os minutos se passassem e Sandoval não atravessasse por ali, Chaparro se preparava para o pior, porque seu auxiliar teria ido tomar um metrô que o deixasse perto dos bares sebosos de Paseo Colón, com o irrevogável propósito de encher a cara até desmaiar. O chefe então fechava a janela e telefonava à mulher de Sandoval para avisar que o marido dela ia chegar mais tarde, mas que ele iria acompanhá-lo.

Ela suspirava, agradecia e desligava.

Chaparro continuava trabalhando um tempinho, em geral até que anoitcesse. Depois saía pela portaria dos guardas, na Talcahuano, e comia alguma coisa num café da Corrientes. Antes da meia-noite, tomava um táxi até o Bajo e o fazia parar, sucessivamente, nos três ou quatro bares de sempre. Quando conseguia localizar Sandoval, dava-lhe um tapinha no ombro, mexialhe nos bolsos para ver se restava algum peso com o qual pagar as últimas taças e completava a diferença. Depois o rebocava até o táxi e rumavam para a casa de Pablo. Quando paravam em frente à porta, a esposa dele saía do saguão e se apressava a pagar ao taxista. Chaparro não insistia, porque isso seria como violar um acordo tácito com ela e com o próprio Sandoval. Por isso se limitava a carregá-lo e depositá-lo na porta do edifício, onde a esposa o rendia, a não ser que o estado do marido fosse lamentável demais e obrigasse Chaparro a levá-lo até a cama. Ela lhe sorria com tristeza e o liberava com um “mil vezes obrigada”.

No dia seguinte, Sandoval faltava ao trabalho. Mas no outro voltava, com profundas olheiras e uma cara devastada. Quando seu funcionário estava nesse ânimo sombrio, Chaparro sabia que ele não podia trabalhar como de hábito. Era inútil, como se de repente o álcool lhe tivesse apagado todas as marcas da memória e os incompreensíveis circuitos da inteligência. Então o mandava costurar processos. Sem dizer palavra, colocava sobre a escrivaninha dele a linha branca e a agulha de estofador, e o outro se encaminhava sozinho até a prateleira correspondente e começava a arquivar que era uma beleza. Com gestos de

cirurgião, com desenvoltura de artista, com solenidades de celebrante, Sandoval parecia um perfeito encadernador. Quando terminava com um processo, cada volume parecia o tomo de uma enciclopédia. Em três ou quatro dias, quando o pior de sua depressão havia passado, o próprio Sandoval se aproximava sorridente para devolver ao chefe a linha e a agulha, como se desse alta a si mesmo.

Morreu no início dos anos 1980, quando Chaparro estava em San Salvador de Jujuy. Dar um abraço na viúva e prestar a Sandoval uma homenagem póstuma constituíram impulso suficiente para que Chaparro gastasse seus magros pesos na passagem de avião, assistisse ao enterro e, sobretudo, deixasse entre parênteses por dois dias seu temor de acabar morto nas mãos de um grupo de assassinos que, para piorar, estava pesando a mão.

Agora, quando já se passaram quase vinte anos, Chaparro esquece por um momento o que foi fazer e tensiona a linha que percorre uma das lombadas. Solta-a e comprova que ela tem a firmeza exata. É como se Sandoval lhe tivesse deixado esse recado sem palavras, para que Chaparro o recorde também como um dos atores dessa história que ele agora se empenha em contar. E faz bem.

Chaparro sorri, pensando que Sandoval e seu espírito sutil teriam apreciado esse encadeamento de minúcias, esse diminuto ressuscitar, essa entrada tangencial numa homenagem merecida por parte de seu amigo e seu chefe, duas décadas depois, pelo caminho sinuoso do elogio póstumo às suas virtudes de alfaiate.

Folhas de um processo

Chaparro pega o primeiro dos volumes e o aproxima da luz do abajur. Há duas capas de cartolina, sucessivas. A de baixo, em grandes letras feitas com marcador preto, informa “Liliana Emma Colotto s/homicídio” e os dados do Juizado. Em contraposição, a outra, a externa, diz “Isidoro Antonio Gómez, homicídio qualificado, art. 80 inc. 7 do Código Penal”. Abre a pasta e, embora não repare nisso, topa com os mesmos autos policiais, as mesmas declarações testemunhais, a mesma perícia forense que ele havia revisado em agosto de 1968, quando lhe ordenaram arquivar sem processados e ele decidiu olímpicamente se fazer de bobo.

Avança algumas páginas. Embora se arrependa quase de imediato, não consegue se furtrar ao impulso de olhar de novo as fotografias da cena do crime. Trinta anos depois, Liliana Emma Colotto de Morales continua caída no chão do quarto, abandonada e desvalida, os olhos fixos e mortos muito abertos, a pele arroxeadada no pescoço. Chaparro sente o mesmo pudor que no dia do assassinato, porque recorda os olhares libidinosos dos policiais que rodeavam o corpo antes de Báez os expulsar aos berros, e não sabe se seu pudor tem a ver com esses olhares ou com a evocação de seu próprio desejo obsceno de também se entregar à contemplação daquele corpo maravilhoso que acabava de morrer.

Prossegue virando, uma por uma, as folhas da autópsia, mas não as lê, nem mesmo algumas. Com os olhos entrefechados, concentra-se no odor de velho que essas folhas soltam no ar quieto do Arquivo. Estão ali há mais de vinte anos, empilhadas umas sobre as outras, e Chaparro não consegue evitar uma imagem que o seduz desde a juventude. Imagina-se sendo uma dessas folhas. Qualquer uma. Pensa-se aguardando anos e anos, na mais completa escuridão, com o rosto grudado à folha anterior, inundado perpetuamente pela lustrosa suavidade da página contígua. Se você é uma dessas folhas — pensa Chaparro —, os passos que a intervalos de meses ou anos retumbam no corredor não servem para medir o tempo. Mal bastam para sondar a profundidade pavorosa da solidão. De repente, sem aviso, sem sintomas que anunciem o cataclismo e lhe permitam se preparar, você sente uma sacudida. Outra. Outra mais. Entontecido um súbito balanço, ligeiramente rítmico, como se alguém estivesse transferindo para algum lugar a massa uniforme de papel que o protege ou o aprisiona. De novo a quietude, mas logo vem um rumor de folhas que passam de um lado a outro. E de repente a ferida ofuscante da luz no momento que cabe a ele, ou à página que ele é, à folha em que se transformou. Não perde essa oportunidade de voltar a ver o mundo, embora a Criação esteja reduzida a um rosto, um rosto de homem, de homem maduro, de cabelo grisalho, de olhos pequenos, de nariz aquilino, que mal o contempla e em seguida vira a cabeça para a página que se segue, essa que durante anos ficou com você, contra você, pele sobre pele, letras sobre letras. E depois a mão ensombrece a superfície porque avança até o canto e levanta em sua direção essa folha vizinha, e ambas voltam a se fundir no instante exato em que a luz se extingue outra vez e você compreende que acaba de se iniciar outra eternidade de escuridão e silêncio.

Chaparro é invadido por uma absurda piedade enquanto imagina a esperança

repentina e o desengano catastrófico que suas mãos geram em cada uma das folhas, à medida que ele avança em seu percurso. Mas, quando chega à folha 208, quase no início do segundo volume, se detém porque chegou ao destino.

É um decreto de quatro linhas, datilografado em sua Remington, sem sombra de dúvida. Os “e” se levantam um pouco acima da linha formada pelas outras letras. Os “a” têm a barra cheia porque a tecla está muito gasta.

Um depoimento, falsamente datado de meados de agosto de 1968, em que Ricardo Agustín Morales manifesta ter dados relevantes para o esclarecimento do fato. Logo abaixo, um decreto assinado pelo juiz Fortuna Lacalle ordenando ampliar a declaração testemunhal do viúvo.

À folha 209, a declaração de Morales, com uma data fictícia de início de setembro. É um texto sensivelmente mais longo do que os outros, e no qual pela primeira vez aparece o nome de Isidoro Antonio Gómez. À folha 210, um novo decreto, datado de 17 de setembro, ordena enviar ofícios à Polícia Federal e à da província de Tucumán solicitando “averiguação de paradeiro e citação” do mencionado Gómez. Tudo traz as assinaturas do juiz e do secretário. A de Fortuna Lacalle é enorme, presunçosa, cheia de rebuscamentos inúteis. A de Pérez é pequena e insignificante, como seu autor.

Chaparro consulta o relógio. Sente os olhos um pouco irritados. Essa luz acesa, sozinha no meio do escuro, turvou sua visão. É quase meio-dia, e o arquivista vai ficar nervoso se não o vir sair logo. É difícil que em seu livro ele cite textualmente esses tediosos despachos judiciais. Mas lhe serviram para voltar ao clima daqueles dias. Àqueles encontros estéreos que mantinha com Morales para não desenganá-lo de uma vez, ou em todo caso para lhe dizer que o processo estava agonizando porque não havia em quem jogar a culpa. Ao calor insuportável daquele dezembro infernal.

Chaparro se levanta e arruma cuidadosamente os volumes do processo um sobre o outro.

Não apaga a luz, porque teme se desorientar por completo se percorrer esse corredor no escuro.

Refaz o caminho rumo à entrada observando o ziguezague que o funcionário lhe recomendou.

Quando falta pouco para chegar, sobressalta-se ao dobrar uma das últimas esquinas. Ali, num dos corredores estreitos, com as pernas esticadas e os olhos fixos na prateleira em frente, está sentado o velho. Chaparro sente a mesma apreensão gelada que o invadia quando o levavam à casa de sua tia Margarita, que era cega de nascença. No final da visita, ao anoitecer e enquanto os acompanhava até a porta, a tia ia apagando as luzes à medida que avançavam para a saída, para não esquecer nenhuma acesa nem “gastar eletricidade à toa”. Quando ela se despedia, estendendo a cara absorta para que ele a beijasse na bochecha, o pequeno Benjamín via a casa em trevas, atrás da anciã. A imagem de sua tia sentada, jantando, por exemplo, mergulhada no negror, ou percorrendo às apalpadelas o buraco sem fundo dos aposentos, seguia-o até que ele tomava o trem, em Floresta. E o aterrorizava.

Chaparro se despede do funcionário com um sucinto “bom-dia” e sai do Arquivo quase correndo. Sobe do subsolo ao térreo do Palácio e pouco depois se

alegra por recuperar a Buenos Aires atordoada de sol e de sons que o espera nas escadarias da Lavalle.

Três horas depois, se alguém resolvesse passar pela calçada de sua casa em Castelar, poderia escutar, no absoluto silêncio da rua, o tamborilar frenético de uma máquina de escrever, ou avistar pela janela a silhueta de Chaparro debruçado sobre a escrivaninha e sobre essas teclas que traçam os parágrafos daquilo que parece ser a segunda parte de sua história. De qualquer modo, ninguém o escuta nem o vê. A rua está deserta.

Não me atrevi a lhe dizer não, embora tivesse fundamentadas suspeitas de que iria passar um mau momento.

Morales tinha me antecipado sua decisão em nosso último encontro:

— Vou me desfazer das fotos — dissera, quando já estávamos quase nos despedindo.

Perguntei por quê, embora, ao mesmo tempo que perguntava, intuía que de qualquer forma ele iria me dizer.

— Porque não aguento ver o rosto de Liliana sem que ela possa me devolver o olhar. Mas, antes de queimá-las, gostaria de compartilhá-las com o senhor. Não sei por quê. Mostrar-lhe essas fotos talvez seja um bom modo de me despedir delas.

Eu podia ter respondido que não, que sempre odiei olhar fotografias. Mas não tive os reflexos necessários, ou estava desenvolvendo com aquele jovem uma tendência a ceder, ou me atacou a mesma inabilidade repentina de toda a minha vida para me opor aos pedidos dos outros.

O fato é que concordei.

Combinamos nos encontrar três semanas depois. Dezembro estava começando. Eu mantinha o inquérito engavetado desde agosto, e mais cedo ou mais tarde me veria obrigado a ressuscitá-lo, revisá-lo e arquivá-lo sem processar ninguém. Embora o panorama me desgostasse, o inquérito, Morales e eu mesmo (a tal ponto havia me comprometido naquele enredo) iríamos nos chocar diretamente contra uma parede de concreto. Talvez tenha sido também por isso que aceitei ver as fotos.

Saí do Juizado com o tempo justo e me apressei pela quadra e meia que me separava do bar onde sempre nos encontrávamos. Morales já tomara posse de uma mesa dupla e, com a serena atenção de um colecionador de selos, armava pilhas com as fotos que ia tirando de uma caixa de sapatos masculinos. Me aproximei dele sem pressa e, por cima de seu ombro, entrevi sua exibição de lembranças dilacerantes.

A madeira do piso estalou e Morales se voltou para me olhar. Usava uns óculos de bibliotecário e tinha uma caneta entre os lábios. Com uma careteta a modo de cumprimento, indicou que eu me sentasse em frente. Quando o fiz, notei que as pilhas de fotos estavam voltadas para o meu lado, como se se tratasse de uma exposição doméstica na qual Morales se dispunha a me servir de guia.

— Estou quase terminando — disse, enquanto tirava da caixa um último punhado de fotos e começava a distribuí-las pelas pilhas que já estavam diante de mim.

A cada vez que acomodava uma foto, pegava a caneta que segurava com a boca e marcava um dos itens de uma comprida lista numerada. Não havia a menor dúvida de que era um sujeito de escrupulosa meticulosidade. Enquanto ele ticava as últimas, notei que a lista chegava ao número 174, e temi que ficasse tardíssimo para o jantar. Me repreendi ligeiramente por não ter telefonado a Marcela antes de deixar a Secretaria. Conseguir um telefone público ao sair do

bar iria ser um calvário, mas eu não podia deixar de avisá-la sobre meu atraso. Para que acrescentar mais lenha à fogueira gelada dos nossos desencontros? Não que brigássemos. Não.

Eu diria que nem sequer brigávamos, embora só eu parecesse me ressentir dessa situação de frieza crescente.

— Vou mostrá-las em ordem. Estas primeiras — disse Morales, estendendo-me um primeiro grupo de fotografias — são de Liliana quando criança.

Notei que já então ela era linda. Ou será que eu a via assim porque recordava com nitidez suas últimas imagens, aquelas em que, em meio ao horror, sua beleza continuava teimando em abrir caminho? As fotos da menina eram as clássicas daquela época. Algumas poses no estúdio do fotógrafo. Nada de instantâneos. A melhor roupa, o penteado mais esmerado. Imaginei os pais fazendo macaquices por trás do fotógrafo para gerar aqueles sorrisos fugidios que provavelmente se tornariam confusos após cada explosão do flash.

— Estas são de Liliana já adolescente. O aniversário de quinze anos... essas coisas. Ela ainda não tinha vindo para Buenos Aires, sabe?

— Eu não sabia que sua esposa não era daqui. O senhor também não?

— Eu, sim. Cresci em Beccar. Mas Liliana é de Tucumán. Da capital, de San Miguel. Veio para cá já formada como professora, para morar com umas tias.

Notava-se que a família havia comprado uma câmera, porque as fotos já não eram tão escassas. Um grupo de garotas de maiô, acompanhadas por uma matrona de idade indefinível e aspecto rigoroso, na margem de um rio. Duas garotas com aventais brancos portando a bandeira argentina, uma delas Liliana. Um cachorro branco e peludo, pequeno, brincando com uma garota, claro que Liliana.

As fotos do aniversário de quinze anos. Algumas dessas, reproduzidas em tamanho maior.

Liliana com um vestido claro e um colar de duas voltas, maquiada de um modo meio artificial, talvez com sombra demais nas pálpebras. A foto ao lado de cada mesa do salão, com cada grupo de convidados: um grupo de velhos respeitáveis, com certeza avós e tios-avós, outra com um grupo de mocinhas, algumas destas, as mesmas da foto de maiô junto ao rio, outra com um grupo de rapazes metidos em ternos alugados ou emprestados, outra com um conjunto de meninas e menininhos, sobrinhos talvez. As fotos da valsa, na pista improvisada diante das mesas, com o pai, com o avô, com o irmão e em seguida com uma infinidade de rapazes talvez deslumbrados pela circunstância de estar momentaneamente autorizados a pousar a mão na cintura de semelhante beldade.

Um piquenique num lugar difícil de identificar, que bem podia ser Palermo, mas pela cara de Liliana, cara de dezesseis ou no máximo dezessete, ainda devia ser Tucumán, com um grupo de rapazes e moças reclinados na grama, perto de um rio ou um riacho.

— Estas são do nosso noivado — esclareceu Morales, me estendendo outra pilha. Eram poucas. Morales acrescentou, em tom de quem se desculpa: — Não são muitas. Ficamos noivos só por um ano.

A notícia me alegrou. Eu não queria passar por desatencioso, mas ansiava

por terminar o quanto antes com aquilo, e ainda faltavam muitas imagens. Tinha a mesma sensação de sempre que olhava fotografias: uma curiosidade sincera, um interesse genuíno por aquelas vidas insinuadas no silêncio perpétuo daqueles cartões lustrosos; mas também uma melancolia profunda, uma sensação de perda, de nostalgia incurável, de paraíso perdido por trás de cada um daqueles instantes minúsculos vindos do passado como cândidos passageiros clandestinos. Já estava agoniado por essa melancolia, e ainda me restava ver boa parte do conjunto. Então estendi os dedos para outra pilha, como se sair do roteiro que Morales trazia preparado me devolvesse uma liberdade que, de todo modo, me servia muito pouco.

— Essas aí são de quando Liliana se formou professora — Morales me informou sem sinais de rancor pelo que eu temera que ele visse como impertinência. — Exerceu a profissão só por um ano, antes de vir para cá.

As fotos em questão eram recentes. Os penteados das mulheres, as lapelas dos ternos dos homens, os nós das gravatas tinham um ar de “há pouco” que me parecia menos nostálgico. Viase que na família daquela moça gostavam de festejar. Sempre a mesa bem farta, algum enfeite alusivo na parede, um monte de cadeiras nos lados para instalar a multidão de amigos, familiares e vizinhos que se repetiam em cada ocasião.

Não sei por que motivo reparei naquilo em que acabei reparando. Suponho ter sido porque sempre gostei de ver as coisas um pouco de lado, como se prestasse atenção aos segundos planos.

Parei de manusear o conjunto de fotos que tinha nas mãos e fiquei contemplando por longo tempo aquela que segurava no momento. Uma Liliana exultante, arrumada num vestido claro e simples, leve, provavelmente de verão, mostrava seu diploma, de pé no meio de um círculo de moças e rapazes jovens. Ergui os olhos para Morales:

— Pode me passar de novo as fotos da festa de quinze anos? — perguntei, procurando que meu pedido soasse casual.

Morales me atendeu, embora me olhasse meio intrigado. Quando ele me estendeu as que eu havia pedido, não demorei muito para localizar a que me interessava: uma das fotos do baile, na qual Liliana posava junto de um senhor gordo, careca e sorridente, provavelmente um tio, e outra em que ela dançava com um rapaz que mal se podia ver, pois tinha o olhar sombriamente dirigido para baixo. Deixei-as no alto da pilha, a qual acomodei junto das do diploma.

— Agora, procure por favor aquelas fotos de um piquenique, numa espécie de parque com muitas árvores, que me mostrou antes. Sabe a quais me refiro?

Morales fez que sim com a cabeça. Não me disse nada, e precisamente por isso me dei conta de que ele percebia a confusa urgência de minhas palavras e não queria me distrair pedindo uma explicação para essas ordens intempestivas. Quando as tive nas mãos, selecionei velozmente duas. Eram planos amplos, que abrangiam todo o grupo.

— O que está acontecendo? — atreveu-se Morales, com voz estrangulada pela dúvida, após um longo minuto.

Eu tinha separado quatro fotos, e agora revisava as pilhas sem prestar atenção a nada que não fosse a possibilidade de encontrar de novo um rosto

repetido. Achei mais duas que me interessaram. Tinha seis nas mãos. Afastei as outras cento e sessenta e oito meio bruscamente.

Talvez devesse ter me explicado com Morales, ou pelo menos feito um gesto dando a entender que havia escutado sua pergunta. Mas minha ideia era tão repentina, e ao mesmo tempo tão ousada, que obscuramente eu temia que, se a enunciasse em voz alta, ela se desintegrasse sem remédio. Por fim, em vez de responder, fiz outra pergunta:

— Conhece este rapaz?

Falei enquanto terminava de desembaraçar a mesa com uma braçada, me arriscando a jogar todas as fotos no chão, e coloquei diante dele, meio desarrumadas pela pressa, as seis que me haviam sobressaltado.

Morales as contemplou, obediente mas perplexo. Nunca, até aquela tarde de sexta-feira, havia topado com aqueles traços, mas estava condenado a continuar vendo-os perpetuamente diante de si, mesmo que tivesse os olhos fechados. Como tudo isso iria acontecer, mas Morales ainda o ignorava, me respondeu simplesmente:

— Não.

Virei-as para mim, procurando não manchá-las com os dedos. Nas duas fotos do piquenique, um rapaz de camiseta clara, calça escura e tênis, quase na extrema esquerda do grupo, oferecia à câmera um perfil de tez muito pálida, nariz aquilino, cabelo negro e crespo. O mesmo jovem, sentado quase no escuro junto a uma mesa cheia de pratos com sobras e garrafas meio vazias, erguia os olhos para o casal que dançava a valsa, mais precisamente para aquela Liliana de longos cabelos lisos e maquiagem meio carregada que dividia o primeiro plano com um senhor mais velho. Na outra foto da mesma noite, via-se melhor o jovem com os braços rígidos, estendidos para a moça, como se quisesse e temesse tocá-la, e a vista cravada no piso e não no rosto dela, e muito menos em seu decote promissor.

A quinta era, certamente, na sala da casa dela. Diploma de professora no Centro, segurado com orgulho e sorriso ilimitados pela mesma moça das outras fotos, aqui um pouco mais velha.

Grupo de amigos (vizinhos?) ao redor da recém-formada, flanqueada por um homem e uma mulher, sem dúvida os orgulhosos pais. Nessa cena, o rapaz aparecia à direita: de novo o cabelo preto e crespo, o mesmo nariz, idêntica expressão dura, o olhar que não busca a câmera, mas a jovem cujo sorriso ilumina a foto por todos os lados.

E a última, a melhor (pela simplicidade nua com que proclamava, do fundo do silêncio congelado, a verdade que crescia ante meus olhos com dimensões de certeza): o rapaz quase de costas para a ação (que novamente repete o conjunto em torno da recém-formada, agora sem o diploma), com a vista cravada numa prateleira da parede, ao seu lado. Em cima desta, quase à altura do nariz dele, um porta-retratos cheio do rosto sorridente da mesma moça, obviamente Liliana Emma Colotto, mas com a vantagem adicional, para esse rapaz que a contempla em êxtase, de que ali sobre a prateleira ela está totalmente exposta, alheia, à mercê desse olhar absorto. Por isso o rapaz nem sequer percebe que estão tirando outra foto, com todos os amigos, familiares e vizinhos encarando a

câmera, menos ele, porque ele prefere se perder nesse culto silencioso, a salvo do olhar dos outros. Não pode saber, claro, que a mil e quinhentos quilômetros dali, e a vários anos de distância de então, outro sujeito o está vendo, enquanto ele a vê. Não pode saber que outro sujeito, que sou eu, acaba de detectá-lo quase por milagre, se quisermos pensar que é bom encontrar a verdade, ou com fatal perspicácia, se preferirmos considerar que nem sempre a verdade é o melhor porto para nossas incertezas, ou com uma sorte inadmissível, se nos limitarmos a comprovar o delicado e aparentemente casual encadeamento dos fatos.

Por um momento pensei que Morales devia estar completamente alheio à revolução mental que me consumia. Mas, quando consegui focalizar nele uma parte mínima de minha atenção, notei que remexia em sua pasta como um colegial aplicado. Tirou uma espécie de álbum de capa dura com vinhetas douradas e o abriu. Não havia fotos: as lâminas de cartolina, separadas por folhas de papel-manteiga, estavam vazias. Demorei a perceber que cada lâmina tinha várias marcas nas quais a superfície lustrosa aparecia levemente descascada, e entendi que Morales havia arrancado as fotos para armá-las nas pilhas que me havia apresentado. Mas, então, o que ele estava fazendo agora? Detalhista como ele era, me parecia difícil que estivesse conferindo se havia restado alguma foto extraviada. Passava folha por folha, com os gestos precisos de quem não quer se equivocar. O álbum era grosso. Ao chegar ao final, deteve-se numa página. Ali, o papel-manteiga divisor estava cheio de marcas sinuosas, feitas com o que parecia ser nanquim.

No pé, em um canto, havia uma lista de palavras que pareciam nomes de pessoas.

Morales ergueu os olhos para as fotos que eu acabava de lhe mostrar. Escolheu uma das do piquenique. Levantou o papel-manteiga e deslizou por baixo a fotografia. Então eu entendi, quando as marcas de nanquim se ajustaram às silhuetas da foto. Encaixavam-se perfeitamente, e cada uma tinha um número escrito. Morales apoiou o dedo sobre a silhueta que a duras penas deixava adivinhar a figura do perpétuo observador de Liliana.

— Dezenove — murmurou.

Ambos dirigimos a vista para a lista de nomes.

— Piquenique no sítio de Rosita Calamaro, em 21 de setembro de 1962. — Morales leu o cabeçalho e depois foi baixando o indicador direito até a linha que procurava. — Número dezenove: Isidoro Gómez.

Embora já a tivesse lido duas vezes, uma quando a recebeu e outra em voz alta, Delfor Colotto decidiu ler mais uma, enquanto sua mulher ia às compras, para se assegurar de que havia entendido bem. Colocou os óculos e se sentou na cadeira de balanço da varanda. Lia devagar, para não ter que se acompanhar com os lábios: estando no jardim da frente, ficaria encabulado se alguém o visse.

Ao terminar, tirou os óculos e fechou a carta nas dobras originais. Era um papel suave e muito branco, que contrastava com a lixa grossa que era a pele de suas mãos. Havia entendido tudo, apesar de seu temor inicial de se enrolar com alguma das palavras que cruzavam as duas faces com traços negros e elegantes. “Imperiosamente” era a única que o deixara em dificuldade. Fazia uma ideia do que ela podia significar, mas, para ter certeza, tinha recorrido ao dicionário que a filha deixara em casa, um santo remédio: seu genro precisava de ajuda... urgente, muita, indispensável. Daí em diante, havia entendido tudo. O genro terminava dizendo “deixo em suas mãos”, porque estava “certo de que o senhor encontrará a melhor maneira”.

Esse era o assunto espinhoso que mantivera Delfor Colotto inquieto desde a chegada da carta, dois dias antes: qual seria essa melhor maneira.

Levantou-se. Mantendo-se ali sentado, só conseguiria ficar cada vez mais ansioso. Talvez não fosse um bom plano, mas não lhe ocorria outro. Seu genro devia ter sido mais claro na carta.

Colotto sentia que ele não fora totalmente sincero. Será que o considerava pouco digno de confiança? Ou pior, pensava que o sogro, por não ter concluído a escola, era meio bobo? “Melhor não ficar matutando”, concluiu. Talvez o genro não lhe desse outros detalhes para não deixá-lo ainda mais nervoso. Nesse caso, fazia bem. Se assim, com o pouco que sabia e o muito que imaginava, já estava como louco e mal havia pregado olho em duas noites... Se soubesse mais, ou confirmasse o que temia, provavelmente fosse pior. Além disso, sempre havia simpatizado com o genro, embora isso de “sempre” ficasse meio exagerado, porque quantas vezes o tinha visto? Três, no máximo quatro. Não o conhecia tanto assim, era verdade, mas afinal de contas não era culpa do rapaz, caralho.

Pensar isso lhe deu o empurrão que faltava. Entrou na casa, foi até o quarto e, por cima da camiseta, vestiu a camisa que pendia cuidadosamente do encosto da cadeira. Meteu-a dentro da calça e apertou de novo o cinto. Saiu para a rua e caminhou até a esquina. Retribuiu o cumprimento de uns vizinhos que tomavam mate na calçada. Dezembro havia despencado com um calor infernal, e alguns buscavam respirar um pouco ao ar livre do entardecer.

Na esquina, dobrou à direita. “É no nosso mesmo quarteirão”, pensou. E se sentiu aborrecido, como que tapeado. Parou diante de uma casa parecida com a sua e com todas as outras construídas pelo plano de moradias do governo. O jardinzinho na frente, a varanda, a porta ladeada por duas janelas, o telhado americano. Bateu palmas. Dois cães chegaram correndo e latindo lá dos fundos. Uma voz de mulher que vinha do interior da casa os fez calar quase por completo. Uma senhora mais para baixinha, de pele branca e olhos claros, saiu enxugando as mãos no avental de cozinha que usava sobre a saia.

— Como vai, seu Colotto? Que surpresa ver o senhor por aqui.

— Vai-se indo, dona Clarisa. Tocando o barco.

A mulher pareceu hesitar sobre como prosseguir o diálogo.

— E como anda sua senhora? Faz tempo que não a vejo pelo bairro.

— Também vai indo, sabe? Um pouco mais recuperada. — O homem coçou a cabeça e franziu a cara.

A mulher interpretou isso como um desejo de mudar de assunto, e por isso estendeu a mão para abrir o portãozinho negro, enquanto voltava a falar:

— Mas entre, entre. Posso lhe oferecer um mate?

— Não, dona, muito obrigado — disse ele, exibindo as palmas das mãos, como se reafirmasse serenamente sua negativa. — Agradeço, mas estou só de passagem. A verdade é que eu precisava localizar seu sobrinho, o Humberto.

— Ah...

— É para um biscate. Lá no depósito municipal o supervisor me ofereceu uns trabalhos de alvenaria na casa dele, e talvez eu precise de um peão, e imaginei que o Humberto, quem sabe...—

Mas que pena, seu Colotto. Acontece que ele foi ajudar meu irmão no campo, lá para as bandas de Simoca, sabe?

— Ah, claro. — Colotto achou que o assunto estava lhe saindo bem demais. E também, de certo modo, o fato de a conversa acontecer de acordo com seus planos lhe dava mais alguma coragem, se possível. — Que pena. Eu não queria de jeito nenhum chamar alguém que a gente não conhece.

— Pois é, eu lhe agradeço, seu Delfor. Por ter se lembrado...

— E me diga, dona Clarisa... — Agora. Era agora ou nunca: — ... e o Isidoro, o que anda fazendo? Será que esse biscate não interessa a ele?

— Nãããã... — era um não agudo, longo, convicto, confiado, inocente —, o Isidoro foi para Buenos Aires já faz bem um ano, não sabia? Bom. Um ano, não. Na verdade, um pouco menos.

É que, pela saudade, a gente pensa que é mais, sabe como é?

Colotto arregalou os olhos. A mulher deve ter interpretado isso como simples surpresa.

— Deixe eu pensar. Estamos no começo de dezembro... — Ela ergueu as mãos e começou a contar nos dedos. — Faz uns dez meses que ele foi. Final de março. Achei que o senhor sabia.

Claro, eu com este reumatismo saio tão pouco...

— Claro, dona, claro. — “Falta pouco, Delfor. Controle-se, pelo amor de Deus”, pediu a si mesmo. — Eu não fazia ideia. Imaginava que ele estava aqui, trabalhando pela região.

— Não... no verão passado ele andava muito sem trabalho. Um ou outro bico, e só. Pouco, nada. Bem, eu dizia que ele não procurava direito. Ele às vezes se aborrecia, mas era verdade.

Ficava metido lá no quarto o dia inteiro, com cara enfezada, olhando o teto. Nem saía. Nem para se divertir, quero dizer. Eu perguntava o que houve, Isidorito, conte à mamãe o que houve. Mas ele, nada. Me saiu tão reservado quanto o pai, que descansa em paz, para lhe arrancar duas palavras era uma vitória, sabe como é? Então eu deixava para lá. Ele andava pela casa como um

leão enjaulado, com uma cara comprida... Até que um dia me soltou que ia para Buenos Aires, que aqui não queria saber de mais nada. No começo eu fiquei triste, sabe? Meu único filho, e tão longe: o coração da gente fica apertado. Mas ele andava tão mal, tão... como que aborrecido, sabe?, que no final quase achei bom que fosse embora.

A mulher queria continuar contando, mas tanto tempo de pé lhe cansava as articulações e a obrigava a mudar permanentemente a perna de apoio. Acabou se encostando ao pilar.

— E também, seu Delfor, todos os meses ele me manda um vale postal. Sempre. Entre isso e a pensão, estou me arranjando bem melhor, sabe?

“Falta uma”, pensou Colotto. “Só mais uma.”

— Mas que bom, dona. Fico muito contente. Imagine, do jeito como estão as coisas, conseguir trabalho fixo tão depressa...

— Pois é, claro — confirmou a mulher, entusiasmada —, é o que eu digo a ele. Você tem que ir correndo agradecer à Virgem do Milagre, Isidorito. Bem, eu digo mesmo é Isidoro, senão ele se ofende. Um milagre, como estão as coisas. Temos que ser agradecidos. Porque no começo ele foi com uma recomendação que meu cunhado conseguiu para uma gráfica, mas isso não saiu. Só que em seguida, logo, logo, apareceu um trabalho numa obra. E parece que é uma obra grande, vai durar bastante tempo.

— Não me diga... parece história de livro, não? — Colotto engoliu em seco.

— É verdade, seu Colotto, é verdade! Um edifício ali por Caballito, ele disse. Mais exatamente... Primera Junta, pode ser? Pertinho daquele trem, como se diz, o metrô. Um edifício de uns vinte andares.

Daquilo que a mulher continuou dizendo, Delfor Colotto perdeu boa parte, porque ficara pensando se devia se alegrar ou se entristecer pelo que estava averiguando. Tentou se concentrar no que a senhora dizia e deixar suas dúvidas para depois. Ela estava falando de ir a Salta para a festa do Milagre, se o reumatismo permitisse, porque era muito devota da Virgem.

— Bom, dona Clarisa. Já vou indo. — De repente, ele se lembrou de seu pretexto: — E, se a senhora vier a saber de alguém que precise desse biscate... alguém recomendável, claro.

— Não se preocupe, seu Delfor. Eu vivo metida aqui, e não sei de quase nada; mas qualquer coisa eu lhe aviso, e que Deus o abençoe.

Delfor Colotto caminhou até sua casa envolto na luz mortiça dos focos da rua, recém-acesos.

Era curioso. Dois anos antes, ele havia movido céus e terra, como presidente da Sociedade de Fomento, para que instalassem a iluminação pública. E agora isso, como o quase todo o resto, não lhe importava picas.

Entrou em casa e olhou a hora. Era tarde para ir à central telefônica. Teria que ser na manhã seguinte. Escutou um ruído de panelas. Sua mulher estava metida na cozinha. Decidiu que, por enquanto, não diria nada a ela. Tirou a camisa, enquanto se dirigia para o quarto.

Pendurou-a de novo no encosto da cadeira. Voltou a sair e se sentou na varanda. Soprava um ventinho mais fresco.

Estive com Báez dez dias depois da tarde das fotos. Fui vê-lo na Homicídios depois de marcar um encontro por telefone. Ele abriu a porta de sua sala, me fez entrar e me convidou para um café, que pediu a um faz-tudo. Como sempre me acontecia ao passar algum tempo em sua companhia, fui invadido por um respeito admirativo e incômodo.

Era um homem de expressão dura, montada num físico de armário. Mais velho do que eu... quanto? Quinze, vinte anos. Difícil calcular com exatidão, porque ele usava um bigode grosso que faria um adolescente parecer idoso. Acho que o que despertava minha admiração era sua forma serena e direta de exercer a autoridade. Eu o tinha visto muitas vezes se mover entre os outros policiais com a segurança contida de um pontífice convencido de seu direito de comandar. E eu, que já vinha havia uns dois anos como oficial primeiro do Juizado, sentia que nunca na vida iria conseguir dar uma ordem sem ter a alma em suspenso. Temia tanto que se ofendessem com minha solicitação quanto que não me obedecessem, ou que o fizessem rindo de mim pelas costas, o que era quase igualmente angustiante. Certamente, semelhantes cismas não inquietavam Báez.

Nessa tarde, porém, eu me sentia com uma leve vantagem sobre aquele homem a quem admirava. Vinha montado na euforia de minha intuição fotográfica. O que havia começado como pouco menos que uma observação estética se transformara numa pista, a única de que dispúnhamos.

Naquela época eu era incapaz de administrar minha vida com sentimentos moderados. Ou me tomava por um obscuro funcionário rotineiro e apagado que vegetava com esforço num posto adequado às próprias mediocres faculdades e aspirações, ou me via como um gênio incompreendido, desperdiçado no exercício tedioso de funções subalternas, apropriadas a espíritos menos favorecidos pela natureza. A maior parte do tempo eu passava na primeira dessas duas posições. Muito eventualmente me transferia para a segunda, à qual mais cedo ou mais tarde renunciava, arrancado desse oásis por uma decepção brutal. Eu não sabia, mas me faltavam vinte minutos para uma dessas expiações funestas que me demoliam a autoestima.

Comecei contando a Báez o episódio das fotos. Primeiro as descrevi. Logo depois as mostrei. A atenção que ele dedicava ao meu relato me agradou. Perguntou detalhes, e na maior parte das vezes consegui satisfazer sua curiosidade. Báez sempre se mostrara muito respeitoso pelo meu manejo do Direito. Em nossas conversas, nunca temia exibir lacunas em seu conhecimento dessas matérias (outro motivo para admirá-lo, eu que vivia minhas próprias ignorâncias como vergonhosas). Mas naquela ocasião eu estava me aventurando em seu próprio terreno, e tinha total impressão de que não estava fazendo isso sem critério. Quando terminei de mostrar as fotos, contei as instruções que dera ao viúvo: Morales devia escrever ao sogro pedindo que este averiguasse o atual paradeiro de Isidoro Gómez. Para que os nervos não o traissem, para que não pretendesse uma absurda vingança pessoal, o sogro deveria se limitar a obter a informação e transmiti-la a Morales, medida que se concretizou com resultados

promissores. Tão promissores, continuei relatando a Báez, que ordenei a Morales que pedisse ao pai de sua mulher uma segunda rodada de informações, agora entre outros vizinhos e possíveis amizades em comum. Para isso, nos baseamos na lista daquele famoso piquenique primaveril. Quando eu me dispunha a expor esse segundo turno de achados, que confirmavam o progressivo retraimento de Gómez, sua decisão aparentemente intempestiva de viajar para Buenos Aires e a materialização de sua vinda algumas semanas antes do assassinato, Báez me cortou com uma pergunta:

— Há quanto tempo foi a visita desse homem à mãe do suspeito?

Fiz as contas, um tanto surpreso. Ele não queria escutar as constatações que eu estava prestes a lhe revelar? Não queria saber que uns dois amigos do bairro haviam confirmado que o rapaz era, havia anos, apaixonado em segredo pela vítima?

— Dez dias, no máximo onze.

Báez olhou o telefone preto e antiquado que ficava sobre a escrivaninha. Sem aviso, levantou o fone e discou um número de três algarismos.

— Preciso que o senhor venha imediatamente para cá. Sim. Só o senhor. Obrigado — disse num murmúrio à pessoa que o atendeu.

Quando desligou, e como se eu tivesse me desintegrado, procurou com gestos rápidos nas gavetas da escrivaninha até encontrar um bloco de folhas lisas, já usado pela metade, e começou a escrever em traços esgarranchados e grandes. Parecia um médico de rosto severo, me receitando sabe-se lá qual medicamento. Se eu estivesse menos tenso, a imagem me pareceria divertida. Antes que ele terminasse, soaram duas batidas na porta e entrou um suboficial mais velho, que nos deu bom-dia e se plantou junto da escrivaninha. Em seguida Báez soltou a caneta, arrancou a folha e a estendeu ao policial.

— É isto, Leguizamón. Procure encontrar este sujeito. Anotei aqui todos os dados que podem lhe ser úteis. Se conseguir achá-lo, atenção. Ele pode ser perigoso. Traga-o detido e depois resolvemos aqui com o doutor.

Não me surpreendeu ser chamado de doutor, nem me passou pela cabeça corrigi-lo. Os policiais preferem chamar de doutores todos os funcionários judiciais com certa antiguidade, não é coisa para tomar como ofensa. E fazem bem. Não conheci nenhuma seita tão sensível aos títulos honoríficos quanto a dos advogados. Em contraposição, o que me perturbou foi a frase com que ele encerrou suas ordens.

— E seja rápido. Desconfio de que, se for quem procuramos, ele já deve ter virado fumaça.

A frase de Báez me transformou numa estátua de sal. A que se devia semelhante previsão sinistra? Aguardei, o mais contido que pude, que o suboficial se retirasse e depois perguntei, quase

berrando:

— Como assim, “virado fumaça”? Por quê? — O fatalismo dele me pegava tão desprevenido que simplesmente me agarrei às suas últimas palavras e as devolvi em forma de pergunta, embora não vislumbrasse nem de longe a natureza da objeção que eu tentava formular. Do desejo de passar por perspicaz diante de Báez não me restavam nem vestígios.

O policial, suponho que por me respeitar, tentou ser prudente.

— Veja bem, Chaparro. — Fez uma pausa, acendeu um 43/70 e afastou o cinzeiro para um lado, como se aquilo fosse um obstáculo que pudesse impedir que suas palavras me chegassem.

— Se esse sujeito for quem estamos procurando (e, pelo que o senhor me conta, é perfeitamente possível que seja), não pense que vai ser tão fácil de pegar. Ele pode ser tão filho da puta quanto quiser, mas não parece um esquentado que faça as coisas nas coxas. Há outros que sim, acredite.

Existem otários que a gente agarra fácil, porque fazem tanta besteira que só lhes falta pendurar um cartaz no peito dizendo “fui eu, me levem em cana”. Mas esse cara...

O policial se deteve um momento, como se avaliasse a dimensão intelectual do suspeito e a considerasse digna de respeito. Soltou a fumaça do cigarro pelo nariz. Aquele tabaco preto fedia.

Senti que me irritava as mucosas, mas um orgulho tihoso me impediu de tossir e de piscar como eu gostaria.

— A menina pela qual ele está perdidamente apaixonado vai embora para Buenos Aires.

Ele não pensa em segui-la. Não tem peito para isso. Ou tem, sim, mas precisa de tempo para sair de casa. — Báez armava sua hipótese enquanto falava comigo. À medida que avançava, deixava algumas lacunas para mais adiante, e em outras se detinha para dissipá-las com raciocínios certos. — Ou então, é possível que já tivesse falado com ela lá em Tucumán. E a garota, nada.

O cara deve ter morrido de vergonha pelo vexame, a ponto de querer que a terra o engolisse.

Suponho que por isso continua lá, e não a retém, não tem como, nem a segue. Vai tentar para quê?

Báez avaliava seus próprios argumentos. Por fim, continuou:

— Sim. Com certeza a paquerou, mas foi chutado como uma bola. Por isso se recolheu ao seu canto. Mas de repente fica sabendo que ela vai se casar. Não está preparado para isso, mas também não pode reagir. O que é reagir para esse rapaz? Como fazer isso? Ele deixa o tempo passar. Mas não adianta. Ele não se esquece dela. Pelo contrário. Vai acumulando rancor. Vai acumulando raiva. Começa a se sentir caloteado. Que história é essa de que “a Liliana” está para se casar com um portenho a quem mal conhece? E ele? Ficou sobrando, ele? Passa

os dias pensando nisso, como o senhor me conta. Ou como a mãe dele conta ao sujeito que o senhor mandou lá. O dia inteiro na cama, olhando para o teto. No final, toma uma decisão. No final ou no princípio? Passa os meses pensando se acaba com ela ou não, ou desde o princípio está decidido a matá-la mas demora a reunir a coragem para isso? Não tenho ideia, e duvido de que algum dia venha a ter. O fato é que, assim que o panorama lhe fica claro, ele vai e pega o Estrella del Norte para Buenos Aires.

Báez levantou o fone e bateu várias vezes no gancho. O funcionário botou a cabeça pela porta e ele pediu mais café.

— E sabe o que mais? Aposto o que não tenho como o rapaz, se for mesmo quem procuramos, se dá um tempo para se instalar. Procura uma pensão. Consegue trabalho. E logo depois se ocupa da moça. Fica uns dois dias plantado na esquina da casa dela para conhecer a rotina dos recém-casados. A rotina do lado de fora, porque a do lado de dentro ele só pode intuir, e sente um aperto nas entranhas e talvez até se pergunte se não será melhor liquidar logo com os dois. O senhor imagina o que pode sentir um sujeito ao ver outro saindo feliz, todas as manhãs, da cama da mulher que ele deseja como louco? De modo que vai até lá, na manhã da ocorrência.

Vê Morales sair, espera cinco minutos e envereda pelo corredor. A porta da rua, a geral, está aberta o tempo todo porque os pedreiros do apartamento três estão tirando entulho com o carrinho. Ah, não. Falei besteira. Nesse dia os pedreiros não foram. Então ele toca a campainha e ela atende pelo interfone. Como não vai sair para o corredor e ir abrir para ele, apesar de sua surpresa? Não é seu amigo do bairro, desde que eram crianças? Não viveram um monte de coisas juntos? É provável que, enquanto vira a chave, ela recorde, com um sutil rastro de culpa, a maneira pela qual teve que desiludi-lo quando ele se declarou, anos atrás. Claro que é estranho que ele apareça assim, sem avisar, já que nem sequer veio ao casamento, mas nem por isso ela vai deixá-lo plantado na porta. É certo que está de camisola, mas com o robe por cima, e ainda bem fechado. E é jovem. Uma mulher mais velha talvez considerasse impróprio ir abrir a porta vestida assim. Mas ela não é tão formal. Não tem motivo para ser. Quanto ao rapaz, isso pouco lhe importa. A questão é que ela abra, diga “que surpresa, Isidoro” e lhe libere a entrada, dandolhe um beijo na face. Por isso a vizinha não escuta baterem na porta do apartamento contíguo.

Porque Liliana foi abrir a porta da rua para ele, e agora o acompanha até lá dentro. Coitadinha.

Báez apagou o cigarro e pareceu não saber se acendia logo outro. Desistiu.

— Já veio decidido a estuprá-la ou foi de improviso? De novo, não faço ideia. Mas me inclino a supor que ele vem ruminando isso há tempos. Esse rapaz não faz as coisas às tontas, sem pensar. Está cobrando uma dívida. Nem mais nem menos. De modo que possui-la contra a vontade dela, ali mesmo, sobre o piso do quarto, é para saldar uma dívida antiga. E estrangulá-la com as próprias mãos é uma desforra pela desfeita, por ter sido ignorado, por ter sido deixado sozinho e triste no bairro, exposto à gozação de amigos e inimigos. Bom, aqui eu continuo supondo, mas me parece que esse tal de Isidoro não tolera que riam dele. Isso o tira dos eixos. E depois? Depois nada. Quanto pode ter demorado? Cinco, dez

minutos. Não deixou impressões digitais em lugar nenhum. Só mesmo os riscos no assoalho, ao redor do corpo da mulher, que se debateu até suas forças se esgotarem. Mas até nessas marcas ele se dá o trabalho de passar uma flanela que encontra numa prateleira, não vá ter ficado alguma impressão (não tem como saber que aqueles cavalos da Polícia Federal que vão iniciar o procedimento pisam por todos os cantos e arruinam qualquer vestígio que ele tenha deixado passar). E a maçaneta, ele não limpa porque se lembra de não ter tocado nela. Sabe por que lhe digo isso? Para o senhor ver que tipo de pessoa é esse rapaz. Na maçaneta encontramos impressões do casal Morales, no lado de dentro e no de fora. De modo que ele teve a serenidade, ou o cinismo (chame como quiser), enquanto andava com a flanela na mão, de decidir tranquilamente que lugar iria limpar: o piso ao redor do ponto onde havia violentado a pobre moça, sim; a maçaneta, que ele recordava não ter tocado, não. E sabe o que faz depois?

Báez se deteve, como se na verdade estivesse interrogando a mim, mas não era o caso. E também não estava se exibindo. Ele não desperdiçava inteligência nessas imbecilidades.

— Sabe o que me custava imaginar, quando jovem, quando me meti neste rolo de trabalhar na Homicídios? Não os atos criminosos em si. Não o ato bruto de esmagar uma vida. A isso eu me acostumei logo. Mas sim os atos posteriores ao crime. Não digo o resto da vida do assassino.

Mas digamos as duas ou três horas seguintes. Eu imaginava que todos os homicidas deviam ficar trêmulos, desesperados pelo horror de seu ato, com a memória fixada no momento de arrancar a vida de outro ser humano. — Báez resfolegou, numa espécie de risadinha, como se recordasse algo engraçado. — Mais ou menos como o rapazinho de Dostoiévski, sabe qual? Aquele de Crime e Castigo. Este, sim, sente remorsos: “Matei a velha. Como faço para continuar vivendo?” — Agora me encarou, como se de repente se lembrasse de algo. — Desculpe, Chaparro, se fiquei desagradavelmente didático. Tenho certeza de que o senhor leu esse romance. Mas é o costume de estar rodeado de bestas, sabe como é? Imagine o apatetado do Sicora, por exemplo, conversando sobre literatura. Não. Não perca seu tempo. É impossível. Mas, bom, ao que eu queria chegar é que não é tão comum isso da culpa e do remorso. Nada a ver. A gente topa com indivíduos capazes de dar um tiro na cabeça pela culpa. Mas também com outros que vão ao cinema e comem pizza. Bom. Me parece que esse rapaz pertence ao segundo grupo. Mas, como é uma terça-feira de manhã, certamente ele vai trabalhar como se não fosse nada. Caminha até a parada e toma o ônibus. Vai ver que, ao descer, compra o Crónica. Por que não?

Agora, sim, Báez acendeu outro cigarro. Um pouco antes, falei das oscilações de meu estado de espírito e escrevi que havia chegado ao encontro com o policial no auge da minha euforia. Em vinte minutos, essa euforia estava despedaçada. Mas não somente eu me sentia derrotado pelos fatos, coisa bastante habitual em mim. Também me sentia culpado. Em vez de procurar Báez assim que tive o estalo, para que ele determinasse a melhor maneira de nos aproximarmos do suspeito, tinha feito o que me dera na telha: me deixara levar pelo meu ataque de iniciativa, havia usado o pobre viúvo e seu pobre sogro como garotos de recados e os fizera pisotear o formigueiro a troco de nada.

Apesar de tudo, tentei me acalmar. Não era possível que Báez estivesse exagerando? E se Gómez fosse muito menos lúcido do que ele supunha? E se em todos aqueles meses tivesse baixado a guarda? Enfim, que provas tinha Báez para suas hipóteses? Somente aquilo que eu acabava de lhe contar.

Outra coisa: e se o tal Gómez não tivesse nada a ver? Com certo despeito infantil, desejei que a pista daquele sujeito fosse apenas uma miragem. Me levantei. Báez me imitou e apertamos as mãos.

— Suponho que amanhã teremos alguma novidade.

— Sim — respondi, talvez com uma secura desnecessária.

— Eu lhe telefono.

Saí quase aborrecido, ou pelo menos incomodado. Voltei a Tribunales caminhando. Embora fosse um sentimento mesquinho, naquele momento eu estava mais preocupado com não ficar parecendo um inútil do que com agarrar o filho da puta que havia feito aquilo, fosse Gómez ou qualquer outro foragido.

Pouco antes das sete da noite, tocou o telefone da Secretaria. Era Báez.

— Leguizamón já voltou da diligência.

— Estou ouvindo. — Era ridícula minha atitude de menino ofendido, mas eu não conseguia abandoná-la. Além disso, não estava pronto para aquele telefonema. Achava que eles iam demorar até o dia seguinte.

— Bom. Começemos com a má notícia. Isidoro Gómez desapareceu há três dias da pensão de Flores onde estava hospedado desde o final de março. Desapareceu é um modo de dizer: pagou até o último dia e foi embora sem informar seu próximo domicílio. No trabalho, a mesma coisa. Localizamos a obra: um edifício de 15 andares, na Rivadavia, em pleno Caballito. O capataz disse a Leguizamón que o moço era um fenômeno. Bem, muito calado e às vezes antipático, mas responsável, metucioso e abstmio. Uma joia. Mas um dia desses chegou de manhã e informou que ia voltar para Tucumán porque a mãe estava muito doente. O capataz pagou o proporcional da quinzena e disse que, se ele quisesse se apresentar quando voltasse, tudo bem, porque estava muito satisfeito com seu trabalho.

Fez-se um silêncio. Embora eu sentisse ímpetos de jogar longe a máquina de escrever, o porta-lápis, o processo em que estava trabalhando e o telefone, mordi os lábios e esperei.

— Enfim, o bom é que podemos pensar que talvez ele seja mesmo o cara. E que deu no pé por ter sabido que andavam atrás dele. Leguizamón me trouxe um dado ótimo: o capataz mantinha guardados os cartões de ponto do pessoal da obra. Sabe quantas vezes Gómez chegou atrasado nos oito meses em que trabalhou lá? Duas. Uma, por dez minutos. A outra, duas horas e meia. Sabe quando? No dia da ocorrência.

— Entendo — segui finalmente responder. Meu tom já não era cortante. Eu nunca tinha sido mau perdedor. — Agradeço a informação, Báez. Agora vou tratar de atualizar o processo com esses dados e depois lhe aviso quais papéis preciso que o senhor me mande.

— De acordo, Chaparro. Boa tarde.

— Boa tarde. E obrigado — acrescentei, como se completasse um desagravo.

Já ia desligando quando escutei de novo a voz do outro lado.

— Ah, uma dúvida. — O tom de Báez parecia indeciso. — Como lhe ocorreu que o suspeito poderia ser esse rapaz? Sei que a ideia lhe veio por causa das fotos, mas por que o senhor reparou especificamente nele? Vou lhe dizer uma coisa: foi uma boa sacada, Chaparro. Estou falando francamente. Talvez o senhor tenha achado o culpado, quem sabe?

Evidentemente, era um bom sujeito. Estava sendo sincero no elogio ou queria diminuir minha sensação de culpa e de ridículo? Pensei bem no que iria responder.

— Não sei, Báez. Suponho que me chamou atenção o modo como ele a olhava, aquele jeito de olhar uma mulher adorando-a de longe. Não sei — repeti. — Parece que, quando as coisas não podem ser ditas, os olhares se carregam de palavras.

Báez demorou a responder.

— Entendo. Eu não poderia ter expressado isso melhor. O senhor é bom no uso das palavras, Chaparro. Devia ser escritor, sabia?

— Não me sacaneie, Báez.

— Não estou sacaneando. Falo sério. Bom, por estes dias eu lhe telefono, quando receber seus despachos.

Desliguei o telefone, e o estalido do gancho ecoou no silêncio do Juizado. Olhei a hora. Era tardíssimo. Levantei de novo o fone e disquei o número do banco onde Morales trabalhava. Pedi ao vigia que por favor o avisasse, assim que ele chegasse de manhã, para vir urgente ao Juizado, porque precisava assinar um depoimento. O guarda prometeu dar o recado.

De novo o som do gancho. Caminhei até o arquivo em cuja prateleira mais alta havia camuflado, meses antes, o inquérito de Morales. Dei uns puxões, esticado nas pontas dos pés, e aparei o pacote de pastas que veio às minhas mãos em meio a uma explosão de poeira. Voltei à minha escrivaninha. Não examinei tudo desde o princípio. Fui diretamente ao último auto. Era do mês de junho e ordenava acrescentar ao inquérito um informe complementar da autópsia: o do exame das vísceras. Olhei o mostrador do meu relógio para verificar o calendário. Coloquei na máquina uma folha com timbre do Poder Judiciário da Nação e comeci a datilografar uma data fictícia do mês de agosto.

Eu não tinha mentido a Báez quando respondi à sua última pergunta, mas não havia dito toda a verdade. Era certo que o jeito de olhar de Gómez me chamara a atenção, e que eu o interpretara como uma mensagem silenciosa e fútil dirigida a uma mulher que não podia ou não queria entendê-la. O que eu não disse a Báez foi que, se reparei nesse jeito de olhar, era porque também havia esquadrinhado outra mulher do mesmo modo. Naquele anoitecer calorento de dezembro de 1968, como tantas vezes me acontecera depois de tê-la conhecido, um ano antes, lamentei profundamente não estar casado com ela.

“A única coisa que peço a Deus é que Sandoval não venha de ressaca hoje”, pensei naquela manhã, ao entrar no Juizado. Quase não tinha dormido na noite anterior. Não só havia voltado para casa muito tarde (o que me deixou culpado, porque Marcela me esperou acordada), mas também tinha demorado uma barbaridade para adormecer. O que aconteceria se o juiz percebesse que eu pretendia fazê-lo de idiota? Valia a pena correr semelhante risco? Os nervos me fizeram pular da cama cedíssimo. Eu devia estar com uma expressão atroz, porque minha mulher se deu conta de que algo me acontecia e me perguntou a respeito durante o café.

Hoje, trinta anos depois, recordo tudo aquilo e tenho dificuldade de me considerar o autor de semelhante plano. O que me impelia a me meter em tais apuros? Suponho que a sensação de culpa. E a incerteza: se Gómez não fosse o culpado, para que armar o barulho que eu me dispunha a provocar? Mas, se ele fosse o assassino, como eu poderia me olhar no espelho, desde aquele momento até o dia da minha morte, sem me sentir um covarde por privilegiar minha segurança e meu trabalho?

Meu problema prático não começava na busca infrutífera por Isidoro Gómez, mas antes: desde o dia em que me fingira de bobo para evitar suspender o inquérito, vários meses antes.

Naquele momento, havia pensado que, quando o culpado fosse detido, o juiz ia ficar tão satisfeito que não se aborreceria pelo inexplicável engavetamento. Pelo contrário. Uma adulação suficientemente histriônica e melosa, atribuindo a ele os méritos da captura, podia levá-lo a abandonar qualquer hesitação.

Mas agora me pegaram de surpresa. E era aí que precisava de Sandoval. Mas de um Sandoval inspirado, sagaz, rápido, intrépido. Se me coubesse o Sandoval bêbado, eu estava fodido.

Por sorte, e enquanto eu mergulhava nessas reflexões, ele entrou fresquinho como uma manhã de maio, perfumado de lavanda e radiante como o sol. Intercitei-o no caminho para sua escrivaninha e expliquei meu plano em poucas frases. Definitivamente, ele era um sujeito brilhante. Entendeu no ar. E era leal, porque, sem a menor vacilação, aceitou participar da trama.

Bem cedo, compareceu o próprio Morales. Eu o fiz assinar, na mesa de protocolo, uma ampliação de sua declaração testemunhal, não lhe dei detalhes e o despachei às pressas, dizendo que mais tarde explicaria direito o assunto. Quando, dali a pouco, o juiz Fortuna Lacalle adentrou a Secretaria, me encomendei ao Espírito Santo, recordando os artifícios de minha mãe para vencer a angústia. Como sempre, Lacalle surgia impecável. O terno escuro, a gravata sóbria combinando com o lenço no bolsinho superior, o cabelo gomalinado e penteado para trás, a cútis bronzeada. Acho que foi por observá-lo que desenvolvi minha teoria de que os estúpidos se conservam melhor fisicamente porque não são corroídos pela ansiedade existencial à qual as pessoas mais ou menos lúcidas se veem submetidas. Não tenho provas conclusivas a respeito, mas o caso de Fortuna Lacalle sempre me pareceu de uma nitidez evidentiíssima.

Ele se sentou na minha cadeira com seus modos de príncipe e puxou a caneta Parker do bolso interno do paletó. Exagerando teatralmente meus próprios gestos, comecei a empilhar pastas na escrivaninha, como se quisesse dar a entender que ele ia passar as duas ou três horas seguintes de sua vida assinando despachos e ofícios. Graças a Deus era quinta-feira, seu dia de tênis às seis, e desde as três começava a atacá-lo uma impaciência caprichosa ante qualquer eventualidade que pudesse desviá-lo de tão alto destino. Lacalle acusou o golpe. Arregalou os olhos e soltou um comentário, que pretendia ser engraçado, a respeito da rapidez com que os funcionários dessa Secretaria trabalhavam. Sorrindo, comecei a lhe passar processos para assinar, contemplando-o com floreados comentários alusivos a cada pasta. Era informação inútil, ou, digamos, redundante e supérflua, mas o magistrado era burro demais para notar que eu o estava gozando.

Foi então que Sandoval surgiu pela primeira vez por trás do arquivo que dava uma privacidade mínima à minha escrivaninha.

— E então, doutor — começou, dirigindo-se a Fortuna, num tom entre bajulador e irônico, mas suficientemente ostensivo para que o outro não se sentisse vítima, e sim cúmplice —, quando é que vamos vê-lo a bordo de um Dodge Coronado, como seu colega Molinari, hein?

O juiz o considerou com cautela. Apesar de sua imbecilidade, tinha aquele instinto de preservação que as pessoas como ele desenvolvem diante de realidades complicadas e hostis, e Sandoval com certeza fazia parte desse universo esquivo das coisas complexas. “Vai pedir que ele repita o comentário. Vai pedir que o repita”, pensei. Com um movimento rápido, peguei o inquérito de Morales. Abri-o diretamente na folha 208, que eu já havia marcado.

— Como disse, Sandoval? — Fortuna pestanejava, muito mais atento ao que meu funcionário ia lhe dizer do que à pasta que tinha diante dos olhos.

— Um decreto ordenando formar segundo volume, doutor — disse eu num murmúrio, como se não quisesse interromper com essa minúcia a conversa de que Fortuna estava pendente.

— Sim, sim — respondeu ele, sem me olhar.

— Nada, nada, doutor. — Sandoval lhe dirigiu um sorriso sonso. — Pensei que o senhor já tinha visto o doutor Molinari com seu carro novo. Não viu?

Fortuna esforçou-se para responder de maneira veloz e inteligente. Já era difícil que atingisse esses dois objetivos em separado. Conseguir ambas as coisas ao mesmo tempo, então, era simplesmente impossível, mas ele parecia disposto a tentar, e tamanho empreendimento consumia toda a sua energia intelectual. De modo que prestar atenção àquilo que estava assinando ficava fora de seu alcance. Por isso rubricou um decreto datado de 2 de julho que realmente ordenava formar segundo volume no inquérito a partir da folha 201, mas que de passagem mandava ampliar a declaração testemunhal de Ricardo Morales. Tirei a papelada de sob seu nariz assim que ele terminou a rubrica: queria evitar que, por algum milagre, ele se desse conta de estar assinando uma ordem datada de quase quatro meses antes.

— Não, não sabia... Um Coronado?

— Um Coronado, doutor. Azul elétrico... — Sandoval sorria com olhar

ausente, como que extasiado pela lembrança. — Um presente do céu. Forração em couro preto. Detalhes cromados... Sério, o senhor não viu mesmo, doutor?

— Não. Bom, na verdade faz tempo que não almoço com Abel.

“Perfeito”, pensei, “Sandoval o deixou acuado.” Meu amigo podia ser cruel com aqueles de quem não gostava, mas era brilhante o modo como exercia essa crueldade para dissolver os adversários em suas próprias fraquezas. Eu já disse à exaustão que Fortuna Lacalle era um imbecil com pretensões de jurista, mas, acima de seu amor-próprio, morria de inveja dos juizes que mereciam os cargos que exerciam. Molinari era um deles, e aquela braçada de afogado mencionando-o pelo nome de batismo, como se os unisse uma relação estreita, como se ele buscasse tornar crível uma familiaridade que não existia, confirmava que estava louco de inveja.

Decidi passar ao segundo ato: coloquei à sua frente, presa ao final de um processo qualquer, a declaração em que Morales referia suas suspeitas sobre Gómez com base em supostas cartas ameaçadoras que sua mulher, também supostamente, havia recebido antes do assassinato, enviadas pelo admirador despeitado, e que convenientemente eles tinham destruído. Eu a redigira na noite anterior, e Morales acabava de rubricá-la minutos antes.

— Esta é uma declaração testemunhal no processo de Muñoz, o de fraudes repetidas — menti. — Ah... e como anda o assunto?

“Nos ferramos”, pensei. Agora ele resolvia bancar o interessado. O que eu ia inventar?

Desde quando misturava autos de um processo com outro? E como ia justificar essa declaração saída do nada?

— O senhor continua com o Falcon, doutor? — Sandoval correu em meu auxílio.

— Sim, isso mesmo. — Fortuna respondeu num tom que pretendia ser displicente.

— Claro, claro... porque... que modelo é? 63? 64?

— É um 61. — Fortuna foi quase rude, embora tentasse suavizar a resposta. — O fato é que me deu tão bons resultados que tenho pena de me desfazer dele.

Sandoval era um artista. Mil vezes tínhamos rido, às costas do juiz, não de seu Falcon modelo 61 (afinal, Sandoval e eu pertencíamos à categoria de pedestres perpétuos), mas porque Fortuna Lacalle sofria essa circunstância como um calvário íntimo. Ele daria uma orelha por um carro novo (supondo-se que algum maluco aceitasse semelhante troca). Recebia um salário que lhe permitiria isso. Mas tanto sua mulher quanto suas duas filhas tinham hábitos cotidianos próprios de princesas consortes, de modo que o pobre Fortuna driblava a cada mês os fantasmas da falência. A cara transparente do juiz me demonstrava que ele estava enroscado na íntima enumeração de tudo o que poderia comprar se suas mulheres não padecessem desse consumo desenfreado. E o Dodge Coronado figurava, imagino, no primeiro lugar da lista.

Virei rapidamente a página. Eram os ofícios à Polícia Federal e à de Tucumán ordenando a investigação sobre Gómez, com cópia. Estavam datados de outubro e reiterados em novembro.

Eu já tinha combinado com Báez essa circunstância. Fortuna assinou-a como

se se tratasse de um vale de tinturaria.

— Outra coisa. — Sandoval estava inspirado. — Vou lhe dizer, não sei se o doutor Molinari fez bem escolhendo o Dodge. — Movia as mãos, como se hesitasse sobre a maneira de apresentar seu dilema. — O senhor, que é uma pessoa que entende do assunto, doutor... — Pareceu se decidir, como que disposto a confiar na honestidade intelectual e na sapiência do interlocutor: — ... Fica com qual? Um Dodge Coronado ou um Ford Fairlane?

“O senhor, que é uma pessoa que entende”, repeti para mim mesmo. Sandoval era um gênio. Na realidade, Fortuna não entendia: nem de carros, nem de Direito, nem de quase nada.

Mas, como tampouco entendia que não entendia, dedicou-se, entusiasmado, a ilustrar o público presente quanto às virtudes inumeráveis do Ford Forlaine e dos vícios imperdoáveis do Dodge Coronado, maneira tangencial de demonstrar, de passagem, que no fundo o doutor Molinari não era lá tão perfeito, afinal. Levou nisso quase dez minutos, aí incluído um gráfico daquilo que, segundo entendi, era a transmissão da alavanca à caixa de câmbio de um e do outro carro.

Foi maravilhoso. Quando terminou de falar besteira, ele havia assinado o aviso de recebimento da resposta policial (que Báez redigira a meu pedido e me remetera com urgência naquela mesma manhã) sobre o paradeiro desconhecido de Isidoro Antonio Gómez. Havia também rubricado o decreto que ordenava manter o pedido de averiguação de paradeiro e de citação do suspeito para prestar declaração informativa, e o conseqüente novo ofício à Polícia Federal. Sandoval, que, encostado numa estante, fingia escutar atentamente o empolgado discurso de Sua Senhoria, percebeu minha expressão de alívio e soube que a tarefa estava cumprida. No entanto, como era um espírito sensível, não quis abortar a peroração e deixou que Fortuna Lacalle se espraiasse por mais dois ou três minutos. Depois lhe agradeceu pelo precioso tempo.—

Bem, doutor, vou deixá-los, tenho que voltar ao trabalho. — E, balançando a cabeça para os lados, admirativo, acrescentou: — Puxa, o senhor entende tudo de carro, doutor.

O outro fechou os olhos e sorriu, num gesto que pretendia ser de modesta aceitação do elogio. Para atordoá-lo ainda mais, botei diante dele mais umas vinte ou vinte e cinco bobagens para assinar.

Assim que Fortuna voltou ao seu gabinete, catei os autos que havia espalhado por todas aquelas pastas e coloquei-os na de Morales, na ordem correta. Tinham a assinatura do juiz, mas faltava que o secretário os referendasse. Não seria possível aplicar a mesma estratégia. Os dois eram igualmente tontos, mas não a ponto de eu poder esticar até esse extremo a corda da minha boa sorte. Decidi confiar na essência básica de Pérez: ele era um covarde e com toda a certeza acompanharia sem chiar qualquer despacho que trouxesse a assinatura de seu chefe. De modo que lhe levei o processo naquela mesma tarde, acompanhado de outros vinte que fizera Fortuna assinar. Na verdade, podia ocorrer que ele sacasse a manobra. O que fazia semelhante número de autos, num processo como aquele, com datas escalonadas e passadas, se não fosse uma manobra pelas suas costas?

Por via das dúvidas, eu tinha uma carta na manga. Se Pérez chegasse a

duvidar de minha boa-fé, ou desconfiasse de que havia algo turvo naquele amontoado de autos fictícios nos quais Fortuna Lacalle acabava de rubricar no canto inferior, eu iria chantageá-lo sem rodeios: contaria a meio Poder Judiciário que ele estava cuidando, com invejável esmero, da horta da senhora defensora pública nº 3 no Criminal e Correccional, que não era nem sua legítima esposa nem a afetuosa mãe dos dois viçosos rapazelhos que se exibiam fotografados sobre sua escrivania.

Por sorte, não foi preciso. Pérez assinou sem reclamar em cada “ante mim” que aparecia sob a assinatura de Fortuna Lacalle, o especialista automobilístico. Quando terminei, despenquei na minha poltrona, com os nervos exaustos. Sandoval se aproximou, sorrindo, e soltou a frase filosófica que só empregava em circunstâncias excepcionais e solenes como aquela:

— Como já sustentei em repetidas ocasiões, estimado amigo Benjamín, no dia em que os babacas do mundo fizerem uma festa, esses dois recebem os outros na porta, servem as bebidas, oferecem torta, propõem o brinde e limpam as migalhas dos lábios de todos.

Nome e sobrenome

Chaparro puxa a página que acaba de redigir com energia suficiente para liberá-la do cilindro sem rasgá-la e a relê. As últimas palavras o fazem sorrir. O exercício da memória o agrada: essa frase com que encerrou o capítulo, aquela de “no dia em que os babacas fizerem uma festa”, ele a acreditara completamente esquecida. Mas agora veio à tona, junto com outro monte de lembranças de seu passado e das pessoas com quem ele conviveu no passado.

Levanta-se e repete um gesto de toda a vida: prender o septo nasal com o indicador e o polegar da mão esquerda, quase à altura dos olhos, e apertar até quase sentir uma dorzinha. Fez isso durante mais da metade da vida, ao se levantar da cadeira depois de permanecer muito tempo inclinado sobre sua escrivaninha do Juizado, e agora o repete aqui, em casa, depois de ficar horas e horas encadeando essa memória própria e alheia na qual está mergulhado.

Chaparro pensa que somos previsíveis, tosca e perpetuamente iguais a nós mesmos. Esse gesto e tantos outros nos quais nem sequer repara o acompanham desde sempre e continuarão acompanhando até que ele descanse sob a terra.

Pensa em Irene. Por que justamente agora pensa nela, depois de pensar em sua própria morte? Por acaso a associa com ela? Não. Muito pelo contrário. Irene o amarra à vida. Ela é como uma dívida que ele mantém com a vida, ou que a vida mantém com ele. Não pode morrer sentindo o que sente por ela. Como se fosse um desperdício que esse amor se desintegre e vire pó como sua carne e seus ossos.

Mas como pode arrancá-lo de dentro de si? Não há maneira. Já pensou e repensou, mas não há maneira. Uma carta? Essa opção tem o atrativo da distância, de não ver o rosto dela incrédulo, ou pior, ofendido, ou pior, compadecido, ao tomar conhecimento. Apresentar-se e dizer tudo cara a cara nem sequer figura entre as opções em que Chaparro pensa. Um amor “de gente grande” lhe soa ridículo. Mas declarar seu amor a uma mulher casada há quase trinta anos lhe parece, mais do que ridículo, ofensivo e humilhante.

O bom senso, que de vez em quando Chaparro acredita localizar dentro de seu crânio, diz que não há motivo para ser tão solene, tão definitivo. Que problema pode haver em propor um namorico a uma mulher casada? Ele não seria o primeiro nem o último a fazê-lo. E então? Mas o problema é precisamente esse. Chaparro de imediato se responde que o que ele tem a dizer a Irene não é que deseja ter com ela um namorico. O que ele tem a dizer, e que ao mesmo tempo o horroriza se ela souber, é que a deseja consigo, para sempre, em todos os lugares e em todas as horas ou quase todas, porque naufragou num tal estado de adoração que não entende a vida sem ela. Mas, quando chega a esta altura de seus pensamentos, Chaparro se detém, desanimado.

Porque, em sua fantasia, a Irene que ele imagina recebendo sua confissão desesperada adota a mesma expressão que poderia exibir ante a carta que, de todo modo, ele não vai escrever:

surpresa, ou indignação, ou pena.

E depois, o nada. Porque, depois da rejeição, não haverá lugar nem sequer para os segundos roubados à vida dela, tomando café em seu gabinete, falando

da morte da bezerra, fingindo que se trata apenas de uma simples conversa entre bons colegas — ex-colegas — de trabalho. Irene parece gostar desses encontros esporádicos. Mas, assim que ele ultrapassar a linha da decência, a ela não restará outro caminho exceto pedir que não volte a vê-la.

Chaparro, enquanto prepara o mate, se vê submerso, de repente, no mesmo desejo culpado de tantas outras vezes, embora se censure de imediato. Uma Irene repentinamente viúva... não poderia se apaixonar por ele? Nada lhe assegura semelhante coisa. Portanto, melhor deixar em paz o pobre engenheiro, que continue desfrutando de sua vida e de sua mulher, raios o partam.

Acomoda sobre o resto da pilha a última folha datilografada e aprecia a espessura. Não é pouco, para o primeiro mês de trabalho. Ou já é um mês e meio? Pode ser. O tempo passa depressa, graças a esse assunto. Uma dúvida recorrente o assalta: que título dará ao seu romance? Não sabe. Não tem a mínima ideia.

Chaparro sente que não é bom de títulos. Num primeiro momento pensou em dar um a cada capítulo, mas agora renunciou a semelhante pretensão. Se não lhe ocorre um nome para o conjunto, muito menos lhe ocorrerá para cada segmento. E já escreveu dezesseis, e faltam muitos mais.

Outra coisa o preocupa: seu nome embaixo do título. “Benjamín Miguel Chaparro”. Soa como uma patada, sob qualquer ângulo. Para começar, seus pais não notaram que a última sílaba do primeiro nome e a primeira do segundo formam uma rima redundante e desagradável? Mínmi.

Pavoroso. E, além disso, a questão dos nomes com significado. O “Benjamín”, por si só, já apresenta um problema. Benjamín não serve para toda a vida. Fica bem para um menino, para o caçula de vários irmãos. A troco de que o deram a ele, filho único? E o aspecto da idade é determinante. Uma coisa é ser um benjamín de 7 ou 8 anos, mas um benjamín de sessenta?

Ridículo. E o disparate não foi só esse. Porque é um contrassenso chamar de chaparro[4] um ser humano que se ergue um metro e oitenta e cinco acima do solo. De modo que o livro de Benjamín Chaparro (mesmo eliminando o cacofônico Miguel) pode soar, para o público desprevenido, como o livro de um jovem baixinho e parrudo. Ou será que ele é um enrolado, ao passo que as pessoas são mais simples em suas apreciações? Mas pode acontecer de algum leitor interpretar a coisa desse modo. E depois ele vai e se apresenta. E descobre-se que o benjamín chaparro é um urso de estatura respeitável e sessenta primaveras. Soa contraditório. Talvez uma solução seja assinar o romance com um pseudônimo. Não. De maneira nenhuma, responde-se de imediato. Se chegar a publicá-lo, mesmo que seja pagando do próprio bolso uma edição econômica, quer que seu nome apareça na capa, por mais ridículo que seja esse nome. O motivo é simples. Para que Irene o veja.

Assim que terminei de colocar os selos na ordem de averiguação de paradeiro de Isidoro Antonio Gómez, assim que guardei a pasta no escaninho de foragidos, assim que dei as boas notícias a Morales, me senti tão satisfeito com minha valente intervenção, e tão a salvo dos estilhaços daquela tragédia, que voltei à minha rotina de chefe justo, de marido em casa às sete, de leitura do jornal à noite, de funcionário judicial eficiente, e quase esqueci o processo.

É verdade que, dali a poucos meses, me atingiu um vestígio desagradável do assunto. Tive que depor na investigação contra Romano e o policial Sicora, pela coação ilegal contra os pedreiros. O depoimento em si foi rápido: somente ratificar minha denúncia inicial e esclarecer uns detalhes. Estranhei (não gostei) que colocassem um auxiliar para tocar esse inquérito: mau sinal, como se naquele Juizado dessem por estabelecido que a causa não iria adiante e estivessem se limitando a manter as aparências. De que precisavam para processar aqueles dois vagabundos? Tinham meu depoimento, os de uns policiais da seção e a perícia médica sobre as lesões dos dois pedreiros. Apesar da desconfiança que isso produziu em mim, resolvi esperar. O juiz era Batista, um homem que eu considerava honesto e a quem conhecia um pouco por ter trabalhado com ele em algum plantão de janeiro, durante o recesso judicial. Além disso, como já afirmei, meu impulso de compromisso virulento com todo o processo já passara.

Algum tempo depois, o próprio Batista me convocou ao seu gabinete. Me recebeu sorrindo, apertou calorosamente minha mão e, quando nos sentamos, observou que o que iria me dizer era absolutamente confidencial, e que por favor eu não divulgasse nada, porque nesse caso nós dois estaríamos pondo em risco nossos cargos. “Putá merda”, pensei. O que podia ser tão sério?

Imagino que o juiz estava agoniado, porque, depois de hesitar um momento, me vomitou a coisa toda no menor tempo possível, como se quisesse se livrar rapidamente de algo incômodo e sujo.

De modo que me informou sem atenuantes que havia recebido ordens “de cima” (e completou a imagem apontando com o indicador o teto de seu gabinete, mas querendo significar... o quê? a Câmara? a Corte? o governo?) para frear todo o assunto e suspender sem processados.

Acrescentou que não podia ser muito mais explícito, porque aparentemente aquele rapaz...

Romano, o meu colega, tinha um “pistolão”, bem no alto. Ao falar “pistolão”, Batista havia tocado o ombro esquerdo com dois dedos da mão direita. Não era nem a Câmara nem a Corte. O gesto significava inequivocamente “milico de alta patente”. De súbito me veio à memória o sogro de Romano, coronel da infantaria, e entendi. Que ingenuidade a minha, não ter levado em conta semelhante parentesco na hora de denunciá-lo. Que ótimo. Se eu precisava de algo para me encher de uma vez por todas de Onganía e seu balé, era isso.

— Quer que eu lhe conte algo mais? — perguntou Batista.

Respondi que sim, sobretudo porque o juiz tinha cara de querer contar.

— Tive que intimar esse rapaz a depor. O senhor sabe. — Fiz que sim com a

cabeça. — E, como já havia me avisado — Batista olhou para o teto —, preferi ouvi-lo eu mesmo.

“Todos somos covardes”, pensei, “é questão apenas de nos atemorizarem o suficiente”. Eu, na ratificação da denúncia, tinha prestado depoimento ante um auxiliar com cara de adolescente.

Já aquele filho da mãe, genro do coronel, o próprio magistrado era quem o ouvia, e suando sangue.

— O senhor não faz ideia, Chaparro. Que presunção. Que presunção, a desse sujeito. Entrou no gabinete como se estivesse me fazendo um favor, como se estivesse me presenteando uma parte inestimável de seu valiosíssimo tempo. Quando comecei a perguntar sobre o caso, desembestou a dizer cobras e lagartos de todo mundo que lhe deu na telha. Não tanto contra o senhor, não pense isso. Atacou sobretudo os dois coitados que havia mandado moer de pancada.

Foi um tal de negros para cá, ladrões para lá, malandros para acolá. Que deveríamos matar todos eles e fechar as fronteiras. Vou lhe dizer a verdade: a maior parte das atrocidades que ele disse, e não estou contando todas, eu não mandei constar do depoimento escrito porque nesse caso eu não teria outro remédio a não ser botá-lo em cana por defesa do crime, imagine.

A essa altura, a pergunta que se impunha era: “E por que não fez isso, doutor?” Mas não a formulei. Me arrebatava o fígado que aquele bastardo se safasse, mas afinal eu também, à minha maneira, era um acomodado e um covarde.

— E também, quando perguntei especificamente sobre os dois pedreiros, negou qualquer ligação com o fato e o assunto parou aí. O que eu também disse a ele foi que, se o processo penal fosse interrompido, era muito provável que o sumário interno ficasse incompleto, e então a Câmara de Apelações cancelaria a suspensão do trabalho que havia sido imposta a ele de ofício.

“Magnífico”, pensei, “volto a tê-lo como coleguinha”.

— Mas, para minha surpresa, ele encarou isso com total displicência e respondeu que não acreditava poder se dedicar de novo a uma atividade burocrática. Que era hora de passar à ação, porque a pátria estava em perigo, rodeada de inimigos, de ateus, de comunistas e de não sei o que mais. Então cortei a conversa, fiz com que ele assinasse o depoimento e o despachei. Não me animei a perguntar quais eram seus planos para o futuro.

A conversa com Batista me deixou um sabor amargo pela sensação de injustiça, de sinistra impunidade com que me salpicou. Mas naquele momento eu tampouco vislumbrei, nem de longe, as consequências que esses fatos iriam ter sobre a história que estou narrando e sobre minha própria vida.

Releio isso de “minha própria vida”. O que era minha própria vida em 1969? Marcela tinha me proposto, nessa época, que tivéssemos um filho. Não me perguntou. Foi como se ela extraísse, em voz alta, uma conclusão daquilo em que vinha pensando. “A gente podia ter um filho”, soltou, durante um jantar. Estávamos assistindo ao Noticiário 13. Encarei-a e percebi que ela falava sério. Me levantei e desliguei a televisão: eu sempre havia pensado que coisas assim mereciam outro clima, outra moldura. Mas algo continuava sem funcionar. Qual era o problema com ela? Por que a ideia de ser pai não me entusiasmava? “Já

temos quatro anos de casados. E no mês que vem acabaremos de pagar o apartamento”, acrescentou Marcela ao ver minha expressão.

Marcela falava com uma lógica demolidora. Tínhamos nos conhecido por meio de minha prima Elba. Ficáramos noivos por dois anos. Um crédito do Banco Hipotecario, um quarto e sala em Ramos Mejia, a lua de mel em Mar del Plata, uma baixela bonitinha do Emporio de la Loza.

O passo seguinte era o que ela estava me propondo, se é que aquela frase dita em tom aguçado podia ser considerada uma proposta. Eu era o desnortado. A razoável era ela.

Só consegui responder com algumas evasivas. Marcela respeitou essa distância. Não sei se por submissão, por frieza ou por costume. Limitou-se a dizer que eu lhe respondesse quando quisesse. Até hoje me assalta, de vez em quando, a certeza angustiante de que perdi a oportunidade de ter um filho. Estive prestes a escrever “de me transcender num filho” ou “de me perpetuar”. Ter um filho é isso? Nunca vou saber. É outra das perguntas que levarei, intactas, para o túmulo.

Se, naquele entardecer de agosto de 1969 no qual cruzei com Ricardo Morales, eu retardava a volta para casa, era sobretudo para não me ver obrigado a responder à pergunta (ou à proposta, ou à iniciativa, ou não sei como chamá-la) de minha mulher sobre “ter um filho”. Não sabia o que dizer a ela, porque antes disso não sabia o que dizer a mim mesmo. Quando sai do Juizado naquele dia, não tomei o 115 no ponto mais próximo, o que ficava na Talcahuano. Atravessei caminhando a praça Lavalle, me sentei um tempinho embaixo de uma falsa-seringueira gigantesca e, assim que o frio começou a apertar, decidi ir até a parada da avenida Córdoba.

Cheguei à estação de Once com a maré humana das sete. Isso não me preocupou, porque me servia de desculpa para deixar passarem alguns trens até poder tomar um no qual conseguisse me sentar.

Como me movia bem mais devagar do que os outros pedestres, me afastei para um lado a fim de evitar tropeções e comecei a andar bem grudado às vitrines daquelas lojinhas vulgares que povoam o terminal. Pude então me deter para olhar os cartazes escritos a mão e frequentemente cheios de horrores ortográficos, a paciência de beduíno de uns engraxates, a expressão severa de algumas putas que iniciavam sua ronda. A gente vê muitas coisas quando vai a lugar nenhum. Foi então que o vi.

Ricardo Agustín Morales estava sentado no banquinho alto e redondo de uma lanchonete, com as mãos no colo e a vista cravada na massa de passageiros que acelerava a marcha em direção à plataforma. Será que eu teria me aproximado se ele não tivesse me reconhecido primeiro, levantando um pouco a mão esquerda para me cumprimentar? Provavelmente não. Já contei que, uma vez tranquilizada minha consciência, remendada minha autoestima judicial pelo que eu considerava uma manobra audaciosa ante o juiz e o secretário, havia voltado sem remorsos às minhas rotinas simples e modestas. Ver Morales fora do contexto esperável — ou seja, fora de seu Banco Provincia ou do café da calle Tucumán — me sobressaltava, e eu quase diria que me parecia inquietante.

Mas ele me vira. Tinha erguido o braço e construído algo parecido com um sorriso. De modo que me aproximei, estendi-lhe a mão e ocupei o banquinho contíguo ao dele.

— Como vai? Quanto tempo... — cumprimentou.

Haveria alguma crítica nesse “quanto tempo”? Protestei internamente que não era justo. Eu iria convocá-lo para quê? Para lhe dizer que Gómez, o qual por outro lado bem podia ser um excelente rapaz, não aparecia em lugar nenhum, e que eu já tinha feito tudo o que estava ao meu alcance? Olhei para ele. Não. Morales não estava me criticando nada. Voltado para fora, com os pés apoiados na travessa do banquinho, o olhar quieto, o cinzeiro vazio e frio sobre o balcão às suas costas, irradiava a mesma sensação de infatigável solidão de quase todos os nossos encontros.

— Vai-se levando — respondi, com a sensação de que, fosse como fosse, ele não estava aguardando minha resposta. — E o senhor? — Pelo menos era cômodo que a conversa seguisse por esses formalismos coloquiais, vazios mas

seguros.

— Nada de novo. — Pestanejou, virou-se um pouco para trás, comprovou que havia terminado o café e voltou a dar as costas ao balcão. Olhou o relógio engordurado que pendia da parede em frente. — Me falta meia hora, e termino.

Vi que eram sete e meia. Que tarefa ele pensava concluir quando fossem oito horas?

— Aquele policial tinha razão — comentou, depois de um longo silêncio. — O cara não voltou a Tucumán. Meu sogro tem certeza.

Morales falava com a naturalidade de uma conversa nunca interrompida, daquelas em que não é preciso citar nomes porque os interlocutores sabem perfeitamente de quem se trata.

“Aquele policial” era Báez, “meu sogro” era o pai da defunta, “o cara que não voltou a Tucumán” era Gómez.

— Às quintas-feiras venho para cá. Às segundas e às quartas, Constitución. Terças e sextas, Retiro. — De vez em quando ele acompanhava com o olhar algum transeunte. — Este mês é assim. Em maio, mudo. Todos os meses eu mudo.

Dos alto-falantes brotou uma voz áspera, que arrastava as palavras e comia os esses, para anunciar a partida iminente do expresso das dezenove e quarenta para Morón, saindo da plataforma quatro. Embora eu não pretendesse tomá-lo — não queria viajar em pé —, isso me pareceu uma desculpa oportuna para me levantar e fazer menção de me despedir. Fui detido pela voz de Morales, que de novo atacou seu tema sem qualquer rodeio.

— No dia em que ele a matou, Liliana tinha me preparado chá com limão. — Notei que agora o viúvo conjugava no singular o verbo matar: já não era “eles a mataram”, porque o assassino, em sua cabeça, tinha cara e tinha nome. — E me disse: “O café lhe faz mal, você tem que tomar menos.” Eu gostava do jeito como ela cuidava de mim.

Desconfiei de que não só ia perder o trem local para Castelar, que sairia dentro de dez minutos, como também mais alguns.

— Aliás, se o senhor a tivesse visto... — Olhou fixamente um cara baixinho e jovem que passou diante da vidraça, mas o descartou em seguida e procurou outro possível alvo. — Meu pai, sempre que via na televisão algum desfile de moda, algum concurso de beleza, dizia que as moças, para podermos determinar se eram realmente bonitas, tinham que ser vistas ao se levantarem de manhã, sem maquiagem. Eu nunca disse a ela, mas a cada manhã a primeira coisa que fazia ao acordar era olhá-la para comprovar a teoria do meu velho. Sabe que ele tinha razão? Pelo menos no caso de Liliana.

A voz horrorosa do alto-falante anunciou o trem parador das cinco para as oito para Castelar. Recordei as feições da mulher e pensei que o viúvo não exagerava quanto à beleza dela.

Eu estava atrasadíssimo, mas já não tinha vontade de me levantar. Pelo menos, não até poder dar nome à emoção que eu sentia se formar dentro de mim. Compaixão? Tristeza? Não. Era outra coisa, mas eu não conseguia defini-la.

— Sabe o que é o pior de tudo?

Olhei para ele. Não soube o que dizer.

— Que estou começando a esquecê-la.

Sua voz tremia. Não cometi a loucura de interrompê-lo.

— Penso, penso e penso nela o dia inteiro. Acordo à noite e me levanto de manhã lembrando-me dela. Mas acabo tendendo a lembrar sempre as mesmas coisas. As mesmas imagens. O que é que eu lembro, então? Ela ou a lembrança que construí neste ano e tanto depois de sua morte?

Coitado. Por que eu não podia avançar, em minha reflexão, além desse “coitado” que era como uma etiqueta sem valor?

— Pensei em me matar, sabe? Às vezes me levanto de manhã e me pergunto para que caralho estou vivo.

A essa altura eu já me perguntava para que eu próprio estava vivo. O que podia responder a ele? Mas, ao mesmo tempo, podia ficar calado diante de semelhante confissão, de semelhante angústia? Então disse a primeira coisa que me ocorreu, ou a única:

— Talvez o senhor continue vivo para agarrar o filho da puta que a matou...

— Reconsiderei e me senti obrigado a acrescentar, como que para me distanciar da fanática certeza dele: — ... seja Gómez ou seja outro.

Morales considerou minha resposta. Por hábito, ou por método, continuava olhando as pessoas que passavam rumo às plataformas. Finalmente respondeu:

— Penso que sim. Penso que é por isso.

Silenciou. Eu também. Se sua pesquisa pessoal pelo menos o mantinha com vida, já era alguma coisa. De todo modo, seu esforço estava derrotado de antemão. Se Gómez fosse inocente, não haveria maneira de incriminá-lo. E, se fosse o assassino, me parecia muito difícil que um dia pudessemos detê-lo. O sujeito sabia que era procurado, e também que nesse mar de gente era quase impossível achá-lo. Vendo-se a coisa dessa maneira, a determinada vigilância de Ricardo Agustín Morales nos terminais de trens era de uma ingenuidade comovente.

— Continua morando em Palermo? — perguntei, quase só para dizer algo.

— Não. O apartamento eu mantive, mas moro numa pensão de San Telmo. Fica mais perto do trabalho e de... disto — acrescentou, como se tivesse dificuldade de dar um nome àquela caçada extravagante.

Me despedi, dizendo que lhe telefonaria se tivesse qualquer novidade. Enquanto apertava minha mão, ele olhou o relógio e viu que também era sua hora. Puxou uma cédula amassada e a deixou em cima do balcão. Saímos juntos, mas, poucos passos adiante, ele me deu a entender que iria para o lado contrário. Trocamos outro aperto de mãos.

Me aproximei das plataformas. Um guarda picotou minha passagem no acesso. Estava para sair outro trem: Flores, Liniers, Morón, depois parando em todas as estações. Não restavam assentos livres. Mesmo assim, entrei. Acabava de decidir que precisava chegar o quanto antes à minha casa. Embora não totalmente, eu tinha conseguido dar um nome àquilo que havia sentido enquanto escutava Morales falar.

Era inveja. O amor que aquele homem tinha vivido me despertava uma enorme inveja, acima da piedade provocada pela tragédia na qual o amor

acabara naufragando. Agarrado de mau jeito a uma das argolas brancas que pendiam sobre o corredor e me balançando com o movimento do trem, eu soube que ia caminhar até minha casa, ia dizer a Marcela que precisávamos conversar e ia lhe comunicar minha decisão de me separar dela. Provavelmente, Marcela me olharia assombrada. Sem dúvida, tal programa escaparia absolutamente ao encadeamento lógico das etapas nas quais ela havia planejado sua vida. Eu ia lamentar isso, porque nunca me agradou magoar os outros, mas acabava de entender que lhe faria mais mal ficando com ela.

Quando cheguei, Marcela me esperava com a mesa posta. Conversamos até as duas da manhã. No dia seguinte, arrumei umas coisas em duas malas e fui procurar uma pensão, mas tomando o cuidado de que não fosse em San Telmo.

Mais de dois anos e meio transcorreram até as 16h45 da segunda-feira 23 de abril de 1972, quando as portas do trem parado na plataforma dois da estação de Villa Luro, acionadas pelo guarda Saturnino Petrucci, se fecharam nas incrédulas fuças de uma senhora madura e gorda.

Projetando meio corpo para fora do vagão, o guarda acariciou o botão com o letreiro de “campainha”. Em vez disso, acabou apertando o de “abrir”. Todas as portas da composição voltaram a se escancarar com um chiado pneumático e a mulher, alvoroçada, deu um pulinho da plataforma para o vagão e desabou imediatamente num assento vazio.

O guarda Saturnino Petrucci — uniforme cinza, frondoso bigode semigrinalho, barriga considerável — se alegrou por não ter sucumbido à crueldade gratuita de deixar a gorda plantada na plataforma. Como era que lhe havia passado pela mente executar semelhante canalhice? A resposta era vergonhosa, mas claríssima. A ideia lhe ocorrera como um modo de se vingar. Não da gorda, a quem não conhecia, mas do mundo em geral. Desejava se vingar do mundo porque o culpava pelo humor lúgubre em que estava desde a tarde do dia anterior, domingo, para ser mais preciso. E seu humor lúgubre se devia, nem mais nem menos, a uma nova derrota do Racing Club de Avellaneda. Ou seja, estivera a ponto de estragar a tarde de uma pobre mulher por causa do futebol. O bendito, o maldito, o eterno assunto do futebol.

Petrucci se sentia um idiota por se amargar em consequência dos resultados do seu time.

Mas se sentir um idiota não lhe solucionava a amargura. Quase pelo contrário: se sentir idiota lhe ensombrecia ainda mais o ânimo. Uma dor enorme, que ainda por cima fosse ilegítima, suja, imerecida, era demais para carregar sobre seus amplos ombros de torcedor calejado. Nunca iriam voltar os bons anos de sua juventude, nos quais o Racing se cansara de ganhar campeonatos? Ele se considerava um homem paciente e agradecido. Não queria ser como aqueles espectadores insuportáveis que exigem vitória após vitória para se sentirem plenos. A ele, bastava muito menos. Mas até a “equipe de José” começava a se transformar numa lembrança.

Quantos anos desde o gol de Cárdenas e a Copa do Mundo? Cinco. Cinco longos anos. E se transcorressem outros cinco? E se passassem outros dez sem que o Racing saísse campeão? Santo Deus. Não queria nem pensar nessa hipótese, como se fosse um modo de invocar os maus espíritos.

A segunda-feira havia começado com todos os ornamentos da derrota: as manchetes do jornal, as gozações no Posto de Guardas, o olhar zombeteiro de uns maquinistas. Era essa cólera contida, lentamente destilada, que quase havia transformado a gorda em sua vítima. Olhou pelo vidro da porta. Entregaria esta composição na Once e voltaria num expresso. Fez um muxoxo.

Havia conseguido a dose de serenidade suficiente para livrar a mulher de sua vingança inútil, mas a disposição tormentosa continuava nele. Não queria voltar para casa ainda furioso, porque era um bom pai e um bom marido. Optou então por extinguir a raiva da maneira mais honesta que conhecia: perseguindo

passageiros penetras.

Com um gesto rápido, puxou do cinto a perfuradora e, anunciando “Bilhetes, passes e permanentees”, com um ligeiro agudo no final, dirigiu-se aos escassos ocupantes do vagão onde estava. Conhecedor de seu ofício, relanceou rapidamente os homens. Difícilmente as mulheres viajavam sem passagem. Não havia mais de seis ou sete varões, dispersos pelos assentos de napa sintética verde. Alguns levaram a mão ao bolso. Dois, porém, se levantaram e começaram a caminhar pelo corredor rumo ao vagão seguinte. Sem se apressar, o guarda picotou o bilhete de papel-cartão branco e alaranjado de uma jovem mãe. Não precisou seguir os fúgitivos com o olhar. Um simples golpe de vista lhe revelou que um deles usava um casaco de couro. O outro, um baixinho de cabelo preto, vestia uma jaqueta esportiva azul. O trem estava reduzindo a marcha. Petrucci agradeceu a um velho que lhe estendera o permanente e se aproximou das portas. Inseriu a chave no painel e acionou o botão de “abrir”. Desceu para a plataforma. A única coisa que o interessava na estação Floresta era localizar os dois penetras que haviam disparado como ratazanas. Logo identificou um: o do casaco de couro acabava de desembarcar, fazer cara de inocente e se encostar numa árvore. Petrucci o favoreceu com sua indulgência. Bastava que o cara tivesse saído do seu trem. E o outro? O baixinho de jaqueta azul, onde estava? Petrucci sentiu que a fúria que havia incubado durante todo o dia novamente o assaltava. O baixinho queria bancar o esperto? Não achava suficientemente temível sua estampa feroz de guarda experiente? Sentia-se a salvo simplesmente por ter mudado de vagão? Achava que ele era um babaca? Perfeito.

Fechou as portas, apertou “campainha”, esperou que o trem arrancasse e soltou a porta que mantinha travada com o pé. Depois guardou no bolso a picotadeira de bilhetes e a chave de controle das portas. Intuíu que seria preferível ter as mãos livres. Iniciou a marcha pelo corredor, oscilando levemente com o movimento do veículo. Não se deteve no vagão contíguo: com uma olhada, tinha percebido que o candidato não estava nesse. Passou ao outro: também não. Sorriu.

O idiota havia se metido no último. A porta interna rangeu quando ele a abriu de repente. Lá estava: sentado à esquerda, fazendo-se de desentendido, olhando pela janela como se nada tivesse acontecido. Petrucci caminhou inflando o peito e balançando os ombros. Parou ao lado dele e murmurou com voz grave:

— Bilhete.

Por que o panaca se empenhava em fazê-lo de bobo? De que lhe serviam aquela cara de assombro, de sobressalto repentino, aqueles gestos de proco num bolso, proco no outro, banco o contrariado porque não o encontro, estalo a língua para me fingir preocupado? Achava que ele, o guarda, não o tinha visto escapular do quinto vagão antes de Floresta?

— Não estou encontrando, senhor.

“Senhor é o caralho”, pensou Petrucci. Observou-o com ternura e disse, em tom de pai severo:— Vou ter que lhe cobrar a multa, garoto.

E então aconteceu algo. Bom, na realidade, sempre acontecem coisas. “Aconteceu algo” significa aqui que a conduta seguinte de um dos envolvidos na discussão trouxe consequências fundamentais para o que se tenta contar neste

livro. O jovem se levantou, empinou o tronco, franziu as sobrancelhas e falou mirando bem nos olhos do guarda:

— Então, vai ter que cobrar na casa do cacete, gordo de merda. Porque eu não tenho um centavo.

Petrucci se surpreendeu, mas sua surpresa chegou revestida de alegria. Aquele jovem lhe caía do céu. A gloriosa Academia tinha sido derrotada na véspera. Seus conhecidos haviam curtido com sua cara durante boa parte do dia. Mas aquele jovem impertinente e desbocado lhe dava a possibilidade de arejar os obscuros sentimentos que o vinham dominando. Estendeu um braço e o apoiou com firmeza no ombro do rapaz:

— Não se faça de sabido. Agora você desce comigo em Flores e veremos como se arranja para pagar, seu anão.

— Anão é a boceta da sua mãe.

O jovem falou encarando-o com raiva. Mais tarde, Petrucci diria ter sido atacado de surpresa, o que não era totalmente verdade. O guarda palpitava, intuíva, quase desejava que o outro armasse confusão. Mas o soco que o pirralho lhe deu foi tão veloz e tão bem dirigido que o atingiu em pleno nariz e o cegou por um instante. O rapaz sacudiu um pouco a mão dolorida, na qual os médicos diagnosticariam depois uma fratura de metacarpo. Fez uma ligeira contorção a fim de sair para o corredor e se esquivar do volumoso corpo do guarda. Mas, quando quase já tinha conseguido, sentiu que uma mão brutal o segurava pela gola da jaqueta e o colocava rapidamente de costas para o corredor. Em seguida percebeu que outra mão o agarrava por trás, pelo cinto, e ambas o levantavam no ar. Por último, viu-se lançado contra a moldura de alumínio da janela, batendo nela com a testa. Era um jovem forte. Embora atordoado, manteve a vertical, agora livre das tenazes das mãos do guarda. Virou-se para ele e armou a defesa. Talvez, se o senhor de uniforme cinza tivesse sido um pouco mais brando, ou se não tivesse treinado na Federação de Boxe quando jovem, ou se o Racing tivesse triunfado na véspera, o rapaz sem bilhete teria saído da peleja sem grandes contusões. Mas não era o caso. Por isso recebeu na boca do estômago um murro brutal que o dobrou em dois, seguido por um direto na mandíbula que o deixou grogue. Como sobremesa, Petrucci lhe serviu um gancho no ventre que lhe fez saltarem lágrimas.

Nesse momento, o trem parou. Feliz, orgulhoso, Petrucci recebeu alguns aplausos do reduzido público que se reunira no trajeto de Floresta até Flores, manipulou o painel para abrir as portas e puxou o penetra quase arrastando-o pelos cabelos. Caminhou com ele até o posto, quase na outra extremidade da plataforma. Alguns curiosos apareciam nas portas, à medida que o viam passar puxando o atordoado rapaz. Petrucci procurou o suboficial encarregado. Cumprimentou-o com uma inclinação de cabeça e relatou sucintamente o que acabava de acontecer. O suboficial se encarregou do sujeitinho.

— Vamos fazer uma coisa — disse, algemando o jovem numa cadeira de madeira com encosto de tábuas verticais —, eu o mando à seção para averiguação de antecedentes. Não deve haver nada, mas só para fodê-lo um pouco. Vai aprender a não se fazer de esperto, esse pentelho de merda.

— Ótimo — respondeu Petrucci, enquanto pela primeira vez apalpava o

nariz, agora que começava a doer para valer.

— Não seria bom examinar essa pancada? — perguntou o policial. — Está com um aspecto bem feio.

— Sim, a verdade é que ele me pegou em cheio, o desgraçado. — Falavam diante do rapaz, que olhava fixamente para o chão.

O policial acompanhou Petrucci até a porta. Lá fora, o trem continuava parado.

— E tudo para bancar o valentão, pedaço de infeliz. — Petrucci sentia necessidade de se explicar. — Se ele me diz que não tem grana, ou me pede por favor que o deixe, era capaz de eu deixar mesmo, sabia?

— O que se vai fazer? Alguns desses garotos de hoje em dia desafiam tudo.

— Que coisa... — concluiu o guarda.

Despediu-se com um gesto, fechou as portas e tocou a campainha. O trem demorou um segundo para arrancar porque o motorneiro estava distraído, depois de tanta espera. Quando Petrucci chegou a Once, tinha o nariz inchado e sanguinolento. Mandaram-no ao Hospital Ferroviário para tirar uma radiografia e consultar um médico. “Fratura do septo nasal”, disse o doutor que o examinou no plantão. “Não desmaiou?” Petrucci negou com a cabeça, como se o fato de uma pessoa ter o septo fraturado por alguém fosse a coisa mais normal do mundo. “Vá para casa. Vou lhe dar quatro dias de repouso. Volte aqui na sexta-feira e veremos como está.”

Petrucci pensou que dali em diante iria se atracar com um penetra ao menos uma vez por mês, se isso lhe garantia semelhantes licenças. Voltou contentíssimo. Tomou o trem em Once sem passar pelo controle. Tinha de entregar os papéis diretamente no posto de Castelar e estava realmente cansado. Quando chegou com os comprovantes do hospital, alguns colegas vieram ao seu encontro.

— Lá vem o xerife, abram alas — disse algum, bancando o engraçadinho.

— Não encha o saco, Ávalos — cortou Petrucci.

— Sério, cara, não soube?

— De quê?

— O garoto que você pegou. Aquele que se atracou com você.

— Sei, e daí?

— Bom, ele ficou em Flores para averiguação de antecedentes e...

— O quê? Não me diga que aquele babaca já andou aprontando alguma.

— Alguma? Ele tinha simplesmente uma ordem de captura, ou algo assim, coisa braba. De um Juizado da capital, por homicídio e não sei o que mais...

— Ora veja... — Petrucci estava realmente surpreso. Surpreso e com uma anacrônica pontinha de temor: e se o rapaz estivesse armado?

— Portanto, agora você é uma espécie de guardião da lei, sabia? — interveio outro.

— Ora, vai se foder, Zimmerman. Com aquela cara de borrego e procurado por homicídio?

Seria um daqueles garotos dos Montoneros, algo assim? Vou para casa. Estou exausto.

Trocaram saudações desanimadas. Enquanto caminhava até a parada do 644 letreiro branco, Haedo/Barrio Seré, Petrucci pensou que, afinal de contas, o dia

não terminava tão mal

assim. Havia descarregado a raiva em cima daquele babaquinha. Tinha obtido quatro dias de licença, que vinham em boa hora para terminar o contrapiso do quarto dos fundos. O nariz quase não doía, porque haviam lhe dado uns analgésicos para cavalo, segundo o médico. E certamente o Racing ia sair campeão, mais cedo ou mais tarde. Quanto tempo podia faltar para isso acontecer?

Sentou-se no ônibus. Apalpou no bolso o papel que Ávalos lhe passara. “O nome do garoto”, dissera o colega. Na hora, ele não tinha dado importância, mas agora estava curioso. Desdobrou: “Isidoro Antonio Gómez”. Petrucci fez uma bolinha com o papel e o deixou cair no piso sujo do coletivo. Depois se ajeitou para cochilar uns minutos, tomando o cuidado de não apoiar o nariz contra o vidro da janela, porque do contrário ia ver estrelas, e o sangramento era capaz de recommear.

Vendo-o ali na minha frente, novamente suspeitei de que havia construído um arranha-céu com alicerces de fumaça. Podia ser culpado esse garoto, que com expressão plácida estava de pé diante de mim, com as pernas um pouco separadas em atitude de descanso, como se quase não se incomodasse por ter as mãos algemadas nas costas?

Muitos detidos, depois de dois ou três dias quase imóveis e incomunicáveis, enjoados de comer a gororoba carcerária, de estar sujos, inativos e acumulando nervosismo dentro da cela, mostram no rosto os estragos provocados pelo fato de permanecerem sujeitos à caprichosa vontade de outros.

Isidoro Antonio Gómez não. Claro que trazia sinais do encarceramento a que estava submetido desde a segunda-feira: o odor rançoso de corpos sebotos, a sombra de barba, os sapatos sem cadarço. Isso, sem contar o gesso na mão direita e o hematoma esverdeado que sua briga com o belicoso guarda do Ferrocarril Sarmiento lhe deixara.

As dúvidas me consumiam. Podia alguém estar tão tranquilo sabendo-se culpado de um homicídio? Talvez até ignorasse o motivo pelo qual tinha sido trazido, detido, para depor em Tribunales. Porque também havia a possibilidade de ele acreditar que tudo fosse um procedimento, meio exagerado, relacionado ao fato de ter viajado sem bilhete e de ter se atracado com o responsável por evitar essa conduta. Respondi a mim mesmo que não: de longe se notava que ele era um sujeito inteligente. Devia saber que estava ali por outro assunto. Mas, então, como se explicava que tivesse se envolvido naquele incidente escandaloso? Concluí que ou ele era inocente, ou era um filho da puta absolutamente cínico.

Minha cabeça trabalhava a mil por hora: se ele era inocente... por que havia sumido no final de 1968?; se era culpado, por que se deixara deter naquele episódio estúpido?

No dia seguinte à detenção de Gómez, a notícia me esperava quando cheguei à Secretaria.

Báez em pessoa tinha me confirmado tudo, por telefone. Havíamos combinado deixá-lo de molho por mais dois dias, até a quinta-feira, sobretudo a fim de me dar tempo para pensar em como diabos enfocar aquele depoimento, e para conversar longamente sobre isso com Sandoval.

Por acaso eu tinha à mão outro colega com metade de sua capacidade de discernimento?

Naqueles três anos, poucas coisas haviam mudado no Juizado. Tínhamos ficado livres do infeliz do secretário Pérez (promovido a defensor público), embora perder nosso chefe nos tivesse deixado o sabor amargo de confirmar que certo grau de estupidez congênita, como a que ele exibia como bandeira, parecia prometer uma ascensão meteórica no escalão judicial. Mas, com o doutor Fortuna Lacalle, não tivéramos a mesma sorte. Ele continuava sendo nosso juiz e continuava sendo um babaca. Para piorar, já estávamos em 1972, e ser amigo de um amigo de Onganía deixara de ser uma alavanca eficaz no caminho rumo à Câmara de Apelações. Se, em pleno estrelato do general de bigode, Fortuna não conseguira dar o salto, agora isso era praticamente impossível. De modo que ele

vegetava em seu lugar de sempre. A boa notícia era que sua vergonhosa teimosia em tentar se exibir ante seus superiores havia passado. Ele nos deixava trabalhar, assinava onde lhe indicávamos e não cismava de mandar seus vice-secretários à cena do crime nos inquéritos por homicídio. Era uma sorte, entre outras coisas, porque na Argentina de então começavam a sobrar cadáveres.

Por tudo isso, pelo que Sandoval, brincalhão, denominava “nossa orfandade de líderes competentes”, eu e ele nos sentáramos para reler o inquérito, que ficara paralisado em dezembro de 1968, três anos e meio antes, logo depois da emissão da ordem de citação que acabava de se efetivar na segunda-feira, na estação de Flores.

Sandoval, que vinha atravessando um de seus períodos de sobriedade mais longos que eu conhecera, concluiu com lógica férrea:

— Se ele é culpado... não sei, Benjamín; a não ser que, por conta própria, coloque a corda no pescoço na declaração informativa, estamos fritos.

Era dolorosamente certo. O que tínhamos, realmente, para desencadear contra ele um processo por homicídio qualificado? Um viúvo que o acusava (falsamente, aliás, porque nós mesmos havíamos inventado esse artifício, para o caso de Fortuna implicar com os ofícios policiais) de ter enviado cartas intimidadoras que não estavam em lugar algum. Um as diligências policiais que Báez me remetera, nas quais se assegurava que Gómez havia abandonado seu lugar de residência e seu trabalho horas antes de a polícia executar precisamente essas buscas. Um cartão de ponto no qual constava que o suspeito chegara ao trabalho muito tarde no dia da morte de Liliana Emma Colotto de Morales. Ou seja, era pura merda. Não tínhamos nada de nada, e até o mais imbecil dos advogados defensores transformaria em pó a prisão preventiva, depois de apelar à Câmara. E isso na hipótese de conseguirmos que Fortuna assinasse a resolução, diga-se de passagem.

Suponho que, por tudo isso, eu nem me dera o trabalho de telefonar a Morales. Avisá-lo para quê? Para ele constatar como nos víamos obrigados a soltar o único suspeito que havíamos conseguido identificar num lapso de três anos? O mesmo suspeito que ele continuava procurando — disso eu tinha certeza — nos terminais de trens, em turnos rotativos, a cada entardecer, de segunda a sexta-feira?

Ordenei que levassem Gómez para o gabinete do secretário, que estava vazio. Ainda não tinham nomeado substituto para Pérez, e por enquanto quem firmava para nós era o secretário da 18. Eu preferia não ter muitas testemunhas. Por quê? Nem eu mesmo sabia, mas não as queria.

Então dei ordem de não me interromperem. Entrei naquele gabinete atrás de Gómez e do guarda de prisão que o trazia, segurando-o por um braço. Pedi ao guarda que tirasse as algemas do suspeito. Gómez se sentou em frente à escrivaninha, cruzando a perna direita sobre a esquerda.

“Está confiante, o corno”, pensei. Vê-lo tão tranquilo não era bom sinal.

Nesse momento escutei a porta externa da sala contígua se abrir, além de um bom-dia melodioso que me deixou de cabelo em pé. Não podia ser. Não podia. Sandoval botou a cabeça só um pouquinho para dentro do gabinete onde nos encontrávamos e repetiu a alegre saudação, acompanhada de um grande

sorriso. Logo desapareceu no escritório geral, mas fiquei um longo instante fitando o lugar onde ele tinha surgido. “Putá que o pariu!”, xinguei internamente.

Sandoval estava de porre. Despenteado, barba por fazer, com a roupa da véspera e uma das abas da camisa mal metida dentro da calça. Não era à toa que havia passado como uma exalação para me cumprimentar. Embora eu o tivesse visto só por um instante, me bastara comparar aquele relâmpago com a visão repetida em tantos e tantos anos de trabalho compartilhado. Tentei lembrar a tarde do dia anterior. Afinal, eu não tinha me certificado, pela janela, de vê-lo seguir para casa, e não para os bares do Bajo? Ou, por ter a cabeça envolvida na questão de Gómez, havia deixado passar? Dava no mesmo. Estávamos fodidos.

Coloquei uma folha timbrada na máquina de escrever que eu havia carregado de minha escritivaninha até ali. Não era o caso de alterar meus mais elementares rituais supersticiosos. “Em Buenos Aires, aos vinte e seis dias do mês de abril de 1972...”

Parei. Sandoval estava na entrada, como se me esperasse. Fulminei-o com o olhar. Não era possível que ele pretendesse participar daquele depoimento em semelhante estado... Já que havia sido infeliz a ponto de arruinar sete meses de abstinência, já que não se importara por cagar algo que ele sabia ser muito importante para mim, já que se mostrava em tal estado que provavelmente não poderia articular três palavras de mais de duas sílabas, que pelo menos sumisse dali e me deixasse fazer o que eu pudesse com Gómez. Ou ele compreendeu o meu gesto, ou a ressaca o aconselhou a se refugiar em sua própria escritivaninha. O fato é que se afastou. Olhei para Gómez e para o guarda. Permaneciam alheios ao assunto e ao meu crescente desespero. Apesar de tudo, eu devia reconhecer que Sandoval aplicava às suas bebedeiras um estilo ativo e muito digno. Nada de soluços, nem de ziguezagues aos trambolhões entre os móveis. Seu aspecto exterior era, quando muito, o de um senhor bonachão que, por causas alheias à sua vontade, se vira obrigado a dormir ao relento.

Decidi acabar com os rodeios e iniciar o depoimento de Gómez. Estava determinado a encará-lo como se ele fosse culpado. De todo modo, eu estava perdido. No tom de voz mais frio e serenamente ameaçador de que fui capaz, pedi seus dados pessoais e lhe comuniquei o motivo pelo qual ele estava prestando declaração informativa. Enumerei seus direitos e informei em traços gerais o assunto tratado naquele inquérito. Enquanto falava, eu batucava na máquina de escrever, a mesma em que estou registrando estas lembranças. Quando terminei o cabeçalho, parei. Era agora ou nunca.

— A primeira coisa que tenho a lhe perguntar é se o senhor reconhece ter relação com o fato que se investiga neste inquérito.

“Ter relação” era suficientemente vago. Se pelo menos ele escorregasse em algo e me deixasse uma pontinha na qual eu pudesse me agarrar... Mas eu não tinha esperanças quanto a isso. Sua cara podia expressar muitas coisas, ou nenhuma. Mas, sem dúvida, não exibia surpresa.

Ele demorou a responder e, quando o fez, falou serenamente:

— Não sei do que o senhor está falando.

E pronto. Só isso. Cara ou coroa. Não havia mais nada a ser feito. Eu tinha feito a tentativa.

Até insistira em que ele me fosse trazido da sala de custódia antes que chegasse o defensor público de plantão, para evitar que este procurasse assessorá-lo. Mas, evidentemente, ou Gómez não fazia a menor ideia do assunto, ou compreendia que eu estava nas mãos dele e não mostrava a menor intenção de colaborar. Ia se limitar a ficar quieto, negando tudo, até que eu me saturassem de provocá-lo sem resultados.

Nisto entrou Sandoval, franzindo ligeiramente as sobrancelhas, como se quisesse focalizar o olhar. Aproximou-se de mim e se inclinou quase até a altura de minha orelha.

— O processo de Solano, Benjamín... por acaso você viu? — Tinha falado em voz alta, quase gritando, como se em vez de dez centímetros nos separassem vinte metros.

— Está com o juiz para assinar — respondi, seco.

— Obrigado — disse ele, e saiu.

Encarei Gómez de novo. Não tinha lavrado na declaração sua rotunda negativa. Nem queria fazê-lo ainda, mas como continuar? Eu tinha experimentado o ataque direto, mas não havia funcionado. Valeria a pena tentar algo mais tangencial? Ou na verdade eu estava me empenhando injustamente contra um pobre coitado?

— Vejamos, senhor Gómez — recomecei, apontando o inquérito, que estava sobre a escrivaninha. — Faz ideia de por que o mantivemos preso durante quatro dias, com base numa citação de 1968? Porque sim, simplesmente?

— O senhor deve saber... — E, depois de uma pausa: — Eu não sei de nada.

Pela primeira vez, senti que ele mentia. Ou era meu desejo de que o inquérito não morresse para sempre?

Outra vez Sandoval. Pedação de infeliz. Tinha encontrado o maldito processo de Solano e o trazia triunfante.

— Olhe aqui, achei — disse, colocando-o à minha frente. — Você não acha que devemos convocar para depor o perito que avaliou o edifício antes do leilão? Digo isso porque assim matamos dois coelhos com uma cajadada.

Estaria se esforçando por merecer uma bronca e tanto? Dava toda a impressão. Não percebia que eu estava tentando encurralar o suspeito, coisa que, pelo andar da carruagem, era como tentar encurralar uma mosca num galpão de vinte por trinta? Não. Não percebia, com toda aquela carraspana em cima.

— Faça o que achar melhor — me limitei a responder.

Sandoval se afastou, muito satisfeito. Quando me virei para Gómez, tive a impressão de ver, em seu sorrisinho, que ele havia notado o estado alcoólico do meu colaborador. Não tenho que lhe ceder a iniciativa, ponderei. Mas meu barco estava afundando e eu não sabia como me safar.

Continuava sem escrever uma palavra: nem minhas perguntas estúpidas nem suas respostas previsíveis. Decidi apostar tudo. Afinal, perdido por perdido...

Então lhe disse que, tal como ele podia imaginar, não andávamos detendo gente a torto e a direito. Que sabíamos perfeitamente que ele tinha sido vizinho e amigo da vítima. Que viera de Tucumán pouco depois do casamento da moça, cheio de ressentimento. Que o dia do assassinato coincidia com a única vez em que ele se atrasara terrivelmente em sua chegada ao trabalho, e que, quando no

final de 1968 a polícia iniciara sua busca, ele se evaporara sem deixar rastro.

Pronto. Era minha última cartada. Uma possibilidade a favor, contra todas as outras. De que ele se assustasse, de que se surpreendesse, ou mesmo fizesse as duas coisas juntas. E de que decidisse colaborar para aliviar sua barra. Eu estava habituado a tratar com idiotas que, por não aguentarem a pressão da mentira, ou por verem muitos filmes nos quais são oferecidas penas mais leves aos réus se estes confessarem, acabam cantando até “La Cumparsita” e permitindo ressuscitar processos moribundos. Mas, quando Gómez me encarou, eu soube que ele era ou inocente ou muito esperto. Ou as duas coisas. Continuava inteiro, confiante, paciente. Ou nada o surpreendia, ou ele vinha preparado de antemão para esses dardos lastimáveis.

De repente me lembrei de Morales. “Coitado”, cheguei a pensar. “Talvez, para o viúvo, tivesse sido melhor topar no Juizado com alguém como Romano, e não como eu. Ele, sim, não teria dificuldades. Uma boa noite de torturas na seção, junto com seu amigo Sicora, e a esta altura Gómez estaria confessando até o assassinato de Kennedy. Afinal, a cara dele já está estropiada mesmo.” Parei para pensar. Eu estava tão desesperado para chegar a crer que as práticas daquele filho da mãe do Romano fossem aceitáveis?

Algo interrompeu minhas divagações. Alguém, melhor dizendo. Sandoval irrompia pela terceira vez na declaração informativa que eu tentava levar adiante. Agora, vinha sem nenhuma pasta na mão. Como se fosse dono do pedaço, começou a remexer nas gavetas da escrivaninha do secretário. Até empurrou meu cotovelo com delicadeza, para não me machucar com a borda da gaveta mais alta da direita.

— Eu já disse que não sei de nada — repetiu Gómez. Agora resolvera brincar? — A moça eu conheci, sim. Éramos amigos, e me doeu muito a notícia da morte dela.

Olhei a folha na máquina e apertei várias vezes o espaçador para situá-la corretamente.

Datilografei quase com fúria. “Perguntado por Sua Senhoria sobre se admite estar relacionado com os fatos que são matéria da presente causa, o declarante manifesta...”

— Desculpe-me por me meter, Benjamín. — Seria verdade? Seria mesmo certo que o babaca embriagado do Sandoval me interrompia em semelhante circunstância? — Mas não pode ter sido este garoto.

Agora ele passara do limite. E se eu pedisse emprestada a arma do guarda e cosesse Sandoval a tiros? Como era possível que a bebida o embrutecesse a tal ponto? Eu estava quase enlouquecido, tentando amedrontar nosso suspeito com uma serena imagem de autoridade, e meu ajudante, nadando em álcool às onze da manhã, resolvia defendê-lo?

— Volte para a Secretaria. Depois nós conversamos — consegui dizer sem insultá-lo.

— Espere. Espere. Falo sério. Sério. — Ainda por cima, repetia as poucas besteiras que conseguia articular. — Já olhou bem para ele? — E indicava Gómez com a palma estendida. O aludido, talvez interessado, também o encarou. — Este garoto é que não foi.

Levantou a pasta que estava sobre a escrivaninha, sentou-se na borda e começou a folhear a papelada.

— Impossível — afirmou. — Veja aqui. Veja isto. Preste atenção.

Sandoval tinha aberto a pasta nas primeiras páginas da autópsia. Sabendo de cor e salteado que eu odiava aquele tipo de perícia, estaria me sacaneando de propósito?

— Esta garota, Colotto: um metro e setenta; sessenta e dois quilos — leu ele, batendo com o indicador no parágrafo que o interessava —, está vendo? — E, soltando um sorrisinho malicioso, acrescentou: — Era mais alta do que este aí pelo menos uma cabeça.

A expressão de Gómez se ensombreceu de repente. Ou pelo menos foi o que me pareceu, porque na verdade eu tinha começado a prestar mais atenção no meu embriagado colaborador do que no detido, de modo que mal lhe olhei.

— Sem falar que... — Sandoval fez uma pausa, enquanto folheava para trás e para diante.

Parou nas fotografias da cena do crime: — Não sei se você viu bem essa mulher — disse, virando a pasta na minha direção, para que eu a visse, e tentou me focalizar com seu olhar sisudo. — Era bonita...

Torceu de novo a pasta para seu lado.

— Uma beleza como esta — prosseguiu — não está ao alcance de qualquer mortal. — E como se falasse consigo mesmo, em tom subitamente entristecido: — É preciso ser muito homem para poder com semelhante maravilha.

— Ah, sim! Certamente!

Girei a cabeça. Era Gómez que havia falado. Sua expressão ficara rígida, e uma repentina expressão de desprezo lhe subira aos lábios. Eu não tirava os olhos de Sandoval.

— Porque sem dúvida aquele infeliz com quem ela acabou se casando deve ser um tremendo macho, com certeza!

Sandoval olhou para ele. Depois olhou para mim e, balançando um pouquinho a cabeça na direção de Gómez, me disse:

— Não tem jeito. O garoto não entende. Você se lembra de ter me dito ontem que a vítima conhecia o assassino, porque não havia sinais de arrombamento na porta de entrada?

“Genial”, disse eu para meus botões. O dado final, que eu ainda guardava como último curinga para jogá-lo quando pudesse, e o retardado acabava de divulgá-lo a troco de nada.

— E daí?

Seria possível que ele estivesse tão de porre a ponto de ignorar minha entonação quase homicida?

— Justamente, justamente. — O pior era que Sandoval se mostrava tão vivaz, tão desperto, que não me parecia possível que ele ignorasse a besteira que estava fazendo. — Então você acha que semelhante mulher tem tempo, tem lugar na cabeça, para se lembrar de seus vizinhos tucumanos e abrir a porta para eles como se nada fosse, numa terça-feira de manhã, depois de sabe-se lá quantos anos em que não os via nem pensava neles? Nem por equívoco, Benjamín, sério.

Sandoval soltou a pasta sobre a escrivainha e abriu os braços, como se desse por terminada com êxito a demonstração de um teorema.

— Quem é este cara? — A pergunta de Gómez foi dirigida a mim e soou agressiva. Não respondi, porque num relance de lucidez havia começado a compreender o que Sandoval estava fazendo e a perceber que quem estava às cegas e aos tropeços era eu, e não ele.

— Mas então teríamos que reorientar totalmente a investigação... — observei, me dirigindo a Sandoval, e as dúvidas que minha voz expressava não eram fingidas.

— Exato. — Sandoval me encarava satisfeito. — Temos que procurar um homem alto. E bonito. Alguém, digamos, capaz de impressionar uma mulher como essa. — De repente, adotou um tom reservado: — Será que não deveríamos, talvez, reconsiderar os... as... amizades dela?

— Pare de falar besteira. — Gómez estava vermelho e não tirava os olhos de cima de Sandoval. O hematoma da sobrancelha parecia ter se inflamado nesse breve lapso. — Fique sabendo que Liliana se lembrava perfeitamente de quem eu era.

Dei um salto. Sandoval o encarou, com a displicente impaciência de quem tolera que o carteiro lhe toque a campainha pedindo uma colaboração pelo Natal iminente. Ficou sério.

— Não seja ridículo, rapaz. — Virou-se para mim. — Outra coisa: pelos sinais da autópsia, o sujeito que a atacou era muito forte... uma espécie de garanhão. — Abriu a pasta e recitou, ou melhor, inventou, como se estivesse lendo: — “Pela profundidade das lesões vaginais, pode-se deduzir que o atacante era um homem muito bem-dotado. De igual modo, os hematomas do pescoço demonstram uma força hercúlea nas extremidades superiores do atacante.”

— Viu, seu babaca de merda? Eu comi muito bem comida, aquela puta!

Em um segundo, Gómez tinha se levantado e começado a berrar a centímetros da cara de Sandoval. Rápido de reflexos, o guarda o sentou com um empurrão e o algemou outra vez.

Sandoval fez um gesto de desagrado, não se sabia se pelo insulto ou pelo hábito fétido do detido.

De novo o encarou.

— Rapaz... — Sua expressão era uma mistura de compaixão e tédio, como se uma criatura insistente, que ainda assim ele não queria castigar, estivesse prestes a lhe encher a paciência. —

Não tente acertar a pichorra.[5] Não estamos numa festa de aniversário.

Depois se voltou para mim, como se quisesse continuar me expondo suas hipóteses.

— Coitado de você, infeliz. Não tem ideia do que eu fiz com aquela imunda — retrucou Gómez.

Sandoval olhou de novo para ele. Fez uma cara de quem reúne seus últimos vestígios de paciência.

— Então vejamos. O que você tem para contar? Vamos. Anime-se, garanhão.

Isidoro Antonio Gómez falou sem interrupção durante os setenta minutos seguintes. Quando acabou, meus dedos doíam, mas, à exceção de algumas palavras nas quais, por cansaço, eu tinha alterado a ordem das letras, datilografei sua declaração quase sem erros. Eu fazia as perguntas, mas Gómez falava olhando fixamente para Sandoval, como se esperasse que ele se partisse em pedaços e virasse pó sobre o piso de madeira. Meu colaborador, por sua vez, empreendeu uma grandiosa guinada expressiva: muito lentamente, foi trocando sua expressão inicial de tédio e incredulidade por outra cada vez mais interessada. No final da declaração, construiu uma máscara na qual pareciam se misturar, harmonicamente, o respeito, a surpresa e até um mínimo matiz de admiração. Gómez terminou falando, num estilo quase doutoral, das precauções que precisara tomar quando, ao falar por telefone com sua mãe, ficara sabendo que Colotto pai havia perguntado por seu paradeiro.

— O capataz da obra queria morrer quando avisei que estava indo embora — dizia ele a Sandoval, como um experimentado e paciente pedagogo. Já tinha recuperado a serenidade, mas não dava o menor indício de querer voltar atrás em suas afirmações. — Até se ofereceu para me recomendar aos seus conhecidos. Recusei, claro: a polícia poderia me localizar. Sandoval concordou e se levantou, suspirando. Havia ficado aquele tempo todo com os braços cruzados, meio encarapitado na escrivaninha.

— Na verdade, rapaz, não sei o que dizer. Não pensaria nunca... — Franziu os lábios,

naquele gesto que usamos para hesitar ante as evidências. — Deve ser como o senhor afirma...

— E é! — foi a conclusão plena, vitoriosa, cortante, de Gómez. Dei os últimos golpes nas teclas. Fechei a declaração com as fórmulas habituais. Empilhei as folhas e as estendi a ele com minha caneta.

— Leia antes de assinar. Por favor. — Embora sem saber totalmente por quê, eu também tinha adotado o tom cordial e sereno com que Sandoval havia encerrado sua participação na cena.

Era uma declaração longuíssima, que começava como informativa e quase de imediato se transformava em declaração indagatória, com as garantias do caso. Eu tinha deixado menção expressa de que o agora processado não desejava fazer uso do direito de não depor nem do de contar com o assessoramento de um advogado durante sua exposição. Por um desses estranhos caminhos do destino, o defensor público que lhe cabia não era outro senão Pérez, o eterno retardado. Gómez assinou as páginas uma atrás da outra, mal folheando-as. Eu o olhei, e ele sustentou meu olhar enquanto me devolvia os autos. “Agora foda-se”, pensei. “Agora você está frito, moleque.”

Nesse momento a porta se abriu. Era nem mais nem menos que Julio Carlos Pérez, nosso antigo secretário, agora defensor público. Por sorte, eu tinha mais jogo de cintura para tratar com babacas do que com psicopatas.

— Olá, Julio. — Fui recebê-lo fingindo alívio. — Ainda bem que você veio. Temos aqui uma declaração informativa que fomos obrigados a transformar em

indagatória. Por homicídio qualificado, imagine. Um inquérito antigo, de quando você era secretário.

— Iih... que problema... me atrasei com uma indagatória no nº 3. Já começaram?

— Pois é... na realidade, já terminamos — disse eu, como se nos desculpasse ou o desculpasse. — Huumm...

— Seja como for, consultamos Fortuna e ele disse que podíamos ir tocando, que qualquer coisa ele colocaria você a par do assunto — menti.

Pérez, como sempre lhe acontecia diante de qualquer eventualidade que escapasse às suas rotinas cotidianas, não sabia o que fazer. Em algum ponto de seu cérebro, devia estar desconfiando que precisava tomar alguma iniciativa. Aquele me pareceu o momento adequado para lhe oferecer uma solução decorosa.

— Façamos o seguinte — propus. — Acrescento seu nome no final, dizendo que você se incorporou à declaração logo após o início, e pronto. Claro — acrescentei —, isso se seu defendido não tiver objeção.

— Hã... — Pérez hesitava. — Porque ouvi-lo de novo é meio impossível, não?

Eu arregalei os olhos, fitei Sandoval, que também arregalou os dele, e finalmente nós dois fitamos exorbitados o guarda.

— Vejam, doutores — disse este, elevando-nos conjunta e preventivamente à confraria dos advogados —, me parece que já é meio tarde. E, se os senhores querem enviar o preso a uma unidade carcerária, os caminhões já estão saindo... Não sei. Os senhores resolvem.

— Mais um dia aqui, na sala de custódia? E continuando incomunicável? Me parece irregular demais, Julio. — Sandoval, repentinamente sensível aos direitos civis do detido em questão, se dirigia a Pérez.

— Claro, claro. — Pérez se sentia à vontade fazendo o que melhor sabia fazer, ou seja,

dando razão a outro. — Isto é, hã... se o processado achar que está tudo bem...

— Nenhum problema. — Gómez continuava usando um tom altivo e distante.

Estendi a Pérez as folhas e a caneta. Ele aceitou as primeiras, mas preferiu rubricá-las com a dele, uma bonita Parker que era um de seus mais preciosos tesouros mundanos.

— Desça com ele para a sala de custódia — ordenei ao guarda. — Já lhe mando por um funcionário o ofício para o Serviço Penitenciário, com ordem de remetê-lo ao presídio de Devoto.

Enquanto era novamente algemado, Gómez se virou para mim.

— Não sabia que vocês aqui tinham trabalho para bêbados fracassados.

Olhei para Sandoval. Já estava tudo resolvido: a indagatória assinada e Gómez afundado até o nariz em sua própria merda. Outro — eu mesmo, sem ir mais longe — teria se aproveitado para exercer uma mínima vingança. Dizer ao preso, por exemplo, que ele acabava de cair na armadilha como o idiota pretensioso que era. Mas Sandoval estava acima dessas tentações. Por isso,

limitou-se a observar Gómez com expressão meio bovina, como se não tivesse compreendido por inteiro o sentido do comentário dele. O guarda empurrou Gómez levemente, para iniciar a marcha. Soou um estalido quando o trinco da porta se fechou atrás deles. Pérez também saiu quase em seguida, alegando outro compromisso inadiável. Continuará de caso com a tal defensora pública?

Quando ficamos sozinhos, Sandoval e eu nos entreolhamos, calados. Por fim, estendi a mão.

— Obrigado.

— Não há de quê — respondeu ele. Era um sujeito humilde, mas não conseguia esconder que estava satisfeito com a maneira pela qual as coisas tinham lhe saído.

— Como foi aquilo de “um atacante muito bem-dotado, com braços de força hercúlea”?

De onde você tirou isso?

— Inspiração repentina — respondeu Sandoval, rindo satisfeito.

— Convido você para jantar — ofereci.

Sandoval hesitou.

— Agradeço. Mas acho que, com a tensão que acabo de encarar, é melhor tirar um tempo para relaxar sozinho.

Entendi perfeitamente a que ele se referia, mas não tive coragem de lhe dizer que não fosse. Voltei à Secretaria e encarreguei um dos auxiliares de redigir o ofício para mandar Gómez ao presídio de Devoto, de fazer o inútil do Fortuna assiná-lo e finalmente de ir entregá-lo. Depois, teríamos tempo de sobra para informar o juiz sobre o que havia acontecido.

Sandoval, ansioso por sair dali, pegou seu paletó e se despediu com um gesto que abarcou superficialmente todos os presentes. Antes, havia ajeitado meticulosamente a camisa dentro da calça.

Olhei o relógio e decidi dar a ele duas horas de vantagem. Não, que fossem três. Displícitamente, dei uma olhada na prateleira dos processos pendentes de envio ao Arquivo Geral. Por sorte, Sandoval teria uma bela quantidade de costura para se entreter.

No dia seguinte à indagação, fui procurar Morales. Não tentei localizá-lo no banco nem por telefone. Projetei encontrá-lo em Plaza Once. Me parecia de uma silenciosa dignidade que o pobre homem soubesse da detenção de seu único inimigo precisamente num dos postos de vigilância que havia improvisado para tentar espreitá-lo. Embora sem sucesso, havia três anos e meio — disse eu estava certo — vinha tentando isso sem descanso. Dar a notícia a ele nesse local seria como incluí-lo um pouco na preza.

A lanchonete estava quase vazia. Era tão pequena que uma simples olhada para as vitrines me bastou para descartar que Morales pudesse estar ali. Já ia quase me afastando quando tive uma ideia. Entrei no local e me dirigi à caixa registradora. O dono era gordo e alto e olhava com a expressão daqueles seres que já viram de tudo e não aguardam surpresas por trás de coisa alguma.

— Desculpe, moço — disse eu e me aproximei sorrindo. Sempre me produz certa perturbação isso de entrar numa loja na qual não tenho intenção de comprar nada. — Estou procurando um rapaz que costuma parar aqui, um ou outro final de tarde. É meio louro. Bastante pálido. Um tipo alto, magro. Usa um bigodinho reto.

O gordo me encarou. Imagino que, para gerenciar um bar no Once, uma das habilidades necessárias seja distinguir rapidamente os malucos e os caloteiros. Ele pareceu descartar, em silêncio, que eu me incluisse em alguma das duas categorias. Fez que sim levemente e olhou para o balcão, como se iniciasse uma busca na memória.

— Ah — disse de repente. — Já sei. O senhor está procurando o Morto.

Não me surpreendeu que ele caracterizasse Morales desse modo. Não havia nenhum indício de gozação em sua voz. Era simplesmente uma caracterização objetiva, construída com base em certos sinais evidentes. Um cliente que vem todas as semanas, pede a mesma coisa, paga com dinheiro trocado e passa duas horas em silêncio, imóvel, olhando para fora, pode ficar bastante parecido com um cadáver ou um fantasma. Por isso, não senti que houvesse de minha parte uma traição, ou um sarcasmo, ou um exagero, quando respondi que sim.

— Esta semana ele já veio... — hesitou o homem, como se procurasse outra circunstância com a qual pudesse relacionar a última visita de Morales — ...na quarta-feira. Sim. Esteve aqui anteontem.

— Obrigado. — De modo que o viúvo continuava sua perseguição. Eu não tinha esperado outra coisa.

— Quer que eu dê algum recado, quando ele aparecer? — perguntou o gordo quando eu já estava de saída.

— Não, pode deixar. Obrigado. Eu volto outro dia — respondi, depois de pensar um momento. Me despedi e fui embora.

No corredor em penumbra, me assaltou a voz vulgar dos alto-falantes. Só então reparei que o último entardecer em que estivera por ali tinha sido aquele no qual havia topado com Morales, horas antes de dar fim ao meu casamento.

Eu tinha visto Marcela mais umas duas ou três vezes, assinando papéis no Juizado Civil.

Pobre moça. Até hoje me pesa ter lhe causado tanto sofrimento. Na noite em que cheguei decidido a ir embora para sempre, queimei o manual que ela já trazia redigido para viver o resto da vida. Tentei explicar. Mesmo temendo magoá-la, falei do amor e me atrevi a lhe confessar a absoluta falta de amor que percebia entre nós. “O que isso tem a ver?”, foi sua resposta. Suponho que também não me amava, mas em seu projeto não havia lugar para incertezas. Coitada. Se eu tivesse morrido, certamente lhe causaria muito menos complicações. No tribunal do salão de beleza, as fofoqueiras não apresentam objeções à existência de viúvas. Mas separada, em 1969?

Isso era atroz. E agora, como faria para ter seus três filhos, sua casa com jardim no subúrbio, seu carro da família, seu janeiro na praia, seu primogênito doutor, sem um legítimo esposo para apoiá-la em tudo isso? Às vezes é assombroso o mal que podemos causar, sem termos a intenção.

Neste caso, desconfio de que foi maior do que o sacrifício que me neguei a fazer para evitar infligi-lo. Naquele dia de 1972 em que voltei a passar pela estação de Once, me agonizou o peso da culpa, e atrás dela a tristeza. Já contei que, desde a separação, nunca mais vi Marcela. Terá encontrado alguém com quem pudesse retomar o caminho da vida para a qual se sentia preparada, a vida que deveria conduzi-la sem surpresas a uma velhice sem questionamentos?

Espero que sim. Quanto a mim, ou quanto ao que eu era naquele entardecer, saí pela Bartolomé Mitre e caminhei até o minúsculo apartamento de Almagro para onde havia me mudado.

Acabei encontrando-o na terça-feira seguinte. O mesmo cabelo louro, talvez um pouco mais ralo do que em nosso último encontro. Os mesmos olhos cinza-azulados, com expressão consumida. Idênticas as mãos quietas no regaço e a postura de costas para o balcão. Igual o bigode reto. A mesma determinação silenciosa.

Contei tudo desde o princípio. Escolhi, ou me saiu, um tom comedido e calmo, muito mais comedido e calmo do que aquele que Sandoval e eu tínhamos usado, depois que lhe passou a ressaca, ara curtir nosso sucesso. Algo me indicava que naquela lanchonete não havia lugar para emoções como o triunfo, a euforia ou a alegria. O único momento no qual concordei em fazer um relato mais veemente, em deslizar alguns adjetivos e em traçar com as mãos alguns gestos foi quando narrei a magistral intervenção de Pablo Sandoval. Evitei, claro, as duas ou três frases horripilantes com as quais Gómez havia cavado o próprio fosso. Mas fui suficientemente claro para descrever a maneira esplêndida com que Sandoval havia enganado Gómez e até a mim. Por último, informei que o juiz Fortuna Lacalle tinha assinado a prisão preventiva por homicídio qualificado sem objetar sequer a uma vírgula.

— E agora? — perguntou Morales quando acabei de falar.

Respondi que o processo, quanto à instrução, estava quase concluído. Que, para deixá-lo bem sólido, eu ia mandar ampliar umas declarações testemunhais, alguma perícia extra, certos macetes judiciais para impedir que algum defensor esperto nos complicasse a existência. Concluí que, dentro de alguns meses (seis, oito no máximo), encerraríamos o inquérito e enviaríamos o processo ao Juizado de Sentença.

— E depois?

Esclareci que talvez dentro de um ano, ou dois, no máximo, sairia uma sentença firme. Dependia da velocidade em que trabalhassem o Juizado de Sentença e a Câmara de Apelações. Mas disse que ele podia ficar tranquilo, porque Gómez ficara atado de pés e mãos ao processo. — E a pena? — perguntou, depois de longo silêncio.

— Perpétua — afirmei.

Esse era um assunto espinhoso. Valeria a pena dizer a ele que, por mais dura que fosse a condenação, Isidoro Gómez poderia sair em liberdade depois de vinte ou, quando muito, vinte e cinco anos? Já em outra ocasião eu tinha omitido isso. Desta vez, fiz o mesmo. Não queria ferir ainda mais aquele homem que, possivelmente pela primeira vez em três anos e meio, havia girado seu banquinho para meu lado, finalmente desligado do mar de gente que se apressava rumo às plataformas.

Como se fosse capaz de escutar meus pensamentos, Morales se voltou para a vidraça. O banquinho rangeu sobre o eixo. Não se abandonam facilmente os hábitos, pensei. Mas algo havia mudado. Agora, ele olhava os transeuntes sem ênfase. Esperei alguma outra pergunta, que não veio. O que estaria passando pela sua cabeça? No final, acreditei ter entendido.

Pela primeira vez em mais de quatro anos, Ricardo Agustín Morales não

sabia o que fazer com o tempo que ainda teria de vida. O que lhe restava agora? Suspeitei de que não restava nada.

Ou, pior ainda, de que a única coisa que lhe restava era a morte de Liliana. Afora isso, nada.

Houve outra coisa que aconteceu pela primeira vez nesse encontro: foi Morales quem se levantou, dando-o por encerrado. Eu o imitei. Ele me estendeu a mão.

— Obrigado. — Foi tudo o que disse.

Não respondi. Me limitei a fitá-lo nos olhos e a apertar sua mão direita. Eu também havia acumulado coisas para lhe agradecer, ainda que na hora não percebesse isso totalmente. Ele meteu a mão no bolso e tirou-a com o dinheiro certo para pagar o café pingado. O gordo, atrás do balcão, continuava distraído, escutando La Oral Deportiva. Sua perspicácia não chegava ao ponto de fazê-lo adivinhar que acabava de perder um freguês. Morales caminhou até a porta e se voltou.—

Por favor, cumprimente seu ajudante por mim... como é mesmo que ele se chama?

— Pablo Sandoval.

— Obrigado. Transmita-lhe meus respeitos. E diga que estou muito grato também a ele pela ajuda. Morales me acenou de leve com a mão e se perdeu no enxame de gente das sete horas.

Abstinência

E se este for o melhor final para o livro? Chaparro acaba de concluir a narrativa de seu segundo encontro com Morales na lanchonete de Plaza Once. Ontem. E sente a tentação de culminar aqui a história que está contando. Suou em bicas para conduzir o relato até este ponto. Por que não se dar por satisfeito? Contou o crime, a pesquisa e o achado. O mau está preso e o bom está vingado.

Por que não encerrar com esse final feliz e pronto? A metade de Chaparro que odeia a incerteza, e que anseia até o desespero por acabar com isto, opina que é perfeito chegar até aqui: mal ou bem, ele conseguiu contar aquilo a que se propusera, e o tom que encontrou para fazê-lo lhe parece adequado. Os personagens que criou se parecem insolitamente com os seres de carne e osso que conheceu, e esses personagens disseram e fizeram, de um modo ou de outro, as coisas que os seres reais fizeram e disseram. Essa metade cautelosa de Chaparro suspeita de que, se ele se estender mais, tudo será posto a perder, e a história sairá dos eixos, e os personagens acabarão se movendo segundo os próprios caprichos, sem se aterem aos fatos, ou à sua memória dos fatos, que no caso dá no mesmo, e tudo terá sido inútil.

Mas Chaparro tem outra metade, e fortes desejos de dar ouvidos a essa outra metade.

Afinal de contas, é a parte dele que sentiu o desejo e que manteve a decisão de contar aquilo que escreveu até agora. E essa metade lhe recorda a cada momento que a história não acabou ali, e sim continuou rodando, e que ele ainda não a contou inteira. Então, que coisa o mantém tão tenso, tão nervoso, tão ausente? É simplesmente a incerteza de como continuar? Nada mais que o nervosismo de estar no meio do rio sem ver a outra margem?

A resposta é mais simples e ao mesmo tempo mais árdua. Ele está assim porque faz três semanas que não tem notícias de Irene. Claro, por que haveria de tê-las? Não há motivo para que as tenha, raio os partam, ela, ele e o maldito romance. E de novo Chaparro ronda o telefone e se distrai do livro simplesmente porque sua cabeça toma o rumo das desculpas mais inverossímeis que lhe sirvam como paraquedas para chamá-la.

Desta vez, passa só dois dias de jejum, insônia e inação literária até levantar o fone.

— Alô? — atende ela, em seu gabinete.

— Alô, Irene, aqui fala...

— Já sei quem fala. — Breve silêncio. — Posso saber onde você se meteu esse tempo todo?

— ...

— Continua aí?

— Sim, sim, claro. Queria lhe telefonar, mas...

— E por que não telefonou? Não tinha nenhum favor para me pedir?

— Não... ou melhor, sim... Bom, não é que eu tenha um favor a pedir, simplesmente pensei que talvez você tivesse um tempinho para ler alguns capítulos do romance, se tiver vontade, claro... — Eu adoraria! Quando é que você vem?

Ao desligar, Chaparro não sabe se fica alegre pelo entusiasmo de Irene (e pela iminência de vê-la na quinta-feira e pelo fato de ela o reconhecer pela voz, antes de ele dizer quem estava falando) ou atormentado pelo oferecimento de levar alguns capítulos para que ela os leia. De onde lhe brotou semelhante oferta? De puro atrapalhado que é, só isso. Chaparro desconfia de que nenhum escritor sério se dispõe a mostrar os fiapos de seu trabalho.

Seja como for, e coisa rara nele, percebe que a ideia de não ser um escritor sério não o preocupa tanto. Importa muito mais tomar um café na quinta-feira, com Irene.

Isidoro Gómez passou um mês inteiro preso em Devoto antes de decidir tomar uma chuveirada.

Nesse lapso de tempo, mal cochilou, por momentos, e sempre à luz do dia, porque durante as noites se mantinha ereto em seu beliche, com os punhos apertados e os olhos fixos nas outras camas, vigiando os vizinhos para se precaver de qualquer ataque. Passou a maior parte do período diurno sentado em algum canto afastado, ou debruçado no parapeito das janelas de grades grossas, observando sem disfarçar seus companheiros de pavilhão. Em todo o mês, não baixou a guarda, nem abandonou a expressão de galo de briga pronto para o assalto.

No trigésimo dia de detenção, finalmente se decidiu e avançou com atitude resoluta, o peito inflado, o cenho franzido, pelo corredor que separava as duas fileiras de catres e que conduzia ao lugar das duchas. Acreditou notar, satisfeito, que alguns presos se afastavam ligeiramente para lhe dar passagem.

Mais tranquilo, mais seguro, Gómez se adiantou até parar junto de um banco de tábuas cinzentas e tirou a roupa. Caminhou sobre o piso úmido do setor dos chuveiros e abriu a torneira.

O jorro de água esguichando em seu rosto e resvalando pelo corpo lhe produziu uma agradável sensação de bem-estar.

Quando ouviu um pigarro às suas costas, voltou-se e crispou os punhos, num gesto talvez mais tenso e mais veloz do que desejaria. Da entrada das duchas, dois presos o fitavam. Um era corpulento, alto, um verdadeiro armário de pele escura e aparência de um completo criminoso.

O outro era magro, de estatura regular, com pele e olhos claros. Foi este último que avançou uns passos e estendeu a mão direita para cumprimentá-lo.

— Olá. Finalmente você está tirando a sujeira, querido. Eu sou Quique, e este é Andrés, embora todo mundo o chame de Cobra. — Sua maneira de falar era a de uma pessoa educada e afável. Gómez retrocedeu até a parede e ergueu um pouco a guarda. De novo, seus punhos estavam fechados.

— O que vocês querem, caralho? — perguntou, no tom mais seco e agressivo de que foi capaz. O outro não pareceu ter entendido, ou quis ignorar a reação.

— Somos algo assim como seu comitê de boas-vindas, cara. Sei que você está aqui há um tempão, mas o que fazer? Só agora está afrouxando um pouco, não?

— Frouxo é o cacete.

O louro pareceu genuinamente surpreso.

— Puxa, cara, que modos! Custa ser um pouco mais simpático? Bancando o nojento aqui, você não vai ganhar nada...

— O que eu faço ou deixo de fazer é assunto meu, sua bicha de merda.

O louro escancarou os olhos e a boca. Virou-se para o companheiro, como se o convidasse a intervir ou pedisse uma explicação. O outro se deu por achado e abandonou a moldura da porta para falar bem ereto.

— Cuidado com a boca, baixinho, porque senão eu vou arrancá-la pelo cu.

— Espere, Andrés. Também não precisa falar assim, não vê que o coitado...

O louro não pôde terminar porque recebeu um súbito empurrão de Gómez que o lançou contra a parede e o fez bater a nuca nos azulejos. Soltou um gritinho e deslizou até cair sentado.

Seu amigo, com o rosto transformado numa careta de fúria, em dois passos estava diante de Gómez. Era umas duas cabeças mais alto do que ele.

— Vou encher você de porrada, anão de merda.

— Anão é a boceta da tua mãe, seu negro veado... — conseguiu retrucar Gómez, mas não pôde continuar porque o grandalhão o sentou com um trompaço e, antes que ele pudesse reagir, aplicou-lhe no peito um chute brutal, que o deixou sem fôlego.

Gómez tentou se afastar rastejando, mas o piso encharcado de água ensaboada estava muito escorregadio. Mal conseguiu esconder a cabeça e o peito entre os braços, todo encolhido.

O grandalhão se agarrou a uma torneira para não deslizar e cobriu de pontapés as costas de Gómez, com a feroz despreocupação de quem chuta uma bola contra uma parede. De vez em quando se escutava um gemido surdo. Vários curiosos, alertados pelo tumulto, se aproximaram do banheiro e convocaram outros, aos gritos. Um dos recém-chegados chamou o Cobra com um assvio. Estenderam a ele uma faca.

— Tome aqui, Cobra! Acabe com ele, homem!

O grandalhão segurou a arma com cuidado para não se cortar.

— Pare, Andrés, não faça loucuras! — pediu o louro com voz desesperada, enquanto tentava se levantar.

— Não es quente, Quique. — O fortão falava agora com voz doce, carinhosa, num tom divertido, como se se comovesse com o desespero do companheiro.

Virou-se para o lado em que havia deixado Gómez se retorcendo de dor. Mas este havia aproveitado a pausa para se sentar. Segurava o abdome entre as mãos. A dor era ainda maior no dorso, mas ele não tinha como apalpá-lo. O Cobra pareceu hesitar quanto a continuar o castigo ou atender ao seu companheiro. Vários dos curiosos o animavam para espetar o novato com a faca.

Ou porque o chute que Gómez lhe lançou à altura dos tornozelos foi inesperadamente violento, ou porque mantinha os pés muito juntos sobre o piso ensaboado, o Cobra caiu para trás como se o solo tivesse deixado de existir embaixo dele. Instintivamente, tentou apoiar as mãos para suavizar a violência do impacto iminente, mas, como na direita segurava a faca, ao se chocar contra os ladrilhos a lâmina afundou em sua palma e no pulso. Agora foi sua vez de soltar um grito destemperado. O louro saltou sobre ele para ajudá-lo e quase na mesma hora se reergueu com as mãos e a camisa encharcadas de sangue e um urro de pânico na garganta.

Gómez, que continuava caído e tinha visto tudo de lado, notou que se aproximavam várias figuras apressadas em sua direção, até que o cegou um novo pontapé que o acertou na mandíbula.

Gómez acordou três dias depois na enfermaria do presídio e levou um bom tempo até recordar quem era e onde se encontrava. Quando o viu se mover, o enfermeiro chamou dois guardas, que o instalaram sem grandes cuidados numa cadeira de rodas e o empurraram por um setor de escritórios ao qual os presos quase nunca tinham acesso.

Finalmente o introduziram numa sala na qual um sujeito, sentado atrás de uma mesa nua, fumava um cigarro negro e parecia estar à sua espera. Era careca, exceto por uma delgada linha de cabelo nas laterais da cabeça. Usava um bigode espesso e vestia um paletó escuro e uma camisa de colarinho largo, sem gravata. Os guardas estacionaram a cadeira de Gómez diante da mesa, saíram e fecharam a porta. Gómez não falou. Esperou que o outro acabasse de fumar.

Não manteve o silêncio apenas pela confusão e pela surpresa, mas também porque, de tanta dor que sentia na garganta ao engolir saliva, desconfiava de que o simples movimento dos lábios e da língua iria piorá-la de maneira intolerável.

— Isidoro Antonio Gómez — disse por fim o outro, pausadamente, como se estivesse escolhendo as palavras —, vou lhe explicar por que o trouxemos aqui.

O homem brincava com a tampa do isqueiro. Sua poltrona devia ser confortável, porque lhe permitiu se inclinar para trás o suficiente para colocar os pés sobre um dos cantos da mesa.

— Tenho que decidir neste amável encontro, meu caro, se o senhor é um tipo inteligente ou se é um perfeito babaca. Nem mais nem menos.

Só então olhou para Gómez, e fez cara de profunda surpresa, embora todo ele parecesse estar representando exageradamente um papel.

— Puta merda, mas como o estropiaram, meu filho. Puxa... Bem. O caso é que me cabe tomar uma decisão complicada, e para tal preciso encontrar a resposta para a dúvida de que falei há pouco, está me entendendo?

Fez outra pausa e abriu um caderno que estava ao lado e que Gómez até então tinha percebido. Estava cheio de anotações.

— Desde que os guardas o resgataram, no pavilhão (e veja que lhe saiu barato, porque se o tal do Cobra não arruma aquele corte feíssimo com a faca, e os outros presos não chamam os guardas para virem ajudá-lo, o senhor, meu amigo, ia ser retalhado por eles, sangrar como um leitão e não ia nem poder contar a história), estou em cima do seu caso. Mas não se engane. Eu já conhecia seu processo. Bem, o senhor, não, mas o processo, sim. Pelo menos a primeira parte.

O resto, precisei ler para me informar. O que é o acaso, meu Deus. Não dizem que o mundo é muito pequeno? Parece besteira, mas estou cada vez mais convencido de que é verdade.

Passou várias páginas do caderno até topor com uma que o interessava. Dali em diante, foi virando-as devagar, à medida que falava.

— Bom. Vamos ao que interessa. Essa história do homicídio da moça... que assunto feio, cara, que assunto feio. Mas não é comigo. No fundo, estou cagando. Mas notei que na cena do crime o senhor não deixou nada que o incriminasse, e

que depois dos fatos sumiu dos lugares que frequentava quando a polícia saiu atrás de sua pessoa. Estou certo? E passou três anos bancando o santinho, para ninguém lhe encher o saco. Bem, eu penso nisso e digo: esse é um cara inteligente.

Mas depois continuo me informando e fico sabendo que finalmente lhe botaram a mão por viajar de penetra no Sarmiento e se atracar com um guarda, e então digo: esse sujeito é um babaca.

Mas, por outro lado, levo em conta que o pessoal do Juizado não tem muito como ligar o senhor ao assunto da moça e me digo: está certo, ele também não vai ficar se policiando a vida toda; é um sujeito coerente. Mas sigo em frente e fico sabendo que o interrogam no Juizado e o senhor dá com a língua nos dentes, e então me sinto com direito a concluir, meu amigo, e digo isto com todo o respeito e toda a consideração, que o senhor é um babaca pronto e acabado. Mas depois continuo me informando, sabe? Porque meu negócio é me informar, o que posso fazer? Eu vivo disso. E aí fico sabendo que o senhor aterrissa em Devoto e passa um mês inteirinho sem que lhe encham o saco, e minhas dúvidas reaparecem. Esse rapaz não será um espertinho de marca maior? Mas depois tomo ciência de que o visitam o Cobra e Quique Domínguez, que são mansos como carneirinhos, e que além disso são um casal em todos os conformes, só faltam mesmo as alianças de ouro, e o senhor não tem ideia melhor a não ser reagir como uma adolescente virgem com medo de que lhe falem com o respeito, dá um tranco no pobre Quique e obriga o Cobra a enchê-lo de porrada para lavar a ofensa. E veja que isso que estou lhe dizendo do Cobra e do Quique todo mundo sabe, até na padaria da esquina. Se o senhor não se deu conta depois de um mês com eles, sou obrigado a voltar ao meu pensamento, digamos, mais pessimista ao seu respeito, Gómez, ou seja, a achar que o senhor é um babaca total.

Fez uma pausa para tomar fôlego.

— Ponha-se no meu lugar, Gómez. Não é fácil. Fico com sua coragem para tratar de segurar a barra, ou com a palhaçada de brigar com aquele casal de pombinhos que não fazem mal nem a uma mosca? Não sei... não sei... Por outro lado, penso que o senhor é um cara sortudo. Não acredita em sorte? Pois eu, sim. Acho que existem sujeitos sortudos e outros não. E tenho para mim que o senhor nasceu de cu para a lua, não duvide. Vejamos: safou-se quando liquidou aquela moça, safou-se quando foram procurá-lo, safou-se quando quase o mataram aqui dentro. Agora, se eu quiser ver o lado ruim, posso pensar que se deixou agarrar no trem por ser idiota, que se fodeu como um imbecil quando o interrogaram, que se deu mal no pavilhão. Mas, bem, mesmo que em certas ocasiões se comporte como um panaca, o senhor continua de cu para a lua, está me entendendo? E isso é importante nas pessoas que a gente escolhe para trabalhar.

Fez outra pausa para acender um novo cigarro. Ofereceu um a Gómez, que recusou com a cabeça.

— Quer que eu lhe dê outro indicio de que o senhor tem um rabo a toda prova? Isso de estar aqui, rapaz. Aqui diante de mim, que posso me tornar seu novo chefe. O que acha? Veja deste modo. Eu preciso de gente nova e o senhor

aparece aqui, à mão, como se caísse do céu.

Em silêncio, o homem o observou por um longo minuto. Depois continuou:

— E outra coisa, Gómez. O senhor não precisa saber o motivo exato, mas... usar sua pessoa é me dar uma satisfação, porque assim eu fodo com a vida de um sujeito que antes fodeu com a minha, está sabendo?

O preso moveu negativamente a cabeça, como se não conseguisse acreditar no modo como as coisas tinham se encaminhado.

— Mas deixe para lá. Não se preocupe. Esqueça isso que eu disse. Já vai ter muito com que se preocupar para fazer direito o trabalho que vou lhe encomendar.

Deu a última tragada no novo cigarro. Soltou a fumaça para o teto. Passou a mão pela careca.— Suponho que o senhor não vai me deixar passar por idiota, não?

Cafê

Chaparro pensa que, se na vida existem momentos sublimes, este é um deles. O perfeccionista que ele carrega dentro de si lhe sopra que poderia ser muito mais sublime ainda, mas o resto de sua alma descarta rapidamente a objeção porque a felicidade, vestida de terna serenidade, o embala em sua doçura.

Cai a tarde e ele está com Irene no gabinete dela. A essa hora, Tribunales é um deserto.

Acabam de tomar um café e Irene sorri depois de um silêncio prolongado, durante o qual os olhares dos dois, interrogativos, se cruzaram por sobre a escrivaniha. Esses silêncios são sempre incômodos, mas, apesar disso, Chaparro os curte demais.

Nos últimos meses, sente que algo se moveu, ou se modificou, não somente nele mesmo, mas sobretudo na mulher que está à sua frente e pela qual se sabe apaixonado. Viram-se várias vezes desde a tarde em que Chaparro decidiu não assistir à própria despedida e voltou sobre seus passos para pedir emprestada a ela sua velha Remington. Seis ou sete vezes, acredita. Sempre como hoje, sob as últimas luzes da tarde. Nas duas ou três primeiras, Chaparro arrumou desculpas para evitar dar bandeira e cair no ridículo. Depois, não mais. Irene, estranhamente direta, lhe disse que adora que ele a visite e que não quer que o faça somente se tiver um motivo concreto. Disse por telefone. Chaparro lamenta não ter visto seu rosto enquanto ela pronunciava essas palavras. Mas ao mesmo tempo desconfia de que não aguentaria exibir o incêndio de suas próprias vísceras ao escutá-la dizer isso. Que cara uma pessoa deve fazer ao ouvir semelhante frase?

Nem todas as frases de Irene lhe deixam o mesmo sabor doce. Há pouco ele se atreveu, tentando criar uma cumplicidade maior, a insinuar que esses encontros vespertinos podem provocar comentários. Ela respondeu, com naturalidade, quase com altivez, ou talvez a partir de uma dolorosa reserva, que não há nada de errado em tomar um café com um amigo. Essa qualificação doeu nele porque o afasta, condena-o a retornar a uma distância respeitável e respeitosa. Em seus esporádicos ímpetos de otimismo, Chaparro diz a si mesmo que não é para tanto, que ela disse isso talvez com um modo de resolver sua própria e legítima perturbação ante a possibilidade de se expor. Além do mais, as mulheres sabem como mascarar os sentimentos, como desativar os detonadores das emoções que em muitos homens explodem, sem mais nem menos, em pleno rosto. Pelo menos, assim acredita Chaparro, ou quer acreditar. É como se as mulheres estivessem condenadas a compreender melhor o mundo e seus perigos. Por isso, não é absurdo pensar que Irene, ao responder assim, talvez esteja sustentando uma disputa que o excede, com esse mundo que os rodeia e cuja extensão abarca todo o planeta, menos este gabinete que cheira a madeira e no qual Irene acaba de sorrir, constrangida, talvez envergonhada.

Essa perturbação, Chaparro a entende, sim, porque delata... delata o quê? Para começar, que os dois ficaram sem assunto para falar. Chaparro já contou a ela as últimas peripécias de seu livro. Irene o informou das últimas fofocas tribunalícias. Se agora estão em silêncio, se agora no silêncio estão se

interrogando, se não quebram o silêncio no qual estão se interrogando com um sorriso mudo, é porque nada os retém ali exceto isso, exceto estarem simplesmente um diante do outro, deixando passar o tempo sem outro objetivo que não o de se manterem próximos, e isso é o bonito de se interrogarem em silêncio.

Em 26 de maio de 1973 fiquei trabalhando até tarde com Sandoval, e, embora eu sequer imaginasse o que estava acontecendo, a história de Morales e de Gómez acabava de começar a se movimentar novamente.

Já era noite quando a porta da Secretaria se abriu e um agente penitenciário entrou.

— Serviço Penitenciário. Boa tarde — cumprimentou, identificando-se, como se seu uniforme cinza com insígnias vermelhas não fosse credencial suficiente.

— Boa tarde — respondi. Que horas seriam?

— Eu atendo — me avisou Sandoval, encaminhando-se para a mesa de protocolo.

— Achei que não encontraria mais ninguém. Quero dizer, por causa da hora.

— É verdade... pois é — disse Sandoval, enquanto procurava o carimbo para estampá-lo no livro de recibos que o outro trazia e lhe oferecia nesse momento, apontando o lugar onde ele devia assinar.

— Até logo — despediu-se o guarda depois que Sandoval imprimiu o carimbo.

— Até logo — respondi. Sandoval não disse nada porque estava lendo o ofício que acabava de chegar.

— De que se trata? — perguntei. Sandoval não respondeu. O texto era muito longo, ou ele o estava relendo? Insisti: — Pablo... o que diz aí?

Ele se voltou com o ofício na mão, se aproximou da minha escrivaninha e me estendeu a folha, que trazia o timbre e os selos do Serviço Penitenciário e os da unidade carcerária de Villa

Devoto.

— Acabam de soltar o filho da puta do Isidoro Gómez — murmurou.

O que eu acabara de ouvir me atordoou a tal ponto que larguei em cima da escrivania, sem ler, o papel que Sandoval me estendia.

— O quê?! — foi tudo o que consegui perguntar.

Sandoval caminhou até a janela e abriu-a com um puxão. O ar frio do entardecer penetrou na sala. Ele se debruçou no parapeito e xingou, num tom de infinita desolação:

— Porra, mil vezes puta que os pariu!

A primeira coisa que fiz foi ligar para Báez, com a urgência do desespero e com certa fúria desajeitada de pretender pedir explicações a alguém de confiança, como se a culpa do acontecido fosse dessa pessoa.

— Vou ver. Daqui a pouco eu lhe telefono — disse Báez, e desligou.

Em quinze minutos, me ligou.

— Isto mesmo, Chaparro. Ele foi solto ontem à noite, com a anistia decretada para os presos políticos.

— E desde quando aquele filho da puta é um preso político? — berrei.

— Disso não faço ideia. Não fique assim. Me dê uns dois dias para averiguar o que aconteceu e depois o informo.

— Tem razão — reconheci. — Desculpe. É que não entra na minha cabeça que tenham soltado semelhante lixo, e ainda por cima com o que custou botar a mão nele.

— Não peça desculpas. Eu também estou com raiva. Até porque não é o único caso, acredite. Já me ligaram outras duas vezes pela mesma coisa. Estou achando que é melhor nos vermos num café. Digo, para não ficarmos falando por telefone.

— Certo. E obrigado, Báez.

— Até logo.

Desligamos. Me volvei para Sandoval, que continuava debruçado no parapeito da janela, com o olhar perdido nos edifícios da calçada em frente.

— Pablo — chamei, tentando fazê-lo voltar a si.

Ele se virou para mim.

— E olha que existem poucas coisas das quais a gente pode sentir orgulho, hein?

Virou-se de novo para a janela. Acho que foi então que tomei consciência de como havia sido importante para ele sua participação brilhante no interrogatório daquele aborto da natureza.

E essa espécie de condecoração íntima acabava de se despedaçar. Tive certeza de que seu rosto voltado para a calle Tucumán devia estar úmido de lágrimas. Nesse momento, a dor pelo meu amigo foi mais forte do que a raiva que eu sentia pelo que acabava de acontecer com Gómez.

— O que você acha de irmos jantar por aí? — perguntei.

— Boa ideia! — respondeu ele, sem poder evitar o sarcasmo. — Quer que eu o ensine a beber uísque até desmaiar? O problema é quem vai nos buscar de táxi depois.

— Não, seu retardado. E se formos para sua casa, jantarmos com Alejandra

e contarmos a ela?

Sandoval me olhou como um menino que acaba de pedir que o levem ao cinema mas tem que se resignar com um pirulito. Acho que o abatimento que ele viu em meu próprio rosto serviu para fazê-lo aceitar.

— Tudo bem — respondeu afinal.

Deixamos o ofício sobre minha escrivania, desligamos a calefação e as luzes e fechamos todas as trancas. Descemos. Era tarde e, como a porta da Tucumán já estava fechada, tivemos que sair pela Talcahuano. No ponto de ônibus, Sandoval me pediu para esperar. Correu até um florista e comprou um buquê. Quando voltou, disse, com voz amarga:

— Já que vamos nos comportar bem, façamos o serviço completo.

Concordei. O ônibus vinha chegando.

Fazia uns dois anos que Báez e eu não nos víamos, o tempo que havia transcorrido desde que Fortuna Lacalle se apaziguara em seus delírios de iminente juiz de Câmara.

— Vejamos, amigo. Escute com reservas o que eu vou lhe dizer. Por estes dias, depois que soltaram todos aqueles caras, Devoto virou uma zona.

Fiz que sim com a cabeça. Eu sabia que o policial não ia perder tempo se referindo à bagunça geral que ambos assumíamos como essencial na realidade que nos cabia, e cuja complexidade, aceitávamos, estava além do nosso entendimento.

— Parece que a coisa foi mais ou menos assim. Vocês mandam Gómez para Devoto em junho de 1972. Estou certo? Ele é alojado num pavilhão qualquer... não sei... digamos o número sete. Em poucas semanas, nosso amigo Gómez apronta uma das suas: se mete numa briga que quase o deixa frito. Na verdade, parece que bancou o valentão com os dois caras mais inofensivos do pavilhão, e eles o moeram de pancada.

Eu ia escutando. Sentia certo prazer ao pensar num Gómez que sofria por tomar decisões equivocadas.

— Mas esse Gómez parece que tem um Deus à parte. Em vez de acabar esticado no piso com quarenta e cinco facadas, chega a cortar um dos internos que o atacaram. No tumulto subsequente, os presos, temendo que seu companheiro morra dessangrado, chamam os guardas, que levam os dois. Gómez se salvou. Mas aqui temos a primeira curiosidade, porque... sabe onde consta esse incidente da briga, dos feridos e tudo o mais? Em lugar nenhum. Nenhum dos feridos é mandado para o hospital. São atendidos ali mesmo, na enfermaria do presídio. Não há um só registro administrativo, nem o depoimento de um só guarda, nem de um só preso. O que há, a única coisa que há na papelada de Gómez, é uma ordem de transferência para outro pavilhão, duas semanas depois, quando ele recebe alta. O senhor dirá: lógico, porque, se voltar para o mesmo pavilhão, ele será massacrado pelos outros. Sim e não, veja bem. Pode acontecer que, se o mandarem para o pavilhão onde o espancaram, agora que ele entra de crista baixa, alguém o tome como sua mulherzinha e fica tudo em paz. Seja como for, não é o que ocorre. O que acaba acontecendo é que o enviam ao pavilhão de presos políticos. A essa altura, confesso que me desorientei pacas: o que Gómez e seu assassinato passional podiam ter a ver com todos aqueles caras das FAR, do ERP, [6] dos Montoneros? E ainda por cima esses presos estavam à disposição do foro especial, e não do foro penal comum dos outros, está me acompanhando? Gómez não tinha nada a ver com isso, pensei.

Báez fez uma pausa para mexer o que lhe restava de café e tomar o último gole. A xícara ficava ridiculamente pequena em semelhante manzorra. Me preparei para escutar a essência do assunto. Essa era a diferença entre ele e os outros policiais que eu conhecia: outros se conformariam em levar a pesquisa até aquele ponto, até o limite de suas possibilidades. Báez, não.

— Bem — prosseguiu —, isso que lhe contei até aqui, eu averigüei mais ou menos facilmente. Daqui em diante, foi muito mais complicado. Primeiro, por

essa questão do foro especial: não tenho muitos contatos no pessoal da contraguerrilha. Eles formaram uma espécie de clã separado. São presunçosos, bancam os misteriosos, não sei se o senhor me entende. E, segundo, porque depois dessa anistia recente estão dismantando a patada do circo que tinham armado. Ficaram desempregados, por enquanto. Mas, bom, no meio dessa zona toda a gente sempre encontra algum nostálgico rancoroso, com vontade de contar suas mágoas, sabe como é?

Levantou a mão para pedir outro café.

— Enfim, parece que dentro do presídio montaram um pequeno centro de inteligência, dependente do governo. Aqui, a coisa fica ainda mais confusa. Não sei se eles eram subordinados à Secretaria de Inteligência, ao Ministério do Interior ou ao Exército. No caso, tanto faz, porque os que estão nessa dança andam todos misturados, venham de onde vierem. O fato é que dentro do cárcere armaram essa turminha de espionagem para vigiar os “quadros”, como eles chamam os membros da guerrilha. Tinham pavor de que pudesse acontecer algo como no presídio de Rawson, quando os prisioneiros planejaram e executaram aquela fuga. Compreende?

A história já parecia um romance policial, e Báez era um narrador consumado, mas eu continuava sem entender o que Gómez tinha a ver com tudo aquilo. Então, perguntei diretamente.

Ele respondeu:

— Chegaremos lá, meu amigo, chegaremos lá. Se eu não lhe explicar antes, o senhor não vai entender o resto. Parece que o sujeito encarregado desse escritorzinho de espionagem em Devoto, e que se fazia chamar Peralta, tratou de infiltrar alguns de seus homens no pavilhão de presos políticos. Mas era arriscado. E parece que um ou dois foram descobertos e devolvidos mortos ao tal Peralta. Por isso, ele não teve ideia melhor do que recrutar para a missão alguns presos comuns. Soa perigoso? Sim, mas para ele era grátis. No pior dos casos, um preso a menos.

No melhor, uma testemunha direta, quase como instalar um microfone nos famosos “quadros”, tipo aqueles aparelhinhos que a gente vê nos filmes de espões. Está me entendendo? Então o Peralta recruta Gómez, nem mais nem menos, para fazer esse trabalho. E não só ele, veja bem.

Parece que ao todo eram três ou quatro, não tenho certeza.

Parou um instante, enquanto o garçom nos servia novamente.

— E foi a essa altura que precisei me perguntar: por que um deles é Gómez? Porque essa é a pergunta básica. O resto é quase natural. Gómez deve ter feito o serviço direitinho: afinal, é um sujeito vivo e frio como uma estátua, quando não perde a paciência. Joias como essa não aparecem todo dia. Bem, se ele foi joia eu não sei, mas, se chegou vivo até maio naquele pavilhão, não deve ter trabalhado muito mal. Então, por que não continuar a usá-lo lá fora? O procedimento para soltá-lo é muito simples. Na verdade, não existe esse procedimento. A coisa anda sozinha. Quando os detidos que sabem que vão sair com a anistia fizerem as listas, vão incluir Gómez com todo o gosto e com todas as honras. E, se não incluírem, também não há problema. O pessoal de Peralta acrescenta o nome dele no pé da página, e pronto.

Báez fez menção de pegar dinheiro para pagar. Eu o contive e tirei uns pesos do bolso do paletó.—

Portanto, a pergunta que continua pendente é anterior a isso. O que leva esse Peralta a envolver Gómez? Primeiro, lhe chama a atenção o topete do cara, isso de entrar pouco menos que rugindo na jaula dos leões. Segundo, é grátis. Isso eu já lhe disse. Se der errado, o tal Peralta não perde nada. E terceiro... quer saber do melhor?

A julgar pela expressão amarga do policial, “o melhor” era, na realidade, o pior de tudo.

— Mesmo que, apesar de tudo isso, o chefe não decida usá-lo, quando pedidos do processo pelo qual ele está preso não terá mais dúvidas. Então, vai em frente com toda a corda.

Porque a razão está no próprio processo penal, Benjamín.

“Caralho”, pensei. O assunto podia ser tão grave a ponto de Báez tentar suavizá-lo me chamando pelo meu nome de batismo pela primeira vez em sua vida?

— Usar esse rapaz é uma maneira brilhante de foder com o senhor.

Fiquei absolutamente confuso. O que eu podia ter a ver com tudo aquilo? Até ali o relato de Báez soava lógico, deprimente mas lógico. O último comentário, porém, soava desafinado, como aqueles pesadelos que a gente tem e que no começo não parecem pesadelos, e passam a sê-lo precisamente quando pulam o limite da lógica e da razão e se tornam incompreensíveis e inquietantes.

— Quando fiquei sem dados para continuar perguntando sobre Gómez, me ocorreu tentar pegar a outra ponta da corda. O famoso chefe, esse Peralta. Imaginei que ia ser meio complicado, tratando-se de um serviço de inteligência do governo, e dentro de uma prisão. Mas não foi tanto assim. Afinal, eles são argentinos, e procurando bem a gente percebe que deixam furos. Do contrário, não teria sido tão simples conseguir a descrição e o nome verdadeiro do suposto Peralta.

O garçom pegou as cédulas na mesa e ficou enrolando para devolver o troco, como se quisesse me convencer a deixá-lo de gorjeta. Eu o despachei com um gesto.

— Parece que é um sujeito da sua idade, Chaparro. É careca, usa um bigode grosso, dizem que parecido com o meu, e não é muito alto. Quando mais jovem era magro, mas agora consta que está bastante obeso. E sabe do que mais? Trabalhou vários anos em Tribunais, num Juizado de Instrução. Já adivinhou?

Não podia ser. Não era possível.

— Sim, senhor. Pense no pior, meu amigo. Desse jeito, em geral, acerta. Ele era seu colega no Juizado de Instrução nº 41, como oficial primeiro da outra Secretaria. Até que foi investigado a partir de uma denúncia por coação ilegal em 1968. A coisa não deu em nada, porque foi freada de cima. Mas o sogro era da pesada (coronel, general, algo do gênero) e parece que o levou para a Inteligência. Localizou? Romano, o sobrenome dele.

— Não pode ser, mas que azar! — disse eu afinal quando, depois de vários minutos de furiosa incredulidade, consegui aceitar que aquilo estava mesmo acontecendo.

Báez me encarava, talvez esperando que eu lhe oferecesse as duas ou três peças que lhe faltavam para terminar de armar o conjunto. Lembrei-lhe aquela história dos pedreiros e a surra selvagem que Sicora dera neles, talvez por ordem e recomendação de Romano. Báez me escutou com uma mescla de surpresa e curiosidade, porque, na época, quase não soubera de nada. Ele tinha tirado uns dias por conta de umas férias vencidas, e Sicora e o outro filho da puta haviam manipulado tudo na seção. Nem sequer estava seguro de que Sicora tivesse sido investigado, como fizéramos em Tribunales com Romano. Confirmei que a denúncia contra o meu então colega não tinha resultado em nada. Quando terminei, ele me pediu que esperasse um segundo.

Foi até o fundo do café e falou uns minutos pelo telefone público. Quando voltou, me disse que Sicora morrera em 1971 num acidente na Rota 2, e assim, por esse lado, não podíamos aprofundar nada.

— Bem — acrescentou —, na verdade não podemos aprofundar nada por nenhum lado.

Era isso mesmo. Com a anistia, não havia jeito de ir contra Gómez. E tentar nos meter com a Secretaria de Inteligência para perseguir Romano era uma loucura inútil. Os dois estavam a salvo.

Era tudo tão ridículo que quase dava vontade de rir, se não fosse tudo tão sinistro que desse vontade de chorar. Ao denunciá-lo pela coação ilegal, eu tinha aberto para Romano a chance de fazer uma carreira meteórica, pela mão de seu sogro fascista, nas “forças de inteligência antissubversiva”. E, por acréscimo, ao tremendo filho da puta havia caído do céu a oportunidade de se vingar de mim. Ele sabia que era eu quem havia levado adiante aquele processo, e que, ao colocar o culpado sob sua asa protetora, mais cedo ou mais tarde acabaria me surrpiando a presa. Eu tinha feito isso e nem havia percebido. Até o momento em que já era irremediavelmente tarde.

— Pobre homem.

As duas palavras que Báez pronunciou flutuaram um segundo sobre a mesa até se evaporarem, e o silêncio voltou. Não respondi, mas, sem sombra de dúvida, entendi de quem o policial estava falando. Não era de Romano, nem de Gómez, nem dele mesmo, nem de mim.

Ele falava de Ricardo Morales, o qual, em cheio ou por ricochete, de primeira ou de segunda, por isto ou por aquilo, girasse como girasse a carrapeta, sempre acabava imolado como uma vítima perpétua. Tentei imaginar a cara de Morales quando eu lhe desse a notícia. Conviria ir vê-lo no banco, ou seria preferível marcar encontro no café das outras vezes? O que eu iria responder, quando ele me perguntasse “o que se pode fazer agora”? Dizer a verdade? Dizer simplesmente “nada”?

Soltei um torrão de açúcar na borra da xícara e me entretive observando

como ele desmoronava à medida que se umedecia.

— Pobre homem. — Essa foi também a única conclusão que me restou.

— Se quiser, me conte como foi que o soltaram — disse Morales, como se àquela altura nada pudesse alcançá-lo e feri-lo.

Olhei para ele antes de responder. Aquele rapaz continuava me surpreendendo. Embora a caracterização de “rapaz” talvez já não lhe correspondesse. Por que eu continuava a utilizá-la?

Por comodidade, claro. Eu sempre o tinha visto como tal. Desde a primeira vez que tive oportunidade de vê-lo, na filial do Banco Provincia. E ele o era então, sem dúvida. Tinha vinte e quatro anos. Mas agora, cinco anos depois, era impossível caracterizá-lo desse modo. E não porque seu cabelo louro fosse muito menos abundante, como de fato era. Ou porque as pessoas que vemos muito de vez em quando evidenciam mais claramente a passagem do tempo, coisa que também parece certa. Morales já não era jovem, embora seus documentos afirmassem que ele ainda não completara trinta anos. A dor constante lhe abria dois sulcos profundos nos lados da boca, que seu correto bigode louro não conseguia dissimular, e a testa estava igualmente sulcada por marcas indeléveis. Se ele sempre havia sido magro, agora sua magreza se tornara quase esquelética, como se nem sequer o ato de comer pudesse constituir um sucinto prazer, corresponder a um mínimo desejo. As maçãs do rosto abruptas, as faces cavadas, os olhos cinzaazulados refugiados nas órbitas profundas. Vendo Morales diante de mim, naquela tarde de junho de 1973, entendi que a brevidade ou o prolongamento da vida de um ser humano depende sobretudo do caudal de dor que a pessoa se vê obrigada a suportar. O tempo passa mais devagar para os que padecem, e a angústia e o sofrimento marcam a pele com sinais definitivos.

Falei há pouco da minha surpresa diante desse homem. Nos dias anteriores, eu tinha adiado a ideia de convocá-lo ou ir procurá-lo no banco. Mas conservava tão vívida a lembrança de nossa primeira conversa, quando eu tinha ido com Báez lhe comunicar o que comunicamos, que não me senti capaz de despedaçá-lo novamente do mesmo modo e no mesmo lugar. Por isso, chamei-o para conversar no café da Tucumán, nº 1.400. Quando o tive do outro lado da linha, imaginei que ele ia se surpreender. Para começar, pelo próprio telefonema: fazia quase um ano que não nos falávamos. Então, o que queria o vice-secretário do Juizado de Instrução, procurando-o em seu trabalho? Parabenizá-lo pelo dia de seu aniversário? E, ainda por cima, marcando encontro no café das outras vezes. Morales sabia perfeitamente que no processo de Gómez faltavam dois ou três anos para uma condenação firme, passo prévio ao Juizado de Sentença. E, para lhe informar uma bobagem ao estilo do encerramento do inquérito, ou algo assim, não tinha sentido marcar uma entrevista cara a cara. O que faria qualquer ser humano normal diante de um telefonema tão inesperado e tão misterioso? Perguntar, me solicitar algum dado, alguma referência, no estilo de “é algo sério?”, ou “pode me adiantar alguma coisa, assim eu fico tranquilo?”. Não era o caso de Morales. Ele me escutou, hesitou um segundo sobre se podia sair do banco um pouco mais cedo no dia seguinte ou se seria melhor na quinta-feira, e me confirmou que “amanhã, tudo bem”, depois de falar rapidamente com um colega. Isso havia sido tudo. Tudo até aquela mesma tarde fria de quarta-feira,

quando eu o divisara me esperando numa das mesas do fundo.

— Eu o chamei porque tenho algo grave a lhe contar, Morales — disse eu, decidido a ir o quanto antes à questão principal. Como eu podia ser tão idiota a ponto de me sentir culpado pelo que havia acontecido? O que eu tinha a ver com o fato de as coisas terem terminado daquele jeito?

— Se for para me dizer que soltaram Gómez, não se preocupe. Já estou a par.

— Como assim, “a par”? — foi minha ridícula reação. O fato de Morales estar de sobreaviso e pretender conduzir a conversa para um ponto inútil me desorientava. Mas não me desdisse.

— Sim. Eu já sabia.

Nessa altura, me mantive em silêncio. Como era que ele tinha sabido?

— Não é de surpreender, Chaparro — acrescentou, com simplicidade. — Publicaram no jornal uma lista de anistiados, dias depois de soltá-los.

— E por que lhe ocorreu que Gómez podia estar nessa lista?

Dessa vez foi Morales quem demorou um instante para responder, como se a pergunta o pegasse de surpresa. Finalmente falou, com uma careta irônica.

— Quer que eu lhe diga a verdade? Pela simples aplicação do princípio existencial que governa minha vida.

— ...

— Tudo o que puder dar errado vai dar errado. E sua consequência natural. Tudo o que parece correr bem vai para o caralho mais cedo ou mais tarde.

Não era a primeira vez que Morales se permitia um palavrão enquanto conversava comigo?

Talvez fosse uma medida da profundidade de sua desgraça. Tive uma divagação ridícula: imaginei os pais de Morales, indicador erguido, dizendo ao filho algo no estilo “Ricardito, aconteça o que acontecer, não use nomes feios. Nem sequer se um homem mau, muito mau, estuprar e estrangular sua senhora e depois for libertado”. Descartei meu delírio e voltei às palavras dele. O que eu podia responder? Ao longo dos cinco anos em que o conhecia, cada coisa que ia acontecendo parecia lhe dar toda a razão do mundo.

— Falo sério — proseguí Morales. — Quando o senhor me contou que ele tinha sido apanhado, e o jeito como se traiu e confessou o crime, pensei: “Bom, agora sim, isto acabou de algum modo: ele vai apodrecer na prisão.” Mas, quando cheguei em casa, ou quando se passaram três ou quatro dias, me perguntei: “Pronto? Acabou? Só isso?” Não. Era simples demais, mesmo depois de toda a sujeira que havíamos varrido nesses quatro anos. Então, perguntei a um amigo advogado (amigo talvez seja exagero, digamos um conhecido) como era esse assunto de prisão perpétua. Quando soube que em vinte e cinco anos, no máximo — e incluída a pena acessória de reclusão por tempo indeterminado —, o cara podia sair em liberdade, disse a mim mesmo que agora eu estava mais bem orientado. Claro, a vida inteira metido na cadeia soava bom demais para minhas expectativas de sempre. Mas me acostumei à ideia, acredite. Refleti que afinal era muito tempo, era o período máximo em que se podia encarcerar alguém na Argentina, e me dei por satisfeito. Até que me toquei precisamente disso.

“Veja bem, Ricardo”, pensei. “Se se conformar com isso, você quebra a cara, porque a qualquer momento vai ficar sabendo que não vai acontecer nem sequer isso com que está se conformando.” Está me acompanhando?

Eu estava. Era um discurso de um pessimismo intolerável. Mas ele não estava dizendo nada que não estivesse totalmente de acordo com os fatos.

— De modo que quando soube que em 25 de maio um monte de presos políticos tinha saído por anistia do presídio de Devoto, e que nenhum deles podia ser novamente processado pelos delitos pelos quais estava na prisão naquele momento, me fiz a pergunta do milhão: “Vejam, Ricardo, de que maneira poderia ficar pior tudo o que se relaciona com o filho da puta do Isidoro Antonio Gómez?” E me respondi: “Sim, pode piorar. Mesmo não tendo nada a ver com os presos políticos, o estuprador e assassino de sua esposa pode aparecer na lista de beneficiados com a anistia.” E quer saber? Acertei no milhão! Estava!

Terminou quase aos gritos. Nos olhos, muito abertos, brilhavam umas lágrimas. Depois virou o rosto inexpressivo e permaneceu um tempão olhando a rua. Eu fiz o mesmo. Em seguida, e já no tom de voz neutro de quem se sabe muito além de qualquer dor, mas não por ter se salvado, e sim por ter sucumbido, me disse:

— Se quiser, me conte como foi que o soltaram.

Contei, tal como Báez me havia transmitido. Também contei como eu mesmo tinha sabido, por meio do ofício do Serviço Penitenciário. E ainda a reação de Sandoval. Não sei muito bem por quê. Creio ter imaginado que o fato de saber que dois sujeitos honestos como Báez e Sandoval estavam indignados talvez o fizesse se sentir menos abandonado por Deus, ou pelo destino.

Quando terminei, houve outro longo silêncio. O garçom passou para receber a conta numa mesa vizinha e aproveitei para pedir mais um café. Quando o rapaz lhe perguntou se ele também queria repetir, Morales negou com a cabeça.

Hesitei. Tinha cogitado sobre o assunto, mas não conseguia decidir dar o passo seguinte.

Temendo não me atrever mais tarde se perdesse essa oportunidade, perseverei.

— Para mim é muito difícil lhe dizer isto, Morales... — comecei, aos tropeções. — Supõe-se que eu, precisamente, não possa nem pensar em algo como o que vou lhe falar, mas... — eu dava voltas como um cachorro perseguindo o rabo — ... me refiro a...

— É melhor não dizer. Deixe para lá. Já sei a que o senhor se refere.

Duvidei. Meu interlocutor estaria realmente me entendendo?

— Porque — continuou ele — suponhamos que o senhor me diga “Veja bem, Morales, eu no seu lugar dava fim a ele com um tiro”, e que eu lhe dê ouvidos: o senhor não vai acabar se sentindo culpado?

Não respondi.

— E não digo culpado pelo fato de aquele filho da puta acabar morto. Acho que concordamos em que aquela ratazana não vale merda nenhuma. O que eu penso é que o senhor acabaria se sentindo culpado por mim, sabe como?

Tampouco respondi dessa vez. Não sabia o que dizer.

— Seria engraçado. Porque sou capaz de apostar como eu vou e mato

Gómez, e em dois minutos me botam em cana por toda a vida. Tem alguma dúvida? — perguntou ele, virando-se para a porta. Estavam entrando um homem e uma mulher muito jovens. — Pois eu, não... dúvida nenhuma.

Distraiu-se olhando o casal. Pareciam namorados recentes, ambos respirando o prazer eletrizante de se descobrirem apaixonados. Morales estaria com inveja deles? Evocando talvez seu próprio passado com Liliana Colotto?

— Não, Chaparro — disse, retomando o fio —, nada é tão simples. Porque, por outro lado — Morales parecia ter alguma dificuldade para achar as palavras, mas dava a impressão de já ter pensado no assunto um monte de vezes —, imaginemos que eu o mate. Ganho alguma coisa?

Resolvo alguma coisa?

— Imagino que pelo menos o senhor se vingá — falei afinal.

O que eu faria, na pele dele? Sinceramente, não sabia. Mas não sabia, fundamentalmente, porque nunca havia sentido por nenhuma mulher o que Ricardo Morales sentia por sua falecida esposa. Ou eu sentia, sim, por uma mulher sobre a qual me propus não dizer uma só palavra nestas páginas? Pensando nela, nessa outra, que guardo como meu único segredo digno desse nome, talvez eu pudesse, sim, interpretar o amor de Morales por sua esposa. Acredito que por ela eu seria capaz de tudo. Só que ela nunca me pertencera, ao passo que Morales e sua esposa tinham convivido. De modo que minha história não era equiparável à de Morales. A mulher dele era certa, era tangível, era própria, e lhe fora arrebatada. E como pensar nisso era pavoroso, insisti:

— Talvez matá-lo seja uma vingança.

Morales manteve o silêncio. Procurou algo no bolso do paletó. Tirou um maço de Jockey, longos, e um isqueiro de bronze. Fiquei surpreso ao vê-lo fumar e ele deve ter notado.

— Sou um homem de decisões lentas, sabe? — disse, sorrindo levemente. — O senhor não sabia que eu fumo, não é? Antes de conhecer Liliana, eu fumava como uma chaminé. Parei por causa dela. Como pode um homem acender um cigarro, se a mulher a quem ama lhe pede que pare, pelo bem dos dois e dos filhos que ela quer ter com ele? — perguntou, lançando aquele ofegar entrecortado que, nele, fazia as vezes de riso. — Como verá, não faz sentido eu manter meus pulmões limpos, não acha? Estou fumando de novo como um vampiro. Supondo-se que os vampiros fumem muito, claro. Mas, até hoje, eu não tinha voltado a fazê-lo em público. O senhor é o primeiro diante do qual me atrevo a isso. Entenda como um sinal de confiança.

Também desta vez, não respondi.

— Quanto a matá-lo... o que posso dizer? Parece muito fácil, não? Veja que eu tive tempo de pensar nisso durante os anos em que o procurava nos terminais ferroviários. E se o encontrasse então? O que fazer? Abatê-lo a tiros? Fácil demais. Rápido demais. Quanta dor pode sentir um indivíduo em cujo peito acabam de esvaziar um carregador? Desconfio de que não muita.— Pelo menos é alguma coisa.

Por que meus argumentos soavam tão estúpidos, tão mínimos, no diálogo com esse homem?

— É alguma coisa, mas é pouco. Pouco demais. Agora, se o senhor me

garante que eu disparo nele quatro tiros e não o mato, deixo-o paraplégico, prostrado numa cama, e ele acaba sobrevivendo até os noventa anos, aí sim.

Seu tom me soava algo falso, como se ele, embora não fosse um ser acostumado ao exercício da crueldade, nem sequer da crueldade hipotética e verbal, quisesse me impressionar em seu novo papel de “Morales, o sádico”.

— Mas voltemos à minha máxima, Chaparro. Com certeza, eu o mando para o inferno (supondo-se que exista) com o primeiro tiro, e disparo à toa os outros três. E depois vou em cana por toda a vida (e tenho certeza de que nenhuma liberdade condicional me salva, isto é certo), vida que de passagem se estende convenientemente até os noventa e tantos anos. Gómez, sem dúvida, antes de cair no chão já está livre de tudo, bem sossegado. E eu passo meio século num calabouço, invejando a sorte dele. Não, sério. Morrer pode vir a ser um caminho fácil demais, acredite. As coisas nunca são simples.

Apagou o cigarro consumido e, com gestos automáticos, acendeu o último do maço.

— Por isso, a ideia da prisão era, apesar de tudo, a melhor possível. Tudo bem, não seria por toda a vida. Não seriam cinquenta anos. Mas trinta anos, ou algo assim, juntando urina em uma cela não era um programa tão deplorável, não lhe parece? Mas... — suspirou com resignação — isso também não aconteceu. E veja que não era o ideal, estamos de acordo.

Quando muito, era o melhor possível, dadas as circunstâncias. E nesse ponto, volto ao ataque com minha máxima. Considerando que, mais cedo ou mais tarde, tudo tem que ir para o caralho, Deus, se existe, move umas peças para que o filho da puta se dê bem.

Tinha levantado tanto a voz que o casal de namorados havia parado de falar para nos olhar.

Morales se recompôs e cravou a vista na mesa de madeira.

— Não sei como ajudá-lo — disse eu. Era verdade. — Gostaria sinceramente de lhe facilitar as coisas.

— Eu sei, Benjamín.

Era a primeira vez que ele me chamava pelo primeiro nome. Dias antes, havia sido Báez.

Que estranhos canais de solidariedade esta história horripilante gerava?

— Mas não pode fazer nada. Obrigado, do mesmo jeito.

— Não me agradeça. Mas, sério, não sei como ajudá-lo.

— Talvez possa, em alguma ocasião. Por enquanto, me despeço. — Levantou-se, enquanto tirava umas cédulas do bolso do paletó para pagar seu café pingado. Depois me estendeu a mão.

— E lhe agradeço muito por tudo o que o senhor fez. De verdade.

Apertei sua mão. Quando ele saiu, me sentei de novo e contemplei durante longo tempo aqueles namorados que continuavam alheios a tudo o que não fossem eles mesmos. Invejei-os profundamente.

Mais café

Seja por qual motivo for (e Chaparro não pensa investigar se esse motivo é simplesmente uma

antiga amizade ou algo mais profundo, mais esperançoso, mais pessoal e mais outro monte de

coisas), Irene tem prazer na companhia dele, e não só em sua conversa de escritor iniciante. Por

alguma razão estão de novo frente a frente, com a escrivainha no meio. Por alguma razão ela

exibe um sorriso diferente de seus sorrisos comuns e corriqueiros, os quais, na realidade, “nunca

são nem comuns nem corriqueiros”, pensa Chaparro, mas que não são como os de agora, com os

quais ela o abençoa quando estão a sós em seu gabinete e cai a tarde.

Como teme estar de novo sonhando inutilmente, ele fica nervoso, olha o relógio e faz

menção de se levantar. Ela lhe propõe tomar outro café e ele, no cúmulo da lerdice, comenta

que a cafeteira elétrica está vazia e desligada, porque os dois já consumiram o que restava. Irene

se oferece para ir até a pequena cozinha e fazer mais e ele lhe diz que não, ainda que na mesma

hora se arrependa de ser tão imbecil. Tanto se repreende por não ter dito “sim, obrigado, vou

com você até a cozinha” que volta a se sentar como um modo de consertar o mal. “Que mal?”,

se pergunta ao mesmo tempo, porque por outro lado bem pode ser que ela simplesmente queira

mais café e ponto final, que queira contar uma fofoca de última hora e só, porque afinal não há

nada de especial em tomar um café com um amigo de anos do Juizado e acabou-se.

Mas o fato é que ambos voltam a se sentar, e a conversa renasce como uma tábua de

salvação à qual é possível se agarrar em meio a todas essas incertezas. Sem saber como,

Chaparro se vê comentando com Irene que passou um dia desses lendo e corrigindo os rascunhos

enquanto chovia lá fora, e que escutou música renascentista, da qual tanto gosta, e se detém

sobressaltado precisamente no instante em que está prestes a dizer a ela, fitando-a no centro dos

olhos, que a única coisa que lhe faltava para se considerar salvo e em perpétua graça era ela na

poltrona, talvez recostada lendo ao seu lado, e a mão dele, as pontas dos dedos, acariciando-lhe

de leve a cabeça, abrindo sulcos suaves em seu cabelo. Embora não o tenha dito, é como se tivesse dito, pois sabe que ficou vermelho como um tomate. Agora é ela quem o olha divertida, ou terna, ou nervosa, e finalmente pergunta: — Vai me dizer o que você tem, Benjamín?

Chaparro se sente morrer, porque acaba de notar que essa mulher está perguntando uma coisa com os lábios e outra com os olhos: com os lábios pergunta por que ele ficou corado, por que se remexe nervoso no assento ou por que a cada doze segundos espia o alto relógio de pendulo que decora a parede próxima à biblioteca; mas, além de tudo isso, com os olhos ela pergunta outra coisa; pergunta nem mais nem menos o que está lhe acontecendo, o que está acontecendo a ele, a ele com ela, a ele com eles dois; e a resposta parece interessá-la, ela parece ansiosa por saber, talvez angustiada e provavelmente sem compreender se o que está acontecendo a ele é o que ela supõe estar acontecendo a ele. Pois bem — reflete Chaparro —, o problema é se ela o supõe, teme ou deseja, porque essa é a questão, a grande questão da pergunta que lhe formula com o olhar, e Chaparro de repente entra em pânico, levanta-se como um doido e diz que precisa ir, que ficou tardíssimo; ela se levanta, surpreendida — mas o problema é se surpreendida e ponto, ou surpreendida e aliviada, ou surpreendida e desencantada —, e Chaparro praticamente foge pelo corredor para o qual dão as altas portas de madeira dos escritórios, foge sobre o tabuleiro de ladrilhos pretos e brancos dispostos como losangos, e só recupera o fôlego quando entra num 115 miraculosamente vazio no horário de pico do entardecer; volta à sua casa de Castelar, onde os últimos capítulos de sua história esperam ser escritos, haja o que houver, porque ele já não tolera a situação, não a de Ricardo Morales e Isidoro Gómez, mas a própria, a que o une até destroçá-lo com essa mulher do céu ou do inferno, a mulher enterrada até o fundo de seu coração e de sua cabeça, a mulher que a distância continua perguntando o que está acontecendo a ele, com os olhos mais bonitos do mundo.

Mais café

Seja por qual motivo for (e Chaparro não pensa investigar se esse motivo é simplesmente uma antiga amizade ou algo mais profundo, mais esperançoso, mais pessoal e mais outro monte de coisas), Irene tem prazer na companhia dele, e não só em sua conversa de escritor iniciante. Por alguma razão estão de novo frente a frente, com a escrivainha no meio. Por alguma razão ela exhibe um sorriso diferente de seus sorrisos comuns e corriqueiros, os quais, na realidade, “nunca são nem comuns nem corriqueiros”, pensa Chaparro, mas que não são como os de agora, com os quais ela o abençoa quando estão a sós em seu gabinete e cai a tarde.

Como teme estar de novo sonhando inutilmente, ele fica nervoso, olha o relógio e faz menção de se levantar. Ela lhe propõe tomar outro café e ele, no cúmulo da lerdeza, comenta que a cafeteira elétrica está vazia e desligada, porque os dois já consumiram o que restava. Irene se oferece para ir até a pequena cozinha e fazer mais e ele lhe diz que não, ainda que na mesma hora se arrependa de ser tão imbecil. Tanto se repreende por não ter dito “sim, obrigado, vou com você até a cozinha” que volta a se sentar como um modo de consertar o mal. “Que mal?”, se pergunta ao mesmo tempo, porque por outro lado bem pode ser que ela simplesmente queira mais café e ponto final, que queira contar uma fofoca de última hora e só, porque afinal não há nada de especial em tomar um café com um amigo de anos do Juizado e acabou-se.

Mas o fato é que ambos voltam a se sentar, e a conversa renasce como uma tábua de salvação à qual é possível se agarrar em meio a todas essas incertezas. Sem saber como, Chaparro se vê comentando com Irene que passou um dia desses lendo e corrigindo os rascunhos enquanto chovia lá fora, e que escutou música renascentista, da qual tanto gosta, e se detém sobressaltado precisamente no instante em que está prestes a dizer a ela, fitando-a no centro dos olhos, que a única coisa que lhe faltava para se considerar salvo e em perpétua graça era ela na poltrona, talvez recostada lendo ao seu lado, e a mão dele, as pontas dos dedos, acariciando-lhe de leve a cabeça, abrindo sulcos suaves em seu cabelo. Embora não o tenha dito, é como se tivesse dito, pois sabe que ficou vermelho como um tomate. Agora é ela quem o olha divertida, ou terna, ou nervosa, e finalmente pergunta:

— Vai me dizer o que você tem, Benjamín?

Chaparro se sente morrer, porque acaba de notar que essa mulher está perguntando uma coisa com os lábios e outra com os olhos: com os lábios pergunta por que ele ficou corado, por que se remexe nervoso no assento ou por que a cada doze segundos espia o alto relógio de pêndulo que decora a parede próxima à biblioteca; mas, além de tudo isso, com os olhos ela pergunta outra coisa; pergunta nem mais nem menos o que está lhe acontecendo, o que está acontecendo a ele, a ele com ela, a ele com eles dois; e a resposta parece interessá-la, ela parece ansiosa por saber, talvez angustiada e provavelmente sem compreender se o que está acontecendo a ele é o que ela supõe estar acontecendo a ele. Pois bem — reflete Chaparro —, o problema é se ela o supõe, teme ou deseja, porque essa é a questão, a grande questão da pergunta que lhe

formula com o olhar, e Chaparro de repente entra em pânico, levanta-se como um doido e diz que precisa ir, que ficou tardíssimo; ela se levanta, surpreendida — mas o problema é se surpreendida e ponto, ou surpreendida e aliviada, ou surpreendida e desencantada —, e Chaparro praticamente foge pelo corredor para o qual dão as altas portas de madeira dos escritórios, foge sobre o tabuleiro de ladrilhos pretos e brancos dispostos como losangos, e só recupera o fôlego quando entra num 115 miraculosamente vazio no horário de pico do entardecer; volta à sua casa de Castelar, onde os últimos capítulos de sua história esperam ser escritos, haja o que houver, porque ele já não tolera a situação, não a de Ricardo Morales e Isidoro Gómez, mas a própria, a que o une até destroçá-lo com essa mulher do céu ou do inferno, a mulher enterrada até o fundo de seu coração e de sua cabeça, a mulher que a distância continua perguntando o que está acontecendo a ele, com os olhos mais bonitos do mundo.

Em 28 de julho de 1976 Sandoval tomou um tremendo porre que me salvou a vida.

Havia passado o dia inteiro com uma cara horrível. A duras penas, cumprimentara ao chegar, para começar de imediato a examinar uma perícia balística que era uma besteira e que podia ser liquidada em vinte minutos, mas na qual empregou cinco horas. Quando, ao entardecer, os outros funcionários se despediram e saíram para suas casas ou para a faculdade, tentei puxar conversa com ele, mas ricochetei contra uma espécie de muralha. Falou quando quis, como sempre.

— Hoje me ligou minha tia Encarnación, a irmã da minha mãe — começou, e fez uma pausa. Sua voz tremeu. — Disse que ontem levaram meu primo Nacho. Ela acha que eram milicos. Mas não tem certeza. Entraram quebrando tudo, em plena noite. Estavam em trajes civis.

De novo, fez silêncio. Não o interrompi. Eu sabia que ele não tinha terminado.

— A pobre velha me perguntou o que se podia fazer. Pedi que ela viesse para minha casa e a acompanhei para fazer a denúncia. — Acendeu um cigarro antes de terminar: — O que eu ia dizer?

— Fez bem, Pablo — me atrevi.

— Não sei — hesitou ele, antes de continuar. — Senti como se a estivesse enganando.

Talvez devesse ter dito a verdade.

— Fez bem, Pablo — repeti. — Se disser a verdade a ela, você a mata.

A verdade. Que coisa fodida é a verdade, às vezes. Sandoval e eu falávamos muito da questão toda da violência política e da repressão. Sobretudo, da morte de Perón em diante. Agora apareciam menos cadáveres nos descampados. Evidentemente os assassinos haviam aperfeiçoado seu estilo. Trabalhando na Justiça Criminal, estávamos muito distantes dos fatos para sabê-los na ponta da língua, mas suficientemente próximos para intuí-los. Também não precisávamos ser adivinhos. Todos os dias víamos deterem gente, aqui e ali. Ou recebíamos a informação. No entanto esses detidos jamais chegavam à sala de custódia, jamais subiam para depor nos juizados, jamais eram trasladados depois para Devoto ou para Caseros.

— Não sei. Em algum momento ela terá que saber.

Tentei recordar como era a cara de Nacho. Algumas vezes ele estivera no Juizado, de visita, mas sua imagem me escapava, eu não conseguia defini-la.

— Estou indo. — Sandoval se levantou de repente, vestiu o paletó e caminhou em direção à porta. — A gente se vê.

“Putá merda”, pensei. Outra vez. Abri a janela e esperei. Passaram-se vários minutos, mas Sandoval não atravessou a Tucumán em direção à Viamonte. Me senti meio culpado: “Uma inundação na Índia deixa quarenta mil mortos, mas, como não os conheço, me angustia mais a saúde do meu tio que teve um infarto.” Em algum regimento, em alguma delegacia, estavam arrebatando Nacho a socos e choques elétricos. Mas eu não me angustiaava tanto

por ele quanto por seu primo Pablo, que era meu amigo e pretendia se embebedar até entrar em coma.

Eu era o egoísta, ou todos éramos? Me consolei pensando que por Sandoval podia fazer algo, mas por seu primo Nacho, não. Era assim? Decidi dar a ele a vantagem habitual: três horas antes de sair à sua procura. Me sentei para corrigir uma prisão preventiva. Resolvi que seriam duas horas. Três talvez fossem demais.

Enquanto descia a escadaria da calle Talcahuano, tive um momento de dúvida. Levava num bolso um bom volume de grana para pagar a última prestação do meu apartamento. Imaginava que ia liquidá-la ao sair do Juizado, porque o cartório fechava tarde, mas, como temia que a demora fosse excessiva para achar Sandoval, optei por ir procurar meu amigo e adiar o pagamento para outro dia. Apalpei o bolso interno do paletó para conferir se o dinheiro estava bem guardado e fiz sinal para um táxi. Demos voltas por Paseo Colón. Eu não conseguia encontrá-lo. O taxista estava de bom humor e me ofereceu uma longa improvisação sobre o modo mais simples e rápido de resolver os problemas do país. Se eu estivesse menos preocupado e menos concentrado em notar qualquer pista do paradeiro de Sandoval, talvez tivesse lhe pedido algum esclarecimento sobre a conexão que ele estabelecia entre afirmações tais como “os militares sabem o que fazem”, “aqui ninguém quer trabalhar”, “convém matá-los todos” e “o River de Labruna é o exemplo a seguir”.

Pedi que percorresse as ruas transversais. Finalmente achei Sandoval num bar, muito feio, na calle Venezuela. Paguei ao esclarecido analista da realidade nacional e esperei que ele me desse o troco exato. Enquanto o via remexer nos bolsos, com um levíssimo toque de chateação pela minha sovინice, desfrutei de uma minúscula vingança. Agora, já não havia pressa. Sandoval não toleraria de maneira alguma que eu o tirasse dali antes das onze, e ainda não passava das nove.

Me sentei diante dele e pedi uma Coca-Cola. Ofereceram Pepsi e aceitei. Nunca o vira beber assim. Sinceramente, assustava, embora ao mesmo tempo sua resistência fosse de admirar. Sem barulheiras, sem gestos excessivos, Sandoval levantava o copo cheio e o esvaziava em um ou dois tragos. Depois cravava a vista no vazio à sua frente e deixava que o líquido quente descesse até suas tripas. Minutos depois, enchia de novo o copo.

Era quase meia-noite e eu não tinha conseguido arrancá-lo da cadeira, embora tampouco tivesse insistido muito. Sabia por experiência que em sua bebedeira Sandoval passava por uma primeira etapa na qual ficava irritável, absorvido, e depois entrava em outra mais plácida e relaxada. Esse era o momento de levá-lo comigo. Mas, naquela noite, a transição para a segunda fase estava demorando. Me levantei e fui ao banheiro. Enquanto urinava no mictório, escutei um estrondo de vidros quebrados, seguido por uma série de gritos e correrias sobre o piso de madeira.

Saí quase me molhando. Por sorte, àquela hora não restavam mais do que três ou quatro fregueses, que olhavam a cena mais com interesse do que com temor. Sandoval erguia uma cadeira na mão direita. O dono do bar, um sujeito baixo e robusto, havia saído de trás do balcão e o espreitava de uma certa distância, temendo ser o provável alvo da cadeirada seguinte. Atrás do balcão viam-se o espelho quebrado e garrafas e cacos espalhados por todos os cantos.

— Pablo! — chamei.

Ele nem me olhou. Continuava atento aos movimentos do dono. Ninguém falava, como se o desafio que se desencadeara entre os dois fosse muito

profundo para ventilá-lo com palavras.

Sem que transcorressem sinais de aviso, o braço direito de Sandoval descreveu um amplo semicírculo e soltou a cadeira, que foi bater em cheio numa das janelas que davam para a rua.

De novo o estrondo descomunal. De novo as correrias e os insultos. Desta vez, o dono não teve dúvidas. Achou que seu inimigo bêbado e recém-desarmado era um alvo fácil e tratou de se lançar em cima dele. Não sabia (eu, sim) que Sandoval não perdia facilmente os reflexos, apesar de sua aparência congestionada, e praticava boxe desde garoto num clube de Palermo. De modo que, quando o proprietário entrou em seu raio de ação, meu amigo desfechou-lhe um cruzado na mandíbula que o empurrou de marcha a ré e o escarrapachou sobre uma das mesas vazias.

— Sandoval! — gritei.

A coisa estava ficando preta. Ele me encarou. Estaria tentando me localizar no estranho contexto bélico que havia criado? Ergueu outra cadeira. Caminhou uns passos na minha direção.

“Estamos fritos”, pensei. “Agora, só me falta terminar a noite me atracando com meu oficial num bar vagabundo da calle Venezuela.” Mas seus planos eram outros. Com a mão livre, ele me acenou para que eu saísse da frente. Me afastei para um lado. A cadeira passou em velocidade e altura consideráveis para acabar espatifando um anúncio de vidro de uma marca de uísque: um senhor de aspecto respeitável bebia uma dose, sentado numa poltrona, junto de uma lareira acesa. Já tínhamos visto em algum outro bar da área. Sandoval odiava aquele anúncio: já comentara comigo no decorrer de algum outro porre passado.

Com esse estrago final, que Sandoval provavelmente interpretava como um ato de justiça, seus ímpetos destrutivos pareceram se esgotar. O dono do bar deve ter imaginado o mesmo, porque o atacou por trás e ambos rodaram entre mesas e cadeiras. Me aproximei para separá-los e, como é de praxe nesses casos, recebi alguns golpes. Acabei sentado no chão, segurando Sandoval contra mim e gritando ao dono que se acalmasse, que eu me encarregaria de mantê-lo quieto. — Agora você vai ver — disse finalmente o homem, levantando-se.

Seu tom frio e ameaçador me assustou. Ele foi até a caixa registradora. Pensei que ia pegar um revólver e nos abater a tiros, mas me enganei. O que ele tirou foi uma ficha de telefone. Ia chamar a polícia. Os dois ou três fregueses que restavam, e que não tinham achado necessário intervir, perceberam sua intenção e abandonaram o local, apressados. Olhei ao redor. Seria possível que naquele pé-sujo houvesse um telefone público? Não havia. O homem rumou para a porta, lançando-nos um olhar assassino. A última coisa de que precisávamos naquela noite era acabar em cana. Me levantei. Sandoval parecia totalmente alheio ao assunto. Saí atrás do dono, que caminhava em direção ao Bajo. Chamei-o. Só na minha terceira tentativa ele se voltou e admitiu se deter para que eu o alcançasse. Eu lhe disse que não era caso para tanto, que me encarregaria de tudo. Ele me olhou com ceticismo. Tinha seus motivos. Aqueles vidros deviam custar uma boa grana. E acreditava se lembrar de umas cadeiras e mesas que haviam ficado sem pernas, sem contar as que Sandoval tinha lançado pelo ar. Insisti. Ele acabou aceitando voltar ao local. Refizemos o caminho em silêncio. Quando chegamos,

não pude evitar entender a raiva do sujeito. Os vidros da janela estavam espalhados na calçada, e as lascas da peleja eram visíveis por todo o recinto.

Ele abriu os braços e me encarou, como se me pedisse explicações, ou como se reconsiderasse e julgasse excessiva sua indulgência de um momento antes.

— Quanto pode custar o conserto destes destroços? — Minha pergunta carecia de segurança, de ênfase. O outro deve ter notado.

— Bom... uma porrada de pesos. Imagine.

Nunca fui bom para regatear. De sádico aproveitador, passo a me sentir um panaca incurável, e vice-versa. E aquela situação, depois da meia-noite, com Sandoval sentado no piso e encostado ao balcão (havia conseguido uma garrafa de uísque que sobrevivera intacta à hecatombe e continuava bebendo calmamente) e aquele sujeito ameaçando chamar a polícia como se tivesse um ás na manga, ultrapassava totalmente meus esquemas.

Ele me disse um valor absurdo, que devia servir quase para redecorar a maldita bodega a partir dos alicerces. Respondi que de nenhum modo dispunha de tal montante. O homem contestou que não pretendia aceitar nem um peso a menos. Um total relativamente menor passou pela minha mente: o do bolo de cédulas que ainda se aninhava no meu paletó e que eu, iludido, havia considerado o cancelamento de minha dívida hipotecária. Ofereci a ele essa quantia, tentando soar definitivo.

— Tudo bem — concordou o dono. — Mas o senhor me paga agora.

Devia duvidar de que um fulano como eu, que bancava o anjo da guarda de um bêbado perdido, pudesse ter consigo aquele dinheiro. Entreguei-o a ele, que contou as notas e pareceu se acalmar.

— Mas me ajude a dar um pouco de ordem. Se eu deixar isto aqui assim, amanhã perco o dia arrumando.

Concordei. Puxamos Sandoval para um lado, a fim de que não nos atrapalhasse, varremos os cacos, amontoamos as mesas e as cadeiras desconjuntadas num cubículo ao qual se chegava atravessando um pátio imundo, e redistribuímos o mobiliário ainda inteiro. Acho que, exceto pelo espelho e pela janela, ele saiu ganhando. Afinal de contas, aquele anúncio podre de uísque era horroroso. Sandoval quase havia feito bem ao pulverizá-lo.

Tomamos o único táxi que se atreveu a nos deixar embarcar. Às três da manhã, e com os sinais da batalha evidentes (Sandoval havia perdido todos os botões da camisa, e eu tinha um corte superficial mas chamativo na altura do queixo), não devíamos ser uma dupla com aspecto muito confiável.

Fiz todo o caminho com os olhos cravados no taxímetro. Tinha exata noção do dinheiro que me restava. Já gastara uma soma importante no táxi de ida e dilapidado uma pequena fortuna como reparação pelos estragos daquele bar vagabundo. Não queria chegar à casa de Sandoval e ter que pedir grana a Alejandra.

Pobre moça. Estava esperando no saguão, protegida por uma mantilha sobre a camisola e o robe. Nós dois metemos Sandoval na casa e na cama. Antes de entrar, paguei o táxi. Alejandra me sugeriu que eu o deixasse esperando, para poder voltar para minha casa. Ela não sabia que eu estava quebrado, e naturalmente não contei. Acho que balbuciei alguma desculpa. Quando terminamos de deitar Sandoval, Alejandra me ofereceu um café. Eu ia recusar, mas a vi tão desvalida, tão triste, que decidi ficar um pouquinho.

Contei sobre Nacho. Ela chorou em silêncio. Pablo não lhe dissera nada. “Nunca me diz nada”, concluiu em voz alta. Me senti constrangido. Toda a situação me parecia complicada. Eu gostava de Sandoval como se fosse um irmão, mas seu vício me gerava mais impaciência do que compaixão. Sobretudo quando eu via a angústia nos olhos verdes de Alejandra.

Olhos verdes? Uma voz de alarme soou dentro de mim. Me levantei num salto e pedi que ela me acompanhasse até a porta. Ela me perguntou de onde eu ia desencavar um táxi àquela hora da madrugada. Passava das quatro. Eu disse que preferia caminhar. Ela respondeu que eu estava louco, pretendendo caminhar até Caballito, em plena noite e com as coisas que estavam acontecendo. Retruquei que não haveria problema. Qualquer coisa, eu exibiria a credencial do Poder Judiciário e pronto. Era verdade. Nunca me acontecera o menor problema a esse respeito.

Exceto, claro está, se eu resolvesse exibi-la num bar arruinado, com meu colega de Juizado ali ao lado, bebendo no chão.

Alejandra se despediu de mim na porta e me agradeceu. Muitas vezes, nos quase vinte e cinco anos que transcorreram desde então, me perguntei sobre meus sentimentos por ela. Nunca tive dificuldade de reconhecer que a admirava, que a apreciava, que me compadecia dela. Será que a amava? Na época não consegui me responder, e hoje continuo achando que a pergunta não é pertinente. Jamais pude desejar as mulheres dos meus amigos. Isso me parece imperdoável.

Atenção, não penso ser um moralista. Mas nunca pude encará-la como outra coisa que não a mulher do meu amigo Pablo Sandoval. Se alguma vez me apaixonei por uma mulher alheia, tomei o cuidado de não travar amizade com seu marido. Mas me prometi não falar dela aqui, portanto deixemos isso de lado.

Atravessei metade da cidade a pé, na noite fria de julho. Passaram alguns carros e uma patrulha militar numa caminhonete, mas não me incomodaram. Cheguei ao meu edifício depois das seis. Como sempre me acontecia após uma

noite em claro, o cansaço me levava a amontoar as lembranças mais imediatas com as primeiras da véspera, de modo que àquela altura a pancadaria no bar, a notícia do desaparecimento do primo de Pablo e meu café da manhã do dia anterior pareciam imagens fundidas na mesma cena. A única coisa que eu queria naquele momento era um bom banho e um mínimo sono de umas duas horas que me desligasse de todos esses acontecimentos. Não fazia a menor ideia do que me esperava quando saí do elevador, no quarto andar.

A porta do meu apartamento estava aberta, e do interior uma luz se projetava no corredor em penumbra. Tinham me roubado? Caminhei até a entrada e a transpus sem pensar na possibilidade de que o intruso ainda estivesse lá dentro. De fato não havia ninguém. Mas isso eu pensei depois, porque, mal entrei, percebi apavorado que o apartamento estava numa desordem absoluta. Poltronas e cadeiras viradas, a estante arrastada, os livros arrebitados e espalhados pelo piso. No quarto, o colchão estava despedaçado e havia flocos de borracha por todo o aposento. A cozinha era outra bagunça. Fiquei tão aturdido que demorei a notar que a televisão e a vitrola não estavam nem nos seus lugares nem em nenhum outro. Tinham sido ladrões, então?

Nesse caso, não se explicava a fúria com que haviam agido. Por fim entrei no banheiro, sabendo que ia encontrar o mesmo caos. Mas havia algo mais, afora a cortina de plástico rasgada em tiras, o conteúdo do armário de remédios esparramado pelo piso e as torneiras do bidê abertas ao máximo para inundar o local. No espelho havia uma mensagem escrita com sabonete: “Desta vez você se salvou, Chaparro filho da puta. Na próxima, está liquidado.”

A letra era grande e caprichada, própria de alguém que não tem pressa e se sente dono da situação. No final havia um rabisco que, embora eu me esforçasse por entendê-lo, estava ilegível. O retardado que fizera aquilo, deduzi, tinha assinado o trabalho. Como podia alguém se sentir tão impune para arrasar os outros daquele jeito? Quem podia ter alguma pendência comigo? Quando me fiz essas perguntas, fui sacudido por um calafrio de medo.

Saí. Quis tomar a ingênua precaução de fechar a porta com chave. Só então notei que haviam arrebitado a fechadura com uma patada.

Naquele 29 de julho, depois de deixar para trás o apartamento destruído, me senti desorientado.

Não podiam ser simples ladrões nem um ataque às cegas. Em algum momento pensei em retornar sobre meus passos e trocar umas palavras com o porteiro, mas me aterrorizou a possibilidade de que voltassem pela manhã os que haviam me procurado à noite. Disse a mim mesmo que havia feito bem ao fugir como fugira. Mas para onde iria? Se eles conheciam meu endereço, certamente conheceriam o de meus pais, ou o de Sandoval. Eu não podia me arriscar, nem fazê-los correr riscos. Mas não tinha dinheiro. Na verdade estava caminhando pela Rivadavia em direção ao Centro, mas sem destino fixo. Olhei em que altura estava: número 5.000. E daí?

Poderia ir ao Juizado e registrar a queixa na Câmara de Apelações, se não confiasse em fazê-la diretamente na delegacia. Mas isso não era seguro. E se estivessem me esperando nos arredores de Tribunales? Mas quem, pelo amor de Deus? Quem eram? Notei que estava passando diante de um bar que tinha telefone público. Entrei e revistei meus bolsos. Entre as quatro ou cinco moedas que me restavam, apareceu uma ficha. Liguei para Alfredo Báez, a única pessoa em quem eu tinha confiança cega.

Ele se surpreendeu com meu chamado, mas em seguida, talvez alertado pela alarmada urgência de minha voz, organizou o caos do meu relato com algumas perguntas precisas e coerentes. Dele partiu a iniciativa de que nos encontrássemos horas depois, na Plaza Miserere, do lado da Pueyrredón.

Dei voltas ao acaso a manhã inteira. Quase ao meio-dia, me dei conta de que não tinha avisado o Juizado sobre minha ausência. Com as últimas moedas, comprei uma ficha e liguei para lá. Aleguei uma gripe repentina. Comentaram comigo que Sandoval também havia comunicado estar doente. Dei algumas instruções, o que sempre fazia quando me ausentava. Me consolei pensando que aqueles não eram dias de muito trabalho. Ficaria mais preocupado se soubesse que só dali a sete anos voltaria a pôr os pés naquele Juizado.

Às duas, me instalei num banco da praça. Meia hora depois, me sobressaltei: alguém acabava de se sentar ao meu lado. Virei a cabeça. Era Báez.

— Sua jogada não é espionar disfarçado, não? — Àquela altura, ele ainda queria fazer brincadeira, pensei.

— Desculpe por tê-lo incomodado. Mas eu não tinha a quem recorrer.

— Não se preocupe. Conte como foi tudo.

Relatei minuciosamente tudo o que tinha visto desde que chegara ao meu apartamento até sair correndo dali. Não levei muito tempo, embora ache que demorei mais para contar do que para viver aquilo.

— O que era mesmo que faltava em sua casa? — perguntou ele quando terminei.

— A televisão e a vitrola.

— E havia a frase do espelho...

— Dizia que iam acabar comigo, e que eu só tinha escapado por acaso.

— E mencionava seu nome, certo?

— Sim.

Báez contemplou por alguns minutos as pontas dos sapatos. Depois voltou a cabeça para mim e falou:

— Escute, Chaparro. Se for o que eu acho que é, o senhor está fodido. Por via das dúvidas, não volte à sua casa, nem ao Juizado, nem a nenhum lugar onde o conheçam. Pelo menos, até que eu me comunique de novo com o senhor.

— E que merda eu faço? — Em outro momento, eu teria me envergonhado de me exibir tão vulnerável diante de Báez, mas, naquelas circunstâncias, não pude evitar.

Ele pensou mais um pouco.

— Faça o seguinte. Hoje, vá para uma pensão chamada La Banderita, na Humberto I com Defensa. Mas não agora, preste atenção. Primeiro me dê tempo de passar por lá e falar com o dono. O senhor chega, diz que se chama... Rodríguez, Abel Rodríguez, e que tem um quarto reservado e pago. Vou deixar com ele um adiantamento por toda a semana. O senhor, diga-se de passagem, não tem um centavo no bolso, não é?

— Sim, mas... talvez pudesse passar pelo Juizado...

— O que eu acabo de lhe dizer, homem? Nem pense em aparecer em Tribunales. Nem em lugar nenhum. Meta-se na pensão e só saia, no máximo, para comprar alguma comida. Tome aqui uns pesos. Vamos, não faça cerimônia. Depois o senhor me devolve.

— Obrigado, mas...

— Uma semana. Em uma semana, espero ter o assunto mais ou menos claro. Embora hoje em dia, no meio de toda confusão, nunca se saiba. Mas, bem, vamos esperar que sim.

— O senhor não pode me dizer algo? O que acha disso tudo? — Até hoje ainda me espanta o quanto um indivíduo pode ser imbecil quando está assustado como eu estava. Báez teve a delicadeza de não zombar da minha estupidez.

— Eu entro em contato com o senhor. Fique tranquilo.

Começou a se afastar, mas parou e se voltou para mim.

— No Juizado, agora, haveria alguém despachado a quem se possa recorrer? Digo alguém com cargo, seu secretário, o juiz, o outro secretário...

— Nossa secretária está de licença por gravidez — respondi, e me distraí um instante pensando nisso. Mas logo reconsidererei e prossegui. — E o outro secretário é um retardado.

— Costuma acontecer.

— E juiz, não temos. Fortuna Lacalle se aposentou e ainda não nomearam o substituto.

Quem está como interino é Aguirregaray, do Juizado de Instrução nº 12.

— Aguirregaray? — repetiu Báez, parecendo interessado.

— Sim. Conhece?

— Bom sujeito. Finalmente, uma notícia animadora. Cuide-se. Vejo o senhor dentro de uma semana, mais ou menos. Vou procurá-lo na pensão, fique tranquilo.

Segui as instruções dele ao pé da letra. Perambulei pelo Centro e, no final da tarde, me dirigi para San Telmo. O homem que me atendeu na pensão, imagino

que era o dono, me entregou uma chave assim que me identifiquei como Abel Rodríguez. O lugar era limpo. Quando me joguei na cama, nem pensei em tirar a roupa. Estava havia um dia e meio sem pregar o olho, e durante aquelas trinta e seis horas tinha participado de uma briga de taberna, caminhado por meia cidade de Buenos Aires em plena noite e em pleno dia, testemunhado a destruição completa de minha casa e me transformado em fugitivo, embora sem saber muito bem por quê.

Encostei a cabeça no travesseiro, que também cheirava a limpeza, e dormi como um bemaventurado.

O boteco onde Báez marcou encontro comigo sete dias depois ficava colado à estação de Rafael Castillo e era um verdadeiro nojo. Três mesas desconjuntadas de fôrmica cinza, um balcão cheio de redomas que cobriam sanduíches de aspecto tenebroso, vários tamboretos de madeira com a pintura descascada. Todo o ambiente, já por si minúsculo, parecia ainda mais reduzido pelo ranço de gordura proveniente de uma grelha sobre a qual se acumulavam os chouriços e hambúrgueres frios e secos que haviam sobrado do almoço. Debruçados no balcão, alguns homens de aspecto humilde bebiam vinho e falavam aos gritos. A intervalos de 15 ou vinte minutos, as chapas do telhado se sacudiam com o estrondo das locomotivas que puxavam os trens, e uma fina chuva de terra caía das traves sobre as pessoas e as coisas. Para completar a cena, um animador brincalhão, acompanhado por duas locutoras malucas, berrava de um aparelho de rádio ligado no volume máximo.

Depois de uma semana com a alma em suspenso, refugiado numa pensão à custa da poupança de Alfredo Báez, supunha-se que eu não iria andar com muitas pretensões. Penso que não as tinha, mas, em semelhante ambiente, não pude evitar que meu ânimo despencasse. Devia ser um lugar seguro, sem dúvida, onde dificilmente procurariam alguém, a menos que esse alguém tivesse contas pendentes com as baratas.

Eu não voltara a ter notícias de Báez durante toda a semana, exceto pelo recado sobre esse encontro que ele havia deixado com o dono da pensão. Como cheguei cedo, tive tempo de me preocupar imaginando tudo o que podia ter dado errado naqueles sete dias. E se Báez tivesse sofrido uma perseguição idêntica à que eu tinha sofrido? E se alguém o tivesse atacado por mexer no vespeiro? O nervosismo acumulado ao longo da semana, potencializado pelo odor nauseabundo, pelo contato com a sujeira e pelo aturdimento de gritos e publicidades radiofônicas, me deixava à beira da explosão e da fuga. Por sorte, o policial foi pontual, como sempre; penso que do contrário já não teria me encontrado ali. Apertou minha mão e se sentou, fazendo ranger uma das imundas cadeiras de metal preto e curvim.

— Conseguiu averiguar algo? — fui logo perguntando, antes que ele se acomodasse. Meu ânimo não dava para atentar a delicadezas.

Báez me encarou fixamente antes de responder.

— Sim. Na verdade, averigui umas coisas, Chaparro.

Fiquei atemorizado. Não pelo que ele dizia, mas pelo modo como me olhava. Tinha a expressão de quem não sabe muito bem como entrar no assunto. A coisa podia ser tão grave assim? Decidi encurtar o trajeto para a verdade mais crua.

— Bom. Estou ouvindo, então.

— É que são tantas que não sei por onde começar.

— Por onde quiser — tentei brincar. — Afinal, temos tempo de sobra.

— Não vá acreditando nisso, Benjamin. Não lhe sobra muito tempo. — Eu o escutava tentando não deixar transparecer meu pânico crescente. — Esta noite o senhor tem que pegar um ônibus para San Salvador de Jujuy. Ele sai à meia-noite e dez, de Liniers. Embaixo da ponte da General Paz.

— Do que o senhor está falando? — consegui perguntar, quase aos gritos, quando senti que recuperava um pouco de fôlego.

— Tem razão. Desculpe. Acho que comecei pelo mais difícil. Tenha um pouco de paciência.

— Estou escutando — concordei, sem baixar a guarda.

— Depois de nosso encontro há uma semana, a primeira coisa em que fiquei pensando era quem, diabos, o tinha atacado. Eles não agiram ao acaso, certamente. Isso, somado a todo o resto, me permitiu identificá-los com certa facilidade.

— O que significa “todo o resto”?

— Tudo, meu amigo. — Percebendo que minha angústia precisava de detalhes, acrescentou: — Para começar, o modo como entraram, a hora em que entraram. Faz ideia do estardalhaço que devem ter feito, para quebrar tudo o que quebraram? Se fossem assaltantes comuns, agiriam com mais discrição. Mas os caras entraram como se fossem donos do pedaço.

Estavam cagando para o risco de serem escutados. Pense, Chaparro: um bando de arruaceiros, agindo impunemente no meio da noite... hoje em dia, não há tantas alternativas para saber de que laia eles são, não acha?

Eu começava a entender. Mesmo assim, era de espantar. O que uns sujeitos desse tipo poderiam querer comigo?

— O senhor topou com um desses grupos de marginais que o governo usa, meu amigo.

Nem mais nem menos. Teve uma sorte monumental de que não o achassem lá dentro. Do contrário, não ficaria para contar a história. Arrastado pelos cabelos até a mala do carro, e da mala do carro para uma vala, com quatro tiros.

Báez se abstraiu do relato por um momento e ficou em silêncio, reconstruindo as imagens que poderiam ter existido. De repente recomçou:

— Tudo combina. A impunidade, a selvageria, a ação em bando: a vizinha do apartamento B, não sei se o senhor a conhece, acabou admitindo, depois de um longo trabalhinho de amaciamento, que pela janelinha viu passarem quatro.

— E o que podiam querer comigo?

— Já chego lá, Chaparro. Espere. Porque o passo seguinte era verificar, ou melhor, confirmar, se se tratava de um grupo relacionado com Romano ou com Gómez.

— O quê? — Aqueles dois sobrenomes caíram em meus ouvidos com o estrépito atarrador de um corpo lançado de um décimo andar para a calçada. — Do que o senhor está falando?

— Sossegue, Benjamín. Não fique agitado. Bom, mas isso também era previsível. O senhor não é um militante, não é um homem público. Não trabalha numa área que interesse aos militares (na verdade, acho que eles não estão nem aí para a Justiça). Então, que razão pode haver para que lhe caia em cima um bando como esse? Eles deviam ter algo a ver com o senhor, algo antigo, algo pessoal...

Fiz contas com os dedos. Depois falei:

— Me desculpe por lhe dizer, mas é ridículo. Faz quase três anos que não sei nada de Isidoro Gómez, desde que o soltaram de Devoto, nem do outro filho da

puta.

— Eu sei, eu sei. Também me detive nesse ponto. Mas essa era a pergunta seguinte. Dei como certo que o assunto tinha a ver com eles, está me acompanhando?

— Estou. — Mas estava, realmente?

— Então, tive que começar a pensar nos motivos que eles podiam ter para querer trucidá-lo.

Motivos recentes, nenhum. Motivos antigos, soava menos lógico ainda. De modo que, pensando e repensando, eu voltava ao atual, ao momento presente. Primeiro temi que fosse muito difícil averiguar algo sobre os caras dos serviços de inteligência e toda essa corja. Pode ser que num país sério essas organizações sejam herméticas. Sei lá, imagino. Mas aqui eles têm mais buracos do que um coador de chá, acredite. Porque, afinal, gostam de se mostrar, sabe? Andar em carros sem placa, de óculos escuros, exibindo suas metralhadoras como se fossem seus... o senhor sabe o quê.

Distraiu-se de novo e seu rosto fez uma careta na qual se misturavam zombaria e desprezo.

— De modo que são bastante fáceis de localizar. Duas ou três conversas fazendo cara de babaca maravilhado, disposto a escutar suas artimanhas, e eu já tinha quase um organograma de como funcionam.

— É difícil acreditar que sejam tão tapados — arrisquei.

— Pois pode acreditar. Se não fossem uns filhos da puta sanguinários, seria para a gente se cagar de rir. Bem, continuando. Parece que Romano tem seu grupinho de sete ou oito energúmenos. Vê-se que, quando desmantelaram aquela palhaçada de Devoto, o cara continuou ativo. Por outro lado, é lógico. A que coisa produtiva um inútil como aquele poderia se dedicar?

Eu tentava seguir a explicação, mas a toda hora me vinha a imagem do filho da puta do Romano comemorando aos saltos ao redor da escrivaninha do juiz, oito anos antes. Como eu pudera ignorar, naqueles dias, que o indivíduo que trabalhava comigo era um sádico e um assassino?

— Romano comanda esse grupelho. E em geral não sai quando chupam gente. — Báez viu minha cara de estranheza. — Desculpe. Aqueles jumentos chamam de “chupar” o ato de sequestrar quem eles querem e levar para seus antros.

Fiz que sim. Recordei a detenção do primo de Sandoval, que com certeza fora submetido a esse procedimento atroz. Seria possível que aquilo tivesse acontecido na semana anterior? Me parecia que havia acontecido em outra vida, longínqua e definitivamente inalcançável.

— O fato é que Romano sai pouco. Ele faz... como é que dizem? Inteligência de base, ou inteligência de fundo. O que, traduzindo, significa que esse escroto é quem comanda as sessões de tortura nas quais arrancam nomes dos detidos. Depois manda seus capangas liquidarem quem lhe der na telha. — O rosto de Báez se ensombrecou de novo. — Mas disso os caras falam pouco.

Percebe-se que lhes resta algum raciocínio, para não andarem se vangloriando de semelhante coisa.

O que Báez me contava era tão macabro, tão irracional, tão pavoroso, e

completava com tanta simplicidade o que Sandoval e eu intuíamos, que tive certeza de que era verdade.

— Adivinhe quem é um dos capangas que fazem o trabalho externo para Romano...

Me lembrei de Morales e de sua máxima de que tudo o que pode dar errado dará errado, e de que tudo o que pode piorar, piorará.

— Isidoro Gómez... — consegui balbuciar.

— Ele mesmo, em pessoa.

— Que filho da puta — foi tudo o que pude acrescentar.

— E... se equivalem. Bom, na verdade, se equivaliam, ao que parece.

— Como assim?

— Não esqueça que a coisa toda começa, supostamente, quando os caras detonam seu apartamento.

— E que mais?

— E que esses sujeitos tinham agora um motivo para atacá-lo, o que não tinham anos atrás.

— Não entendi.

— É natural. Vou explicar. Romano ficou doido para arrebentar o senhor em sua casa,

naquele dia. Por quê? Simples: por vingança. Mas se vingar de quê? Pense um pouco. O que vocês dois têm em comum? Nada, ou quase. Só têm Gómez. Lembra-se da anistia de Cámpora?

Concordei. Como se eu pudesse me esquecer daquilo...

— Bom. Romano deve ter sentido, naquele momento, que sacaneava o senhor completamente. Por isso não fez mais nada. Porque achava que já o tinha fodido o suficiente.

— E então?

— Então, não se compreende por que Romano desembestou agora para arrebenhá-lo.

— Não estou entendendo nada.

— Espere, chegaremos lá. É como se fosse uma partida de xadrez, um desafio. O senhor fodeu com ele quando o fez ser expulso do Juizado. Ele se vingou quando soltou Gómez. Por que agora, três anos depois, Romano cisma de matá-lo? Simples: porque está convencido de que o senhor acaba de mover outra peça. Ou, mais precisamente, de que o senhor, Chaparro, acaba de aprontar uma merda para um dos homens de confiança dele, ou seja, Gómez.

Minha cara deve ter deixado transparecer que eu não tinha a menor ideia do que ele estava falando.

— Romano o procura para liquidá-lo, Chaparro, porque pensa que o senhor acaba de assassinar Isidoro Gómez. Nem mais nem menos.

Tive um momento de espanto, mas precisei voltar a mim porque corria o risco de perder o que Báez continuava dizendo.

— Não digo que o senhor fez isso. Digo que isso é o que Romano supõe que o senhor fez. Na noite de 28 de julho, foram procurá-lo em sua casa, certo? Adivinhe: duas noites antes, no dia 26, alguém botou a mão em Isidoro Gómez nos arredores do apartamento dele em Villa Lugano.

Era complexo demais, ou então o ar viciado do lugar tinha me saturado.

— Está se sentindo mal? — preocupou-se Báez.

— Na verdade, estou meio tonto.

— Venha. Vamos pegar um pouco de ar fresco.

Caminhamos até a estação e nos sentamos no único banco de ripas de madeira que estava inteiro na plataforma, quase vazia àquela hora, dos trens que corriam para a capital. Em contraposição, do outro lado dos trilhos, e à medida que a tarde avançava, de cada trem que chegava descia um número crescente de homens e mulheres que se espalhavam em todas as direções, ou que corriam para embarcar em coletivos vermelhos de teto preto.

O ar livre me fez bem. Pelo menos eu podia pensar com certa clareza e me dar conta de que devia dizer algo a Báez. Algo inadiável que só agora eu percebia como tal.

— Tem uma coisa que eu não lhe contei, Báez — hesitei. — Lembra-se de quando banqueei o detetive no início do inquérito e Gómez percebeu que estava sendo procurado?

— Bom, não foi tão grave assim. Aliás...

— Tudo bem, me deixe prosseguir. Depois da anistia, fiz uma cagada parecida. Bom, agora me dou conta de que foi uma cagada. Na época, me pareceu que não, que não era nada.

Báez estirou as pernas e cruzou os pés, como que se dispendo a me escutar. Expliquei tudo o mais sucintamente possível. Já era vexaminoso ter me mostrado diante dele como um retardado na primeira vez, oito anos antes. Agora me cabia fazer o papel do retardado reincidente. Contei que, depois da anistia, me ocorreu fazer um último favor a Ricardo Morales: averiguar o paradeiro de Gómez, para o caso de ele criar coragem e ir liquidá-lo com um tiro. E que, naturalmente, mandara fazer a diligência só de boca, sem nada escrito, por um policial conhecido. Báez me perguntou o sobrenome.

— Zambrano, de Roubos e Furtos — respondi. E de imediato perguntei: — É um babaca ou é um filho da puta?

— Não... — Báez vacilou. — Filho da puta ele não é.

— Então é um babaca.

— Hum... esqueça Zambrano. — Báez não queria me fazer passar por idiota. — Não vem ao caso. E em que ficou a coisa?

— Depois de uns dois meses, Zambrano me conseguiu um endereço em Villa Lugano. Só que agora não me lembro mais. O senhor sabe como são esses endereços. Quadra não sei o quê, edifício não sei quanto, corredor sabe-se lá qual, e tudo o mais.

— Bom. É possível que ele tenha averiguado bem.

— Não sei. Nunca verifiquei.

Fez-se um silêncio, enquanto Báez encaixava no quebra-cabeças que tinha em sua mente a informação que eu acabava de lhe passar.

— Agora entendi tudo — concluiu. — Romano deve ter sabido, principalmente se o tal Zambrano dispensou as sutilezas do caso. Mas, como não aconteceu mais nada, ficou quieto.

Deve ter interpretado isso como parte de sua raiva, Chaparro, de sua humilhação por ter ficado sem o prisioneiro condenado.

Voltamos a nos calar. Cada um, imagine, estava dando internamente o

seguinte passo lógico no encadeamento dos fatos. Finalmente, Báez falou:

— O senhor deve ter transmitido o dado a Morales, imagino.

— Na verdade, não. Veja só que ironia. Tive medo de que ele entendesse mal... não sei.

Acabei não lhe dizendo nada.

Chegou um trem vindo do Centro. Repetiu-se o aluvião de gente descendo e se espalhando.

— Seja como for, o viúvo deve ter descoberto por conta própria o endereço. Aquele rapaz nunca foi bobo — disse Báez, depois de outra pausa.

— O senhor acha que foi Morales quem foi arrebearar Gómez em Villa Lugano?

— Tem alguma dúvida? — Báez se voltara para mim. Até então, havíamos conversado olhando para a plataforma em frente.

— E... a esta altura, já não sei o que pensar nem o que dizer — confessei.

— Sim. Foi Morales. Eu diria que já tenho isso confirmado. Bom. Tanto quanto a gente pode confirmar essas coisas. Antontem, andei por Lugano. Saí perguntando. Alguns vizinhos me deram um ou outro dado. E mais, até disseram que haviam aparecido “uns rapazes” perguntando o mesmo.

— O pessoal de Romano?

— Isso. Em alguns botecos de lá me disseram que um casal de velhinhos tinha visto tudo.

Então fui procurá-los. O senhor imagina como são essas coisas. A vontade de conversar na mercearia é inversamente proporcional à vontade de falar com um policial. Tive que ameaçá-los, bancando o aflito, de levá-los para depor na seção. Seria engraçado: não sei para onde os levaria. Finalmente cederam. Acabamos quase íntimos. Eles tinham visto tudo. O senhor sabe como são os velhos. Ou eu deveria dizer como somos nós? Levantam-se de madrugada, mesmo não tendo porra nenhuma para fazer. Como a essa hora não há televisão, escutam rádio espiando pela janela. E assim avistam um rapaz que conhecem, de vê-lo entrar toda madrugada no edifício em frente. O estranho dessa noite em particular é que de repente sai um sujeito de trás de um canteiro cheio de arbustos e lhe dá uma tal porrada na cabeça que o deixa esparramado no chão. E o agressor (um sujeito alto, parecendo louro, embora não o tenham visto muito bem) puxa do bolso uma chave e abre o porta-malas de um carro branco estacionado junto ao meiofio, ali ao lado. Os velhos não entendem muito de marcas de carro. Disseram que era grande para Fitito[7] e pequeno para Ford Falcon.

Relembrei.

— Morales tem, ou tinha, não sei, um Fiat 1.500 branco.

— Pronto, é isso. Esse dado me faltava. Depois o sujeito alto fechou cuidadosamente o porta-malas, entrou na frente e partiu.

Ficamos calados um tempinho. Por fim, Báez interrompeu o silêncio.

— Esse Morales sempre foi muito organizado, me parece. Uma vez o senhor me descreveu a paciência com que ele vigiava os terminais de trem. Também não iria arrebearar o cara a tiros ali mesmo, para depois sair correndo como um fugitivo. Certamente já tinha escolhido um descampado para enterrá-lo, depois de arrancá-lo do porta-malas e abatê-lo com quatro tiros.

Recordei minha última conversa com Morales, no bar da calle Tucumán, e me atrevi a discordar levemente do policial, pensando que era minha vez de desenvolver a hipótese.

— Não. Deve tê-lo amarrado para esperar que ele voltasse a si. Certamente deu os tiros depois. Do contrário, perderia o gostinho da vingança. — De repente, me assaltou uma dúvida: — Não apareceu nenhum ferido, ferido grave, em algum hospital da área?

— Não. Verifiquei a fundo.

— Então, ele não confiou em deixá-lo aleijado.

Expliquei a parte de minha última conversa com o viúvo.

— Bem... não é tão fácil — concluiu Báez. — Uma coisa é planejar as coisas na cama, nas noites em claro, com os olhos cravados no teto. Mas executar o plano com que sonhamos é outra bem diferente. Sendo um rapaz prudente, centrado, Morales deve ter pensado, com Gómez já dentro do porta-malas, que é melhor um pássaro na mão do que dois voando. Então, sim, pode ter esperado para vê-lo acordado.

— Sabe-se lá em que descampado o desovou — aventurei.

Chegou um trem à plataforma onde estávamos, mas muito pouca gente entrou e saiu. A tarde avançava, e os trens rumo à capital iam cada vez mais vazios.

— Não acho que o tenha desovado simplesmente. — Agora era Báez que me corrigia com delicadeza. — Deve tê-lo enterrado com todo o cuidado, para que não o encontrem nem por equívoco nos próximos duzentos anos.

Passou rapidamente pela minha cabeça a lembrança de Morales sentado à mesa do café, arrumando as fotografias por rigorosa ordem de número em pilhas temáticas.

— É verdade. Já devia ter escolhido meses antes o lugar e o modo — concluí.

Demorei um tempinho a romper o novo silêncio que sobreveio.

— Acha que ele fez bem em matá-lo?

Aproximou-se um cão vadio, magro e sujo, que começou a farejar os sapatos do policial.

Báez não o enxotou, mas, quando ele mexeu as pernas, o cão se assustou e saiu correndo.

— E o senhor, o que acha? — devolveu.

— Que o senhor está se esquivando da minha pergunta.

Báez sorriu.

— Não sei. Eu teria que estar no lugar do rapaz.

Pareceu ter terminado. Mas depois de um bom tempo acrescentou:

— Acho que eu teria feito o mesmo.

Não falei logo. Finalmente concordei:

— Acho que eu também.

No táxi, horas depois, Sandoval e eu mal nos falamos, como se nós dois lamentássemos demais o que estava para acontecer e já não tivéssemos vontade de fingir: ele, que estivesse contente, e eu, que estivesse convencido.

— Passe por baixo da General Paz e nos deixe ali mesmo, na calçada onde param os ônibus de longa distância — pediu Sandoval ao motorista.

Tiramos minha bagagem do porta-malas e fiz menção de me despedir. Eram dez para a meia-noite. Sandoval me cortou.

— Não, vou esperar que você embarque.

— Não me encha o saco. Vá agora, que amanhã é dia de trabalho. Que condução você vai pegar aqui, até sua casa? Aproveite o táxi.

— Ah, sim, certo. E deixo você exposto aqui, em Ciudadela. Ora, não fode. — Virou-me as costas, foi até o motorista e pagou a corrida.

Aproximamos as malas do pequeno grupo de pessoas que, segundo verificamos, esperavam o mesmo ônibus.

— Ele vem do sul, de Avellaneda, por aí — esclareceu Sandoval. — Você chega amanhã à noite.

— Maravilha de viagem — me lamentei.

Apesar de tudo, quando chegou o veículo, enorme e brilhante, e estacionou junto ao meiofio à nossa frente, não pude evitar um arroubo de emoção infantil ante a perspectiva de viajar para longe, como acontecia quando meus pais me levavam de férias. Por isso me alegrei quando Sandoval me entregou a passagem e vi que ela trazia o número três: à direita, primeiro assento.

Vigiamos enquanto um dos motoristas de camisa azul-celeste e gravata azul-escura jogava minhas malas no fundo do compartimento de bagagem, depois de se certificar de que eu ia para San Salvador. Um pouco mais na frente colocaram as dos passageiros que iam para Tucumán e Salta. Era verdade que eu estava escapulindo para o último rincão da Argentina. Só nos afastamos quando, com um estalido, o motorista fechou a portinhola do compartimento e acionou a trava.

Trocamos um abraço ao lado da porta do ônibus. Me virei e comecei a subir os degraus, mas de repente voltei para falar com Sandoval.

— Quero que você me faça uma coisa. — Eu não sabia como começar. — Ou melhor, que não faça.

— Sossegue, Benjamín. — Ele parecia estar esperando pelo diálogo. — Como é que eu vou encher a cara, se não vou ter ninguém que pague e me leve de táxi para casa?

— É uma promessa?

Sandoval sorriu, sem desgrudar os olhos do asfalto.

— Ei! Não exagere. Não me peça tanto.

— Tchau, Sandoval.

— Tchau, Chaparro.

Às vezes nós homens nos sentimos mais seguros por trás de certa frieza ao tratar aqueles a quem amamos. Acenei para ele através da janela, depois de me sentar. Ele ergueu uma mão, sorriu e foi tomar o 117, que àquela hora passava uma vez na vida e outra na morte.

“Zárate 18”. Pensar que todo o meu presente cabia em três malas que viajavam no compartimento do ônibus me provocava uma sensação incômoda, de inferioridade ou desamparo. Eu não tinha conseguido resgatar mais do que alguns dos meus livros mais queridos.

Quase nada de roupa, porque uma das más notícias que Sandoval me trouxera na pensão era que haviam cortado a maior parte em mil pedaços, sobretudo as camisas e os blazers.

Não me despedira de minha mãe. Nem do pessoal do Juizado.

“Rosario 45”. Os faróis cortavam a escuridão e iluminavam, de vez em quando, placas verdes com letras brancas, como essa. Já estávamos em Santa Fe? A quantos quilômetros Rosario fica do limite com Buenos Aires? Se havíamos cruzado a fronteira, eu não tinha percebido.

Várias vezes havia tentado dormir, mas não conseguira pregar o olho. Os dias na pensão tinham sido um permanente e monótono vazio no qual o tempo se esticava como chicletes. Mas, no último, aconteceram tantas coisas, e eu ficara sabendo de tantas outras, que sentia como se esse tempo tivesse passado da quietude ao torvelinho.

Báez encerrara nosso encontro na estação de Rafael Castillo me dando o endereço do juiz Aguirregaray, em Olivos. Perguntei o que o juiz tinha a ver com tudo aquilo.

— É o que comecei a lhe explicar no início, e disse que deveria ter deixado para o final.

Então me lembrei:

— Jujuy ?

— Exato. É um sujeito correto, e com os contatos úteis para administrar sua transferência.

Foi ideia dele, aliás.

— Por quê?

— Não sei. Ou melhor, acho preferível que ele mesmo lhe explique. Está à sua espera.

— Mas eu não tenho outra saída a não ser sair correndo como um fugitivo? — Não me resignava a ficar sem vida de um dia para outro.

Báez me encarou um tempinho, talvez esperando que eu compreendesse sozinho. Não foi o caso, de modo que ele acabou me explicando.

— Sabe o que acontece, Benjamín? A única maneira de garantir que Romano pare de persegui-lo é contar a ele a verdade. Posso marcar um encontro, se o senhor quiser. Mas, para tanto, tenho que dizer a Romano que quem detonou o amiguinho dele não foi o senhor, mas Ricardo Morales. — Fez uma pausa, antes de concluir a ideia. — Se quiser, faremos isso.

“Merda”, pensei. Eu não podia fazer aquilo, caralho. Não podia.

— Tem razão — concordei. — Vamos deixar as coisas como estão.

Nos despedimos sem grandes exteriorizações. Ele escreveu num papel os números dos coletivos que eu devia tomar para chegar a Olivos. Àquela altura, eu já não tinha melindres ante a possibilidade de fazer papel de bobo, de modo

que perguntei até de que cor era cada um.

Demorei mais de duas horas para chegar. Aquela tarde fria daquele inverno horrórico estava chegando ao fim. A casa de Aguirregaray era um lindo chalé com jardim na frente.

Pensei com meus botões que, se algum dia retornasse a Buenos Aires, iria rumar para minha região de Castelar. Nada de apartamentos no Centro.

O juiz em pessoa me abriu a porta e me fez entrar diretamente em seu estúdio. Ao fundo, acreditei escutar ruídos de cozinha e de crianças. A possibilidade de estar incomodando me ocorreu, e falei com ele.

— Não há problema, Chaparro. Não se preocupe. Mas acho que, quanto menos gente o vir, melhor.

Concordei. Me deixei conduzir até uma poltrona ampla. Ele se sentou em outra, igual, e me ofereceu café, mas declinei do convite.

— Báez me colocou a par de tudo — começou, e eu me senti aliviado, porque a simples ideia de precisar repetir toda a história me esgotava de antemão. — O que não sei é se o senhor gostará muito da solução que encontramos.

Tentei soar despreocupado:

— Jujuy ... — soltei.

— Jujuy — confirmou o juiz — Báez me disse que aquele bandido...

— Romano.

— Romano, isso mesmo. Que esse Romano persegue o senhor por um assunto pessoal, uma espécie de vendetta particular, entendi bem?

— Exato — concedi. Báez não o tinha colocado a par “de tudo”. Notei que o policial era um homem prudente até com seus próprios amigos. Agradeeci internamente a ele. Era a milésima vez que o fazia.

— De modo que quer foder com o senhor usando seus capangas particulares, como se diz. Supomos que ele não tem muita logística, afora seu próprio grupo.

— Uma espécie de máfia suburbana — tentei gracejar.

— Algo assim. Não ria. É uma boa definição.

— E então, doutor?

— Então, Báez e eu pensamos que deveríamos enviar o senhor suficientemente longe para que não pudessem molestá-lo, mesmo que o localizassem. E aí é que aparece Jujuy. Porque mais cedo ou mais tarde Romano vai saber de sua transferência, Chaparro. O senhor mesmo viu o quanto duram os segredos em Tribunales. Mas a solução é desanimar seu perseguidor, complicar as coisas para ele.

Parou um instante porque soaram passos de mulher no corredor, que finalmente se dirigiram a outro aposento. Aguirregaray foi até a porta e fechou-a com delicadeza. Voltou a se sentar.— Meu primo é juiz federal em San Salvador de Jujuy. Sei que, para o senhor, isso deve soar como o fim do mundo. Mas Báez e eu não encontramos uma alternativa melhor.

Fiquei calado, ansioso por escutar as inumeráveis vantagens que deviam existir em me mudar para viver e trabalhar no cu de judas.

— O senhor sabe que os juizados federais dependem do Poder Judiciário da Nação, ou seja, estão dentro de nossa própria estrutura. Trata-se então de uma

simples mudança de destino. Com o mesmo cargo, claro.

— E tem que ser no de Jujuy — comentei, tentando não soar suscetível.

— Sabe o que acontece? Mesmo que não pareça, isso tem vantagens. Uma é que, enviando o a 1.900 quilômetros daqui, para esses sujeitos será quase impossível incomodá-lo. E outra é que, se mesmo assim eles forem importuná-lo, temos meu primo.

Esperei esclarecimentos sobre esse ponto. Quem era o primo? O Super-Homem?

— É uma pessoa de ideias mais para tradicionais. Imagine. O senhor sabe como são algumas sociedades do interior. — Eu não sabia, embora começasse a desconfiar. — E não pense que se trata de um sujeito simpático ou ameno. Nada a ver. É quase intragável, esse meu primo. E ruim como um escorpião. Mas tem a vantagem de, lá, ser um homem importante e respeitado, e assim que disser a quatro ou cinco pessoas-chave que o senhor está ali sob sua proteção, pode ficar despreocupado porque nem as moscas vão molestá-lo. E qualquer coisa estranha que aconteça, por exemplo quatro desconhecidos entrando na província a bordo de um Falcon sem placa, ele vai saber de imediato. Se uma vicunha der um peido no Cerro de los Siete Colores, meu primo toma conhecimento em quinze minutos. Entende o que eu quero dizer?

— Acho que sim.

“Maravilhoso”, pensei. Eu ia viver nos cafundós da pátria e trabalhar com um senhor feudal, mais ou menos. Mas nesse momento me passou pela cabeça a imagem do meu apartamento destruído, e automaticamente minhas pretensões se acalmaram. Se com aquele sujeito eu estaria a salvo, melhor seria deixar para lá o pedantismo e seguir em frente. Recordei a vergonha por tabela que havia sentido, anos antes, ao ver o juiz Batista recuar quando não se animou a enquadrar Romano no processo por coação ilegal. Eu também era um covarde. Eu também havia encontrado meu limite.

Quando Aguirregaray me acompanhou até a porta, agradei mais uma vez.

— Não há de quê, Chaparro. Mas isto sim: quando puder, volte. Não restam muitos vicesecretários como o senhor.

Foi como se suas palavras me devolvessem de repente uma identidade extraviada.

Compreendi que o pior daqueles oito dias de fugitivo era ter deixado de sentir que eu era eu.

— Obrigado de novo. — Me despedi apertando energicamente a mão dele.

Caminhei até a estação de Olivos. Os trens do Ferrocarril Mitre eram elétricos, iguais aos do Sarmiento, só que estavam limpos, quase vazios, e passavam no horário. Mas até essa inveja baírrista me demonstrava a que ponto eu tinha saudade de Castelar. Será que todos os fugitivos são maltratados por essa nostalgia do passado? Em Retiro tomei o metrô e depois fui a pé até a pensão. — Um homem está à sua espera no quarto — me atalhou o encarregado. Minhas pernas ficaram bambas. — Disse que o senhor sabia que ele vinha. Apresentou-se como seu sócio no bar, pode ser?

— Ah, sim, sim — respondi, rindo de um jeito que o encarregado deve ter achado excessivo. Aquele Sandoval não mudava nunca.

De fato, ele me esperava, comodamente refestelado na cama. Trocamos um abraço.

Tomei um banho. Depois pegamos aquele táxi no qual quase não nos falamos.

Lamentavelmente, a doença e a morte de Sandoval não foram repentinas, e os que gostávamos dele tivemos mais de um ano para nos habituarmos à ideia. Ele encarou o assunto com o mesmo cinismo metafísico que aplicava a todas as coisas. Declarou, a quem quisesse ouvir (entre seus íntimos, porque para os de fora sempre se manteve contido, ou até distante), que ninguém soubera apreciar devidamente o efeito benéfico que o álcool exercera sobre seu corpo, e que ele havia sabido se administrar em doses cavalares. Que evidentemente aquela derrocada, aquele declínio físico espantoso e sem retorno resultava do fato de sua abstinência ter rompido o sagrado equilíbrio que o uísque lhe garantia antes. Dizia isso sorrindo, e os que sempre o tínhamos perseguido para que parasse de beber agradecíamos a indulgência. De resto, continuou trabalhando no Juizado até o fim, ou quase.

Em seus últimos meses, falei frequentemente com Alejandra. Mais do que com ele, aliás.

Porque o custo das ligações de longa distância nos restringia, ou porque como bons varões considerávamos no fundo um sinal de debilidade demonstrar nossa tristeza, quando Sandoval e eu falávamos era só da morte da bezerra, e evitávamos, com exatidão de peritos, qualquer referência muito pessoal, ou muito sentida, ou muito melancólica. Nem eu lhe perguntava por sua doença nem ele por meu forçado ostracismo ujuenho. Penso que o fato de não nos vermos cara a cara quando nos respondíamos convencionalmente aumentava a limitação dessas conversas, que, no entanto, não quisemos os suspender.

Não me sobressaltou, então, que numa quinta-feira o escrevente me passasse o telefone dizendo simplesmente “operadora, longa distância”, e do outro lado, com o eco e o zumbido das comunicações na época, me chegasse a voz de Alejandra, primeiro contida, depois atrozmente dolorida, e por fim serena, talvez até desfogada.

Naquela noite fiz minha primeira viagem de avião. Era curiosa a forma adotada pela dor que eu sentia. Eu tivera tanto tempo para me preparar para essa notícia que a comparação entre as emoções da hora e minhas especulações prévias me ocupava mais do que a dor pura e simples por ter perdido meu amigo.

Vista do céu noturno, Buenos Aires me ofereceu um espetáculo imponente. Quando botei os pés no Aeroparque, senti a mesma distância afetiva que havia experimentado ao saber da morte de Sandoval. Não tinha medo. Nem sequer saudades. Tampouco me alegrava voltar depois de seis anos. Por um instante, a culpa me acossou: eu não avisara minha mãe dessa viagem-relâmpago porque não queria demorar, mas também não queria entristecê-la fazendo-a saber que estivera por um dia a vinte quilômetros de sua casa, em vez de a quase dois mil, e não aparecera para visitá-la. Melhor esperar o mês de julho, quando ela iria me ver, como todos os anos.

O taxista não teve ideia melhor que me ilustrar com uma conferência na qual se dispunha a explicar, segundo percebi, que os ingleses jamais poderiam reconquistar as Malvinas com aquela procarria de frota que acabavam de enviar.

Cortei-o secamente:

— Peça que não fale comigo. Preciso descansar. — E, para o caso de ele entender minha falta de interesse como uma traição contra nossa pátria, acrescentei: — Além disso, sou austríaco.

O homem se calou. Enquanto o carro avançava por Palermo, certas lembranças foram abrindo caminho. Comprovei quase prazerosamente que elas me doíam. Minha própria frieza das horas anteriores tinha me assustado. Talvez por isso, acabei me perguntando a quantas andaria o escroto do Romano. Continuaría com ânsias de me liquidar? Não era uma pergunta menor. Da resposta dependia minha necessidade de continuar vivendo em Jujuy ou não. Mas era uma pergunta que eu não tinha a quem formular. Báez morrera em 1980. Eu não me atrevera a viajar para Buenos Aires nessa ocasião, embora tivessem transcorrido quatro anos desde a vingança de Morales e o ataque do qual eu me salvara por um triz. Havia enviado, isto sim, uma longa carta ao filho dele, porque sempre me pareceu importante que os filhos conheçam o verdadeiro valor de certos pais. Afora isso, sem Báez eu iria me sentir perdido. Por isso pensava em ir do aeroporto ao velório, do velório ao enterro e do enterro de novo para o aeroporto.

Não era na casa de Sandoval, mas num velatório. Desde criança, sempre odiei a parafernália estética dos nossos ritos fúnebres. Aquelas mortalhas vaporosas, as velas, o cheiro pavoroso das flores mortas. Sempre me pareceram inúteis artificios de ilusionistas tediosos, tentando profanar a digna e atroz dureza da morte. Talvez por isso, passei pela câmara mortuária sem me deter. Alejandra matava as horas da noite tentando cochilar numa poltrona. Acho que se alegrou ao me ver. Chorou um pouco e me explicou algo relacionado com o último tratamento que haviam aplicado ao seu marido, buscando um milagre impossível. Aquilo me soou como uma história que fora se gastando ao longo do dia, de tão repetida, mas não tive coragem de interrompê-la. Quando ela pareceu ter terminado, me atrevi a falar:

— Seu marido foi o melhor sujeito que conheci na vida.

Ela parou de me olhar e cravou a vista num canto. Pestanejou várias vezes, mas nenhum truque lhe serviu para evitar o pranto. Mesmo assim, consegui me responder.

— Gostava tanto de você, e o admirava tanto, que acho que parou de beber para você não ficar preocupado com ele, agora que não ia poder ajudá-lo.

Foi a minha vez de chorar. Nos abraçamos em silêncio. Por fim, tínhamos sido capazes de nos esquivar imunes aos rituais enganosos daquele lugar e de honrar a memória de seu marido e meu amigo.

Alejandra me ofereceu café e conversamos de tudo um pouco. Era mais de meia-noite. Se restava algum parente atrasado, só passaria às primeiras horas da manhã, antes do enterro.

Dediquei um bom tempo a colocá-la em dia quanto aos detalhes do meu exílio juvenho. Ela me perguntou minuciosamente por Silvia. Pablo lhe falara de minhas novas núpcias, mas a curiosidade feminina de Alejandra exigia muito mais informações do que aquelas com as quais Sandoval se conformara em nossas cartas e conversas telefônicas. Comecei contando que Silvia era a irmã

mais nova do secretário de um Juizado Civil, que era inevitável que acabássemos nos conhecendo naquela sociedade do tamanho de um dedal, que ela era muito bonita, que para conquistá-la talvez me tivesse auxiliado a aura de misterioso exilado político de obscuro passado que me precedia naquelas terras remotas, e que eu a amava muito. Quando concluí, achando que dissera tudo, começou seu interrogatório. Fiz o que pude, sem sair da minha surpresa ao comprovar a miríade de coisas que uma mulher pode desejar saber a respeito de outra. Quando consegui convencê-la a ir para casa e dormir um pouco, eram quase três. Àquela hora, não viria ninguém. E acho que ela gostou da ideia de eu ficar um tempo sozinho com o que nos restara de seu marido. E a mim, confusamente, penso que isso também me pareceu adequado.

Foi um enterro pouco concorrido. Alguns familiares, um ou outro amigo, uns funcionários do Juizado. Vários deles eu não conhecia: esse alheamento talvez tenha sido a prova mais palpável que tive do meu próprio exílio. Mas encontrar outros que, estes sim, eram antigos funcionários me reconfortou; com eles troquei cumprimentos e palavras de afeto. Também compareceram Fortuna Lacalle e Pérez, nossos antigos superiores. O juiz aposentado estava tão envelhecido que parecia prestes a se desarticular, mas sua cara de otário resistia incólume à batalha contra a passagem do tempo. Pérez já não era defensor público: era juiz de sentença, para estranheza dos homens e das mulheres de bom critério.

Enquanto os outros retornavam aos seus carros, me demorei um instante para lançar um punhado de terra sobre a sepultura sem que ninguém me visse. Me voltei para me certificar de que meu gesto não tivesse testemunhas: no final do grupo em retirada, iam precisamente nosso antigo secretário e nosso igualmente antigo juiz. Levantei um torrão grande e úmido e fui partindo-o em vários pedaços. À medida que os jogava, fui executando, à meia-voz, uma espécie de reza absolutamente profana: “No dia em que os babacas fizerem uma festa, esses dois recebem os outros na porta, servem as bebidas, oferecem torta, fazem o brinde e limpam as migalhinhas dos lábios deles.”

Ao terminar, me afastei sorrindo.

Mais dúvidas

“Não me falta nada”, pensa Chaparro, enquanto volta para casa com o saco de pão quentinho na mão. Como não vai estar quentinho, se quase abrem a padaria para ele?

Descobrir em si mesmo esses hábitos iniciais de velho o irrita, como talvez ocorra a outros com as rugas ou com os cabelos grisalhos. Enquanto, até se aposentar, dormir era um prêmio e um prazer ao qual ele se abandonava sem nenhum remorso e do qual retornava de má vontade, agora lhe sobram horas de vigília por todos os lados. Por isso, quando se cansa de se revirar na cama, os olhos ofuscados pela claridade que escoia através das frestas da janela, levanta-se e sai para comprar o pão na outra quadra, vestido com esmero, porque teme se transformar num daqueles velhos completos que saem à rua usando camiseta, suspensórios e alpercatas.

Na volta, prepara mate e o leva para a escrivania junto com dois pãezinhos num prato, para não espalhar migalhas. Acha meio engraçado notar que suas duas uniões foram capazes pelo menos de amansar um pouco seus hábitos domésticos.

Quando se senta, relê o último trecho escrito e se entristece. Duvida, por outro lado, de que faça sentido conservá-lo como parte do livro. É útil à história que ele está contando? Se a história contada for a de Ricardo Morales ou a de Isidoro Gómez, não, o trecho não tem nada a ver com esses dois. Mas se a história que está contando for a própria, a de Benjamín Miguel Chaparro, sim: essa visita fugaz a Buenos Aires, em maio de 1982, não pode ficar de fora.

Volta a se interrogar sobre qual das histórias está escrevendo e o assaltam dúvidas novas, ou velhas e repetidas. Porque, se está escrevendo uma espécie de autobiografia, está deixando de fora um monte de circunstâncias e de pessoas que tiveram muito a ver com sua vida. O que disse de Silvia, sua segunda mulher, por exemplo? Pouco ou nada. Deveria reler tudo, mas lhe parece que só a mencionou no bendito capítulo anterior sobre a morte de Sandoval. Mas o que pode acrescentar, afinal? Que conviveram por dez anos? Que, depois que ele se atreveu a retornar a Buenos Aires, no fim de 1983, quando já ninguém temia os militares nem seus capangas, ficaram juntos outros quatro anos, além dos seis em Jujuy? Que durante esses últimos quatro anos foi Silvia quem lhe pareceu viver no exílio, longe de sua família, de suas amigas, daquela sociedade da qual ela se queixava quando moravam lá, mas da qual começou a ter saudade desde o primeiro dia em que pisou numa Buenos Aires que ela sempre sentiu como hostil e agressiva?

Quando Chaparro falou de formalizar a união, agora que estava habilitado pela nova Lei de Divórcio, Silvia adiou o assunto, e quando ele pretendeu acuá-la, obrigá-la a se decidir, ela lhe confessou não estar segura de amá-lo o suficiente.

O próprio Chaparro a ajudou a fazer as malas, pediu um carro emprestado para acompanhá-la ao Aeroparque e mais tarde despachou, com a meticulosidade de um escrivão, todos os bens comuns que ela foi lhe solicitando, desde uma torradeira elétrica até uma primorosa edição de Moby Dick que haviam comprado juntos numa escapada a Salta.

Depois pararam de se falar. Chaparro teve notícia de que ela se casara, mas nunca quis saber muito do assunto. Foi por essa época que decidiu renunciar às mulheres, ou às mulheres que fossem capazes de lhe importar e, portanto, de magoá-lo. No início, isso lhe pareceu tão simples que ele considerou sábia a decisão. Disse a si mesmo que havia sido um erro pretender compartilhar sua vida com alguém, porque sempre acabara lamentando essa escolha. Tinha perdido Marcela por tédio, e Silvia porque ela mesma havia resolvido desse jeito. Não queria continuar perdendo. Melhor assim. Sempre haveria uma mulher à mão, disposta a lhe proporcionar um prazer efêmero, em troca do mesmo favor. Melhor se mudar para Castelar, tal como havia desejado fervorosamente quando tivera que partir para Jujuy. Para a casa que fora dos seus pais. A casa onde agora escreve esta história, olhando de vez em quando o jardim e levantando-se volta e meia para preparar mate. Vai contar isso num romance? Não tem nenhum sentido. Melhor voltar a Morales e às poucas páginas que faltam à sua história. E depois?

Depois, nada. Ou sim: devolver a máquina ao Juizado, ao maldito Juizado a cargo da doutora Irene Hornos, raios a partam, porque tudo (colocar as mulheres num plano distante, transar ocasionalmente com alguma sem compromissos profundos de nenhuma espécie, levar em Castelar esta existência de viúvo metódico) havia funcionado bem até o dia 9 de fevereiro de 1991, quando, depois de quinze anos, ela voltou a cruzar a porta da Secretaria, agora promovida a juíza.

Chaparro se prometera que aquela mulher não iria enlouquecê-lo de novo, porque ele estava bem assim, e porque não precisava de uma nova e brutal desilusão, de uma nova insônia, de um novo vazio no estômago. Foi por isso que lhe disse “como vai, doutora?, quanto tempo”, embora notasse que ela ficava meio sem graça, porque vinha adiantando a face para dar um beijo nele e se atrapalhava como se atrapalha alguém que vem nos tratar por você e topa com uma parede de quatro metros, sem fissuras, à qual convém responder “bem, e o senhor?, é verdade, quanto tempo”. E por isso, porque a situação o aborreceu, angustiou ou entristeceu — ou lhe produziu todos esses sentimentos —, Chaparro balbuciou a desculpa de que havia deixado um monte de trabalho inacabado sobre sua escrivãzinha e saiu disparado. Retirou-se em velocidade suficiente para escapar ao perfume que ela sempre usara, mas não para ficar a salvo de escutar as corriqueiras respostas às corriqueiras perguntas de como vai sua família, Irene, bem, graças a Deus as meninas bem, seu marido, meu marido bem, trabalhando muito e de saúde muito bem; raios partam também a ele, o desgraçado filho de mil putas, com perdão da palavra porque o estúpido não tem culpa de ter se casado com ela mas dá no mesmo, com que direito ela fez isso a ele, que estava tão bem sozinho ou efemeramente acompanhado.

Porque daí em diante nada vai ter gosto de nada, ou pior, porque tudo vai ter o gosto dela: o ar e as torradas, a insônia e os beijos de qualquer outra mulher que passe pelo seu caminho, e assim o melhor será pedir uma transferência, mas isso também não; porque ele não tem colhão para ficar mudando de Juizado e de funcionários, portanto não há solução de nenhum tipo, exceto se calar, deixar passar o tempo, ignorar o fogo dos olhos dela quando fitam, desviar a vista de seu

decote quando ele se aproxima por trás da escrivadinha com processos para ela assinar, e, merda, viver assim é um calvário.

Não. Definitivamente, não vai escrever um romance que o tenha como protagonista. Já está bastante farto de si mesmo para ainda por cima se entreter com a contemplação do próprio umbigo. Mas decidiu manter o capítulo da morte de Sandoval. Essa maldita história de Morales está entremeadada com sua própria vida. Ele não passou sete anos contando cabras no Altiplano por ter se envolvido nessa tragédia? Não se arrepende. Não renega esse passado. Mas, precisamente por isso, não vai eliminar nada do que escreveu.

E essa é outra questão: o que vai fazer com tudo o que já tem escrito? Aquilo forma uma bela pilha sobre a escrivadinha que há seis meses estava vazia, ou melhor, com uma resma intacta ao lado da Remington. Deveria presentear-a a Irene. Ela gosta de que ele lhe mostre o que escreve. No último mês e meio, não houve uma semana em que ele não a visitasse para lhe levar uns capítulos. Será bom aquilo que escreve? Ela o elogia o tempo todo. Tomara que o texto seja ruim. Porque, se for bom, elogiá-lo significa que ela gosta do que ele escreve e ponto. Mas, se for ruim e ela o elogiar do mesmo jeito, é porque quer agradá-lo. E Chaparro desconfia de que é para isso que escreve. Para dá-lo a ela, para que ela saiba algo sobre ele, tenha algo dele, pense nele, embora seja apenas enquanto lê. E se o texto for ruim, e ela o elogia porque aprecia Chaparro e mais nada? Ou seja, ela pode pensar que aquilo que ele escreve é uma porcaria, mas não quer magoá-lo, não porque goste dele, não no sentido em que Chaparro deseja que ela goste, mas sim como colega, como antigo chefe, como atual subordinado, como cachorro abandonado que, coitadinho, inspira dó.

Em voz alta, Chaparro exclama “chega, que vá tudo à puta que o pariu”, o que em termos menos vulgares significa que ele deve interromper seus devaneios e começar a trabalhar. Escuta o assovio da chaleira e se dá conta de que, enquanto esteve mergulhado em suas meditações amorosas, a água para o mate chegou à temperatura de um vulcão em erupção. Substituí-la e esperar que es quente lhe permite ir encontrando o tom espiritual de que precisa para escrever o último e definitivo trecho. Aquele que termina em pleno campo. No barracão com o portão corrediço.

Quando derrama a água na garrafa térmica, e uma levíssima coluna de fumaça lhe indica que agora a temperatura é a adequada, Chaparro já se livrou das distrações. Sua mente viajou a três anos atrás, a 1996, ao verdadeiro final daquela história, vinte anos depois do ilusório final em que todos (Báez, Sandoval, ele mesmo, e até o filho da puta do Romano) acreditaram ingenuamente.

Deixa os utensílios do mate sobre a escrivadinha e se dirige até o aparador da sala. Sabe que as cartas estão na segunda gaveta, cada uma em seu envelope. Não estão muito amareladas porque não são assim tão antigas. E, embora não as tenha relido, ele acredita recordá-las com exatidão, quase nas palavras textuais. Mas não quer falsear a verdade que tem nas mãos. Por isso irá tirá-las dali e levá-las para a escrivadinha. Para citá-las sempre que considerar necessário.

“Por que semelhante escrúpulo de exatidão?”, se pergunta. Porque sim, é sua primeira resposta. Porque nelas se esconde a verdade, ou a própria palavra de Ricardo Morales, que neste caso é a última verdade, responde-se em seguida.

Porque assim, com as provas documentais na mão, citando o que for preciso citar, é como ele trabalhou por quarenta anos em Tribunales, acrescenta. E essa outra resposta também é verdadeira.

O dia 26 de setembro de 1996 era uma quinta-feira como qualquer outra, exceto talvez pela algazarra que vinha da rua. A partir das doze começava a primeira greve geral contra o governo de Carlos Menem, e uma facção do sindicato dos judiciários provocava tumulto com uma ou outra bomba, enquanto se concentrava na escadaria da calle Talcahuano. Às dez, passou o carteiro. Na verdade, é o que suponho, porque minha escrivanhinha ficava longe da mesa de protocolo. Um estagiário me trouxe um envelope alongado e manuscrito, sem selos oficiais, despachado como correspondência registrada. Olhei aquilo com a curiosidade de encontrar uma mensagem que se anunciava pessoal no meio da confusão de comunicações entre repartições públicas à qual vivíamos acostumados.

Distraído, procurei os óculos de leitura, até notar que os estava usando. Não reconheci a letra. Eu teria lido alguma vez aquela caligrafia elegante que se elevava reta, vertical e meticulosa? Não me lembrava. Mas me lembrava, sim (embora tivesse acreditado que nunca mais o evocaria), do nome do remetente e de sua história: Ricardo Agustín Morales, que ressuscitava depois de vinte anos de distância e de silêncio.

Antes de abrir o envelope, voltei a olhar o destinatário. Era eu, sem dúvida. “Benjamín Miguel Chaparro. Juizado Nacional de Primeira Instância no Criminal de Instrução nº 41, Secretaria nº 19”. Como Morales sabia que ia me encontrar ali? O envio imprevisto me chateou um pouco, embora... o que me incomodava, exatamente? Na verdade, eu não o responsabilizava pela minha fuga desesperada em 1976. Sempre tivera muito claro que isso se devia ao escroto do Romano. O fato de ele me escrever tantos anos depois me perturbava? Também não. Minha lembrança de Morales era afável, quase carinhosa. O que era, então? Demorei um pouco a me dar conta de que verdadeiramente o que me aborrecia era o fato de eu ser tão previsível, tão monótono, tão igual a mim mesmo, a ponto de alguém poder me localizar no mesmo Juizado, na mesma Secretaria, no mesmo cargo e na mesma escrivanhinha, duas décadas depois de nosso último contato.

Era uma carta relativamente longa, e estava datada de 21 de setembro, em Villegas.

Portanto, ele tinha ido embora da capital federal. Teria conseguido reconstruir sua vida? Desejei sinceramente que sim e comecei a ler.

Antes de mais nada, peça desculpas por importuná-lo depois de tanto tempo.

Demorei um segundo para fazer um cálculo muito simples: eram, nem mais nem menos, vinte anos e alguns meses.

Se em todos estes anos não me comuniquéi com o senhor, foi sobretudo por temer lhe causar ainda mais contratempos além dos que já lhe havia causado. Eu soube de sua partida para San Salvador de Jujuy alguns meses depois que ela aconteceu, quando telefonei ao seu Juizado. Desnecessário dizer que não perguntei pelos motivos de seu afastamento, mas não demorei a perceber que meus atos deviam ser os responsáveis.

Um auxiliar me fez uma pergunta boba. Pedi em voz alta, a ele e a todos, que por um instante não me interrompessem.

Se o incomodo a esta altura, tantos anos depois, é porque me vejo na obrigação de aceitar o oferecimento que o senhor me fez em nosso último encontro, quando me relatou as circunstâncias que haviam originado a libertação de Isidoro Gómez.

“De novo esse nome”, pensei. Também faria muitos anos que Morales não o pronunciava?

Ou nunca o tirara realmente da cabeça?

Naquela ocasião o senhor me disse que eu não hesitasse em procurá-lo se em algum momento acreditasse precisar de sua ajuda. Considerará uma ousadia que eu me agarre agora a esse oferecimento? Digo isso pensando no enorme sacrifício que lhe impus, involuntariamente, quando em 1976 o senhor foi obrigado a se afastar daí. Duvido de que isto lhe sirva de consolo, mas juro que passei longos dias procurando um modo de livrá-lo de semelhante transtorno.

Me perguntei que cara teria agora Ricardo Morales, para fazer uma ideia do rosto que havia por trás dessas palavras. Por mais que tentasse, não conseguia envelhecê-lo: ele continuava sendo o rapaz alto e louro, de bigode pequeno, gestos lentos e expressão paralisada que eu conhecera quase trinta anos antes. Continuará se vestindo do mesmo jeito? Seu estilo não tinha nada a ver com o dos jovens de sua idade, no início dos anos 1970. Imaginei que sim e notei que sua maneira de se expressar por escrito também soava antiquada.

É evidente que nunca encontrei o modo de subtrai-lo a essas dificuldades, embora tenha me agradado saber, vários anos depois, que o senhor havia retornado ao seu posto em seu Juizado de antanho.

Morales não dizia isto, mas eu podia supor: ele devia ter ligado de vez em quando para o Juizado, perguntando por mim, até que lhe disseram que eu tinha voltado. Mas por que não quisera falar comigo? Por que se limitara a essa constatação? E por que agora, em contraposição, me convocava? E, por outro lado, me convocava para quê? Continuei lendo.

Desnecessário dizer que, se o senhor me guarda rancor pelo modo como alterei sua vida — reitero que sem ter tal intenção em absoluto —, creio que lhe assiste absoluta razão para rasgar e esquecer estas linhas agora, ou quando terminar de lê-las. Nos próximos dias, receberá outras duas cartas idênticas a esta. Peço-lhe não tomar isto como uma insistência abusiva: o temor de que a correspondência se extravie me levou a comportar-me deste modo. Despacharei uma com data de segunda-feira, 23, e a outra com data de terça, 24, ambas igualmente registradas. Se o senhor receber e ler esta, peço-lhe que destrua as restantes.

Não sei por quê — ou sei, sim —, me veio à memória a imagem de Morales sentado na lanchonete da estação de Once. A mesma minuciosidade, idêntica determinação. Senti certa pena.

Às vezes a vida encontra caminhos estranhos para resolver nossos enigmas. Desculpe se me torno aqui um desajeitado filósofo. Não sei se lhe contei, algum dia, que quando muito jovem fui um fumante empedernido, até que Liliana me convenceu de que isso me prejudicava, e parei de fumar imediatamente.

Liliana Emma Colotto de Morales. Este nome, sim, guardava um registro muito desbotado em minha memória. Claro: sua passagem pela minha vida tinha

sido fugaz, durante o ano que se seguiu à sua morte. Depois disso, minha lembrança se ligava somente a Morales, seu viúvo, e a Gómez, seu assassino. Agora o nome voltava, trazido pelo homem que mais a amara.

Depois da morte dela, como se fosse um ato de despeito ou, pior, como se esse ato de despeito servisse de algo, voltei a fumar, e de maneira cada vez mais abusiva. Pois bem: dois maços diários acabaram com minha boa saúde e minha resistência. E, paradoxalmente, talvez solucionem antes do tempo meu último dilema.

“Coitado”, pensei, “ainda por cima vai morrer de câncer”. Sempre que fico sabendo da morte de alguém, ou da iminência dessa morte, faço um rápido cálculo da idade dessa pessoa, como se a juventude e a injustiça da morte fossem diretamente proporcionais, e como se minha indignação ante as mortes prematuras adiantasse alguma coisa. Esta vez não foi exceção: deduzi que Morales devia estar em torno dos cinquenta e cinco anos.

Seria bobagem lhe dizer que a morte me preocupa. Nem muito nem pouco. Talvez, se chegar a considerar cabalmente minha situação, o senhor até concorde comigo em que se trata de um alívio. Se não me levar a mal, eu queria lhe transmitir minhas condolências pela morte do seu amigo, o senhor Sandoval. Tomei conhecimento do fato pelos obituários do La Nación. Não sabe o quanto lamentei. Também com ele, não achei um modo de retribuir o que fez por mim, ou por Liliana e por mim, ou como quer que tenha sido. Por motivos que lhe explicarei adiante (se até lá o senhor não sentir que estou abusando de sua paciência e não abandonar prematuramente esta longuíssima epístola), me é impossível me ausentar do meu lugar de residência por lapsos prolongados. Por isso, compareci ao cemitério de La Chacarita meses depois da morte do senhor Sandoval, para prestar-lhe um modestíssimo tributo. Naquela ocasião, desejei fazer chegar à viúva dele algum tipo de auxílio monetário, muito mais contundente e proveitoso do que meus respeitos, mas na época eu atravessava uma situação econômica muito apertada, produto de importantes dívidas que havia contraído. Pois bem: se o senhor se dispuser a me fazer esse favor (na realidade, eu deveria dizer: se estiver disposto a somar mais este à ingente quantidade de favores que vou lhe pedir, mascarados em um só), vou rogar-lhe que faça chegar a essa senhora um dinheiro que reuni, e que seria para mim uma honra tributar a ela como mostra de gratidão à memória de seu esposo.

Aquele Morales era maravilhoso. Pretendia que eu me apresentasse na casa de Alejandra, a quem via raramente, com um pacote de grana da parte de um vingador anônimo que se sentia em dívida com seu marido, morto catorze anos antes. O tempo não passava para aquele homem?

Tudo era um eterno presente que se somava aos anteriores? Internamente respondi, rendido, que sim, que aceitava levar à viúva de Sandoval o dinheiro que Morales se propunha lhe enviar.

Mas, bem, o que lhe mencionei quanto à morte do seu amigo eu o fiz para que o senhor não me atribua a insolência de julgar tão levemente todas as mortes. Nada disso. Mal me atrevo a considerar assim a minha própria. E, na verdade, não diria que a encaro como algo leve, antes poderia qualificá-la de algo reparador, algo finalmente sereno. Releio o que escrevi e sinto que me dispersei e que o

canso com noções que não levam a nada. Já é o bastante que eu lhe apareça emergindo do esquecimento, e ainda por cima solicitando-lhe um favor, para que o senhor ainda deva tolerar minhas divagações. Queira me desculpar. Voltemos ao assunto. Eu dizia acima que, caso o senhor não acolha favoravelmente o meu pedido, por favor destrua esta, além das outras cartas que vão lhe chegar. No entanto, rogo-lhe que se comunique com o escrivão doutor Padilla, daqui de Villegas, nas próximas semanas, pois em meu testamento eu tive a ousadia de legar ao senhor meus poucos bens. Espero que não tome isso como uma impertinência. O que deixo não é grande coisa, exceto a propriedade onde vivo, a qual hoje em dia deve valer uns bons pesos, porque são trinta hectares de bons campos.

Fiquei surpreso. Imaginava Morales morando em zona urbana. Ele nunca me dera a impressão de ser homem para o campo. Também me lisonjeou sua generosidade, embora me incomodasse levemente: àquela altura, eu tinha decidido ajudá-lo sem recompensas.

Além disso, um automóvel em bom estado de conservação, mas muito antigo.

O Fiat 1.500 branco. As lembranças nunca voltam sozinhas. Sempre retornam em grupo. A imagem do carro me veio com a de Báez, sentado comigo na estação de Rafael Castillo, enquanto me narrava o testemunho dos velhos de Villa Lugano que haviam visto Morales carregar no porta-malas desse veículo um Gómez desmaiado mas ainda com vida, vinte anos antes.

Não há mais nada, exceto alguns móveis velhos, cujo destino final deixo ao seu critério. Dito isso, no caso de eu poder contar com sua colaboração para organizar, aqui em Villegas, meus últimos assuntos, também lhe pediria que faça o possível para chegar à minha casa no transcurso do próximo sábado, dia 28. Espero que não tome isso como outra insolência de minha parte. Quase lhe diria que o faça pelo senhor, para lhe evitar um incômodo maior do que esse que me é impossível deixar de causar-lhe.

Acreditei entender. Era atroz, mas simplicíssimo. Morales ia se matar, e me pedia que eu fosse no sábado para não topa com um espetáculo ainda pior no domingo ou na segunda. Não dizia isso na carta, mas havia planejado até o detalhe de que me seria mais cômodo dispor de um fim de semana do que pedir uns dias livres no Juizado. Sabereria que estávamos longe do próximo plantão e portanto bastante aliviados de tarefas? Eu não estranharia que ele tivesse se dado o trabalho de averiguar.

A esta altura, o senhor terá adivinhado — pelo menos em parte — o que vai encontrar quando chegar à minha casa. Rogo-lhe que saiba me desculpar: E repito que entenderei perfeitamente uma negativa. Em qualquer dos casos, despeço-me com minha mais atenta consideração, e reitero-lhe minha mais profunda gratidão por tudo o que o senhor fez por nós.

Ricardo Agustín Morales

Terminei de ler e guardei a carta. Demorei uns minutos para reagir. O escrevente me perguntou o que eu tinha, que cara era aquela. Respondi com evasivas. Nesse momento o secretário saiu do gabinete. Aproveitei para lhe dizer que precisava sair cedo a fim de levar o carro à oficina para uma revisão, porque no sábado deveria viajar por um assunto pessoal. Ele respondeu que não haveria inconveniente.

Dirigi desde a madrugada, porque queria chegar antes do meio-dia. Essa me parecia a hora menos horrenda para penetrar numa casa vazia ou, pior, numa casa onde me esperavam os despojos de um homem que eu havia conhecido e apreciado.

As instruções que encerravam a carta de Morales eram concretas e simples. Passar ao largo do acesso à cidade, deixar para trás também o posto de gasolina que ficava logo à direita junto à rodovia. Quatro quilômetros, e eu veria três silos muito altos à minha esquerda. Mais um quilômetro, entrar na estrada vicinal pavimentada, também à esquerda. Mais dois, os últimos, atentando para a cancela que devia aparecer, agora à direita, entre os pastos altos.

Acho que eram onze horas quando desci para abrir a cancela. Atravessei-a com o carro e voltei para fechá-la. Seguia-se uma trilha de cascalho regularmente conservada. Avancei o que imaginei serem dois ou três quilômetros, embora eu talvez esteja exagerando: seguia lentamente por causa do estado do caminho, e as pastagens altas ao lado não me ofereciam pontos de referência. Se Morales havia querido manter sua privacidade, tinha conseguido. Por fim a trilha se abriu numa esplanada bastante ampla, diante de uma casa. Era simples, térrea, com janelas altas e gradeadas, rodeada por uma varanda sem ornamentos nem vasos de plantas nem cadeiras nem nada. De um lado estava estacionado o Fiat, protegido pela varanda. Não me detive para olhá-lo em detalhe, mas o carro parecia tão impecável quanto antigamente.

Eu sabia — Morales me dissera em sua carta — que o campo tinha ao todo pouco mais de trinta hectares. Imaginei que para comprá-lo o viúvo devia ter se endividado até os cabelos.

Lembrava vagamente ter lido em seu, digamos, necrológio alguma alusão às suas dívidas. Cai em mim: o dinheiro para a viúva de Sandoval. Exato. Na época, ele não pudera ajudá-la, mas evidentemente quinze anos depois havia saldado seus compromissos. Imaginei que Morales devia ter reconstituído seus recursos à força de grandes sacrifícios. Como tesoureiro de uma filial de banco, certamente não ganhava muito dinheiro, e desconfiei de que aquelas terras não tinham sido baratas. O aperto financeiro em que ele se aventurara para comprar a propriedade explicava a deterioração controlada mas evidente da construção e do caminho de acesso.

Estacionei perto da casa e caminhei até a porta, a qual, como Morales me antecipara, estava sem chave. Quando abri, uma esperança infantil me assaltou.

— Morales! — chamei em voz alta.

Ninguém respondeu. Praguejei internamente, porque soube então que iria encontrá-lo morto. Avancei pela sala. Poucos móveis, uma estante de livros bem provida, nenhum adorno.

Duas escopetas penduradas à parede. Não me aproximei para examiná-las (sempre senti forte apreensão diante de armas), mas vi que estavam limpas e prontas para o uso. Sobre a mesa, apoiado com capricho sobre um cinzeiro de cerâmica, um envelope volumoso, endereçado à “senhora de Sandoval”. Me aproximei, peguei-o e o guardei no bolso interno do paletó, porque tive vergonha

de contá-lo. Ao fundo havia um corredor para o qual se abriam a porta do banheiro e em seguida a da cozinha. E o quarto? Voltei sobre meus passos. Não tinha percebido uma porta fechada que dava para a sala, ao lado da estante. O quarto devia ser ali. Abri a porta com a alma em suspenso.

O que vi era afinal menos terrível do que eu havia suposto. Os postigos da janela estavam abertos e a luz do sol entrava em jorros. Evidentemente, Morales sabia que a claridade não iria incomodá-lo naquela manhã em particular. Nada de sangue nem de miolos explodidos contra a cabeceira da cama, ao contrário das cenas que minha tórrida imaginação tivera tempo de construir desde o momento em que eu lera a carta. Apenas o corpo do viúvo, de costas, coberto até o pescoço com o lençol.

Não vou cometer a imbecilidade de escrever que ele parecia adormecido, porque nunca entendi os que ao verem um defunto afirmam coisas semelhantes. Para mim, os mortos parecem mortos, e Morales não era exceção. Além disso, sua pele havia adotado um evidente tom azulado. Teria a ver com o modo que ele escolhera para se matar? Eu ainda não sabia. Mas, sem dúvida, seu óbito era recente. Apreciei sua delicadeza em me evitar os sinais mais chocantes da corrupção de seu cadáver, com os quais eu teria topado indefectivelmente se tivesse decorrido mais tempo entre seu falecimento e minha chegada.

O mobiliário era mínimo. Um guarda-roupa de duas portas, um baú fechado, uma mesa nua com uma cadeira reta, e a cama de solteiro com uma mesa de cabeceira simples ao lado, abarrotada de medicamentos, seringas descartáveis, frascos de soro. Só então me dei conta do quanto devia ter sido difícil atravessar a enfermidade para esse homem sozinho, entregue às suas

próprias forças para amenizar a dor.

Por ter iniciado minha inspeção procurando abarcar o conjunto, ou porque em minha covardia evitei observar o cadáver com muita insistência, ou porque meus olhos pousaram com mais facilidade numa foto de casamento que emergia, a duras penas, sobre a cordilheira de frascos de remédios que povoavam a mesa de cabeceira, o fato é que demorei a notar o envelope branco e comprido, pendurado no pé do abajur por uma fita. Me aproximei para recolhê-lo. Era dirigido a mim. E, em grandes letras, abaixo do meu nome, dizia: “Por favor, leia antes de chamar a polícia.”

Aquele homem não parava de me surpreender. Nem depois de morto. O que podia querer me dizer nesta segunda carta? Voltei sobre meus passos, tomando o cuidado de não tocar em nada.

Só me faltava ficar envolvido numa morte suspeita. Disse a mim mesmo que não tinha motivos para me preocupar: trazia comigo a carta que ele me enviara a Tribunais e que terminava quase com um “não culpem ninguém” dirigido às autoridades. Retornei à sala com a nova carta na mão e me sentei na única poltrona, perto do aquecedor.

Caro Benjamim:

Se estas páginas chegaram às suas mãos, é porque o senhor me fez o enorme favor de vir até minha casa. De modo que, antes de continuar, devo lhe agradecer. De novo e como tantas outras vezes, obrigado. O senhor deve estar se perguntando o motivo destas linhas. Vamos devagar, como sempre que alguém está na obrigação de dar a outra pessoa notícias que para esta podem vir a ser, em certo sentido, desagradáveis.

Tive uma sensação estranha. Seria possível que com aquele homem as coisas jamais terminassem de acontecer?

Na miscelânea de frasquinhos e outras drogas que tenho sobre a mesa de cabeceira, o senhor notará uma seringa usada, com agulha. Peço-lhe que não a toque, embora suponha que minha advertência seja desnecessária. Calculo que a autópsia deixará evidente que me apliquei uma dose elefântica de morfina e estamos conversados. Ainda que o médico-legista que fizer a autópsia talvez se veja em palpos de aranha para separar o joio do trigo: tive que me administrar uma tal quantidade de fármacos nestes últimos meses que certamente meu fígado estará parecido com uma drogaria, mas bom, problema dele, porque a mim já me bastam meus próprios assuntos.

Era Morales puro: um divórcio perfeito entre as palavras e a dor, uma pitada de ironia, uma melancolia sincera sem as hesitações da autocompaixão.

Mas isso não é o importante. Ainda não pedi o que devo lhe pedir. Antes de fazê-lo, quero que o senhor saiba duas coisas. A primeira é que, se lhe dou esse encargo, é porque não me restam forças para realizá-lo. Não foi por desleixo, mas por princípios, que deixei certo assunto inconcluso até o fim. Mas superestimei o alcance de minha resistência. Isto é, eu mesmo poderia ter feito isso, dois ou três meses atrás. Mas me pareceu incorreto fazê-lo então. Achei que devia esperar até o último momento. Porém, agora que chegou este final, meu corpo não resistiria ao esforço.

Para que diabos ele precisaria de força física? De que estava me falando o homem que acabava de morrer?

A segunda é que não quero que o senhor se sinta obrigado a nada. Se não puder, azar o meu. Que a polícia se encarregue de tudo. Porque, sinceramente, o pedido que tenho para lhe formular tem a ver com certa vaidade, um desejo risível de conservar aqui o meu bom nome. O senhor passou direto pelo vilarejo. Mas, nas próximas horas, começará a cruzar com pessoas que talvez lhe falem de mim. Creio não me enganar se lhe disser que devem ter uma lembrança apazível,

talvez agradável, de minha pessoa. Leve em conta que estou há vinte e três anos vivendo neste campo, trabalhando neste lugar. Por motivos que o senhor logo perceberá, durante todos esses anos me empenhei em permanecer aqui, sem que me transferissem para outra filial do banco. Foi difícil, porque muitas vezes meus chefes insistiram em me indicar para promoções. Segundo parece, no geral fui um funcionário eficiente. Outras tantas me neguei, tentando não parecer descortês ou mal-agradecido. Não vou mentir: no vilarejo, ninguém pode lhe dizer que me conhece em profundidade. Nem pude nem quis me prestar a isso. Mas acredito que uns mais, outros menos, muitos guardam de mim a imagem de um introvertido cordial e inofensivo. E, neste trânsito final rumo ao nada (quem me dera ter outras creanças que me protegessem), eu gostaria de contar com a benevolência de uma lembrança afável por parte daqueles que conviveram comigo aqui durante todos esses anos.

Aonde ele queria chegar com tudo isso? Por que não mostrar estas linhas à polícia? Os suicidas eram tão malvistas assim, em Villegas? Contive minha inveterada impaciência leitora, que em geral me leva a ler saltando de linha em linha, por medo de perder o principal num desses saltos.

Devo lhe pedir, meu estimado amigo (e permita-me chamá-lo assim, porque assim o sinto), que me faça a enorme gauchada de ir até o barracão. São quinhentos metros, pelos fundos. Se estiver chovendo, o senhor encontrará umas botas junto à porta da cozinha. Use-as, porque do contrário deixará seus sapatos e sua calça em petição de miséria.

Eu não entendia nada, ou não entendia o que esse pedido tinha a ver com a morte de Morales.

Minhas instruções terminam aqui. Desculpe se não avanço mais no assunto. Sua inteligência me libera de outros esclarecimentos, e sua hombridade, espero, me deixará a salvo de sua condenação ética.

Com sincera amizade,

Ricardo Agustín Morales

E agora? Virei a folha, procurando um P.S., uma explicação, uma pista. Não havia nada.

Deixei a carta na poltrona e fui até a cozinha. Pela janela viam-se várias fileiras de árvores frutíferas e de um lado, perto da casa, um pequeno canteiro de hortaliças. Saí. Vi as botas, que naquele dia esplêndido não me eram necessárias. Para dar nestas páginas uma imagem de bom observador, de analista completo, me conviria dizer que ia construindo, embaralhando e descartando hipóteses sobre o que Morales havia cifrado nessa segunda carta. Mas não é verdade. O que eu pensei, pensei depois, quando as perguntas (que eu nem sequer me formulava, enquanto avançava entre os limoeiros e as laranjeiras) se responderam sozinhas.

O horto estava trabalhado com esmero. Vista dos fundos, a casa se mostrava mais deteriorada do que na frente. Talvez seu dono tivesse administrado a falta de recursos tomando o cuidado de transmitir uma imagem de certo decoro, para o caso de algum visitante se aventurar por ali, mesmo sem ser convidado. Não havia forno de barro, nem churrasqueira, nem mesa com cadeiras. Acreditei entender que Morales não se importava em levar vida de sítio do lado de fora.

Claramente, continuara sendo um bicho de cidade. Não havia mudado.

Atrás do pomar se apreciava, a uns cinquenta metros, um bosque de eucaliptos cerrado e frondoso. Não sou bom para calcular a idade das árvores, mas imaginei que Morales devia tê-los plantado ao chegar. Vinte e três anos, ele dissera? O que pude calcular, em compensação, foi que ele tinha vindo para Villegas pouco depois da anistia de 1973.

Os eucaliptos formavam, aparentemente, uma densa cortina de uns duzentos metros de comprimento que cortava o campo numa linha oblíqua à da casa e do horto. Mais tarde, entendi que eles seguiam a orientação da estrada vicinal, à qual ofereciam um obstáculo paralelo ao seu traçado. Partindo do limite do horto, seguia até o bosque uma trilha marcada sobre a terra, dessas que se formam com passos frequentes de ida e volta. Quando me embrenhei entre as árvores, a luz matinal se transformou numa úmida penumbra. Do outro lado, divisava-se claramente um barracão de dimensões respeitáveis. Era difícil calcular o tamanho, porque ele se erguia a uns duzentos ou trezentos metros além das árvores. Fosse como fosse, eu não estava totalmente seguro das distâncias. Também sou homem de cidade, e me faltavam pontos de referência urbanos para fazer estimativas mais ou menos precisas. A edificação surgia sobre uma pequena elevação, talvez para evitar alagamentos, embora todo o campo se mostrasse alto, com um suave declive em direção ao norte, isto é, em direção ao lado oposto ao caminho vicinal.

Me aproximei da construção de chapa metálica. O portão corredeiro estava trancado por três enormes cadeados. As chaves pendiam de um gancho do lado de fora. Não parecia um sistema de segurança muito elaborado, esse de deixar as chaves dos cadeados ao alcance de qualquer intruso. Morales teria perdido, com a idade, seus velhos reflexos de enxadrista?

O portão rangeu quando o empurrei para o lado. A luz do sol penetrou com violência no local às escuras. Olhei para dentro. À medida que eu entendia a cena, minhas pernas foram se afrouxando, e uma sensação de asco corporal me obrigou primeiro a me encostar na parede de chapa e por último a me sentar no piso de cimento.

O barracão era bem grande: uns dez metros de frente por quinze de lado. Junto das paredes havia algumas ferramentas, uma escada extensível de dois lanços, em alumínio, uma máquina portátil que me pareceu um amolador, umas estantes.

Na realidade, tudo isso eu só vi depois, do piso de cimento sobre o qual me joguei, ofegante.

Porque durante vários minutos não consegui tirar os olhos da cela, a cela

construída no centro do recinto, a cela quadrada de barras grossas, do piso até o teto, com uma porta de duas fechaduras sem maçanetas e uma portinhola num canto, daquelas que se usam em jaulas para meter e tirar coisas, a cela com uma pia e um vaso sanitário num ângulo e uma mesa com cadeira em outro, com um catre encostado à grade do fundo, a cela com um corpo deitado e virado de costas sobre esse catre.

Penso que nesse momento senti horror, incredulidade, apreensão, desfalecimento. Mas, por sobre todas as coisas, senti uma surpresa descomunal que me golpeou com a ferocidade de mandíbulas famintas, e que pouco a pouco me obrigou a transformar em pó tudo o que eu havia pensado de Morales e sua história nos últimos vinte anos.

Quando notei, depois de vários minutos, que minhas pernas eram capazes de me sustentar, me levantei e caminhei rodeando o quadrado de grades. Sobrepondo-me à impressão, me agachei, perto das barras, para ver o rosto do homem que jazia naquela gaiola.

O cadáver de Isidoro Antonio Gómez tinha o mesmo tom azulado que o de Morales. Ele estava um pouco mais gordo, naturalmente mais velho, ligeiramente grisalho, mas no resto não diferia muito de como era vinte e cinco anos antes, quando tomei sua declaração.

Me senti na pequena lombada de grama cortada e densa que rodeava o barracão.

Ele me dissera aquilo. Na última vez em que nos víamos, Morales me dissera aquilo, quando eu praticamente lhe propus que se vingasse dando uns tiros em Gómez. O que ele tinha respondido? “Tudo é muito complicado”, ou algo assim. Não: “As coisas nunca são simples.” Era o que ele havia dito. Me lembrei de Báez. Ele tampouco imaginaria que Morales fosse imprimir aos fatos uma guinada semelhante. Sandoval também não. Mas quem imaginaria? Unicamente Morales. Ninguém mais que Morales.

Entrei de novo no barracão para procurar uma pá. Caminhei com ela na mão ao redor do edifício, observando em volta. A cortina de eucaliptos que eu tinha atravessado para chegar era, na verdade, um amplo círculo, de mais de mil metros de perímetro, com o barracão dentro. Este não ocupava o centro, estava construído perto de uma das laterais, imaginei que a menos exposta a olhares externos. Tentei calcular quantas árvores Morales teria plantado ao todo. Desisti. Não fazia a menor ideia. Mas deviam ter sido meses e meses de trabalho, seguramente executado depois do expediente no banco e durante os fins de semana. Para construir o barracão, certamente ele precisara de mão de obra especializada. É provável que essa cisma de levantá-lo tão longe da casa tenha chamado a atenção dos operários, assim como os vizinhos devem ter achado estranho que ao longo de anos e anos Morales tivesse deixado sem cultivo aquelas terras, do mesmo modo como as pessoas do vilarejo, a começar por seus colegas do banco, sem dúvida teriam considerado esquisito que Morales fosse tão retraído, tão refratário a visitas e à vida social em geral. Recordei o pedido contido em sua última carta. Presumo que todos nós necessitamos perceber ao menos alguma das formas de afeto. Apesar de suas excentricidades, Morales acabara por gozar da simpatia deles e havia desejado manter intacta a boa lembrança. Por isso eu avançava com aquela pá na mão.

No amplo terreno delimitado pelo círculo de eucaliptos se erguiam, salpicados aqui e ali, bosquetes de árvores de outras espécies. Fui até um que combinava alguns álamos com dois carvalhos gigantescos, os quais deviam estar ali desde muito antes da chegada de Morales. Parei no meio e abarqueei com a vista toda a cercania. Não parecia que olhares indiscretos estivessem me observando. Cravei a pá e empurrei-a com o pé. O solo não era muito duro. Comecei a cavar.

Com a policia vieram também uns curiosos. Muito poucos, por sorte, porque eu dei o aviso na hora da sesta. Com isso, e com o fato de que alguns abelhudos deviam ter aproveitado o dia esplendoroso para ir caçar ou pescar, o alerta não se espalhou demais. Não vi rostos horrorizados ou incrédulos. O oficial principal da Bonaerense que encabeçava o procedimento conhecia Morales. Não só ele. Havia anos e anos todos o viam atrás do vidro do balcão do tesoureiro da filial Villegas do Banco Provincia, ou cruzavam com ele no vilarejo. Também o tinham visto adoecer, e emagrecer, e passar cada vez com mais frequência pela clínica ou pela farmácia.

— Não pensei que a coisa fosse tão grave — disse um dos bancários que chegaram com a comitiva policial.

— Pois é. Ele estava muito mal, mas preferia não ficar divulgando — respondeu outro, sem levantar a voz.

Também havia dois sujeitos maduros, com pinta de comerciantes. Ninguém sabia muito bem onde ficar, e todos olhavam a casa como quem vê algo pela primeira vez. Evidentemente, nenhum dos ali presentes a visitara antes.

Assim que pude, entreguei ao policial a carta que Morales me enviara para o Juizado. Ele se sentou para lê-la na mesma poltrona que eu havia utilizado para ler a outra, a qual, por via das dúvidas, eu tinha guardado no fundo de minha valise, no porta-malas do carro. O oficial estava terminando quando a ambulância chegou. Um dos policiais saiu da casa levando, num saco plástico transparente, a seringa que Morales usara para se matar.

— O que fazemos, chefe?

— Gutiérrez já tirou as fotos?

— Já.

— Bom. O pessoal da ambulância chegou. Daqui a pouco a gente o leva. Esperem um pouquinho — disse o oficial, virando-se para mim: — Logo, o senhor...

— Benjamín Chaparro — me apresentei. E não me pareceu má ideia adiantar um salvoconduto:

— Vice-secretário do Juizado Criminal de Instrução nº 41, da capital federal — acrescentei, mostrando minha credencial.

— Conheciam-se há muito tempo, senhor? — O tom dele havia passado levemente ao respeito cortês e disposto à submissão. A mudança me agradou.

— Na verdade, sim, embora não nos vissemos havia anos. Desde que ele se mudou para cá.

— Hesitei quanto a dizer o que me vinha aos lábios. — Éramos amigos em Buenos Aires. — Não éramos, pensei. Mas, se não éramos amigos, o que havíamos sido? Não consegui me responder.

— Entendo. Incomoda-se de entrar na casa? Digo, para termos outra testemunha do procedimento de remoção do cadáver.

— Vamos.

Tinham removido o lençol. Morales vestia um pijama de listras, de corte antiquado. Era um pensamento inútil, mas me assaltou a imagem de Liliana

Emma Colotto de Morales, em torno de cujo cadáver haviam se estabelecido ritos parecidos, dos quais eu também tinha participado de maneira involuntária. Agora éramos menos pessoas, e não havia um grupinho de curiosos particularmente interessados em contemplar o corpo.

Também tinham retirado os frascos da mesa de cabeceira, para levá-los como prova.

Como os tinham acomodado sobre o piso, na nudez da mesinha o retrato com a foto de Morales e sua mulher, vestidos para o casamento, era muito mais visível. Onde eu tinha visto aquela foto? Na mesa de bar na qual Morales classificava imagens para me mostrar, antes de rasgá-las? Não. Eu a tinha visto no quarto da casa deles, quase trinta anos antes, a poucos passos do cadáver de Liliana Colotto. Como em tantas outras vezes, me assombrou a férrea paciência

que os objetos desenvolvem para sobreviver a nós. Acho que pela primeira vez pensei neles dois vivos, tomando café na cozinha de sua casa, conversando e sorrindo um para o outro; e a vida me pareceu insuportavelmente cruel e belicosa. Foi também a primeira e última vez que, ao pensar neles, senti meus olhos se umedecerem.

Saímos atrás da maca até a ambulância, numa procissão minúscula e improvisada. Atrás da ambulância arrancaram os automóveis nos quais tinham vindo os colegas de Morales e os dois homens mais velhos. Quando eles sumiram no caminho em direção à estrada, o oficial se virou para mim:

— O senhor pretende ir embora hoje mesmo, presumo.

— Na verdade, acho que vou ficar até amanhã, ou até segunda-feira. Para o que os senhores vierem a precisar.

— Ah, ótimo. — O oficial pareceu se alegrar com a notícia, porque assim se livrava de me pedir. — Seja como for, não se preocupe. Hoje mesmo eu falo com o médico que nos faz as perícias e com o juiz. É um homem extraordinário, Urbide, de sobrenome, não sei se o senhor o conhece.

Balancei negativamente a cabeça.

— Bom. Não importa. Até porque isto aqui está mais do que claro.

— Considero que sim — confirmei, satisfeito por ouvi-lo dizer isso.

Nesse momento, ouvi que da parte traseira da casa estavam chamando o chefe. Eu não havia percebido que dois policiais tinham ido até o barracão.

— Sem novidades, senhor — disse um com insígnias de suboficial. Imaginei que ele aparentava certa formalidade por ter sabido que o forasteiro, ou seja, eu, entendia do assunto. — Um barracão bastante grande, com ferramentas e alguns móveis velhos.

— Certo.

— Mas imagine, meu oficial — interveio o outro agente. Era jovem, robusto, com cara de recém-saído da escola de polícia. — Esse homem devia ter muito medo de que lhe roubassem as ferramentas. A porta do barracão tinha mais cadeados do que não sei o quê. E sabe do pior?

— Como assim?

— Dentro do barracão ele armou uma jaula para guardar as coisas mais caras. Um cortador de grama a gasolina, um amolador, dois gadanhos, umas

brocas poderosas. Vê-se que tinha medo de ser roubado, não?

— Pois é... se todos os policiais daqui forem inúteis como você, o lugar não deve ser muito seguro... — sacaneou o oficial. O garoto era novato, mas não tanto para ignorar que devia calar a boca e aceitar a zombaria.

Caminhamos de novo em direção à casa. Os soldados não tinham dito nada sobre a pia e o vaso sanitário que seguramente haviam encontrado encostados a uma das paredes, ao lado das estantes. Dentro da cela, eu tinha tapado o desaguadouro desses aparelhos com terra, até nivelá-lo com o piso de cimento. Fiquei tranquilo ao notar que eles não alimentavam a mínima suspeita.

Não tinham a menor ideia de nada. De todo modo, quem poderia ter?

— Vallejos — chamou o oficial. — Fique de sentinela, para o caso de o juiz querer dar uma passada por aqui entre hoje e amanhã.

Vallejos o encarou com uma expressão que quase delatava seu aborrecimento. O outro pareceu ter pena dele.

— Ou melhor, vamos fazer uma coisa. Eu ligo para o juiz e, se ele me disser que é para tocar o barco, eu chamo você pelo rádio e você retorna. Está bom assim?

— Obrigado, chefe. Obrigado mesmo. Hoje sendo um sábado... não é?

— Quer dizer que o homem tinha uma gaiola lá dentro para guardar as ferramentas? — perguntou o oficial, virando-se para o rapazinho. Não havia o menor vestígio de alarme em sua voz. Ele falava do caso como poderia falar sobre qualquer outra coisa; pelo simples gosto de não deixar o silêncio se instalar.

— Como eu lhe disse, senhor. Com duas brutas fechaduras. As pessoas fazem coisas estranhas, hein?

O oficial pegou o quepe que havia deixado sobre a mesa da sala. Olhou o aposento com a expressão de quem sabe que não voltará ao lugar para o qual está olhando.

— É verdade. As pessoas fazem coisas estranhas.

Ninguém falou mais nada. Os policiais entraram nas viaturas e eu os segui no meu carro.

Conseguiram localizar rapidamente o médico-legista, que fez a gauchada de praticar a autópsia na mesma noite, e o juiz lhes ordenou tocar para a frente e encerrar o assunto.

O enterro de Morales foi na segunda-feira de manhã. Uma chuva fina e persistente que caiu desde a madrugada até a noite deu ao evento um toque melancólico. Não apareceu o mínimo raio de sol durante o dia inteiro. Me pareceu adequado que tudo acontecesse assim.

Devolução

“Agora, sim”, pensa Chaparro. Agora, sim, terminou e não há mais nada para contar. Nada que tenha a ver com Morales e com Gómez. Agora, sim, sente que a história o abandona definitivamente. Chaparro se pergunta se as vidas dos seres humanos, uma vez extintas, não se prolongam na vida dos outros, aqueles que ainda existem e os recordam. No entanto, sente que as vidas desses homens estão definitivamente concluídas, pois tem certeza de que, afora ele, mais ninguém os tem presentes.

Os últimos vestígios da passagem dos dois pelo mundo devem ter desaparecido, ou falta pouco para que desapareçam. Quais são os últimos rastros de Morales? Algum papel com sua assinatura e seu carimbo no arquivo do Banco Provincia, filial Villegas. Os de Gómez são ainda mais longínquos. Um jogo de fichas datiloscópicas, talvez, no paquidérmico arquivo do cárcere de Devoto, junto a uma ordem de libertação datada de 25 de maio de 1973. Algo, porém, ainda os reúne e sobrevive a eles. As assinaturas que rubricam suas declarações judiciais de trinta anos atrás. A de Morales, ao pé de seus depoimentos. A de Gómez, no final de seu interrogatório.

Todas bem guardadas numa pasta amarelada, costurada com mestria pelo oficial Pablo Sandoval durante alguma de suas ressacas. Também restam os ossos dos dois. Os de um, no cemitério de Villegas. Os do outro, numa cova sem marcos, em pleno campo, ao pé de dois carvalhos. Mas os ossos também não falam.

“Este é o final da história”, pensa Chaparro. No limite entre essas vidas devastadas e a sua própria. E ele não sente vontade de dizer nada a respeito. Mais ainda, não sabe com segurança se algo de sua própria vida não se filtrou, contra sua expressa vontade, nestas páginas que descansam cuidadosamente empilhadas ao lado da Remington.

Baixa os olhos até as folhas datilografadas e sente que o interrogam. Deve decidir, agora, sim, o que fazer com elas. Tentar publicá-las? Guardá-las numa gaveta para que alguém as encontre, depois de sua morte, e enfrente o mesmo dilema? Para quem são, afinal de contas, estas páginas?

Também precisa decidir quanto à Remington. Ele a pediu emprestada, não a ganhou de presente. Deve devolvê-la. Ao Juizado. Trata-se de um patrimônio do Estado. Importa que essa geringonça pré-histórica não valha nada para ninguém, exceto para um vice-secretário aposentado que martelou nela durante quase um ano, para bancar o romancista? Não, mas ainda assim tem que devolvê-la, e depois que façam com ela o que quiserem.

Deve levar a Remington para a Secretaria, cumprimentar os funcionários, subir numa das cadeiras de madeira para guardar aquela velharia na prateleira do fundo e explicar a eles, como parte de sua inquebrantável mania de ensiná-los a trabalhar, que devem enviar ao almoxarifado um ofício pedindo que mandem recolhê-la. E depois? Nova ronda de despedidas e casa.

E Irene? Não ficará ofendida se souber que ele esteve lá e não foi falar com ela? “Uma pena”, pensa Chaparro, porque não, não irá falar com ela. Não tem coragem para lhe dizer que a adora, mas também não aguenta continuar

tolerando o ardor de lhe esconder o que sente.

Levanta-se. Pousa um dicionário bem pesado sobre o original do livro, não vá uma corrente de ar embaralhar suas lembranças. Dá um pulo no banheiro, escova os dentes e arruma os cabelos brancos alisando-os com as mãos umedecidas em lavanda e um pequeno pente negro.

De passagem pelo quarto, uma dúvida: gravata ou camisa esporte? Escolhe a segunda. Já não é o vice-secretário. Agora que é escritor — não perde a oportunidade de zombar de si mesmo —, fica melhor com roupa informal e cabelo sem fixador. Consulta o relógio. Algum trem parte vazio de Castelar, tão perto do meio-dia? Desconfia que não e não quer carregar a máquina tendo que se manter em pé durante todo o trajeto. Caminha até a estação. Deus parece se compadecer: são onze e cinco, e o último trem local da manhã o acolhe com um monte de assentos livres. Instala-se do lado direito para se distrair vendo os automóveis correndo pela avenida Rivadavia.

De repente se sobressalta. O trem avança, ruidoso, entre os paredões lúgubres que se erguem nas laterais da via férrea entre Caballito e Once. Em que esteve pensando na última meia hora? Não consegue se lembrar. Em Morales? Em Gómez? Não. Eles já estão descansando.

Curiosamente, desde que contou tudo, já não o assaltam, não o perturbam, não o censuram a cada momento. E então? Desce do trem no terminal de Once e lhe vem uma curiosidade repentina por passar diante do local onde funcionava a lanchonete na qual por duas vezes se encontrou com Morales, na noite dos tempos. Continuará existindo? Mas, quando sai para a calçada do lado de Pueyrredón, volta a experimentar a estranha sensação de ter perdido de vista seu propósito. Qual era? A lanchonete, claro. A lanchonete. Pode dar uma olhada naquele local na volta, mas se sente inquieto por essa inquéria recente a se extraviar em estranhas ausências, como se um envelhecimento repentino o estivesse vencendo.

Cisma nessas questões enquanto se dirige à parada do 115. A máquina lhe pesa, embora de vez em quando ele a troque de mão. Não quer que voltem a lhe acontecer esses brancos. De modo que paga a passagem e se senta pensando, sobretudo, em que é exatamente que está pensando. Durante três ou quatro quadras, funciona. Mas de novo ele se extravia, assim que o ônibus entra pela Corrientes. Onde, santo Deus, em que recanto mental está perdido? Nem mesmo a curva bamboleante que o coletivo faz quando abandona a avenida para dobrar na Paraná consegue conduzi-lo de volta à realidade. É quase uma casualidade que ele se lembre de descer pouco antes de o motorista fechar a porta traseira.

Observa-se numa vitrine. Benjamín Chaparro está de pé numa calçada estreita. É alto, grisalho, magro. Ainda tem sessenta anos. Carrega com a mão esquerda uma máquina de escrever do tempo das cavernas. O que lhe resta para fazer na vida? Não mais o seu romance. Já terminou de escrever a história daqueles dois homens desgraçados. A resposta abre caminho lentamente em sua cabeça, como todas as decisões difíceis.

Está na vida para fazer o que veio cismando, sem saber que o veio cismando, desde que tomou o trem em Castelar às onze e cinco, ou desde que pediu emprestada a Remington há onze meses, ou desde que disse a uma jovem

estagiária recém-chegada como convinha atender ao telefone, três décadas atrás.

Por isso, finalmente se põe em movimento e sobe pulando de dois em dois os degraus da entrada da Lavalle. Toma o elevador até o quinto andar. Caminha em grandes passadas pelo corredor de ladrilhos brancos e pretos dispostos em losango.

Não entra na Secretaria nº 19 para cumprimentar ninguém. Já não é por medo de que percebam o amor que lhe queima as entranhas. É porque pela primeira vez sabe que hoje, sim, sem falta e sem demora, tem que ir bater diretamente na porta do gabinete; escutar a voz dela dizendo-lhe que entre; se plantar como um homem diante da mulher a quem ama; ignorar a dívida que tem pendente e que é o único motivo válido que ele encontra para continuar vivendo.

Porque Chaparro precisa encarar essa mulher, de uma vez e para sempre, e responder ao segredo dos seus olhos.

Ituzaingó, setembro de 2005

Nota do autor

Em fevereiro de 1987, entrei para trabalhar como funcionário no Juizado Nacional de Primeira Instância no Criminal de Sentença “Q”, da capital federal. Numa manhã qualquer, meus colegas mais experientes me contaram um velho episódio: em razão da anistia para presos políticos que o governo de Cámpora decretou em 1973, e em circunstâncias que sempre permaneceram na mais completa obscuridade, foi libertado um preso comum que estava detido no cárcere de Devoto por ordem do Juizado. Era acusado de delitos muito graves, e aguardava-o uma longa pena. No entanto, e sem que ninguém jamais soubesse o motivo, ele foi solto naquela ocasião.

Tempos depois, recordei essa história, e em minha imaginação a ela se somaram incontáveis fatos e situações que, embora inventados, podiam se encaixar como possíveis antecedentes e consequências da libertação injusta de um homicida convicto.

De resto, a história narrada nestas páginas é inteiramente fictícia, como o são todos os seus personagens. Na verdade, no final da década de 1960 as secretarias nº 18 e nº 19 pertenciam a um Juizado de Sentença, e não a um de Instrução. Além disso, não existia nenhum Juizado no Criminal de Instrução, na capital federal, que tivesse o nº 41. Quanto à sangrenta Argentina dos anos 1970, que de vez em quando surge como pano de fundo destas páginas, quem dera fosse igualmente fictícia, igualmente inexistente.

De todo modo, não posso terminar estas linhas sem dedicar uma afetuosíssima lembrança aos que trabalharam comigo no Juizado de Sentença “Q”; sobretudo aos meus colegas da Secretaria nº 19: Juan Carlos Travieso, Evangelina Lasala, Jorge Riva, Edy Pichot e Cristina Lara.

Para esta última, dirijo também meu profundo agradecimento pela inestimável ajuda que me prestou na hora de especificar um sem-número de detalhes jurídicos e procedimentais que eram necessários para dar solidez e verossimilhança a esta história. Se guardo uma recordação tão grata daquela época, devo-a fundamentalmente a todos eles.

E.S.

[1] Nome não oficial dado à zona próxima ao Palácio de Justiça, sede da Corte Suprema de Justiça da Nação Argentina e identificado popularmente como Tribunales. (N. da T.)

[2] Sigla do latim non nomen, “sem nome”. (N. da T.)

[3] Processo de Reorganização Nacional, autodenominação assumida pela ditadura militar que vigorou na Argentina de 1976 a 1983. (N. da T.)

[4] Atarracado; baixo e gordo. (N. da T.)

[5] Ou pinhata, bola feita de isopor ou de papel e recheada de doces, que as crianças, de olhos vendados, tentam quebrar. Lembra a brincadeira junina do “quebra-pote”. (N. da T.)

[6] Siglas de Fuerzas Armadas Revolucionarias e Ejército Revolucionario del Pueblo. (N. da T.)

[7] Nome informal dado na Argentina ao Fiat 600. (N. da T.)

